

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO**

LÍVIA GODINHO NERY GOMES

*Implicações políticas das relações de amizades
mediadas pela internet*

São Paulo
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet

Lívia Godinho Nery Gomes

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador:

**Prof. Dr.
Nelson da Silva Junior**

Apoio financeiro e assessoria
técnico-científica:

**FAPESP – Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado de São Paulo**

**São Paulo
2010**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gomes, Livia Godinho Nery.

Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet / Livia Godinho Nery Gomes; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2010.

264 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Amizade 2. Experimentação 3. Internet (rede de computador)
4. Alteridade 5. Solidariedade 6. Resistência 7. Pensamento I.
Título.

BF575.F66

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lívia Godinho Nery Gomes
Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social e do
Trabalho

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.

Instituição: _____ Assinatura:

Profa. Dr.

Instituição: _____ Assinatura:

Profa. Dra.

Instituição: _____ Assinatura:

Profa. Dra.

Instituição: _____ Assinatura:

Prof. Dra.

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus amores,
Luiz Germano Gomes e Lindaura Godinho B. Nery
Gomes, com os quais aprendi desde cedo o gosto pelos
outros.

E

A Nelson da Silva Junior, por amá-lo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais queridos, Lindaura Godinho B. Nery Gomes e Luiz Germano Gomes, sempre serei grata ao amor e atenção dedicados que me permitiram alçar vôos. Foram vocês que me ensinaram o que há de mais precioso na vida e com quem aprendi que o amor e a ética implicam a densidade da delicadeza.

Aos meus irmãos, Luciana Godinho Nery Gomes e Leandro Godinho Nery Gomes e meu sobrinho Cauã que tanto me inspiram e preenchem a minha vida com amor e ternura.

Ao meu marido, Eduardo Azevedo Moura naquilo que vivemos e que me constitui. E pela revisão precisa e zelosa da tese.

Ao querido Prof. Dr. Nelson da Silva Junior pela confiança e pelos sete anos de parceria nos quais tive a honra de aprender com seus saberes especialíssimos e também pude contar com sua atenção como a forma mais pura e rara de generosidade. Inesquecível professor e amigo, pois sua presença em minha vida me foi essencial.

Quero agradecer especialmente às pessoas que entrevistei durante a realização deste trabalho, pela confiança e gentileza com as quais se disponibilizaram a conversar comigo, mesmo estando a longas distâncias geográficas. Quero expressar a minha profunda gratidão a estas pessoas, pelo tempo e atenção que me dedicaram e pelo gesto amigo em compartilhar um pouco de suas histórias comigo.

Rosane Santana Rodrigues pela solidez de nossa amizade e por sua leal presença que revigora os meus sentidos nos períodos de escassez de entusiasmo.

Guilherme Ignácio da Silva (Gui Proust), querido amigo e professor de francês que me possibilitou aprendizagem da língua francesa da maneira mais poética possível. Guardo em minha memória todo o encanto e graça das aulas com o vigor das boas lembranças que constituem para Marcel Proust a fruição mesma do reavivamento daquilo que concerne ao mais singular e essencial de nossa existência.

Professor Jean-Luc Gaspard e toda a sua família que me receberam tão afetuosa e calorosamente e me permitiram conhecer lugares lindos na França.

Professora Caroline Doucet e sua família pelo acolhimento e atenção dedicados durante a minha estada em Rennes-França.

Moara Passoni pelo gosto de sua companhia, amiga cuja presença instigante e surpreendente consolida momentos especiais das mais incríveis e inspiradoras interlocuções.

Ao querido professor e amigo David Calderoni por suas importantes contribuições ao trabalho; pelo grupo Três, de estudos dos textos de Espinosa, que trouxe para minha vida Moara Passoni; pela parceria nas traduções relativas aos escritos de Laurent Bove. E, sobretudo por aquilo que a amizade nos consagrou: a beleza dos encontros musicais e memoráveis.

Professor Laurent Bove pelo gesto atencioso de me enviar de Amiens o seu belíssimo livro, presente que foi fonte de inspiração, assim como o lindo curso que ministrou no Instituto de Psicologia/USP, para as minhas reflexões sobre a amizade como afeto propício à afirmação da alegria e resistência à tristeza. Fundamental interlocutor da tese a quem também agradeço pela disponibilidade em conversar sobre o meu trabalho no então momento de sua estada em São Paulo e por sua agradável companhia nos passeios interessantes pela capital paulistana.

Querida Professora Dra. Marilena Chauí pela gentileza de sua colaboração. Foi uma honra tê-la como interlocutora essencial da tese. Sou imensamente grata pela leitura atenta e cuidadosa do meu texto bem como por suas preciosas contribuições e sugestões ao trabalho.

Aos pesquisadores do Grupo de Estudos Espinosanos da Filosofia/USP, especialmente a Marcos Ferreira de Paula e Éricka Itokazu que me convidaram para uma importante discussão do meu trabalho no grupo, Cristiano Rezende que gentilmente me recebeu em sua casa para uma conversa sobre Espinosa e Homero Santiago pela parceria na tradução do livro do Bove.

Querida Professora Dra. Maria Luisa Sandoval Schmidt pela solicitude com a qual acompanha e contribui com as minhas pesquisas desde o mestrado. É um grande privilégio sua participação na banca e saber o que pensou sobre a tese.

Querida Professora Dra. Renata Udler Cromberg que tanto me ajudou com seus distintos saberes e comentários a pensar a amizade no processo de produção da minha dissertação de mestrado. É uma alegria poder contar com a sua participação na banca do doutorado.

Querido Professor Dr. Marcos Ferreira de Paula, a quem agradeço novamente pela solicitude em participar da banca, pelas reflexões suscitadas por sua tese que

engendraram argumentos essenciais para a minha, e além da oportuna interlocução entre nossos trabalhos também sou grata à parceria na tradução dos textos de Laurent Bove.

Professora Dra. Daniela Romão-Dias pelo gesto solícito em se deslocar do Rio para participar da banca examinadora, assim como pelo tempo dedicado à leitura do trabalho.

Professor Dr. Rogério da Costa pelas contribuições ao trabalho na qualificação.

À querida amiga Denise Motta pela atenção e carinho dedicados, os quais foram fundamentais ao revigoreamento da minha alegria.

Ao meu querido tio Nelson Archanjo por sua atenção e carinho imprescindíveis ao longo dos sete anos da minha estada em São Paulo.

A minha querida amiga Adriana Viana Amaral pela força de nossa amizade que resiste aos longos períodos de saudades. E a todas as amigas que também de longe estiveram torcendo por mim: Ana Beatriz Carvalho, Luciana Costa, Maria Cristina Cavalcante, Ana Karina, Daniela Gomes, Luciana Passos, Gisele Sarmiento, Laura Bianca.

Meu avô Antônio Barreto e a minha avó Miriam Uripia que também estiveram na torcida por mim.

Marcelo Gustavo Aguilar Calegare e Domenico Hur pela companhia amiga durante todo o período de pós-graduação.

As queridas Marinalva Almeida Santos Gil e Maria Cecília Rodrigues de Freitas, pelo auxílio na resolução e encaminhamento das questões referentes à vida acadêmica.

Aos professores do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe que já demonstraram atenção e interesse no meu retorno como pesquisadora e professora do curso expressos na abertura e auxílio para a solicitação de bolsa para recém doutor, Prodoc. Em especial, Marcelo Ferreri pela confiança e parceria no projeto Prodoc, Teresa Nobre, Liliana da Escócia, Marcus Eugênio, Cybele Ramalho, Maurício Mangueira e Manoel Mendonça.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa através da concessão da bolsa de doutorado.

“Ter um amigo é a única maneira de amar a humanidade.”

Simone Weil

“A amizade não se deixa afastar da realidade, tal como o belo. E o milagre existe, simplesmente, no fato de que ela existe.”

Simone Weil

RESUMO

GOMES, L. G. N. **Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet.** 2010. 264 f. Tese (Doutorado)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A amizade é concebida neste estudo como tendo um sentido político pois uma condição necessária do exercício político é aquela de considerar a opinião do outro. Em seu sentido político, a amizade favorece o questionamento de pontos de vista fixos e a irrupção de ações inovadoras. A experimentação política da amizade constitui uma relação agonística, de abertura ao outro na qual os corpos estão dispostos a afetar e serem afetados, implicados em contribuir com o aumento da capacidade de reflexão e ação do amigo. A experiência intersubjetiva encontra-se no centro da compreensão contemporânea dos processos de constituição de subjetividade, configurando uma ética da imprescindibilidade do outro para a produção do si mesmo. Este trabalho busca investigar as semânticas da amizade intrínsecas à atual mediação das relações pela internet, e busca discutir se os vínculos de amizade mediados pela internet possibilitam ou não a experimentação da qualidade política da amizade. A experimentação política da amizade na internet é lida à luz da teoria dos afetos de Baruch Espinosa. A concepção do corpo em Espinosa, sustentada pela unidade corpo-alma e capacidade de afeto constitui um elemento precioso para a compreensão da presença e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades na internet, as quais excluem contato físico. A experimentação política da amizade é também compreendida a partir de um outro elemento da Filosofia de Espinosa: o corpo é essencialmente relacional e é na relação com seus outros, na maneira como afeta e é afetado por eles que se dá a condição de possibilidade da resistência à tristeza e afirmação da alegria – compreendida como aumento da potência de pensar e agir. Adultos foram entrevistados sobre suas histórias de amizades mediadas pela internet. Os afetos nas relações mediadas pela internet presentes nas narrativas revelam uma nova maneira de estar junto. Nela, os amigos não só estimulam o aumento da capacidade de reflexão uns dos outros como também incentivam o engajamento em novas atividades e a mobilização para realização de ações práticas no cotidiano para além do contexto das conversas online. As narrativas mostram que os vínculos de amizades travados na internet configuram relações de enriquecedoras trocas de opiniões e aprendizagens – inclusive de caráter transcultural, que propiciam a reflexão e relativização do pensamento. Os resultados da pesquisa demonstram que os vínculos de amizades mediados pela internet podem compor encontros alegres na medida em que se expressam como relações solidárias onde os amigos favorecem o aumento da potência de refletir e de ação dos corpos. Os vínculos entre amigos na internet não só se expressaram como viabilizadores da experimentação da qualidade política da amizade naquilo que concerne à possibilidade de deslocamento e relativização do pensamento, mas também porque engendraram gestos com o vigor da solidariedade que mobilizam os corpos a agir em defesa da afirmação de sua potência.

Palavras-chave: amizade, experimentação, internet, alteridade, solidariedade, resistência, pensamento.

ABSTRACT

GOMES, L. G. N. **Political implications of the friendship relations Internet-mediated.** 2010. 264 f. Tese (Doutorado)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Friendship is conceived in this study as having a political meaning, since a necessary condition of political engagement is to consider the views of others. In its political meaning, friendship can change fixed points of view and can foster the emergence of innovative actions. The political experimentation of friendship is an agonistic relationship, an opened relationship to others where bodies are prepared to affect and to be affected, and where each one is engaged in contributing to the increased capacity for reflection and action of his friend. The intersubjective experience is at the center of the contemporary understanding of the processes of formation of subjectivity, setting up an ethics of the other as indispensable for the production of oneself. This study investigates the friendship's semantic within the current mediation of the Internet, and looks forward to discussing if the bonds of friendship mediated by the Internet enable or not the experimentation of political quality of friendship. The political experimentation of friendship by the Internet is read in the light of Baruch Spinoza's theory of affects. His conception of body states a mind-body unity and a capacity for affection which is a precious tool in the understanding of the modality of presence and the affective intensities at stake in the relations of friendship on the Internet, which preclude the physical contact. The political experimentation of friendship is also understood with another element of Spinoza's Philosophy: the body is essentially relational and it is in its relationship to others and in how it affects and is affected by them that it gives the condition of possibility of resistance against sorrow and affirmation of joy – which are respectively understood as a decreasing and an increasing power to think and act. We interviewed adults over their stories of friendships Internet-mediated. The affects present in Internet-mediated relationships unveiled by the narratives reveal a new way of being together. Friends not only show an increased ability to reflect each other but also encourage engagement in new activities and mobilization for implementation of practical actions in everyday life far beyond the context of online conversations. The accounts show that the bonds of friendship caught on the internet relationships shape an enriching exchange of views and learning - including cross-cultural characters, which provide matter for reflection and foster relativistic thinking. The survey results show that the bonds of friendship mediated by the Internet can make up joyful meetings as it is expressed in supportive relationships where friends help to increase the power of thinking and the action of the bodies. The bonds between friends by the Internet not only reveal themselves as ways of experimentation of a political quality of friendship, understood as the possibility of a shifting and a relativistic thinking, but also engendered gestures with the strength of solidarity which mobilize the bodies to act in defense of affirmation of its power.

Keywords: friendship, experimentation, internet, alterity, solidarity, resistance, thought.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO OU OS OUTROS QUE EM MIM HABITAM | 12 |
| 2. REFLEXÕES SOBRE AS PRIMEIRAS REPERCUSSÕES TEÓRICAS E SOCIAIS DAS RELAÇÕES MEDIADAS PELA INTERNET..... | 20 |
| 2.1 <i>Sobre os impactos diante das inovações tecnológicas</i> | 20 |
| 2.2 <i>Posicionamentos iniciais sobre as relações travadas na internet: da negatividade à crença na revolução democrática via rede</i> | 27 |
| 2.3 <i>Da cooptação das relações afetivas aos imperativos do consumo na era da internet: apropriação da semântica da amizade pelas condições do mercado – a aviltante comercialização dos vínculos humanos</i> | 42 |
| 2.3.1 <i>A subjugação da subjetividade e das relações de amizade pelas leis que regem o consumo ou A mortificação do sujeito.....</i> | 44 |
| 3. SOBRE OS LAÇOS MEDIADOS NA INTERNET..... | 61 |
| 3.1 <i>Comunidades e outras expressões na internet: novos dispositivos de ação política</i> | 68 |
| 3.2 <i>Relações mediadas na internet e experimentação política da amizade</i> | 74 |
| 3.3 <i>Sociabilidade no ciberespaço: novos espaços de ação coletiva ou novas armadilhas da exclusão?</i> | 81 |
| 3.4 <i>Sobre o inquietante das relações intersubjetivas na internet</i> | 91 |
| 3.4.1 <i>A especificidade das relações virtuais: a invisibilidade dos corpos e o devir da subjetividade.....</i> | 96 |
| 3.4.2 <i>A ficcionalidade da subjetividade e a experiência plural no uso de nicks e heterônimos: o reavivamento do “outrar-se” Pessoaano.</i> | 111 |
| 4. ESPINOSA E A FORÇA DOS AFETOS | 119 |
| 4.1 <i>Corpo e afeto</i> | 121 |
| 4.1.1 <i>Conatus e o esforço de perseverar na existência</i> | 127 |

| | |
|--|-----|
| 4.1.2 <i>Corpo servil: impotência, tristeza, expropriação da liberdade</i> | 133 |
| 4.1.3 <i>É Preciso estar atento e forte</i> | 140 |
| 4.2 Encontros Alegres e Amizade | 147 |
| 4.2.1 Amizade e alegria da Hilaritas: caminho de produção das | |
| <i>idéias adequadas</i> | 126 |
| 4.2.1.1 <i>Amizade e fortalecimento do conatus: resistência à tristeza</i> | |
| <i>pela benevolência e indignação ou amizade: recusa do servir</i> | 149 |
| 4.2.1.2 <i>Experimentação política da amizade e multidão (multidão): aumento</i> | |
| <i>da potência de agir</i> | 154 |
| | |
| 5. METODOLOGIA | 161 |
| 5.1 <i>Sobre o trabalho de campo e escolha dos interlocutores</i> | 166 |
| 5.2 <i>Caracterização dos sujeitos</i> | 169 |
| | |
| 6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 170 |
| 6.1 <i>Semântica familialista da Amizade</i> | 171 |
| 6.2 <i>Relações de amizades mediadas pela internet</i> | 175 |
| 6.2.1 <i>Sobre o inquietante nas relações de amizade na internet</i> | 176 |
| 6.2.2 <i>Experimentação política da amizade e força dos afetos</i> | 194 |
| 6.2.2.1 <i>O que os olhos não vêem, o coração sente sim!</i> | 195 |
| 6.2.2.2 <i>Novas maneiras de estar junto: a compreensão da presença</i> | |
| <i>nas relações on line a partir da concepção espinosana de corpo</i> | 203 |
| 6.2.2.3 <i>Encontros alegres na internet: amizade e aumento da potência de</i> | |
| <i>ação</i> | 207 |
| 6.2.2.4 <i>Amizade e fortalecimento do conatus</i> | 237 |
| | |
| 7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES | 244 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 247 |

GLOSSÁRIO

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO OU OS OUTROS QUE EM MIM HABITAM

“Resta a questão da amizade. Ela é interior à filosofia [...] Não se pode saber o que é a filosofia sem viver essa questão obscura, e sem respondê-la, mesmo se for difícil.”

Gilles Deleuze

O gosto pelo tema amizade me remete a uma infância permeada da companhia de amigos em uma tranqüila rua da pequena capital nordestina Aracaju, com o ar ainda mais interiorano dos tempos de outrora, onde juntamente com as crianças da vizinhança pude desfrutar as deliciosas brincadeiras de rua. Guardo com muita alegria e frescor em minha memória os inesquecíveis momentos vespertinos compartilhados com os amigos nos quais as sucessões de brincadeiras e jogos se alongavam ao escurecer da noite. Além do privilégio de ter morado em uma rua onde havia muitas crianças, em geral coetâneas, a infância foi-me ainda mais especial graças ao gesto de delicadeza e hospitalidade que meus pais sempre emanam. A presença de um pai atencioso e amável que com desprendimento sentava no chão para brincar com seus filhos, pelo simples prazer de divertir-se com sua prole e de nos proporcionar uma infância que certamente não tivera organizava campeonatos de autorama, ping-pong e vídeo-game para toda criançada da rua, tornou a nossa casa um ambiente alegre e de encontro de amigos. A postura de abertura aos outros, advinda dos meus pais, permitiu-me vivenciar laços afetivos com a vizinhança tanto na nossa longa estada em Aracaju, como nos dois anos em que moramos em Campinas - época na qual mudamos para esta cidade em virtude do mestrado do meu pai na Unicamp. A mudança para Campinas foi sentida por todos da família por termos de nos distanciar dos queridos amigos vizinhos que além de nos

proporcionar prazerosa reunião antes da partida nos acompanharam até o aeroporto em uma emocionante despedida. O gosto pelos outros – expresso pelos meus pais que os torna mesmo seres apaixonantes – proporcionou momentos divertidos e alegres com nossos queridos vizinhos quando nos reuníamos em nossa casa nas festinhas de aniversário, nas festas juninas, nas épocas de copa do mundo, nos churrascos com os amigos da Unicamp, nas viagens que se davam mesmo em forma de caravana etc. Acompanhados fomos também ao aeroporto pelos amigos da rua em que moramos em Campinas no então momento de retorno a Aracaju. A experiência comunitária com a vizinhança fez parte de toda minha infância e juventude – momento em que os amigos parceiros das brincadeiras infantis tornaram-se companheiros de viagens, acampamentos, com os quais pude compartilhar novas descobertas, além de também estabelecer relação de amizade com as amigas de minha mãe ou as mães dos meus amigos então já adultos como eu, com as quais pude solicitar desde uma xícara de açúcar que faltara no momento de feitura de um bolo, até mesmo demorar-me em longas conversas sobre as diferenças de temperamentos entre os filhos e as distintas maneiras de relacionar-se com estes. A inebriante companhia dos outros e a revigorante vivência de visita são parte de minha história e assim, dizem respeito mesmo as minhas mais caras experiências enquanto sujeito. Além da presença plural dos amigos, não posso deixar de destacar o convívio afetivo com os meus também outros – leiam-se animais de estimação e árvores que também me fizeram (e ainda fazem) sentir viva com emoção palpitante no coração. Sim, pois a relação com bichos e plantas é igualmente inspiradora e nos reposiciona diante da vida (ainda pequena fora com choro emocionado que presenciara o momento de parto de minha cachorrinha que sozinha e pacientemente retirava e lambia inteiramente todos os seus filhotes, para dar vida a uma ninhada de 6 novos cachorrinhos). Além de gostar de receber pessoas meus pais gostam de animais e

do contato com a natureza, portanto minha infância e adolescência foram repletas de animais de estimação: patos e coelhos na mais tenra infância, peixes e vários cachorros que nos acompanharam em diferentes momentos. Tomada por grande contentamento também pude desfrutar da experiência sagrada de retirar um fruto com as mãos, recebendo-o mesmo como um presente doado pela árvore então semeada pelo zeloso cuidado manual de meu pai. Os momentos compartilhados em torno das árvores plantadas por meu pai: o pé de amora no quintal da casa, as tardes dominicais tomando água de coco em baixo do coqueiro, a espera do processo de chegada dos nossos conhecidos jambos (das minhas árvores, por assim dizer, o pé de jambo é a que atravessou mais longinquamente os anos e nos oferece anualmente farta colheita até os dias atuais) anunciada com a queda das flores que formam um lindo tapete cor de rosa no chão são em si mesmo experiências cheias de vitalidade, não só porque nos reunia também na companhia de amigos, como pelo fato de que como nos diz Fernando Pessoa: “comer um fruto é saber-lhe o sentido”. Povoada por todos meus outros – sejam eles amigos-gente, amigos-bicho, amigos-árvore, eis que sou uma completa admiradora e apaixonada pela condição de alteridade pela qual a vida se expressa. A amizade me parece o gesto privilegiado de apreço pela alteridade – como condição inerente de expressão da vida em qualquer que seja a espécie de ser vivo.

Imbuída dos outros que trago comigo e motivada pelo interesse nas experiências que se dão em coletivo, na potência dos encontros e das forças que são aí mobilizadas, dediquei-me à pesquisa da experimentação política da amizade no momento do mestrado. As narrativas de amizades revelaram modos criativos, solidários e astuciosos de enfrentamento de condições espoliantes. Os sujeitos desvelaram laços de amizade como relações de produção de subjetividade, nos quais os amigos modificam-se, potencializam habilidades, aguçam desejos ainda não realizados, instigam a esperança

de sonhos ainda não alcançados. Este trabalho pretende dar continuidade a uma trajetória de pesquisa orientada pelo interesse no tema da experimentação política da amizade – cuja elucidação encontra origem inspiradora em Arendt (1993, 2001) e Derrida (1997). A amizade compreendida em sua qualidade política não pressupõe intimidade e familiaridade, constitui uma abertura ao outro numa relação de igualdade política cujo diálogo entre amigos designa a possibilidade de pôr em palavras os assuntos concernentes à vida em um mundo compartilhado – essa experiência discursiva da amizade torna o mundo humanizado, pois “humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos” (Arendt, 2008, p.34). Essa abertura aos outros é destacada por Arendt (2008) como a precondição para a “humanidade” em qualquer acepção do termo. É nesse sentido, de que a amizade concerne ao compartilhamento dos assuntos humanos em um mundo comum, que ela alcança a comunidade mesma:

A igualação na amizade não significa, naturalmente, que os amigos se tornem os mesmos, ou sejam iguais entre si, mas, antes, que se tornem parceiros iguais em um mundo comum – que juntos, constituam uma comunidade. O que a amizade alcança é justamente a comunidade [...] (Arendt, 1993, p. 99)

A igualdade política da amizade condiz com uma relação horizontal de circulação da palavra onde os seres como agentes e falantes podem compartilhar como se põessem no mundo. “A igualação política, não-econômica é a amizade, *philia*.” (Arendt, 1993, p.99). No âmbito deste trabalho a amizade é compreendida em sua qualidade política. A amizade concebida em sua acepção política designa uma abertura ao outro, uma relação de diálogo privilegiada que possibilita o alargamento e relativização das opiniões e que pode engendrar a irrupção de ações políticas inéditas. A amizade escapa a qualquer tentativa de definição exclusiva, logo, não adotamos nenhum conceito rígido e fixo. A compreensão da amizade que subjaz este trabalho concerne à sua qualidade política como relação de abertura ao outro voltada para experimentação, cujo caráter de

imprevisibilidade e indeterminação apontam para a possibilidade de deslocamentos e transformações da subjetividade que podem instaurar ações políticas inovadoras. A experimentação política da amizade designa uma relação agonística de abertura ao outro radical: consiste na ocorrência do abismo entre singularidades que é fator de desequilíbrio e ensejo a uma troca incessantemente recomeçada. Amizade compreendida como abertura ao outro, porque ela participa do intempestivo, o encontro como acontecimento. Portanto, compreendemos que a amizade “não é intimamente pessoal, mas faz exigências políticas e preserva a referência ao mundo” (Arendt, 2008, p.34).

No que concerne aos pressupostos teóricos do presente trabalho, consideramos que a elucidação da experimentação política da amizade fundamentada na teoria dos afetos em Espinosa é bastante pertinente, pois seus princípios elementares convergem com esta que é uma Filosofia essencialmente política e da ética da alegria. Partimos da compreensão de que a experimentação política da amizade envolve dois fundamentos substanciais da Filosofia de Espinosa: o esforço do *conatus* – força interna de perseverança na existência que todo ser singular possui, se dá no processo mesmo de resistência à tristeza e afirmação da alegria – compreendida como aumento da potência de pensar e agir; o corpo é essencialmente relacional e é na relação com seus outros, na maneira como afeta e é afetado por eles que se dá a condição de possibilidade da elevação do seu *conatus* e a afirmação de sua potência de ação. Portanto, acreditamos que os alicerces espinosanos oferecem bases sólidas e bastante elucidativas para o estudo e compreensão da experimentação política da amizade uma vez que esta designa uma relação de abertura ao outro na qual os corpos estão dispostos a afetar e serem afetados, implicados em contribuir com o aumento da capacidade de reflexão e ação do amigo. A experimentação política da amizade constitui um encontro alegre no qual os

corpos são estimulados à relativização das opiniões e também mobilizados a agir em defesa da afirmação da potência de existir. A amizade compõe uma relação privilegiada de estima ao amigo na qual os corpos são motivados a questionar seus pensamentos e valores, a ampliar seus horizontes de interesses e conhecimentos, bem como a engajar-se em ações condizentes com a afirmação da vida. Nesse sentido, a amizade favorece uma dinâmica da alegria – compreendida como aumento da potência de pensar e agir dos corpos. Portanto, pensar a amizade em sua qualidade política na companhia da Filosofia de Espinosa (2008) engendra preciosas contribuições e subsídios teóricos contundentes que sustentam a compreensão de que a vida será tanto menos desumana quanto maior for a capacidade de pensar e agir dos corpos. Ainda, no que diz respeito ao interesse deste trabalho em investigar a experimentação política da amizade na internet, a concepção do corpo em Espinosa, baseada no princípio da união corpo-mente e na compreensão de que o corpo é tanto mais forte quanto mais ricas e complexas forem suas relações com outros corpos, constitui fundamento significativo para a elucidação da questão da presença do corpo nas relações que prescindem do contato físico bem como das intensidades afetivas que estas suscitam. Chauí (no prelo) atenta que para Espinosa “a singularidade do homem como unidade de um corpo e de uma mente é imediata – a união não é algo que lhe aconteça, mas aquilo que um corpo e uma mente são quando são corpo e mente humanos”. Assim, uma vez que a mente não é uma realidade independente de seu corpo, a concepção espinosana de corpo designa um conceito fundamental para a compreensão da questão da presença dos corpos nos encontros entre amigos na internet onde as afecções corporais se dão no registro das trocas de idéias e opiniões nas conversas online.

O advento da internet inaugurou transformações irrefutáveis no âmbito das relações sociais. O presente trabalho se insere no movimento de pesquisar as mudanças

no registro da subjetividade do homem contemporâneo, engendradas pelas novas maneiras de se comunicar e de fazer amigos através da internet. Portanto, este trabalho de caráter interdisciplinar, ao estudar as relações de amizades mediadas pela internet, atentando para questões políticas cruciais relativas à intersubjetividade contemporânea, analisa temas muito atuais, extremamente desafiadores e relevantes para a Psicologia Social. Na tentativa de compreender as implicações do crescente advento das “amizades virtuais” nas novas formas de sociabilidade contemporânea, este trabalho buscou investigar as semânticas da amizade intrínsecas a essa atual mediação das relações pela internet, verificar e discutir se os vínculos de amizade mediados pela internet possibilitam a experimentação da qualidade política da amizade. Interessa-nos investigar de que modo a experimentação política da amizade sofre o efeito de refração ao deslocar-se para esse novo meio da internet. Ou seja, trata-se de buscar compreender como as relações de amizade são refratadas ao serem perpassadas pelo ambiente da internet; quais são as mudanças de direção possíveis que são tomadas pelos laços de amizade mediados pelo ciberespaço. As relações de amizade travadas na internet estariam articuladas a uma ampliação de vínculos de abertura à alteridade, possibilitando deslocamentos que podem irromper ações políticas inovadoras? As relações de amizades mediadas pela internet favorecem a composição de encontros alegres nos quais os corpos são potencializados em suas capacidades de pensar e agir? As relações entre amigos na internet possibilitam uma dinâmica da alegria na qual os corpos estão implicados com ações solidárias condizentes com a resistência à tristeza e afirmação da vida?

Na tentativa de elucidarmos esses questionamentos, nesta pesquisa foram entrevistados adultos sobre suas histórias de amizades mediadas pela internet que falam

de encontros inusitados e que trouxeram mudanças significativas para suas vidas para além do contexto das conversas online.

O primeiro capítulo deste trabalho traz uma reflexão sobre as primeiras repercussões teóricas e sociais das relações mediadas pela internet e também apresenta uma discussão sobre a cooptação da semântica da amizade aos imperativos do consumo. O segundo capítulo apresenta uma revisão da literatura com os resultados das primeiras pesquisas sobre sociabilidade na internet, busca discutir e analisar a experimentação política da amizade na internet e também oferece uma discussão sobre a qualidade inquietante da relação intersubjetiva online suscitada pela especificidade da invisibilidade dos corpos. O terceiro capítulo diz respeito às articulações teóricas entre a experimentação política da amizade e a teoria dos afetos em Espinosa. O quarto capítulo apresenta a metodologia do trabalho. O quinto capítulo está voltado para a análise das narrativas, é um convite ao desvelamento das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades mediadas pela internet, assim como dos desdobramentos que estas engendram nas capacidades de reflexão e das ações cotidianas dos corpos. O último capítulo abre novas perspectivas de reflexão e indagações suscitadas pelos resultados da pesquisa.

O trabalho pensa a amizade no centro da dimensão intersubjetiva e de sociabilidade, concebendo que são nos encontros que mundos se criam e se transformam, são os contatos que produzem vertigem e forçam novas composições. Compreender as relações de amizade como um dos múltiplos fluxos que engendram a complexa tessitura da subjetividade, concebendo-as como relações potentes de resistência e criação é pensar na condição contagiante da alteridade.

2. REFLEXÕES SOBRE AS PRIMEIRAS REPERCUSSÕES TEÓRICAS E SOCIAIS DAS RELAÇÕES MEDIADAS PELA INTERNET

O presente capítulo discorre sobre diferentes visões de autores que analisam o impacto social da internet e apresenta uma análise crítica da cooptação das relações afetivas aos imperativos do consumo. Pretendemos traçar um percurso teórico que conduza a uma melhor compreensão e desvelamento das principais implicações éticas e políticas condizentes às contemporâneas formas de relacionamentos mediadas pela internet, notadamente o atual advento das amizades virtuais.

2.1 Sobre os impactos diante das inovações tecnológicas

O surgimento de novas tecnologias oriundas da convergência da informática com as telecomunicações, nas últimas décadas do século XX, trouxe grandes mudanças que alcançam o campo econômico, político e das relações sociais. Novos comportamentos e maneiras de relacionar-se têm sido instaurados e mediados pelas novas tecnologias digitais neste início de século XXI.

O advento da internet instaurou a possibilidade da comunicação à distância em tempo real, extrapolando as fronteiras de tempo e espaço. As inúmeras inovações tecnológicas advindas de uma informática cada vez mais avançada afetam diretamente o cotidiano urbano/ocidental contemporâneo – o que tem levado a alguns autores afirmar que um novo mundo começou com a internet.

Wellman (2004), ao destacar essa euforia diante das novidades tecnológicas, faz referência a John Perry Barlow, líder da *Electric Frontier Foundation*, que em 1995 afirmou: “com o desenvolvimento da Internet, e com o aumento da comunicação entre computadores ligados em rede, nós estamos no meio do maior evento de transformação

tecnológica desde a captura do fogo (...)” (Barlow, 1995, citado por Wellman, 2004, tradução minha).

A despeito dessa afirmação exagerada de Barlow, pois as inovações tecnológicas da era da grande indústria produziram transformações profundas no cotidiano do homem do pós-guerra, o qual também vivenciou uma época de crise e permaneceu igualmente atônito diante das novidades da modernidade, Wellman (2004) aponta que as análises iniciais do impacto da internet que a acreditavam como igualitária e difundida globalmente foram freqüentemente utópicas e não levaram em conta o fato de que diferenças de poder e status afetam tanto as interações *on line* quanto as *off-line*.

A hipótese de Musso (2003) é que a ideologia contemporânea de rede traz consigo as marcas de uma utopia social e do imaginário de rede próprios do pensamento construído no início do século XIX por Claude Henri de Saint-Simon. De acordo com Musso (2003), desde o final do século XIX, a narrativa mítica da transformação social pela rede foi reativada e revisitada no momento de cada inovação das técnicas reticuladas, da eletricidade à internet. Em sua genealogia da rede, Musso (2003) demonstra que entre 1880 e 1910 se multiplicam as ficções e utopias tecnológicas relativas às redes elétricas. A apresentação da energia elétrica é vivida como uma revolução que vai transformar a vida cotidiana; a eletricidade vai substituir o vapor que dominou o século XIX, notadamente nas indústrias e nos transportes férreos. Ainda conforme Musso (2003) o discurso da utopia tecnológica é marcado por um lado, pela temática da revolução sociotécnica, operada pela ruptura das condições prévias da sociedade existente e a promessa de uma nova. Por outro, pela metáfora do cérebro ou sistema nervoso. “Por uma analogia de funcionamento lógico e uma similitude de arquitetura material, a rede técnica seria para a sociedade ou para o planeta o que o

cérebro e o sistema nervoso são para o corpo humano, a saber, os órgãos de sua regulação”. (Musso, p.243, tradução minha).

Segundo Musso (2003) a vulgata saint-simoniana produzida pelos engenheiros politécnicos abriu caminho para a fetichismo da rede com as estradas de ferro e para a formulação de uma tecno-utopia da rede. O fetichismo da rede como símbolo de mudança social funciona à recorrência dos discursos apologéticos tomados no momento da emergência das redes elétricas ao final do século XIX, depois das telecomunicações e em fim da informática (Musso, 2003). “Esses discursos articulam sempre a nova rede à metáfora orgânica e à utopia técnico-política da transformação social: esta nova rede será ‘viva’ e ‘revolucionária’. Uma tal teatralização parece necessária à promoção de cada inovação técnica reticular”. (Musso, p.242, tradução minha).

Musso (2003) sugere que o discurso contemporâneo de rede é marcado por seis características da operação simbólica saint-simoniana sobre a idéia e a imagem de rede. A primeira delas, destacada por Musso (2003) como a mais potente e mais antiga, é qualificada como biotecnológica, já que se funda na analogia entre rede e o corpo, em particular entre o cérebro e a rede. O autor afirma que tal modelo do organismo-rede permite naturalizar a nova técnica, visto que a torna “calorosa”, além de ajudar sua inserção social, apresentando-a como uma necessidade para renovar o corpo social. A segunda marca da rede concerne ao fato de que sua lógica de funcionamento está inscrita no desenho de sua estrutura, de sua arquitetura, ou seja, ela indica que a rede responde a uma razão gráfica representada pelos laços (ou correspondências) estabelecidos entre os lugares (ou elementos) sobre um plano. A terceira marca saint-simoniana corresponde a transformação da sociedade pela rede. A rede é revolucionária por natureza, anuncia uma mudança na estrutura social existente e a promessa de uma modernidade direcionada ao futuro; a nova rede levaria a democracia, a transparência e

a igualdade. A quarta característica é a contribuição da rede à paz e à associação universal, visto que ela realiza uma cobertura artificial do planeta.

O planeta será ‘relacional’ e a sociedade ‘em rede’. Cada indivíduo, atividade e objeto deve ‘se interconectar’ às redes e se definir pelas redes, a começar pelos sujeitos atomizados. A relação com o território é modificada. Tempo mais curto, distância reduzida, grande velocidade: a rede ‘aproxima’ e modifica, até mesmo suprime o território. A rede se torna um instrumento para organizar o território, a começar pelo espaço urbano. (Musso, 2003, p.247, tradução minha).

A quinta marca corresponde à passagem da crise ao desenvolvimento econômico. A rede traz a prosperidade, o progresso, novas atividades, a multiplicação de novos serviços, uma nova economia. A sexta tem caráter libertário. Em sua própria arquitetura a rede inscreve uma escolha de sociedade ou de política; a rede pode descentralizar e se tornar um meio de luta contra a concentração, até mesmo uma ferramenta de autogestão. “Pode-se ler e ‘ver’ uma política na arquitetura da rede. Ainda, a rede desloca a política e a inscreve nas escolhas técnicas”. (Musso, 2003, p.248, tradução minha).

Portanto, Musso (2003) destaca que a força ideológica do discurso da tecno-utopia sobre a rede funciona sobre três registros principais:

A rede gera a transição de um estado de crise a um outro, qualificado de prosperidade, de progresso, de democracia e de modernidade; ele naturaliza a rede técnica, referindo-se ao planeta e ao organismo até mesmo a uma de suas partes, por metonímia, notadamente o sistema nervoso ou o cérebro; e em fim ele libera um saber em uma racionalidade visível, em um desenho. (Musso, 2003, p.249, tradução minha).

Segundo Musso (2003) são esses três níveis, das formas, dos fluxos e de uma regulação, que dão força à tecno-utopia da rede e que estruturam os discursos recorrentes que acompanham as inovações reticulares, desde o caminho de ferro até a internet.

Nossa atenção não se deterá nas transformações instauradas pelos avanços tecnológicos da era da grande indústria, também não faremos uma análise maniqueísta

das tecnologias. Não obstante, diante das declarações entusiastas sobre a internet, é preciso pontuar que outras épocas de crise já foram vivenciadas a partir da irrupção de novidades tecnológicas. E que mais do que entusiasmo, as novas formas de relações implantadas pelos novos aparelhos tecnológicos requerem uma análise de suas implicações éticas e políticas, pois as tecnologias alteram a percepção, a sensibilidade, e os relacionamentos, uma vez que operam, antes, no registro da produção de subjetividade – tal como destaca Guattari (1993).

De acordo com Guattari (1993) pode-se falar de produção maquínica da subjetividade mesmo nas sociedades “pré-capitalistas” e “arcaicas” cujas formas de existência também foram modelizadas por diversos dispositivos maquínicos. As novas máquinas atreladas à convergência da informática com as telecomunicações incidem sobre os modos de produção de imagens, pensamentos, afetos, e enunciados. No atual contexto de novos agenciamentos homem-máquina, no qual antigas ordens de saberes e representações estão em crise, onde o sistema de ubiqüidade da internet abrange cada vez mais uma ampla variedade de objetos, quais seriam as novas dimensões da experiência que se diluem? Estaríamos diante do declínio das qualidades especificamente humanas? O que resta para o homem criar, diante das máquinas que estão aí para satisfazer todas as suas necessidades?

O surgimento da internet é bastante recente e tem promovido mudanças de hábitos, novas representações de tempo e espaço, novos modos de conhecimento, novos estilos de relacionamentos sociais, ainda pouco estabilizados, seus efeitos a longo prazo ainda não foram analisados. Não obstante, nenhuma reflexão sobre a cultura contemporânea pode desconsiderar a enorme influência da informática que tem promovido a experimentação de novos vínculos e novas trocas simbólicas.

A revolução da tecnologia da informação está intrinsecamente relacionada com as especificidades da economia capitalista e com as vicissitudes do seu atual momento histórico. Castells (1999) aponta que a revolução tecnológica atual foi moldada pelas lógicas e interesses do capitalismo avançado, executando um papel essencial no processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980. Contudo, o próprio autor (1999) destaca que as manifestações desse desenvolvimento tecnológico não se limitaram aos interesses do capitalismo.

O advento da internet e seu desenvolvimento nas últimas três décadas do século XX foram conseqüências de um conjunto de forças que envolveram estratégia militar, cooperação científica, inovação tecnológica e concepção de contracultura. Segundo Castells (1999) a internet teve origem no trabalho da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do departamento de defesa dos Estados Unidos. No entanto, ainda que o surgimento da internet tenha sido proporcionado pelas pesquisas patrocinadas pelo departamento de defesa, Castells (1999) ressalta que somente num período posterior, a internet foi utilizada para fins militares, no mesmo período em que começou a ser difundida em redes de contracultura.

Wellman (2004), em seu texto sobre as eras de estudos da internet, demonstra três fases bem marcadas e diferenciadas num período de 10 anos. Primeiramente o autor relata uma época denominada de pré-história que corresponde ao período de 1990-1994, representando o período pré-internet, marcada pelo surgimento da teleconferência e de pesquisas que buscavam novas aplicações do computador. De acordo com Wellman (2004) a primeira era de estudos da internet se deu entre 1994-2000, contexto no qual forças econômicas alimentavam a idéia de aplicações do computador que sustentassem redes sociais; foi a época de grande encantamento e crescimento da internet, onde se discutiam as questões da conectividade e transporte de dados.

A segunda era (2001-2005) corresponde ao período no qual interesses comerciais e acadêmicos apontam a necessidade de clientes sistemáticos da internet. Há um crescimento do uso da internet no cotidiano e começam a surgir pesquisas e bibliografia voltadas para a documentação desta proliferação de usos da rede bem como da quantidade de usuários. Estes estudos produziram muita informação sobre estatísticas do número de internautas, compararam diferenças demográficas e compreenderam quais coisas básicas as pessoas fazem na internet. No entanto, como destaca Wellman (2004), mesmo com o crescimento do uso do ciberespaço, a lacuna socioeconômica persiste na maioria dos países, pois as pessoas mais pobres não estão aumentando a sua taxa de uso tanto quanto os abastados. Ele relata que apesar da esperança de Barlow, a internet não tem trazido a utopia da comunicação globalmente difundida e da democracia. Por outro lado, o autor aponta que diferentemente das preocupações que surgiram com o fato de que alto nível de uso da internet atrairia as pessoas para longe das relações face a face, o que parece ocorrer é que quanto mais as pessoas usam a rede, mais elas se encontram com pessoas nas relações face a face, isto se dá, segundo Wellman (2004), porque a internet ajuda a arranjar encontros interpessoais e contribui para manter encontros em meio aos relacionamentos.

A terceira era corresponde aos dias atuais e caracteriza-se pelo uso da rede para estabelecimento de relações sociais. Na segunda era os pesquisadores utilizavam métodos científicos para documentar a natureza da internet, agora os pesquisadores estão mais focados em projetos teórico-dirigidos voltados, por exemplo, em compreender os tipos de relacionamentos que a internet fomenta e como os empresários internacionais operam intercontinentalmente, tanto *on line* quanto *off-line*. O atual cenário de conectividade ubíqua, portabilidade e mobilidade *wireless* da internet está facilitando um movimento para longe das interações nos grupos familiares, convergindo

para redes individualizadas. Como destaca Wellman (2004) a internet está favorecendo que cada pessoa se torne uma comunicação entre pessoas, redes e instituições. Além disso, o autor informa que os atuais *softwares* de redes sociais facilitam as pessoas a fazerem novos vínculos, através dos “fabricantes de amizade” que colocam amigos de amigos em contato ou usam filtros colaborativos para pôr em contato pessoas com interesses similares – o que é relatado pelos alunos de Wellman (2004) como sendo efetivo e agradável, mas ao mesmo tempo gerador de exclusão. Grupos têm claramente se tornado redes dentro e fora da internet – conforme atenta Wellman (2004), “a pessoa tem se tornado ela mesma o portal”.

Nesse atual cenário, de grande virada da internet que passa a ser instrumento de sociabilidade, torna-se relevante refletir e investigar as novas maneiras de compor relações de amizade através da rede, bem como verificar as adaptações das estruturas seculares da amizade: a semântica familialista, a escrita do íntimo, o espaço dialogante de abertura e acolhimento, como exemplos, ao ambiente virtual.

2.2 Posicionamentos iniciais sobre as relações travadas na internet: da negatividade à crença na revolução democrática via rede

Cada vez mais as relações sociais estão sendo mediadas pelas tecnologias da informática. Lévy (1993) aponta que a técnica, ao mediatizar as relações humanas, é intrinsecamente política. A informática, portanto, está profundamente implicada nos processos de subjetivação individuais e coletivos.

Não obstante, Nicolaci-da-Costa (2005) demonstra que essas novas formas de sociabilidade mediadas pela internet geram reações negativas radicais desde a sua difusão em meados da década de 90. Segundo essa autora, diferentemente da recepção

social amena dos celulares, pois a telefonia celular foi percebida como uma continuidade da telefonia fixa, a internet ainda gera comoção, uma vez que foi percebida como fator de rompimento das formas tradicionais de relacionamentos e de trabalho.

Castells (1999) relata que para uma equipe de psicólogos da Carnegie Mellon University, que analisou, entre 1995 e 1996, o efeito social e psicológico da internet em relação à sociabilidade e bem-estar psicológico, o uso intensivo da internet foi relacionado com o declínio de comunicação entre os familiares que residem em mesmo lar, com a diminuição da abrangência do círculo social, e com o aumento da depressão e isolamento.

Tamanho grau de crítica negativa faz com que Castells (1999) em sua análise da sociedade em rede, ao se referir à sociabilidade via internet, aponte que desde os seus primórdios ela esteve associada às crenças negativas de que seu uso levaria ao aumento de solidão e alienação, até mesmo à depressão.

Nicolaci-da-Costa (2005) indica que muitos intelectuais de diferentes países expressaram rejeição no que tange ao uso da internet para fins de sociabilidade, dentre eles, Sennett (1999), Bauman (2004). Aquela autora faz uma análise crítica das considerações de Bauman (2004) sobre a fragilidade das relações interpessoais contemporâneas, argumentando que as reações negativas desse autor à sociabilidade virtual são infundadas. A autora aponta que as relações virtuais não são definidas por Bauman (2004) levando-se em consideração suas características próprias e atuais, mas por uma oposição, indireta e confusa, aos relacionamentos “reais” ou face a face do período no qual as tecnologias digitais não existiam.

Bauman (2004), ao atentar para as dificuldades de estabelecer vínculos duradouros nos tempos atuais, destaca uma nova modalidade discursiva diferente da

linguagem dos relacionamentos- a linguagem da “conectividade”. Segundo ele essa nova linguagem prefere falar em “redes”, em vez de parceiros, e cada vez mais substitui termos como “relacionar-se” e “relacionamentos” em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Diferentemente dos “relacionamentos reais” essas “relações virtuais” são marcadas pela expansão da velocidade em que surgem e desaparecem, em volume cada vez maior, além da fluidez de entrada e saída que estas permitem, pois uma “rede” pressupõe as duas possibilidades: conectar e desconectar.

A hipótese de um relacionamento ‘indesejável, mas impossível de romper’ é o que torna ‘relacionar-se’ a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma ‘conexão indesejável’ é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (Bauman, 2004, p. 12).

De acordo com Bauman (2004) essa facilidade da interrupção a qualquer momento, da falta de compromisso e do desengajamento fazem com que as relações tipo “virtuais” sejam cada vez mais praticadas corriqueiramente, o que tem levado a um crescente aniquilamento e vigoroso desuso das habilidades sociais próprias da condição não-virtual da relação face a face. As ferramentas de sociabilidade atrofiam-se expansivamente, o que leva Bauman (2004) afirmar que “a solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum.” (pág. 84).

Segundo Bauman (2004) a inédita fluidez e a transitoriedade dos vínculos sociais diluem as habilidades e o trabalho exigido no encontro traumático com o outro que me afeta, além de solapar a confiança fazendo com que a manutenção da parceria signifique um risco enorme. Todavia, conforme Bauman (2004), a frouxidão dos laços não reduz os riscos, apenas os distribuem de forma diferente, provocando ansiedades outras.

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige.

Essas habilidades caem em desuso- são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega a acontecer, com relutância. Seu desenvolvimento, se requerido, pode apresentar um desafio incômodo, talvez até insuperável. (Bauman, 2004, p. 84)

Para Nicolaci-da-Costa (2005) essas considerações de Bauman (2004) as quais compreendem os relacionamentos virtuais como “frágeis”, “transitórios”, “superficiais”, compõem uma visão profundamente negativa e desprovida de fundamentação empírica e traz impactos negativos na medida em que é adotada como modelo para todos outros tipos de relacionamentos contemporâneos.

Nicolaci-da-Costa (2005) destaca que a concepção negativa de Bauman (2004) dos relacionamentos virtuais como “frágeis”, “frívolos” que diluem a solidariedade e tornam as pessoas descartáveis e solitárias, em oposição aos relacionamentos “reais” modernos como “sólidos”, “autênticos” e “profundos”, também traz graves efeitos, pois se trata de uma visão recente que não levou em consideração a literatura já disponível sobre os relacionamentos virtuais mediados por diferentes tecnologias. A autora destaca que a depreciação das relações virtuais torna-se ainda mais grave por ser defendida por um intelectual do porte de Bauman. Esta gravidade se potencializa no caso do Brasil, conforme aponta a autora, pois o pequeno volume de pesquisas sobre o uso das novas tecnologias faz com que a visão de um autor tão conhecido como Bauman possa ser supervalorizada e assumida como verdade incontestável.

A difusão da internet foi vivenciada com grande alvoroço pelo surgimento de possibilidades inimagináveis no contexto das telecomunicações via telefone. O advento da interconexão dos computadores em rede mundial tornou possível o acesso a qualquer tipo de informação e o fato inédito de poder estabelecer contato com qualquer usuário – possibilidade associada à idéia de estar conectado a uma rede.

A euforia com a internet se deu, portanto, diante da possibilidade de experimentação de algo completamente novo, que permitiu formas desterritorializadas

de interação, onde pessoas geograficamente distantes ou próximas podem estabelecer contatos bi-pessoais, ou coletivos através da comunicação “muitos-muitos” (Lévy, 2003).

Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta que a irrupção desses ambientes de encontros coletivos foi o que de fato revolucionou os padrões vigentes da comunicação à distancia, possibilitando que contatos interpessoais sejam travados virtualmente, enquanto que na era do telefone as relações virtuais eram restringidas aos relacionamentos iniciados no mundo físico.

Nicolaci-da-Costa (2005) relata que diferentemente da desvalorização dos relacionamentos virtuais, alardeada no momento de difusão da internet por alguns autores e mais recentemente presente na posição de Bauman (2004), pesquisas atuais têm demonstrado os aspectos positivos dos relacionamentos virtuais, revelando inclusive, que estes tendem a complementar os relacionamentos reais e não a substituí-los.

(...) Os resultados de inúmeras pesquisas internacionais e nacionais vêm mostrar que esses ambientes se tornaram espaços análogos aos espaços “reais”, nos quais se desenrola o drama sempre real dos relacionamentos pessoais. Encontros, desencontros, paixões, decepções, revelações íntimas acobertadas pelo anonimato protetor dos apelidos (nicks), mentiras, intrigas, traições virtuais, solidariedade, indiferença, etc. todos os ingredientes da sociabilidade tradicional neles passaram a marcar presença. (Nicolaci-da-Costa, 2005).

Nicolaci-da-Costa (2005) ao descrever alguns desses resultados, destaca que Rheingold (1996) foi um dos primeiros a apontar que a nova capacidade de comunicação coletiva mediada pela internet possibilita a formação de amizades e laços comunitários entre estranhos. A autora também cita os estudos de Katz, Rice e Aspden (2000) os quais revelam que o uso da internet tem promovido um maior crescimento na participação cívica e no engajamento político de seus usuários.

Pesquisas têm apontado que as relações virtuais podem ser solidárias e intensas, configurando a formação de fortes laços de amizade e até mesmo de casamentos reais, constituindo um movimento de transformação dos relacionamentos virtuais duradouros em relacionamentos reais, conforme atenta Nicolaci-da-Costa (1998, 2005).

De fato, as transformações inauguradas pelas novas formas de interações coletivas na internet parecem ocorrer significativamente no âmbito da sociabilidade e afetividade, compondo novos modos de relacionar-se com a alteridade e de fazer amigos – o que configura o ciberespaço como essencialmente político. Lévy (2003) foi um dos primeiros a ressaltar a dimensão ética e política do ciberespaço, destacando que este possibilita a composição de um ambiente democrático de trocas de saberes e de formação de laços solidários.

Com sua visão otimista do ciberespaço Lévy (2003) aponta que as desterritorializantes relações via internet possibilitam trocas de conhecimentos e competências, alimentando uma sociabilidade de saber, fomentando o que ele conceitua de “inteligência coletiva” – fundamentada por uma dimensão ético-política de reconhecimento do outro em sua inteligência, de valorização do outro como alguém com quem posso aprender. Portanto, segundo Lévy (2003) esses contatos interativos favorecem a constituição de coletivos inteligentes, de um espaço de enunciação democrático de elaboração de questões e negociação em tempo real, configurando o ciberespaço como “ágoras virtuais”.

O uso socialmente mais rico da informática comunicacional consiste, sem dúvida, em fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real. (Lévy, 2003, p. 62).

Essa “ágora eletrônica” é destacada por Lévy (2003) como uma forma de maior participação do povo na vida da cidade, espaço onde se pode discutir problemas comuns

e experimentar modos de organização e de regulação coletivos a partir da multiplicidade e variedade, permitindo grandes coletividades comunicarem-se entre si em tempo real.

Essa ágora virtual facilitaria a navegação e a orientação no conhecimento, promoveria a troca de saberes, acolheria a construção coletiva do sentido, proporcionaria visualização dinâmica das situações coletivas, permitiria, enfim, a avaliação por múltiplos critérios, em tempo real, de uma enorme quantidade de proposições, informações e processos em andamento. O ciberespaço poderia tornar-se o lugar de uma nova forma de democracia direta em grande escala. (Lévy, 2003, p. 64).

Essa política molecular fundamentada na “inteligência coletiva”, dessa forma, possibilita a renovação do laço social, pois esta emerge das interações e dos contratos, forja-se nos projetos comuns, nas circulações e encontros que pressupõem a ética da hospitalidade onde os sujeitos, segundo Lévy (2003), precisam abraçar os desafios análogos a uma sinfonia na qual é necessário seguir as regras da polidez, ouvindo os outros, não gritar ou encobrir a voz dos outros coralistas, cantar de modo diferenciado, calar-se ou cantar em uma só voz, ou seja, encontrar uma coexistência harmônica entre sua própria voz e a dos outros melhorando o efeito do conjunto.

A concepção da rede como ‘inteligência coletiva’, difundida por Lévy (2003), condensa em si as marcas saint-simonianas da tecno-utopia já que atualiza a associação entre rede e corpo, bem como se funda na crença da transformação social através de trocas interpessoais cooperativas e promotoras de uma nova democracia. Musso (2003) afirma que a tecno-utopia do ciberespaço recicla o velho imaginário do reticular já que a idéia de ‘inteligência coletiva’ representa a imagem de uma rede universal conectando todos os cérebros interligados em escala planetária constituindo uma espécie de ‘cérebro planetário’. Musso (2003) demonstra que o aparente discurso inovador da revolução democrática via internet, enquanto ideologia da utopia reproduz ‘velhos futuros’, na

medida em que retoma uma antiga imagem do reticular, bem como o já conhecido fetichismo da rede que anunciou a eletricidade como garantia da liberdade, igualdade e fraternidade. A reticulação contemporânea do ciberespaço não cessa de anunciar o caráter revolucionário da internet, utilizando-se para isso do imaginário antigo do discurso reticular facilitando a projeção no futuro de uma sociedade em rede.

A internet apreende todo o social em suas redes, a Teia redefine o tecido social como o tinha feito precedentemente os caminhos de ferro ou a eletricidade. A rede Internet é ao mesmo tempo o laço social invisível (sua estrutura material escondida) e o objeto da revolução tecnológica. (Musso, 2003, p.342, tradução minha).

A internet se tornou o meio para pensar e realizar a transformação social. A concepção de uma sociedade em rede entrelaça discursos e imagens do reticular para compreender o tecido social contemporâneo, trazendo a promessa de uma reconstituição do laço social esgarçado, graças às próteses técnicas.

Lemos (2003) aponta que o maior uso da internet é para busca efetiva de conexão social. “Assim, ver o outro e ser visto, trocar mensagens e entrar em fóruns de discussão é, de alguma forma, buscar o sentimento de re-ligação.” (p.18).

Marques (2003) ao se aproximar de Lévy (2003) também destaca que é a possibilidade do uso direto da palavra que constitui a internet como esfera pública virtual, possibilitando que ativistas fundem suas reivindicações sem passar pelos meios de comunicação dominantes que com seus filtros editoriais e ideológicos deturpam e ocultam de acordo com sua conveniência.

No entanto, ainda que Marques (2003) também destaque a Internet como ambiente interativo descentralizado, de superação de barreiras como o espaço, permitindo que as pessoas se situem mundialmente, participando, debatendo, interagindo e agindo fora do contexto geográfico – o que não acontecia em outras esferas públicas destacadas por pensadores como Hannah Arendt, este autor enfatiza

que ainda há um longo caminho a percorrer até desvendar-se todo o potencial da comunicação mediada pelo computador. Segundo ele, não há dúvida de que a Internet é uma ferramenta importante para permitir a articulação entre organizações e pessoas, porém destaca que o simples acesso ao computador não evita em muitos casos uma atitude passiva do usuário e levanta um importante questionamento: o acesso ao equipamento resolveria todos os problemas de ordem política?

Antes, o próprio o acesso à internet é uma questão política que revela as discrepantes desigualdades entre os países desenvolvidos do hemisfério norte e os subdesenvolvidos do hemisfério sul, bem como as diferenças regionais e socioeconômicas do uso da rede em um mesmo país. Castells (1999) destaca a desigualdade espacial no acesso à internet como um dos paradoxos mais impressionantes da era da informação e relata a considerável discrepância regional na difusão da internet, ressaltando que ainda que o acesso e uso da internet estejam crescendo rapidamente nas principais metrópoles de todos os continentes, o restante do mundo ainda está atrasado em relação à América do Norte e aos países desenvolvidos.

O sociólogo francês Dominique Wolton (2003) ao retratar as desigualdades instauradas pela internet chama atenção para o risco de desenvolvimento de uma concepção menos democrática da informação fundamentada na especialização por nível de conhecimento e condição financeira. Pois como relata Wolton (2003), na web existe uma especialização do tipo de informação de acordo com o público, e, além disso, ainda que cada um possa acessá-la livremente, a seleção da informação se dá pelo nível sócio-econômico-cultural. Sobre a concepção que sustenta os novos serviços da internet, Wolton (2003) afirma que “trata-se menos de um esforço de democratização do que de uma especialização das informações em função dos diferentes meios solváveis, pois o pagamento pela informação será indissociável destes novos serviços” (pág. 95).

Wolton (2003) atenta para os perigos da seleção pela condição financeira e da segmentação dos conteúdos em função dos meios sociais, que têm como consequência as desigualdades socioculturais na utilização dos quatro serviços oferecidos pela web: informação, lazer, serviços, conhecimento. O autor aponta que as diferenças são maiores em relação à informação-conhecimento, visto que a maneira de construir a informação e de apresentá-la, bem como os procedimentos para pesquisá-la não são universais, estão relacionados às representações culturais.

Portanto, para Wolton (2003) um dos nefastos riscos da internet está na dominação sociocultural que se legitima no sistema de valores próprios da cultura Ocidental.

O Ocidente está completamente enganado em identificar rede com inteligência e com a idéia de que existe apenas esta racionalidade, sinônimo de modernidade. É sem dúvida na imposição de uma única concepção de tempo, de um único modelo de organização que o imperialismo ocidental é mais nefasto. Pois atinge profundamente as culturas e as identidades. É evidente que durante uma ou duas gerações os países mais desprovidos aceitarão o tipo de lógica que se opera com estas máquinas, mas atenção ao despertar de civilizações e de culturas, ao menos tão antigas quanto as nossas. (Wolton, 2003, p.141-142).

Wolton (2003) convoca-nos a resistir à ideologia dominadora e tecnocrata presente na Internet. Para este autor, que na citação destacada acima questiona explicitamente o conceito de inteligência coletiva de Lévy (2003), a tecnologia de comunicações não basta para transformar o modo de trocas entre as pessoas, precisamente porque o importante no sistema técnico são os projetos políticos e culturais que o acompanham. De acordo com Wolton (2003), a internet reforça as capacidades individuais de comunicação. Não obstante, o individualismo já é um dos valores do capitalismo mundial. Assim, não se trata de uma revolução cultural.

Diferentemente da positividade dos posicionamentos de Lévy (2003) que compreendem o ciberespaço como ambiente democrático que favorece trocas solidárias de informação e conhecimento, Wolton (2003) ressalta que as características de

autonomia, domínio e velocidade, inerentes à internet correspondem ao cerne do ideal individualista liberal. A performance pautada na autonomia e ausência de controle, na possibilidade de escrever, apagar, arquivar, corresponder-se e comunicar-se em tempo real, são atrativos sedutores na cultura contemporânea de valorização da liberdade individual, o que faz com que a web alimente nefastas ilusões de uma sociedade na qual os homens podem se emancipar individualmente.

A ligação social nasce do senso de mútua dependência. Wolton (2003) e Sennett (1999) chamam atenção para o fato de que os imperativos neoliberais ao valorizarem a autonomia têm produzido o sentimento de dependência como uma condição vergonhosa.

Sennett (1999) atenta que as estratégias neoliberais, que produzem o sentimento de vergonha da dependência, trazem nefastas conseqüências, como o aniquilamento dos laços de confiança e compromissos mútuos, ameaçando a realização de qualquer empreendimento coletivo.

Segundo Sennett (1999) no atual contexto neoliberal, o problema de confiança se apresenta de duas maneiras: o laço de confiança simplesmente está ausente, ou há uma desconfiança mais ativa dos outros. O autor aponta que não só as empresas, mas todas estruturas sociais que não promovem positivamente a interdependência humana geram a “mais neutra e vazia falta de confiança”.

Sennett (1999) atenta que no capitalismo moderno a questão “quem precisa de mim” sofre um grande desafio, pois o sistema irradia indiferença. A falta de confiança, a reengenharia das instituições em que as pessoas são tratadas como descartáveis, reduzem o sentido de que somos necessários aos outros.

No atual sistema neoliberal, o problema do caráter – entendido como ligação com o mundo, está na ausência de narrativa partilhada de dificuldade, na ausência de

um destino compartilhado. Nessas condições, o “nós” comunal representa um pronome perigoso, configurando uma comunidade que teme o confronto organizado com a desordem econômica. Entretanto, Sennett (1999) atenta que um sistema que não oferece aos seres humanos motivos de união uns com os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo.

Sennett (1999) e Wolton (2003) chamam atenção para o fato de que a internet, antes de constituir-se como instrumento apropriado para compor movimentos de resistência, é um dispositivo que está a serviço dos imperativos neoliberais. Nada mais propício ao lucro das grandes corporações internacionais do que um mecanismo que disponibiliza a venda de qualquer produto através de um simples movimento de “clique”. A velocidade estonteante das transações comerciais sem limites geográficos favorece o veloz crescimento dos produtos de consumo disponíveis na internet. Já se vive um contexto nas grandes metrópoles onde não é mais necessário deslocar-se fisicamente de casa para comprar qualquer produto em tempo hábil. A web é um mecanismo que potencializa o livre fluxo do capital e possibilita a reprodução dos imperativos neoliberais de consumo, autonomia e liberdade individual.

A apropriação da internet pautada pelo imperativo de lucro a qualquer custo além de favorecer o volume cada vez maior de venda de mercadorias pela web e gerar falsas esperanças de aperfeiçoamento individual, tem transportado a lógica da atual velocidade do consumo para outras áreas, dentre as quais, os relacionamentos afetivos. Os novos dispositivos que fabricam amigos na internet com a velocidade de um simples clique que tanto conecta quanto “deleta” não estariam aniquilando o movimento próprio da amizade que requer tempo? O princípio da velocidade e a facilidade dos mecanismos de ação que regem a internet não seriam em si mesmos incompatíveis com a qualidade temporal da relação de amizade que necessita ser cuidada e requer a

complexidade dos gestos de atenção e dedicação, além de responsabilidade e dor próprias da relação traumática com a alteridade? Tais questionamentos estão implicados com a necessidade de investigar a adaptação das relações de amizade à espacialidade e temporalidade constitutivas da internet.

O imperativo da velocidade da internet bem como a sua condição de onipresença apropriados por restritos interesses comerciais e para a reprodução do ideal neoliberal de autonomia que geram ilusões de que “o mundo está em nossas mãos” podem trazer terríveis implicações políticas. Além dos problemas implicados com a reprodução da idéia de que somos desnecessários uns aos outros – como destacado por Sennett(1999) e Wolton (2003), o acesso a uma veloz rede em banda larga quase onipresente tem sido utilizado como mais um dispositivo de controle. Autores como Rheingold (1996) e Senra (1993) apontam a nova rede de telecomunicações mundial como uma nova espécie de panóptico que exerce uma vigilância muito mais pontual, iluminando apenas zonas de interesses em detrimento de outras que ficam na sombra – diferente do panóptico de Bentham cuja visibilidade era total. De acordo com Senra (1993) trata-se de uma iluminação intermitente que não se dirige mais ao espaço, mas a um alvo a ser operado dentro de um plano específico.

(...) Não estamos mais, como no panóptico, no reino da transparência e da iluminação absoluta, que nos devolve a imagem da totalidade, e de onde emerge a noção de opinião pública – mas nos encontramos sob o domínio de uma iluminação intermitente ou espasmódica, que recai apenas sobre determinados setores da sociedade, em função de certas conjunções de interesses ou de circunstâncias. (Senra, 1993, p.166-167).

As atuais tecnologias que operam a vigilância eletrônica constituem um sistema de controle, inclusive da privacidade, muito mais sutil e complexo, viabilizado por um novo leque de aparatos muito mais eficazes e astuciosos: “em vez de escutas telefônicas, o arsenal constará de programas informáticos que cruzam códigos de barras, cartões de

crédito, números de contribuinte e todas as pistas que vamos deixando na sociedade da informação”. (Rheingold, 1996, p.353).

As sofisticadas e onipresentes redes de informação cada vez mais cooptadas pelo mercado instauram um controle insidioso na medida em que operam a mercadorização da privacidade. Rheingold (1996), ao destacar que o mercado constitui a bola da vez dos atuais mecanismos panópticos, aponta que não somente a privacidade tem vindo a mercadorizar-se, mas o próprio ato de consumir pode gerar informações de alto valor - que se tornam um novo produto retroalimentando o fluxo avassalador do consumo. O autor alerta que os novos dispositivos de controle, que operam através de máquinas registradoras e cartões de crédito, nas mãos de manipuladores totalitários podem compor formas cínicas de transmissão de informações sobre o que compramos, quais lugares freqüentamos, através de uma espécie de dossiê pessoal eletrônico que armazena informações sobre hábitos de compra. A era da convergência de todas as facetas do mercado para a internet instaura a nova insídia do consumo que permite antecipar desejos na forma de atributos compráveis através do perfil do consumidor. Conforme destacam Costa (2002) e Rheingold (1996), essa nova categoria de mercantilização dos afetos, dentre os quais a amizade, constitui a mais nova forma de nefasto controle daquilo que melhor possa agradar os gostos do comprador potencial.

Não obstante, Wolton (2003) sustenta que em meio à globalização econômica que se impõe de forma imperativa e angustiante, não se deve deixar de preservar a idéia de que as novas tecnologias representam incontestavelmente um espaço de abertura e de emergência de uma nova cultura solidária e em rede. Segundo Wolton (2003) a internet como suporte de uma nova solidariedade mundial – questão que tem sido discutida por vários autores, representa uma esperança para que as novas gerações não sucumbam no nihilismo e se engajem na construção de um mundo melhor, no qual a solidariedade

constitua uma resposta de generosidade e humanidade à implacável ordem da globalização econômica.

(...) o mais importante reside no fato de que a Net tenha se tornado o suporte dos eternos sonhos por uma nova solidariedade, mesmo sendo, infelizmente, um pouco triste constatar a defasagem entre a qualidade destas utopias e as atuações terrivelmente eficazes dos mercadores do templo, destas indústrias que instalam uma infraestrutura muito distante deste ideal de solidariedade. (Wolton, 2003, p. 89).

Após esse breve panorama sobre as implicações histórico-culturais e sócio-políticas do surgimento da internet e das diferentes visões de intelectuais em relação aos impactos sócio-econômico-culturais da web, passaremos a atenção, para a análise da cooptação da semântica da amizade pelas estratégias discursivas insidiosas do mercado que visam operar a mercantilização dos vínculos humanos.

2.3 Da cooptação das relações afetivas aos imperativos do consumo na era da internet: apropriação da semântica da amizade pelas condições do mercado – a aviltante comercialização dos vínculos humanos

A atual estratégia insidiosa do mercado na tentativa de captura do consumidor tem sido a utilização de uma estrutura discursiva que associa a aquisição de objetos de consumo como condição necessária a uma vida afetiva satisfatória e a plena satisfação dos desejos. A lógica contemporânea de consumo privilegia e valoriza a ‘dimensão imaterial’ do produto que será consumido. Mais do que o produto em si mesmo, o que se vende hoje é a dimensão da imaterialidade que é associada a este, ou seja, é a qualidade imaterial dos afetos, perceptos, sensações, sentimentos, etc. os quais são articulados aos produtos que é posta à venda – processo que se liga ao advento da sutileza inédita das modalidades de controle social, advertido por Bourdieu (1998).

Com efeito, é notório que cada vez mais o mercado se utiliza de estratégias discursivas que se apropriam da semântica da amizade, associando uma série de objetos

de consumo à palavra amizade e amigo. É justamente porque os laços de amizade emanam a generosidade e solidariedade – qualidades abominadas pela ordem econômica capitalista, que o mercado insistentemente vende produtos associados à idéia de amizade, numa lógica perversa que vê oportunidade de lucro onde há necessidade humana. Essa associação da amizade aos objetos de consumo não se restringe mais ao universo subliminar das propagandas, mas tem sido apresentada de modo explícito em comerciais de TV nos quais pululam não só imagens, como a própria palavra amizade tem sido utilizada como um atributo que qualifica o produto ou serviço vendável que são, portanto, apresentados como tão imprescindíveis quanto o vínculo genuíno com um amigo. O mercado ao apropriar-se da semântica da amizade visa capturar o consumidor através da ilusão de que o produto à venda é tão importante e confiável quanto um amigo. A relação de confiança tem sido estrategicamente apropriada pelos bancos que têm se dirigido ao consumidor enquanto amigo que pode depositar toda confiança na qualidade de seus serviços. Essa utilização da semântica da amizade que visa capturar o consumidor com intuito não propriamente amigável tem gerado novidades como a criação de agências bancárias que levam o nome de clientes e até mesmo a substituição, nos talões de cheque, da expressão de registro da data de adesão ‘cliente desde’ para ‘amigo desde’. Para fisgar o consumidor pelo bolso é necessário, antes, conquistar a confiança nos produtos e serviços prestados, que afinal irão garantir a sua satisfação, segurança e conforto.

Essa distorção semântica articula-se com o processo de subordinação da cultura e da subjetividade ao registro econômico, como adverte Silva Junior (2004). Vários autores, entre eles, Baumann (1998, 2004), Bourdieu (1998), Sennet (1988) etc. têm atentado para essa ressemantização da totalidade das relações sociais, advinda das novas estratégias discursivas voltadas para produção de um discurso essencialmente

mascarado de relações de exploração. Essa nova modalidade discursiva e de práticas de controle social da política de globalização que transforma vínculos humanos, entre estes a amizade, em objetos a serem consumidos pode produzir nefastos efeitos, como o esmorecimento da solidariedade. Bauman (2004) ao analisar esse advento de apropriação de idéias e sentimentos que são associados aos produtos destinados ao consumo, alerta que o mercado capitalista ao transformar vínculos humanos e pessoas em mercadorias, tem promovido o esfacelamento da solidariedade humana e das habilidades de sociabilidade – que não são atributos de uso e nem de comercialização. Segundo este autor, a mercantilização dos relacionamentos proporciona a ampliação do aniquilamento da solidariedade ao transportar para os laços e parcerias humanos, a lógica de mercado consumista, que impõe uma velocidade cada vez maior no uso dos objetos, os quais se tornam fácil e rapidamente descartáveis pelo imperativo da substituição frenética dos modelos e versões mais atualizados:

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário”. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presenças e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor. (Bauman, 2004, p. 96).

2.3.1 A subjugação da subjetividade e das relações de amizade pelas leis que regem o consumo ou A mortificação do sujeito

A internet propulsiona o movimento veloz e descartável do consumo, com mecanismos eficazes de interpelação onipresente do consumidor, que visam capturá-lo

através da manipulação dos afetos e desejos. As páginas da internet estão lotadas de mensagens apelativas que fomentam o uso efêmero dos objetos de consumo para que sejam substituídos rapidamente pelos modelos e versões que acabaram de ser lançados. “Com vergonha do seu celular”, “seu computador anda lento”, “emagreça sem sofrer”, “faça amigos agora mesmo” são emblemas do mercado que produzem a banalização do consumo como a solução para todos os problemas. Na sociedade de consumo, a imperativa aquisição das novidades do mercado imprime modos de desvalorização de produtos que rapidamente passam a ser qualificados como obsoletos e desatualizados, tornados descartáveis. Bauman (2007) destaca a velocidade, excesso e desperdício como atributos de manutenção da “síndrome consumista”- que promove a transitoriedade e o valor da novidade em detrimento da degradação da permanência e duração. As estratégias que visam instaurar o incremento do consumo interpelam o consumidor através da depreciação dos objetos adquiridos com o suor de seu trabalho, incutindo-lhe a idéia de que é necessária a substituição desses objetos ultrapassados que lhe trazem vergonha e constrangimento. A não participação nesse esquema incessante e veloz do consumo produz modos de exclusão legitimados pelo discurso da defasagem que configura a contemporânea angústia de permanecer defasado, de tornar-se dispensável. A subjugação da subjetividade e afetividade pelas leis que regem o mercado gera novas modalidades de sofrimento psíquico atrelado à dificuldade em estar sempre atualizado, adaptado à flexibilidade exigida pelo mercado. Bauman (2007) aponta a flexibilidade como o lema do cenário líquido-moderno onde os mecanismos de ação mudam num piscar de olhos, antes mesmo de se consolidarem em hábitos: “todas as formas devem ser maleáveis, todas as condições, temporárias, todos os formatos, passíveis de remodelagem. Reformar, de modo obsessivo e devotado, é tanto um dever quanto uma necessidade”. (Bauman, 2007, p. 124).

A má alimentação nas rápidas passagens no *fast-food*, stress, depressão, o distanciamento da família e dos amigos, distúrbios do sono, a sensação de que as 24 horas do dia já não são suficientes, tédio, são sintomas que afligem os sujeitos contemporâneos e sinalizam o preço que se paga pelo envolvimento na árdua tentativa de se ajustar às novas exigências do mercado, por sermos tomados pela corrente da efemeridade dos acontecimentos que nos arrastam com tal velocidade que nem permite que nos demos conta de para onde estamos sendo levados e de qual o sentido do turbilhão de estímulos ao qual estamos expostos cotidianamente na sociedade de consumo. As regras do regimento econômico incidem de maneira determinante sobre o modo como nos relacionamos, como dispomos nossas energias. A estratégia do mercado em dirigir-se ao consumidor enquanto sujeito que precisa sempre sair na frente na corrida pelo sucesso e distinguir-se dos demais através da aquisição de produtos que reforçam a sua singularidade, induz a preocupação exclusiva com a realização pessoal. O estilo de vida consumista estimula os sujeitos a empenharem-se com exclusividade na busca pelo sucesso particular, desconsiderando a condição do outro, que é antes, visto como um potencial concorrente. A facilidade e rapidez com a qual se pode desfazer um relacionamento na internet contribuem para o crescente rebaixamento do outro que pode ser “deletado” da mesma maneira como um objeto é descartado no lixo. Bauman (2007) demonstra que o estímulo à rápida substituição dos objetos que deixaram de ser lucrativos bem como ao uso efêmero dos bens materiais faz com que a remoção do lixo e a ameaça em tornar-se dispensável à maneira como se descarta um objeto na lixeira sejam os principais desafios a se enfrentar na sociedade de consumo. O incentivo à rápida circulação dos produtos encurta a vida útil destes, favorecendo a aceleração do momento em que são destinados ao depósito de lixo. A vida volátil e efêmera dos objetos de consumo constitui a garantia do abundante acúmulo de detritos, alicerça a

condição sólida e estável do lixo. Bauman (2007) destaca a indústria do lixo como a mais promissora e imune a crises e lamenta o fato de que na sociedade de consumidores “só o lixo tende a ser (infelizmente) sólido e durável. ‘Solidez’ agora é sinônimo de ‘lixo’” (p.118). Na sociedade de consumo, onde todas as esferas da vida social são capitalizadas, também as relações humanas tendem a ser transitórias, largadas no esquecimento tão logo não sejam aprovadas pelo nível de satisfação exigido. Em meio à volatilidade dos acontecimentos, os sujeitos encontram-se aflitos, com medo de serem dispensados pelo não ajustamento às flexíveis prerrogativas de inserção no mercado que exige habilidades e conhecimentos diversificados. A fim de não se tornar desprezível, eliminado do jogo no qual a constante atualização é determinante, há uma crescente desagregação dos vínculos humanos que são deixados em segundo plano, para se trilhar solitariamente as incertezas do percurso no sentido do sucesso e realização pessoal. A fragilidade dos laços e esmorecimento da solidariedade são efeitos impiedosos da selvageria cotidiana do cada um por si que imprime a falta de tempo e disposição para o outro. Os relacionamentos também possuem vida curta no atual contexto de exaltação ao desapego e esquecimento, onde somente o lixo tende a se acumular. Bauman (2007) alerta que o mercado opera a favor da decomposição das relações através de estratégias insidiosas que oferecem possibilidades de atuação por atalhos tecnológicos que substituem a utilização das habilidades pessoais bem como a sinergia da cooperação amigável e das negociações com base na camaradagem.

O mercado agora atua como intermediário nas cansativas atividades de estabelecer e cortar relações interpessoais, aproximar e separar pessoas, conectá-las, datá-las e deletá-las do diretório de texto. Altera as relações humanas no trabalho e no lar, no domínio público assim como nos mais íntimos domínios privados. Reorienta e redistribui os destinos e itinerários das buscas existenciais de modo que nenhuma delas possa evitar a passagem pelos shopping centers. (Bauman, 2007, p.116-117.).

O mercado não somente capitaliza instâncias da vida social que antes não estavam à venda, como também intervém diretamente sobre a dinâmica da constituição das relações intersubjetivas. As relações humanas estão submetidas não somente à tirania da competição, mas também a dispositivos tecnológicos que dispõem de maneiras formatadas para estabelecer vínculos. Tudo isso contribui para um cenário precário de fabricação de modos de relacionar-se. O mesmo automatismo que facilita a relação entre pessoas na internet promove o desligamento automático dos vínculos que nunca foram desfeitos com tamanha facilidade e descomprometimento. A internet inaugura novas modalidades de relacionamentos que dispensam maior grau de envolvimento e responsabilidade pelo outro e degradam a qualidade processual das relações afetivas. Os serviços de relacionamentos que pululam na internet produzem o engodo de que vínculos afetivos se constituem de modo simplório e rápido, assim, não há lugar mais propício e eficiente para aumentar a rede de amigos nesse exato instante do que a internet. As chamadas atrativas “faça amigos agora mesmo”, “namore ainda hoje”, que pairam nos cenários oscilantes dos *sites* da internet incutem a idéia de que não se pode perder tempo, afinal relacionar-se nos dias de hoje é tarefa muito simples, os amigos encontram-se logo ali, ao alcance de suas mãos, ou melhor, do mouse que encontra-se em suas mãos; se você está sozinho no sofá de casa, além de solitário, você é antes, um incompetente.

Esses dispositivos tecnológicos que modelam e fabricam relações instauram o desvirtuamento da temporalidade e complexidade próprias dos relacionamentos afetivos. Na busca por relações fáceis, desprezam-se as nuances, a complexidade e também os riscos envolvidos no movimento de abertura ao outro; corrompe-se a qualidade dificultosa e agonística da condição intersubjetiva. A lógica do “quanto mais rápido e fácil melhor” contida nos anúncios do tipo “faça amigos agora mesmo sem sair

de casa” degenera o caráter processual dos relacionamentos afetivos – o que perverte a qualidade inter-humana da amizade em meros atributos de consumo. A perversão da amizade em mercadoria comprável revela um sintoma extremamente sério de brutal desqualificação e degradação das relações afetivas, um cenário gravíssimo de mortificação da condição mesma de humanidade. Contudo, esse contexto gritante de aviltamento da afetividade, de impiedoso esgarçamento do tecido afetivo, soa apenas como mais um efeito banal em tempos de abundantismo da violência. A depreciação da amizade e a cotidiana banalização do outro revelam uma degradante situação de carnificina da alteridade que pode ser indicada no seguinte anúncio, não menos inquietante: “*site* vende amigos para *sites* de relacionamento social”. Em presença da dilacerante chamada não há como não ser capturado por um sentimento desconcertante que desponta como um nauseoso entorpecimento, tamanha a desolação. O repugnante anúncio foi noticiado no dia 4 de dezembro de 2006 no *site* brasileiro <http://www.terra.com.br> que sem tecer maiores comentários restringe-se a destacar que um *site* americano vende “amigos” fictícios com corpos atléticos para que sejam exibidos em *sites* de relacionamentos, com vistas a aumentar a popularidade do infausto comprador. O desonroso serviço “falsifique o seu espaço”, pelo equivalente a R\$ 4,3 mensais, garante a privacidade dos assinantes que podem escolher seus “amigos” e receber deles um recado semanal semelhante aos *scraps* do Orkut, assegura a incauta notícia (disponível na web através do link <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI1282899-EI4802,00.html>). O referido *site* brasileiro atem-se a noticiar a venda de amigos sem nenhum questionamento sobre o caráter farsante e inescrupuloso deste tipo de serviço, limitando-se a apresentar ao internauta uma enquete tão infeliz quanto o conteúdo da informação que veicula, assim descrita: “Você compraria amigos para aumentar a sua popularidade no Orkut ou em

outro *site* do gênero?” Pergunta para qual pode-se votar através das seguintes opções: com certeza; claro que não. Tal abordagem simplória (em anexo a este trabalho) que soa como uma piada sem graça é tão preocupante e pode gerar efeitos tão nefastos quanto a própria banalização do outro como artefato de compra que a notícia informa. Pois para os olhares mais desatentos a apresentação descaradamente “neutra”, que não toma partido sobre a perversa comercialização da amizade é tomada como mais uma banal divulgação de uma novidade do mercado, como mais um serviço atrativo em voga. As novas alarmantes modalidades de capitalização da amizade não param por aí. Em 30/05/09 o *site* brasileiro <http://www.ig.com.br> anuncia outro serviço não menos assustador, através da infame chamada: “Se você não tem amigos e sofre com a solidão, seus problemas acabaram! Agora já é possível contratar um amigo para estar sempre ao seu lado”. A inaudita matéria¹ intitulada Amigos de Aluguel (em anexo ao trabalho) destaca que é possível alugar um amigo como companhia para os mais inusitados passeios, eventos, viagens e baladas. O *site* Amigos de aluguel (<http://www.amigosdealuguel.com.br/>) é apresentado como solução para os solitários, bem como para os jovens tímidos com dificuldade de sociabilizar-se que agora podem ‘alugar um amigo’, por cerca de R\$ 150 reais por hora, caso queiram conversar com alguém, tenham uma festa para ir, ou estejam cansados de almoçar sozinhos. Tal desvirtuamento da amizade revela um cenário degradante de rebaixamento da condição humana de compartilharmos o mundo com outros. A absurdidade do aluguel de amigo é da ordem do vilipêndio em cogitar que a amizade tem preço. Ora, a palavra aluguel pressupõe tempo e preço determinados que não condizem com a gratuidade e generosidade próprias do gesto de amizade (Gomes e Silva Junior, 2007). A semântica da amizade concerne a um vínculo de diálogo numa condição de igualdade política, ou

¹ disponível na web através do link:

http://jovem.ig.com.br/oscuecas/o_que_rola/2009/05/30/amigos+de+aluguel+6408915.html

seja, o amigo é aquele com quem se pode conversar abertamente em uma relação horizontal (Gomes e Silva Junior, 2005, 2008), baseada em estima e confiança conquistadas, que não estão dadas mediante o pagamento do contratante ao contratado – leia-se o “amigo de aluguel”. Além disso, a qualidade política da amizade designa um vínculo aberto, de experimentação, cuja imprevisibilidade e indeterminação não condizem com a rigidez da relação contratual que impõe condições prévias de agendamento de roteiro, orçamento e depósito em conta bancária. O inescrupuloso serviço “amigo de aluguel” engendra a perversão do inestimável valor da amizade bem como da necessidade humana da companhia dos outros. O caráter perverso de tal embuste se configura ainda no apelo aos solitários e jovens que não conseguem se sociabilizar com facilidade, apresentando-se como solução aos seus problemas. No entanto, contratar uma companhia temporária não resolve as questões relativas à sociabilidade. Aqueles que sofrem com solidão, inseguranças, timidez devem procurar solucioná-las com a ajuda de um profissional qualificado para trabalho de acompanhamento psicológico no qual se busca o sentido destes problemas.

É com tamanha desfaçatez que a internet propicia práticas indignas de rebaixamento do outro e contribui para mediocrizar as relações afetivas. A versão consumível das pessoas já se encontra disponível em vitrines que exibem suas respectivas fotos e perfis, em diversos *sites* brasileiros que oferecem serviços de relacionamento *on line*, para que sejam escolhidos por alguém que esteja sedento de vínculos. O mercado ao transportar a temporalidade voraz do consumo para as relações humanas confere à amizade atributos de mercadoria e desvirtua o tempo árduo e trabalhoso do processo inter-humano. A temporalidade da amizade em sua qualidade cultural diz respeito ao tempo de atenção cuidadosa ao cultivo da lavoura que caracteriza a semântica da palavra cultura. O processo de aperfeiçoamento humano

através da educação requer o movimento engajado de doação, tal como no trabalho árduo e dedicado do agricultor que cultiva a terra. Bosi (1987) ao analisar o tema cultura como tradição destaca que a raiz etimológica da palavra cultura é latina e vem do verbo *colo*, que significa “cultivar a terra”. No caso de Roma, que era uma civilização de raízes agrárias, a cultura está ligada semanticamente a um trabalho duro, a um trabalho de vitória sobre a natureza, no trato com a terra. Já o conceito grego de cultura, como também apontado por Bosi (1987), está ligado a *paidéia*: aquilo que se ensina à criança, ou seja, está voltado para a criança que deve ser trabalhada para transformar-se em adulto. Tanto o conceito grego de cultura quanto o romano possuem em si a idéia de um processo, a cultura é entendida como um resultado que se conquista. A degradação do caráter processual e cultural da amizade efetuada pelas instâncias do consumo articula-se ao fato, elucidado por Bosi (1987), de que na sociedade de classe a cultura é compreendida como uma mercadoria e não como um processo. Esta noção de cultura, Bosi (1987) chama de reificada, ou seja, a percepção da cultura como ter acesso a uma série de objetos destinados ao consumo. O conceito reificante de cultura como mercadoria segrega as pessoas e impede o acesso à democracia. Bosi (1987) defende que o projeto de cultura numa sociedade democrática articula-se com a transformação da noção de cultura como uma soma de objetos, para a compreensão da cultura como o “fruto de um trabalho”.

A possibilidade de operar rápidas transações comerciais sem limites geográficos, bem como a capacidade de difusão de produtos e serviços em escala global constituem a internet como mola propulsora da aceleração do consumo a partir da instigação da venda de produtos articulados à qualidade imaterial dos afetos e da subjetividade. A internet se configura como um eficaz dispositivo de fomentação do consumo tendo como base a manipulação dos afetos que não só reforça a fragilidade dos laços e a

banalização do outro como produto descartável, mas também produz novos artifícios para retroalimentar esse engenhoso esquema comercial. O marketing viral compõe uma nova estratégia de apreensão da semântica da amizade para difundir o estímulo ao consumo de modo rápido e virótico na rede. A publicidade encontrou na internet um meio fecundo e promissor de operacionalização de suas metas. A presença pululante de propagandas e anúncios na internet revela a abrangência de setores do comércio e de prestação de serviços que convergem para este veículo capaz de multiplicar a propagação de produtos disponíveis no mercado. O marketing viral constitui a nova modalidade de disseminação do consumo que se utiliza da semântica da amizade. A divulgação de uma novidade recém lançada no mercado destinada aos e-mails de vários amigos, que por sua vez repassam para suas respectivas listas de amigos, configura uma eficaz rede de impregnação do consumo sem alto custo e de alcance virótico. Os *sites* da internet estão excessivamente preenchidos por anúncios saltitantes com cores, mobilidade e sonoridade vibrantes que já vem com link envie para um amigo, ou indique para um amigo. Mais uma vez a instigação do consumo é operada via apropriação do registro imaterial das relações afetivas.

A incorporação da semântica da amizade, como também o advento das relações de amizade virtuais no cenário fugaz e comercial da internet não representam o desvirtuamento da condição genuína da amizade que necessita de tempo e generosidade não condizentes com a voracidade e ganância dos substratos comerciais? A velocidade e o acirramento do consumo constitutivos da adequação da amizade à logística comercial predominante na internet são atributos que corrompem a qualidade intersubjetiva da amizade em detrimento do vampirismo inerente aos requisitos que regem o ato de consumir. Em que medida, a fugacidade própria das operações na internet compõe um terreno propício à tessitura de vínculos de amizade com o vigor da solidariedade? A

navegação na internet condiz mais com o sentimento de desamparo próprio da condição do navegante à deriva que avista o horizonte solitariamente, do que com o movimento envolvente e corajoso do aventurar-se na companhia de um amigo. A possibilidade rápida e fácil de estabelecer conexões e desconexões entre pessoas no ciberespaço distorce a temporalidade e a qualidade agonística da relação intersubjetiva entre amigos. As novas estratégias de captura do consumidor através do manejo do registro da subjetividade e afetividade articulam-se à atual subordinação das relações afetivas à ordem econômica.

Com sua sagaz análise dos problemas que a atual configuração do sistema capitalista imprime no ser humano, Bauman (2004, 2007) chama atenção para a fragilidade dos laços e rebaixamento da política como conseqüências perigosas da transposição dos fundamentos sugeridos pela síndrome consumista para o âmbito da vida social. A busca da compreensão das vicissitudes do consumidor atual simplesmente pela análise da lógica do consumo é ineficiente, uma vez que os seres humanos são e sempre foram consumidores, ao invés disso, Bauman (2007) sinaliza que é necessário atentar para a novidade de caráter social: o consumo (atividade essencialmente individual e solitária) transposto para o advento da sociedade de consumidores. O que caracteriza a sociedade de consumidores é que a “síndrome consumista” passa a ser o parâmetro de todas as ações e estruturas que fundam o ambiente social. Na sociedade de consumo, as pessoas passam a ser julgadas e avaliadas por suas habilidades e comportamentos relacionados ao consumo e as relações intersubjetivas são moldadas à semelhança das mercadorias, segundo os princípios sugeridos pelo consumismo.

Bauman (2007) ao analisar a liquidez da existência contemporânea ressalta que o logro, o excesso e o lixo são as bases que garantem um bom funcionamento e a

sobrevivência dessa sociedade de consumidores. A produção de um discurso ilusório que promete a tão sonhada felicidade constitui a nova insídia do mercado. As estratégias contemporâneas de incremento do consumo fomentam a ilusão de que o consumidor ao adquirir determinados produtos permanece ileso aos riscos da violência urbana, ganha prestígio entre os amigos, garante a felicidade de sua família, realiza sonhos, conquista liberdade, etc. “Pão de açúcar lugar de gente feliz”, “seja você mesmo, beba Fanta”, “o mundo é dos nets”, o crédito do banco amigo, são insígnias do mercado direcionadas ao espectador não só como consumidor potencial, mas fundamentalmente enquanto subjetividade e visam fomentar o consumo através de sugestões que operam no registro das sensações, das relações afetivas e sentimentos.

O mercado visa capturar o consumidor enquanto singularidade colocando à sua disposição uma série de produtos que são vendidos como a solução para todos os problemas, anseios e aspirações. Os novos mecanismos de armazenamento de dados sobre os hábitos de consumo, advindos com a internet, instauram modos personalizados de atendimento que buscam satisfazer as particularidades de cada cliente, na tentativa de refinar cada vez mais o ajustamento da oferta de produtos de acordo com o perfil do consumidor. Rheingold (1996) sinaliza que os dossiês com nossos dados pessoais e práticas de consumo constituem uma espécie de informação invisível que representa uma mina de ouro para os que se interessam em ganhar dinheiro através da venda da informação de qual revista assinamos, o que costumamos comer, quais lugares freqüentamos, etc. Quem, nos dias de hoje, não se intrigou ao receber propagandas de cursos e workshops de instituições desconhecidas, ou até mesmo, panfletos e anúncios promocionais de lojas nas quais nunca estivera presente, que chegam a caixas de correio e de e-mail? Para antecipar possíveis compras trata-se de oferecer aquilo que melhor se adéqua aos gostos e interesses do cliente que facilmente se renderá aos “irresistíveis”

produtos. A comodidade e privilégios dos atendimentos personalizados trazem consigo o cinismo de serviços que não são nada amistosos e buscam apenas a adesão do consumidor aos seus produtos, de preferência durante toda a sua vida, como pretende a mais nova categoria do cliente fidelidade. Dirigir-se ao consumidor enquanto sujeito singular é a nova ordem do mercado para promover o engodo de que é somente através do consumo que é possível realizar sonhos, concretizar projetos pessoais e distinguir-se dos mal-sucedidos no percurso competitivo da ascensão social. Ser feliz é um projeto que precisa ser freqüentemente renovado pelas constantes idas ao shopping centers onde sempre se encontram produtos em excesso, garantindo a plena satisfação de desejos até mesmo em suas versões mais inusitadas e exóticas. Trata-se de adquirir uma infinidade de artefatos que constituem detalhes imprescindíveis para expressão da singularidade e realização pessoal. O mercado fomenta a busca incessante da singularização através do consumo de diversos produtos que precisam ser adquiridos e rapidamente substituídos para satisfazer a reconfortante sensação de estar em dia com o movimento incessante de atualização da singularidade.

A luta pela singularidade agora se tornou o principal motor da produção e do consumo de massa. Mas, para colocar o anseio por singularidade a serviço do mercado de consumo de massa (e vice-versa), uma economia de consumo também deve ser uma economia de objetos de envelhecimento rápido, obsolescência quase instantânea e veloz rotatividade. E assim, também, de excesso e desperdício. A singularidade é agora marcada e medida pela diferença entre o “novo” e o “ultrapassado”, ou entre as mercadorias de hoje e as de ontem que ainda são “novas” e, portanto, estão nas prateleiras das lojas. O sucesso e o fracasso na corrida pela singularidade dependem da velocidade dos competidores, da destreza em se livrar prontamente das coisas que foram rebaixadas para a segunda divisão (...) (Bauman, 2007, pg. 36-37).

Definitivamente, vivemos um contexto degradante de mercantilização dos processos de vida, no qual até mesmo a condição vital do ser humano, expressa em sua singularidade, é usurpada pelos interesses de lucratividade do mercado. Submetidos à modelação de suas subjetividades e relações intersubjetivas pelos pré-requisitos do

consumo, os seres humanos não se diferenciam, ao invés, são igualmente desapropriados da possibilidade de envolverem-se de corpo e alma nos processos de criação de modos autênticos e genuínos de expressão e tessitura de relacionamentos. A falta de experimentação poética no cotidiano de devoração exaustiva e alienante das inovações tecnológicas é acompanhada pelo atrofiamento da criatividade nos sujeitos que se encontram desvitalizados e esmorecidos. A desvitalização e letargia dos corpos – atualizada na versão cyber-zumbi, constituem sintomas impiedosos de uma época marcada pela nefasta destituição da especificidade humana, em sua fascinante condição de ter esperança, na inspiradora possibilidade de sonhar. Os sonhos agora são produzidos, terceirizados pela inoportuna e ubíqua “marketização” dos processos de vida – sinalizada por Bauman (2007). Os sonhos disponíveis à venda, tornados mercadorias, não são vividos com a intensidade de quem frui uma legítima e árdua conquista, são adquiridos, portanto, consumidos e esquecidos com a velocidade banal e voraz própria do ato de consumir. Enquanto a felicidade e as peças do quebra-cabeça identitário surgirem somente sob a forma de artigos de “venda”, não podendo ser encontrados além dos shoppings, o futuro promissor do mercado está garantido... A usurpação da subjetividade pelo marketing está focada na ampliação das opções de consumo e em evitar a plena realização dos desejos, a fim de assegurar o movimento frenético e incessante de idas às compras na busca pelo produto necessário para renovação da identidade. O marketing visa manter a circulação dos consumidores no interior das lojas na busca esperançosa em se deparar com o verdadeiro emblema que irá atualizar seus “eus”. Bauman (2007) sinaliza que o marketing opera a favor da manutenção das constantes incursões ao shopping, e, portanto, sua perspectiva ideal é não fomentar a plena realização dos desejos, através da depreciação dos objetos que acabaram de ser adquiridos, depois que passaram a fazer parte do universo dos desejos

do consumidor. Assim, os habitantes da sociedade de consumo nunca estão plenamente satisfeitos, ansiosos em substituir os produtos que mal foram utilizados e passam a ser obsoletos e motivo de vergonha. A permanente insatisfação é impressa pela desvalorização dos produtos obtidos, ou seja, pela extinção dos desejos “antigos”, bem como pela composição de um círculo compulsivo e vicioso que pressupõe que a satisfação de toda vontade/desejo não pode deixar de provocar novas vontades.

O alvoroço da reciclagem identitária molda uma rotina exaustiva e solitária voltada para a constante adaptação aos produtos de última moda, na qual os sujeitos encontram-se perdidos diante do excesso de serviços que se mostram disponíveis em auxiliá-los e conduzi-los (cobrando o devido preço, é claro) nos caminhos sombrios e tortuosos da busca pela identidade. Bauman (2007) atenta que na sociedade de consumo as pessoas encontram-se atormentadas com o problema da identidade, esforçando-se cotidianamente por emancipação pessoal. No entanto, a busca desesperada pela individualidade e realização pessoal não constitui a solução dos problemas, antes traz frustração e sofrimento próprios de uma tarefa que carrega uma contradição insolúvel. A tarefa da individualidade é incompatível com a condição de interdependência humana, e por isso mesmo, esvaece as necessidades sociais de uns pelos outros, que nos humaniza; dilui-se a dimensão política de estarmos juntos compartilhando o mundo – o que nos torna humanos como ilumina Arendt (1993, 2002). Sennett (1999) destaca a ausência de confiança ou desconfiança ativa dos outros, como uma das nefastas conseqüências causadas pelas estratégias do regime neoliberal que visa destruir a interdependência humana. A corrida pela individualidade ao imprimir o progressivo enfraquecimento dos vínculos humanos ou a degradação da condição humana, só pode mesmo configurar uma perspectiva que traz consigo sofrimento e frustração.

A individualidade é uma tarefa que a sociedade dos indivíduos estabelece para seus membros – como tarefa individual, a ser realizada individualmente por indivíduos que usam recursos individuais. E, no entanto, essa tarefa é autocontraditória e autofrustrante: na verdade, é impossível realizá-la. (Bauman, 2007, p.29).

Lévinas (1993, 2005) aponta que a condição singular de cada ser humano possui uma dimensão social na medida em que o eu só se constitui e se reconhece enquanto sujeito a partir do outro, quando convocado a responder responsabilmente por este outro radical. Lévinas (1993) pensa o encontro com o outro como uma relação traumática, na qual a presença deste outro impele, comanda a partir do seu rosto uma responsividade- entendida como responsabilidade pelo outro. O caráter ético do conceito Levinasiano de rosto funda-se na compreensão de que seres humanos são vulneráveis uns aos outros, ao apelo do rosto do outro. A experiência de estar exposto a outrem implica já generosidade; o ser visitado por outro me traumatiza e me afeta, sendo impossível rescindir a responsabilidade por este outro. É no encontro agonístico com o radicalmente outro que o eu questiona-se e se desestabiliza, confirmando sua unicidade- na medida em que ninguém pode responder a esse rosto (ao outro) em seu lugar. A qualidade política da condição de interdependência humana, da qual nos fala Lévinas (1993, 2005) tem sido depreciada e destruída sob o disfarce do discurso da descoberta pessoal. O esmorecimento político, e a fragilidade dos laços humanos constituem os efeitos mais nefastos e imediatos da condição de efemeridade da existência que passou a ser capitalizada e exclusivamente voltada para a realização dos interesses individuais. Infelizmente, presenciamos um triste e aviltante contexto de mercadorização dos fenômenos de expressão de vida. Na sociedade de consumo cada vontade, desejo, necessidade traz um preço afixado, não se pode ter acesso às coisas a não ser comprando-as. As relações humanas, entre elas a amizade, o amor, a subjetividade humana em seus aspectos mais singulares, regidas pelos interesses do

mercado, moldadas pelos atributos dos objetos de consumo encontram-se desvitalizadas, esvaziadas de seu sentido mais genuíno, destituídas de sua potência de vida. No entanto, ser usado e consumido não condiz nem com o sentido dos vínculos afetivos nem com o critério de seu valor. O revigoramento da solidariedade, a companhia de amigos, o reavivamento do amor são os alimentos da alma mais urgentes, capazes de nos fortalecer e não permitir que esmoreçamos na difícil caminhada por terrenos irritantemente confusos e imprevisíveis, de normas flexíveis e valores flutuantes.

Num ambiente líquido, imprevisível e de fluxo rápido, precisamos, mais do que nunca, de laços firmes e seguros de amizade e confiança mútua. Afinal, os amigos são pessoas com que podemos contar quando precisamos de compreensão e de ajuda no caso de tropeçarmos e cairmos, e no mundo que habitamos até mesmo os mais rápidos surfistas e os mais lépidos skatistas não estão seguros quanto a essa eventualidade. (Bauman, 2007, p. 142).

Diante da lamentável cooptação das relações afetivas aos imperativos do consumo e da gravidade da degradação da condição humana, é justamente o vigor da solidariedade que os laços de amizade emanam que pode compor movimentos de resistência às tentativas de aniquilamento da qualidade que nos humaniza, além de disparar a renovação da esperança por modos outros de existir não condizentes com o processo de precificação generalizada da vida social.

3. SOBRE OS LAÇOS MEDIADOS NA INTERNET

É no âmbito dos relacionamentos que os impactos da internet apresentam maior visibilidade, o que leva Nicolaci-da-Costa (1998) afirmar que as relações mediadas pela internet ocupam o centro das discussões sobre as influências do ciberespaço. O presente capítulo traz uma revisão da literatura com resultados das primeiras pesquisas sobre sociabilidade virtual, bem como uma discussão sobre a possibilidade do ciberespaço favorecer a composição de relações solidárias comprometidas com práticas de cidadania. Dado que a experiência intersubjetiva encontra-se no centro da compreensão contemporânea dos processos de constituição de subjetividade, configurando uma ética de imprescindibilidade do outro para a produção do si mesmo, este capítulo visa compreender e analisar quais as transformações os novos vínculos intersubjetivos travados na internet imprimem no âmbito da subjetividade dos sujeitos contemporâneos. As questões analisadas anteriormente revelam que o uso da internet para fins de sociabilidade suscitou várias reações negativas por parte de diferentes autores – que diante das novas possibilidades de interação em tempo real levantaram questionamentos sobre o risco de depreciação das relações face a face e do aumento da solidão e de casos depressivos.

No entanto, Castells (1999) destaca que a pesquisa acadêmica ainda não pode assegurar conclusões sólidas sobre os efeitos das novas interações, pois os relacionamentos mediados pela internet correspondem a um fenômeno social extremamente recente. Segundo este autor, ainda que haja um empenho de um número cada vez maior de pesquisadores, ainda não existe clareza sobre o grau de sociabilidade que ocorre nas interações eletrônicas, bem como não há uma segura compreensão das conseqüências sócio-culturais das novas formas de sociabilidades instauradas pela internet.

É sobre esse cenário de escasso material empírico que passaremos a focalizar nossa atenção. Se a quantidade de pesquisas sobre as novas relações estabelecidas através da internet ainda constitui uma tímida representatividade, a escassez de trabalhos sobre o assunto torna-se ainda mais marcante no caso do Brasil. O presente trabalho, portanto, se insere no atual movimento de buscar decifrar as implicações éticas e políticas das novas formas de sociabilidades - atentando para os laços de amizade, que pululam no ciberespaço e na cultura contemporânea, mais especificadamente no contexto sócio-econômico-cultural brasileiro.

Castells (1999) relata que durante a década de 1990 as questões que dominaram as discussões sobre as dimensões sociais da internet estavam pautadas no questionamento se a internet favoreceria a criação de novas comunidades ou se estaria induzindo ao isolamento pessoal, enfraquecendo os vínculos com o mundo “real”.

Segundo Castells (1999) atualmente os temores em relação ao esmorecimento da vida social estão fora de contexto, uma vez que pesquisas têm demonstrado que os relacionamentos virtuais não substituem as relações face a face – como nos mostram os trabalhos de Wellman (2004) e Nicolaci-da-Costa (1998, 2005).

Castells (1999) cita o trabalho de Wellman (1999) para demonstrar que redes *on line* que inicialmente possuem qualidade instrumental e especializada, nas quais os usuários da internet ingressam por interesses e valores comuns, com o passar do tempo passam a oferecer apoio material e afetivo. Castells (1999) aponta que a interação no ciberespaço é “tanto especializada/funcional quanto ampla/solidária”.

Com relação à sociabilidade na web, Castells (1999) ressalta a distinção entre os laços fracos e os laços fortes. De acordo com o autor, a internet é especialmente adequada para a criação de “laços fracos múltiplos”. Para Castells (1999) a vantagem da rede está na possibilidade de estabelecer esses laços fracos – que são úteis na troca de

informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo, com desconhecidos numa interação igualitária na qual as características sociais são menos determinantes para o estabelecimento da comunicação.

De acordo com Castells (1999) tanto na rede como fora dela, os laços fracos facilitam a ligação entre pessoas de diferentes características – o que possibilita a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que ainda tem como características predominantes o individualismo e o esmorecimento cívico. Nesse sentido, Castells (1999) afirma que no contexto de alto desenvolvimento tecnológico, a internet favorece a ampliação e intensidade desses inúmeros laços fracos que produzem uma fundamental estrutura de interação entre as pessoas. Este autor aponta que existem indícios substanciais de solidariedade nas relações constituídas na rede, mesmo entre os laços fracos.

Recuero (2005) em seu estudo sobre redes sociais na internet, também faz referência aos laços fracos e fortes, especificando que os laços fortes são os que envolvem intimidade e proximidade, enquanto os fracos caracterizam-se por relações esparsas que não pressupõem vínculo íntimo e próximo. Em nossas análises não faremos referência as noções de laços fracos e fortes, ainda que alguns autores as utilizem para abordar formas de sociabilidade na internet. Essa distinção não nos interessa na medida em que pressupõe uma gradação do vínculo (há laços mais fortes que outros). Além de não considerarmos conveniente uma escala gradativa dos vínculos, como se fosse possível aferi-los, ou mesmo, qualificá-los em fracos ou fortes, em nosso estudo sobre as amizades virtuais não convém considerar graus diferenciados de proximidade e intimidade, uma vez que a concepção da qualidade política da amizade não pressupõe necessariamente intimidade, além disso, nas relações de amizades mediadas pela internet as noções de intimidade e proximidade são

relativizadas. Nicolaci-da-Costa (1998) relata que a facilidade e rapidez dos recursos da internet trazem novas possibilidades para a manutenção de relacionamentos antigos, como a troca de mensagens via e-mail ou *chat* que permitem a familiares e amigos compartilharem o seu cotidiano, sustentando a sensação de proximidade e intimidade apesar da distância.

Os relatos de internautas brasileiros obtidos pela pesquisa de Nicolaci-da-Costa (1998) revelam que os recursos da web, como e-mails e conversas *on line* são utilizados para cultivar e aprofundar as relações de amizade.

Esta é certamente uma nova forma de aprofundar e manter amizades. Mas é uma forma que integra a realidade virtual, responsável pela sensação de proximidade apesar da distância, àquilo que é por nós vivido como a realidade “real”, ou seja, aquela em que vivemos e na qual já nos relacionávamos e ainda provavelmente voltaremos a nos relacionar, com nossos amigos “reais” e/ou familiares que agora estão distantes. (Nicolaci-da-Costa, 1998, p. 215).

Além do uso da rede para o fortalecimento de relações já existentes, Nicolaci-da-Costa (1998) demonstra que os recursos da internet também são utilizados para conhecer novas pessoas e fazer novas amizades. Um aspecto interessante revelado por esta autora é o fato de que as relações travadas *on line* abrem inúmeras possibilidades e são consideradas como meio de suprimir a solidão e de relacionar-se de maneira mais livre, sem censura, já que no ambiente virtual existe a proteção pelo anonimato e pela relativa ausência de restrições sociais.

Diferentemente das concepções de alguns autores que associaram o uso da internet com o risco do isolamento e da depressão, Nicolaci-da-Costa (1998) demonstra que as relações no ciberespaço são associadas com o combate a solidão e destacadas como relacionamentos mais íntimos e profundos do que muitos que se estabelecem no cotidiano fora de rede.

Outro aspecto demonstrado por Nicolaci-da-Costa (1998) é que a interação via web favorece o autoconhecimento, pois ambas as partes envolvidas se dão a conhecer

de modo menos contido e ao falar de si para o outro, há uma revelação para si mesmo, além de que as reações do outro informam sobre o valor de si mesmo.

Paradoxalmente, no atual contexto onde a internet é um recurso tecnológico que contribui para reproduzir a supervalorização da imagem, os relatos da pesquisa de Nicolaci-da-Costa (1998) demonstram que as relações travadas no ciberespaço representam um excelente caminho para conhecer o íntimo e a alma de outras pessoas. Mais do que a aparência do outro, o que está em jogo nas relações virtuais é o conhecimento do outro em suas particularidades; o jeito de ser, e visões de mundo são mais evidenciados do que as características físicas, conforme destaca Nicolaci-da-Costa (1998). Nesse sentido, a autora afirma que aquele que é muito assediado por ser bonito, no relacionamento on line pode perceber que os outros apreciam suas outras qualidades como seu humor, inteligência e opiniões. E aquele que é rico não atrairá pessoas por seus bens materiais, poderá verificar o quanto atraem seus hobbies, seus interesses ou a sua sensibilidade.

Nicolaci-da-Costa (1998) destaca que as relações virtuais favorecem a experiência da importante sensação de pertencimento, ao possibilitar o contato entre pessoas com mesmos interesses ou que estão passando por um mesmo problema. A autora também relata que o sentimento de segurança favorecido pela proteção da tela do computador permitiu que alguns usuários, que se consideravam tímidos e inseguros, aprendessem a conversar de maneira mais solta e direta. Tais habilidades que foram inicialmente experimentadas via internet foram transferidas para os relacionamentos face a face desses internautas.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (1998) o usuário pode se beneficiar quando consegue estabelecer essa espécie de ponte entre o ambiente virtual e “real”, e dessa

forma a internet se constitui como um meio privilegiado de autoconhecimento, de processos de trocas e aprendizagens entre as pessoas.

A Internet pode funcionar muito bem como uma fonte de autoconhecimento; como um recurso para que encontremos pessoas com as quais possamos nos identificar, sejam quais forem os nossos problemas, gostos, inclinações sexuais, e com as quais podemos ter muito a aprender; como auxílio para a ruptura de preconceitos; como uma fonte inesgotável de informações a respeito de diferentes formas de viver, pensar e sentir, etc. Mas, para isso, o usuário tem que aprender a construir algum tipo de ponte entre a realidade virtual e a “real”. (Nicolaci-da-Costa, 1998, p.262).

Para Nicolaci-da-Costa (1998) o aspecto positivo dos relacionamentos virtuais não se constitui na fuga da realidade, mas sim na possibilidade de compor relações interessantes de trocas de experiências e informações não desvinculadas da realidade cotidiana fora da rede.

A intensidade de emoções que permeiam as relações no ciberespaço tem promovido sensações desconhecidas e inquietantes para muitos usuários que se sentem confusos e angustiados diante desse novo cenário onde pululam conflitos, dramas, alegrias, amor, fantasia, ciúmes, sedução, cooperação, companheirismo, intrigas, etc. Segundo Nicolaci-da-Costa (1998) no uso do ciberespaço, a dificuldade em lidar com os próprios sentimentos bem como os excessos gerados pela velocidade ciberespacial estão por trás do medo de enlouquecer ou de “ser sugado pelo virtual”.

Diferentemente de Nicolaci-da-Costa (1998) que ressalta os relacionamentos *on line* como intensos e favoráveis à supressão do isolamento, Wolton (2003) afirma que com a internet vive-se o que ele chama “era das solidões interativas”.

Segundo Wolton (2003) na atualidade a solidão é tão real quanto é doloroso o reconhecimento da dificuldade que há em entrar em contato com o outro. Para o autor, a obsessão cada vez maior em estar conectado ou ser sempre encontrável através do celular e da internet representa a elevação potencial das solidões interativas. As múltiplas conexões e interações via internet não garantem as habilidades para cultivar

relacionamentos, conforme destaca Wolton (2003). “Pode-se ser um exímio internauta e ter grandes dificuldades em estabelecer um diálogo com o vizinho do cibercafé” (p. 103).

A noção de solidões interativas ressaltada por Wolton (2003) sugere que o estabelecimento de relações através de uma tela de computador interligado à rede não pressupõe por si mesmo a eliminação das condições próprias do estar sozinho, também não asseguram necessariamente as habilidades para viver coletivamente. “Na realidade, sempre chega o momento em que é preciso desligar as máquinas e falar com alguém. Todas as competências que se têm diante da técnica não induzem em nada uma competência nas relações humanas” (p.103).

O volume cada vez maior de celulares, fones acoplados aos ouvidos quase que como uma extensão do corpo, a crescente ubiquidade da internet em diversos objetos portáteis revelam que os homens não estão necessariamente mais próximos e ligados uns aos outros, mas que continuam, segundo a visão de Wolton (2003), vivendo individualmente e distantes fisicamente, trata-se de um cenário de conexão entre pessoas solitárias.

Ainda que as relações mediadas pela internet não garantam as habilidades necessárias para o estabelecimento de vínculos humanos, conforme destaca Wolton (2003), não se pode deixar de analisar os efeitos que esses novos relacionamentos *on line* estão produzindo no cotidiano dentro e fora de rede. As comunidades virtuais ou redes sociais constituem novas formas de sociabilidade que emergem no ciberespaço com modos de interação e organização próprios.

3.1 Comunidades e outras expressões na internet: novos dispositivos de ação política

A atual interconexão generalizada no ciberespaço revela novas formas de associação e organização coletivas estruturadas a partir de uma diversidade de padrões.

As novas comunidades que proliferam na internet não são pautadas apenas pelas características de solidariedade, vizinhança e parentesco que determinavam o conceito tradicional de comunidade, esses são apenas alguns dos inúmeros aspectos possíveis das redes sociais. De acordo com Castells (1999) as comunidades virtuais são redes interpessoais, em grande parte pautadas em laços fracos, extremamente especializadas e diversificadas, que não possuem o mesmo modelo de comunicação e relação das comunidades físicas, e podem gerar apoio e reciprocidade dependendo da dinâmica da interação sustentada.

A imensa variedade de padrões que baseiam essas novas interações coletivas remete a uma transformação do conceito de “comunidade” em “rede social”, conforme destaca Costa (2005). Nesse movimento de mudança de perspectiva do conceito de “comunidade” para “redes sociais”, Costa (2005) demonstra que vários autores passaram a analisar desde os anos de 1990, o conceito empírico de capital social. A noção de capital social compreende a capacidade dos indivíduos de interagir com os que estão a sua volta, parentes, amigos, bem como a habilidade para acessar os que estão distantes. O autor afirma que capital social significa “capacidade de os indivíduos produzirem suas próprias redes, suas comunidades pessoais”.

As redes sociais na internet têm como princípio possibilitar a conexão e comunicação entre as pessoas, constituindo-se como importantes sistemas de interação social, que podem favorecer a composição de laços sociais. É comovente como Rheingold (1996) descreve a sua ligação emocional aos amigos que conheceu na comunidade virtual WELL (*Whole Earth Lectronic Link*), sistema de teleconferência por computador que permite a participação em conversas públicas e troca de correspondência privada via correio eletrônico. Ele relata a sua experiência como integrante da WELL com o entusiasmo próprio do florescimento de laços de amizades.

Rheingold (1996) narra através de sua própria experiência o quanto as relações travadas diante de uma tela de computador são contagiantes e imbuídas de emoção, podendo gerar conversas interessantes sobre os mais variados assuntos, além de possibilitar encontros pessoais frutíferos de saídas e festas fora da internet, bem como vínculos duradouros de amizade. O autor relata o quanto se contagiou pela maneira como as pessoas da comunidade estreitam seus laços afetivos e se vinculam não somente através de trocas de informações úteis, mas compõem uma rede de solidariedade e apoio emocional. Em suas cotidianas horas dedicadas à WELL diante do computador, Rheingold (1996) diz emocionar-se com as histórias que o faz rir ou mesmo chorar, até mesmo ficar atônito como quando tomou conhecimento de que um amigo soubera recentemente que o filho tinha leucemia. Rheingold (1996) demonstra o quanto as mensagens de apoio e gestos de solidariedade constituem uma rede de suporte emocional de valor inestimável para pessoas e famílias que vivenciam situações difíceis como a que seu amigo vivenciara com a doença do seu filho. A experiência de Rheingold (1996) revela que uma comunidade virtual pode configurar-se como espaço para discussões filosóficas como também constitui uma rede de compartilhamento de experiências genuínas como o cuidado e educação dos filhos. Os pedidos de ajuda e dúvidas solicitados nesse espaço virtual além de serem rapidamente atendidos, muitas vezes instantaneamente, estão envoltos num ambiente solidário que incute o sentimento de segurança e confiabilidade para o receptor da informação solicitada. Essa formidável dimensão de receber a informação certa no momento exato, além de compor vínculos de ajuda que contribuem para a resolução de problemas, favorece a tessitura de uma rede de solidariedade com a tenacidade própria da rica diversidade de conhecimentos e subjetividades que se entrecruzam. É desse admirável apoio que chega sem a prerrogativa de familiaridade e intimidade que Rheingold (1996) nos fala ao relatar que

conseguiu se livrar de uma carraça na cabeça de sua filha, então com 2 anos, antes mesmo de sua esposa conseguir falar com o pediatra, através da resposta que obteve em minutos na WELL:

Não só achei extraordinária a rapidez com que obtivemos a informação necessária na altura exacta, como tive uma imensa sensação interior de segurança ao contatar que existem pessoas reais – maioritariamente pais, mas também alguns enfermeiros, médicos e parteiras – disponíveis vinte e quatro horas por dia, em caso de necessidade. A atmosfera desta conferência está particularmente envolvida por uma redoma protectora mágica: este fórum destina-se a falarmos dos nossos filhos, e não dos nossos computadores ou opiniões filosóficas, sendo este entendimento tácito encarado por muitos de nós como uma santificação do espaço virtual. (Rheingold, 1996, p.33).

Essa dimensão edificante da comunidade virtual, destacada por Rheingold (1996) não nos fala senão do gosto pelo outro sem a prerrogativa de intimidade e familiaridade, da possibilidade de acolhimento e diálogo com o outro radical, da amizade como abertura ao outro em sua alteridade numa relação de igualdade política – como compreendem Arendt (1993) e Derrida (1997)? É a possibilidade da composição de um ambiente solidário, no qual as pessoas estão dispostas a se ajudarem e podem ser ouvidas e até mesmo consoladas que qualifica o engrandecimento da comunidade virtual – relatado por Rheingold (1996). Além da formação de laços genuínos de amizade e do apoio emocional, outro importante valor deste tipo de coletividade virtual, ressaltado pelo autor, é a variedade de conhecimentos intelectuais compondo uma espécie de “enciclopédia viva” que favorece o compartilhamento de saberes entre as pessoas motivadas pela cooperação.

Rheingold (1996) igualmente a Lévy (2003) acredita que as relações mediadas pelo computador podem favorecer o exercício democrático de trocas de informação e conhecimentos bem como potencializar o debate de idéias num contexto de igualdade de expressão e reconhecimento do outro em suas habilidades. Ambos os autores valorizam o ciberespaço essencialmente enquanto atividade política. Rheingold (1996)

relata o quanto a sua navegação no “mar das comunidades virtuais” trouxe transformações em sua vida, trazendo-lhe amigos e preocupações diferentes. O autor diz ter se contagiado pela maneira como as relações via computador são permeadas de afetos e possibilitam um alargamento do seu leque de conhecimentos. “Fui colonizado; o meu sentido de família ao nível mais fundamental foi virtualizado.” (Rheingold, 1996, p.24). A comunicação mediada por computador, de acordo com a experiência de Rheingold (1996), além de gerar transformações significativas no âmbito da subjetividade, produz alterações também na esfera das relações intersubjetivas, das amizades e das comunidades, bem como no campo político para o qual os meios de comunicação exercem papel decisivo nas sociedades democráticas.

A relevância política da comunicação mediada por computador resulta da possibilidade de compor modos de enfrentamento e recusa aos meios de comunicação dominantes que filtram e editam as informações de acordo com seus interesses. As novas tecnologias da informática instauram outras mídias não motivadas por interesses comerciais que potencializam a livre comunicação e discussão entre as pessoas, não cooptadas pelos aparatos manipuladores de convicções das mídias dominantes. Mackinnon (2004) demonstra que a comunicação de notícias tem deixado de ser domínio exclusivo de jornalistas. Qualquer cidadão em qualquer parte do globo que tem um computador conectado à internet pode criar sua própria mídia interativa de notícias. Este novo tipo de mídia que inclui *weblogs* bem como *chats*, sistemas de comunicação *wireless* via telefones móveis, tem se tornado conhecido como “mídia participativa *on line*”. A mídia interativa e participativa representa uma mudança de paradigma na medida em que a informação pode ser distribuída e difundida. De fato, uma série de práticas na internet, já denominadas ciberativismo, os vários tipos de *blogs*, têm constituído uma alternativa, na qual pululam análises e discussões de acontecimentos

que não foram repercutidos na mídia prevalecente. Mackinnon (2004) relata que as diversas formas de produção coletiva de informação no ciberespaço, dentre elas os *blogs*, tornam possível uma ampla cadeia de atividade jornalística não motivada comercialmente, o que não é possível sob o modelo da mídia tradicional. A diversidade de *blogs* que fervilham na internet além de constituir uma fonte de informação “alternativa” de eventos e questões que a mídia predominante esqueceu ou escolheu ignorar, capacita a comunicação entre cidadãos em diferentes países, sem a necessidade de prévio conhecimento, e sem a mediação de governo ou mídia comercial. As novas formas de comunicação na web que desafiam os meios de comunicação dominantes também mobilizam as pessoas a discutirem e a contribuírem com suas próprias informações e insights de maneira mais pública e direta do que eles podem fazer através da mídia convencional. A participação nesses coletivos de discussão possibilita a absorção e processamento da informação em um nível maior de complexidade, na medida em que a análise da informação bem como a escrita para o fórum público supõe articulação do pensamento e engajamento. De acordo com Mackinnon (2004), a grande novidade da mídia participativa é a sua capacidade para vincular rapidamente, agregar e compartilhar informação de um vasto número de fontes; derivar significado deste emaranhado de conhecimentos através de comentário; gerar espontaneamente comunidades de discussão *on line* acerca de qualquer fato; possibilitar comunidades de discussão sobre uma questão particular visando à multiplicação e modificação desta, de maneira rápida, virótica e auto-reprodutora.

Por criar novas oportunidades de superação de fronteiras, de comunicações cidadão-cidadão, *blogs* e outras formas de mídia participativa estão sendo compreendidos por alguns autores como veículos promissores para ativismo não-governamental e diplomacia cidadã, conforme aponta Mackinnon (2004). Embora os

weblogs não constituam o principal foco de interesse desse trabalho, não se pode deixar de constatar que o *blog* representa uma mudança de paradigma para um novo modelo de comunicação participativo, altamente politizador na medida em que promove uma resistência a um regime totalitário no qual uma minoria controla os meios de comunicação, e mobiliza o cidadão a envolver-se de forma crítica e responsável com a questão do acesso à informação – que lhe é antes de tudo um direito. Portanto, os novos modelos de comunicação instaurados pelo advento da internet, dentre os quais os *weblogs*, as comunidades virtuais, constituem novas formas de relações intersubjetivas que favorecem a experimentação de práticas cívicas que dizem respeito à qualidade política da amizade. Em entrevista desconcertante Eugênio Bucci (2005) resgata o sentido mais genuíno de cidadania ao atentar de modo louvável que o direito à informação é tão fundamental quanto o direito à educação, à moradia, ao trabalho e à saúde. Bucci (2005) alerta para o fato de que o esquecimento do direito à informação, de forma velada ou proposital, leva ao entorpecimento daquilo que capacita o sujeito a mobilizar-se para o exercício pleno de sua condição de cidadão, fazendo com que ele delegue o seu poder.

Às vezes nos indignamos- muito menos do que devíamos – quando vemos uma pessoa sem casa, mas não nos indignamos quando vemos uma pessoa sem acesso à informação. Porque ela é analfabeta, ou porque é analfabeta funcional, ou porque não tem dinheiro para comprar veículos de informação. Enfim, isso não faz parte de nossa cultura política, e isso é mais do que gravíssimo, isso é central para quem quiser entender a democracia no Brasil. (Bucci, entrevista publicada na revista Caros Amigos, outubro, 2005).

3.2 Relações mediadas na internet e experimentação política da amizade

Diante da gravidade do não acesso a informações importantes para o desempenho da cidadania – o que produz condições tão aviltantes como no caso do não acesso à saúde e à educação, as novas mídias de caráter participativo que instauram a

livre comunicação entre os cidadãos, favorecendo a participação comprometida com a questão do acesso à informação, constituem uma importante alternativa de resgate de um direito depauperado – condição que supõe o movimento próprio de experimentação política da amizade. A rede de cooperação que sustenta discussões em comunidades ou outros espaços virtuais, a possibilidade de dialogar com o outro em sua radical alteridade que pode instaurar desde uma produção coletiva de um texto, ou a composição de laços afetivos de amizade, até mesmo a irrupção de ações políticas inovadoras, não representam a condição mesma de experimentação política da amizade que requer o gesto de abertura ao outro do qual pode surgir a qualidade do surpreendente e inesperado? A existência do diálogo e laços afetivos na internet não supõe o gosto pelo outro sem a necessidade de familiaridade, o gesto de abertura e acolhimento próprios da qualidade política da amizade que gera transformações e deslocamentos propícios à inauguração de ações inéditas? O estabelecimento de novas relações através do computador, de fato, só acontece se partir desse gesto inicial de abertura ao não conhecido, do desprendimento em permitir-se ser afetado por esse espaço dialogante com o outro em sua alteridade que é sempre desestabilizador e pode variar pontos de vista fixos. As trocas de informações e experiências nas comunidades e outros espaços virtuais favorecem o alargamento de opiniões próprio da qualidade política da amizade que permite olhar o mundo a partir de um outro ponto de perspectiva.

Para Arendt (1993), a mais importante das virtudes políticas é a amizade. A relação de amizade se configura como espaço privilegiado do agir e do falar – experiências eminentemente políticas e inter-humanas. O aspecto político da amizade pode assim ser indicado no fato da relação de amizade configurar-se como espaço discursivo privilegiado no exercício de considerar a opinião do outro (Arendt, 1993). A

experiência discursiva da amizade configura-se por uma condição de “circulação horizontal” de palavra- termo utilizado por Kehl (2000) ao conferir à fratria o poder de produção de linguagem- e de aceitação do estado de dependência deste outro destinado pela amizade – sentimento que Derrida (1997) aponta como sendo mais sublime do que o de auto-suficiência de um sujeito.

Portanto, a amizade na concepção arendtiana do termo é respeito e interesse pela opinião dos outros, não depende de intimidade, consiste no gosto pela opinião do outro, configurando uma relação desconcertante, “agonística”, na qual é possível viver o deslocamento/questionamento do familiar, deslocando-se para o lugar dos outros. A amizade concebida na acepção política arendtiana possibilita experimentar a desestabilizadora condição de “visão embaçada” sentida ao enxergar o mundo através de “lentes outras”. Além dessa experiência de descolamento do familiar vivida através de uma alteração de ponto de vista, a relação de amizade entendida como experiência inter-humana do agir e do falar possibilita a experiência de ser visitado por outros, num contexto desafiador de coragem e ousadia da aparição, pois, segundo Arendt (2001), é somente pela ação e discurso, que o agente aparece e pode revelar-se.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a internet possibilita uma espécie de democracia em tempo real, precisamente porque compõe esse espaço agonístico de conversas horizontais que geram deslocamentos e transformações a partir da opinião do outro. As relações travadas na internet favorecem a experimentação política da amizade uma vez que se pautam na ética da hospitalidade, na abertura ao outro em sua alteridade, reconhecendo-o como alguém que pode instaurar o aprimoramento e relativização do pensamento. Lévy (2003) destaca que as novas formas de relações e de comunicabilidade promovidas pelo ciberespaço promovem a reconstrução do laço social, podendo inventar uma “democracia em tempo real” e uma

ética da hospitalidade. De acordo com este autor, as relações virtuais em suas qualidades de pluralidade e descentralização constituem trocas de conhecimentos, um intercâmbio de saberes no qual a relação com o outro em sua alteridade pode potencializar-me e enriquecer meus próprios saberes, na medida em que as zonas de inexperiência do eu e do outro não se justapõem.

A troca de opiniões instaurada no campo semântico entre amigos assume a especificidade da possibilidade de aprimoramento e relativização do pensamento, condição que não se adquire sozinho. Quem troca, quem conversa, é transportado para uma condição que supõe ultrapassar a sua opinião, abraçar a dos outros e produzir algo novo a partir desse deslocamento – o que estabelece uma dependência do outro para alcançar um lugar de opinião mais complexo, mais abrangente.

Além da experiência discursiva, a amizade como uma relação política aberta à experimentação- da qual nos fala Arendt (1993), Derrida (1997), Ortega (1999, 2000)- implica a dimensão afetiva do acolhimento e respeito ao outro em sua alteridade, como um espaço intersubjetivo onde os sujeitos estão em mesma condição de revelação/aparição e de escuta acolhida e respeitosa- condição de igualdade política- podendo mostrar quem são e conhecer os outros, num contexto cujo objetivo não é necessariamente coincidir com a opinião dos outros, não é afirmar e reiterar o que os outros falam, mas é expressar a opinião num movimento que implica a possibilidade de formar-se ou desestruturar-se na conversa.

É essa produção de um agenciamento coletivo de enunciação baseado na hospitalidade, no qual as trocas de conhecimentos com a alteridade podem criar modos criativos de expressão e organização política, que está em jogo na democracia direta no ciberespaço, apontada por Lévy (2003). “A mobilização das competências sociais é uma exigência indissociavelmente técnica e política” (Lévy, 2003, p.62). As trocas de

saberes e de habilidades no espaço de desterritorialização da internet possibilitam o encontro de pessoas e grupos que podem negociar e estabelecer contratos, configurando um espaço de democracia em tempo real, uma política molecular que envolve implicação e responsabilidade direta dos sujeitos. É precisamente por possibilitar o uso livre do discurso como no caso dos grupos de discussões públicas, dos *blogs*, e demais formas de ciberativismo, que a internet potencializa relações intersubjetivas favoráveis à experimentação da desafiante produção coletiva, de gestos de abertura e reconhecimento ético do outro sustentados pelo vigor da solidariedade – aquilo que é próprio da qualidade política da amizade.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a articulação comprometida de pessoas em uma comunidade virtual pode compor um espaço solidário no qual se compartilham conhecimentos e é possível experimentar modos singulares de resistência política. Na visão de Lévy (2003) o papel fundamental da comunidade virtual, compreendida como “inteligência coletiva”, está na possibilidade de mobilizar as pessoas a atuarem como filtros inteligentes no movimento de estímulo à ampliação de conhecimentos e à capacidade para agir coletivamente. Em outras palavras, a valorização das novas formas de sociabilidade no ciberespaço articula-se à possibilidade da revitalização de práticas condizentes ao exercício da cidadania e ao favorecimento de relações de abertura e reconhecimento do outro – de onde podem surgir vínculos com o vigor da qualidade política da amizade. De fato, o aparato técnico da internet permite o alargamento de práticas cívicas favoráveis à composição de laços solidários que podem irromper modos de relacionar-se e ações políticas que não são cooptados nem reprodutores dos modelos da ordem econômica dominante. A mobilização de grupos e entidades pode ser significativamente potencializada pela internet. Cunha (2001) demonstra que iniciativas individuais bem como de organizações da sociedade civil que

se apropriam da internet para mobilização social, têm gerado bons resultados e repercussões profícuas não só na rede como na mídia tradicional. Rheingold (1996) também destaca que o uso efetivo da comunicação mediada pela internet por diversas organizações sem fins lucrativos e ONGs relacionadas com a defesa do meio ambiente, e dos direitos humanos, comprova a utilização dessa tecnologia para fins humanitários. O autor chama atenção para o fato de que a internet instaurou uma profunda transformação na maneira como a sociedade civil compõe redes e alianças. Rheingold (1996) ao relatar a experiência de dois professores nas zonas rurais de Montana que utilizaram a comunicação mediada por computador para melhorar as condições de vida e aproximar as pessoas numa área rural onde as grandes distâncias dificultavam a composição de comunidades, mostra-nos modos criativos de utilização da internet que trazem mudanças significativas para as relações de um grupo ou comunidade. A participação de Rheingold (1996) na sua comunidade virtual WELL revelou o quanto as relações travadas *on line* podem trazer transformações importantes que incidem diretamente na vida cotidiana fora da rede. Os vínculos afetivos da WELL mostraram ser capazes de compor desde uma rede cooperativa de trocas de conhecimentos e experiências, gestos solidários de apoio emocional, até a mobilização de recursos financeiros e humanos para ajudar uma componente que estava doente longe de seu país de origem. É de fato, o vigor dos laços afetivos de amizade que podem irromper a dimensão mesma do inesperado que potencializa a comunidade virtual como espaço de experimentação política. É a possibilidade de compor relações que podem fazer surgir o imprevisto e inesperado que configuram as comunidades virtuais como favoráveis a experimentação política da amizade. Derrida (1997) fala da amizade como um espaço aberto para o novo, para a experimentação, qualificado como uma condição de talvez (*peut-être*). Ele ressalta que a dimensão do talvez carrega a extrema alteridade, a

possibilidade do outro; a amizade como *talvez* traz consigo a possibilidade do risco, da incerteza, da instabilidade, uma abertura para experimentar o novo e o indeterminado.

A imprevisibilidade é a marca dessa amizade instável, dinâmica, como espaço aberto para o acontecimento, para invenção, a qual nos faz pensar autores como Arendt (1993), Derrida (1997), Ortega (1999, 2000) entre outros. A amizade como *talvez* implica o movimento de desejo, de ação, constituindo, utilizando-se as palavras de Ortega (2000) a “experiência mesma do impossível”. Ortega (2000) utiliza o conceito de “programa vazio” -conceito que Foucault relaciona à sua noção de amizade como experimentação - para ressaltar o caráter processual e imprevisível da amizade, como metáfora para uma amizade aberta, uma relação por vir, espaço que possibilita a imaginação e criação de novas formas de relacionamentos:

A amizade é, no fundo, um ‘programa vazio’, outra denominação para uma forma de vida cuja importância reside nas inúmeras formas que pode assumir, uma relação ainda por imaginar, aberta, na qual cada indivíduo deve inventar sua própria ética da amizade. (Ortega, 2000, p.96).

Nicolaci-da-Costa (1998) e Rheingold (1996) demonstram que o potencial das comunidades virtuais está no fato de configurar uma atividade social que pode gerar mudanças significativas essencialmente no âmbito das relações de amizades. “Um dos poucos pontos em que a totalidade dos membros entusiastas das comunidades virtuais no Japão, Inglaterra, França e EUA estão de acordo é o fato de a vantagem mais importante das conferências por computador alargar o seu círculo de amizades” (Rheingold, 1996, p.44). O próprio Rheingold (1996) diz ter amigos nos quatro cantos do mundo, vínculos afetivos sem limites de fronteiras constituídos pela internet que lhe trouxeram importantes transformações subjetivas, ampliando seu horizonte de interesses, além de contribuir para minimizar o seu sentimento de desamparo e ansiedades, próprios de quem visita um país estrangeiro. Além de estabelecer diálogos reflexivos e ser acolhido por amigos com os quais nunca estivera até então face a face, o

envolvimento intersubjetivo de Rheingold (1996) na internet proporcionou a formação de laços genuínos de amizade, que em sua dimensão de imprevisibilidade, geraram desdobramentos importantes como a formação de novas amizades através dos amigos, a troca de informações interculturais e viagens que contribuíram para seu estudo sobre as comunidades virtuais, além do convite para participar de eventos, como a importante conferência no Japão onde se discutiu o futuro da informática e da internet.

A intolerância em relação à cultura do outro é desencorajada pela grandiosidade do gesto de amizade que favorece a abertura para o diálogo com o outro em sua radical alteridade, numa relação de igualdade política incompatível com posturas aviltantes em relação a diferentes universos culturais. É nesse sentido que Rheingold (1996) sinaliza que as relações virtuais entre amigos de diferentes nacionalidades promovem o sentido de uma comunidade transcultural.

3.3 Sociabilidade no ciberespaço: novos espaços de ação coletiva ou novas armadilhas da exclusão?

A experiência de Rheingold (1996) e o trabalho de diversos autores confirmam que é possível através da internet estabelecer essa enriquecedora troca intercultural, bem como compor uma rede solidária de trocas de conhecimentos e idéias, na qual pululam relações de amizade capazes de produzir deslocamentos e transformações que levam à irrupção de ações coletivas. Embora as relações mediadas pelo computador favoreçam a experimentação de um espaço dialogante de igualdade política que pode gerar movimentos de resistência aos imperativos da ordem econômica dominante, as diversas modalidades de comunicação da internet não garantem por si só uma apropriação crítica que conduza à articulação política e ao florescimento de práticas cidadãs. Vimos que as ferramentas da internet podem ser utilizadas para compor estratégias de controle e

vigilância bem como de reprodução das práticas constitutivas da lógica de mercantilização dos vínculos e afetos humanos. A tecnologia não leva necessariamente ao aprimoramento das condições de vida das pessoas, pode ao invés produzir condições de aviltamento e perigosas armadilhas da exclusão. O aquecimento global e suas implicações, as doenças cardíacas e da obesidade, os problemas emocionais relativos ao stress, a oferta cada vez maior de desejos e milagres em suas versões de comprimidos, são alguns dos sintomas contemporâneos gritantes que escancaram a gravidade do uso indiscriminado e inescrupuloso dos aparatos tecnológicos que visam o lucro e trazem conseqüências irreversíveis que custam nada mais nada menos que a deterioração de nossa saúde e da nossa vida. As diversas modalidades de comunicação mediada pelo computador não estão necessariamente articuladas com a experimentação de espaços democráticos de reflexão e discussão de assuntos públicos que supõem engajamento, podem ser utilizadas de maneira passiva e alienada que não geram mobilização de um coletivo, nem mesmo as frutíferas trocas de conhecimentos relatadas por Lévy (2003) e Rheingold (1996). Ainda que a internet possibilite a comunicação muitos-muitos, o estímulo e o comprometimento em relação à articulação política não estão garantidos simplesmente pela ferramenta tecnológica, estão atrelados a um conjunto de forças que não se esgota na técnica. O que sinaliza Wolton (2003) senão que a tecnologia não basta para transformar os modelos individualistas de relacionar-se, que tal movimento de mudança dos modos de trocas entre as pessoas e o pleno exercício da cidadania requerem antes, uma transformação maior que envolve projetos econômicos e políticos? Por mais que Rheingold (1996) e outros autores tenham demonstrado a potência da comunicação mediada por computador para constituir movimentos de resistência comprometidos com o resgate da dignidade do cidadão, o revigoramento do exercício político é indissociável de uma transformação maior que envolve mudanças de valores e

alterações na esfera econômica, política e cultural. É nesse sentido que Wolton (2003) sinaliza que o importante no mundo das mídias digitais não é a tecnologia em si, mas os projetos econômicos e culturais que a acompanham. Portanto, para que na internet pululem relações de experimentação política com o vigor da solidariedade que tragam mudanças significativas para o cotidiano das pessoas é necessário que a utilização desta seja alimentada por projetos de desenvolvimento educacional, econômico e cultural. Em outras palavras, o aspecto mobilizador da utilização da internet para compor relações de discussão de questões públicas tem que partir do comprometimento de cada cidadão no processo de reavivamento da cidadania, do despertar para a responsabilidade com a dimensão da coletividade. Pois se os espaços públicos encontram-se esvaziados, e o esmorecimento político e a dificuldade de organização coletiva constituem uma realidade pungente, porque a democracia e a articulação em coletivos seriam efetivamente reanimadas no espaço da internet? Outra intrigante questão que concerne ao debate da revitalização da solidariedade e cidadania através da internet: será que questões essenciais de ordem política podem prescindir da dimensão da materialidade dos corpos? A constituição de um processo efetivo de “inteligência coletiva” nas relações mediadas pela internet, como compreende Lévy (2003) encontra ainda outros problemas se levarmos em consideração o contexto específico do Brasil. Vejamos.

Rheingold (1996) defende que da mesma forma que o alfabeto e a imprensa escrita tiveram potencial democratizador, as comunidades virtuais podem ajudar os cidadãos a revitalizar a democracia. O potencial do uso da comunicação mediada por computador para favorecer relações democráticas de trocas de conhecimentos e experimentação política está diretamente relacionado com a questão do acesso à internet. O potencial democratizador da rede cooperativa de troca de saberes tem maior impacto quanto maior for o número de pessoas envolvidas. O próprio Rheingold (1996)

que igualmente a Lévy (2003) explicitamente se considera um entusiasta do potencial político das relações travadas *on line*, admite que a capacidade da internet em potencializar a democracia, de fato, só se concretiza se a sua utilização for compreendida e difundida por um número alargado de cidadãos. Ora, no Brasil, o acesso ao computador e a internet em banda larga se configuram como regalias da alçada de uma minoria privilegiada economicamente. Computadores, internet, celulares interligados à rede, ipod, MP3, e outras parafernálias eletrônicas são os mais novos objetos de fascínio no vasto mercado do consumo que pulsam freneticamente no horizonte dos outdoors e propagandas, tornando-se presentes apenas no imaginário da grande maioria da população para a qual, na sua árdua luta diária pela sobrevivência, a escassez de itens outros muito mais urgente se presentifica de forma gritante. O computador e o universo das relações interativas em banda larga para grande parte dos brasileiros são constitutivos de uma vasta lista de objetos de consumo inacessíveis, que lançados no mercado travestidos em sonhos, produzem a angustiante sensação de desejos não realizados. A grande abrangência de serviços que cada vez mais convergem para a internet, desde a compra de uma diversidade de produtos, inscrição em concursos públicos, as várias modalidades de cadastramento *on line* para atendimento em hospitais públicos, preenchimento de currículos, etc. têm fortalecido o poder funcional da internet e produzido novas artimanhas da exclusão que descarta, ou melhor, deleta – para utilizar um termo providencial, a categoria dos “consumidores falhos”, sinalizada por Bauman (2004), do jogo no qual a velocidade de navegação é determinante em tempos de viagens e náuseas em plena terra firme. O não acesso a serviços que tendem a ser oferecidos exclusivamente via internet, bem como a não apropriação de um dispositivo tecnológico cada vez mais incidente em todas as esferas da vida cotidiana conduzem a novos territórios de exclusão. O estímulo à revitalização da democracia através da

internet não constitui mais uma postura aviltante que desconsidera as classes menos favorecidas economicamente eliminando-os da participação nesse insidioso cenário político? Em que medida as relações travadas na internet representam vínculos democráticos de experimentação política; que democracia é essa que legitima a atuação de poucos em detrimento da maioria? Quais são os atores dessa democracia eletrônica? E se correspondem a uma classe restrita dos cidadãos as suas atuações estão a serviço de quem e para o quê? Esses são alguns dos questionamentos que devem ser considerados pelos projetos que se pretendem grandiosos ao buscar o resgate do espírito de cooperação e de práticas de cidadania através da internet. No país dos sem terra, dos sem teto, a emergente categoria dos sem computador representa senão uma irônica dissonância entre os discursos que postulam a revitalização da democracia através das relações de trocas mediadas pelo computador e a anterior necessidade de democratização do acesso à internet e a outros direitos básicos indispensáveis para a compreensão e apropriação crítica dessa tecnologia. Isto nos remete novamente à lúcida sinalização de Wolton (2003) de que as principais ações na direção do revigoramento do exercício democrático devem estar atreladas a projetos educacionais e políticos que tragam alterações radicais na estrutura econômica capitalista.

A não inserção na rede ou não acesso à internet gera novos territórios de exclusão no atual contexto de centralidade da tecnologia. Segundo Musso (2003) a Rede (com grande R) se instala como uma nova divindade. Sua onipresença e onipotência tornam a cidade 'Redepolis' e o planeta se faz 'planeta relacional'. Tudo é rede. Musso (2003) aborda o processo contemporâneo de dilapidação simbólica e teórica do conceito de rede, que se torna uma chave mestre (*passé-partout*), um conceito de passagem, utilizado por diversas disciplinas, da biologia a matemática, da sociologia às ciências políticas. A dispersão teórica e a comercialização do conceito o tornaram preceito com a

obrigação de pensar e de estar em rede. A Crítica das Redes (*Critique des Réseaux*) de Musso (2003) não é uma crítica a internet, mas sim a obrigação de estar imerso (*être plongé*) em uma rede-fluxo onde a passagem se vive em permanência, sobre o modo de imersão em uma sociedade fluidificada, em movimento contínuo. De acordo com Musso (2003) a obrigatoriedade de circulação na rede e de estar conectada a ela informa a teatralização do presente como movimento e promessa de transformação social. O imaginário da rede é uma maneira de operar uma transferência do político sobre a técnica. Assim, a mudança social articula-se com a necessidade de multiplicar as experimentações de imersão nos fluxos.

A imersão nas redes cria a obrigação de não estacionar em um lugar, de constantemente circular. O presente é passagem, transição, movimento. A necessidade de operar a transformação social é vivida em permanência pela conexão, pela 'ligação', pela circulação, imersão nos fluxos, até mesmo na aventura ciberespacial. (Musso, 2003, p.353, tradução minha).

Objeto fetiche pelo culto contemporâneo do movimento, da passagem e da conexão, a rede se tornou um modo de representação do conjunto da sociedade. O caráter obrigatório de imersão na rede como modo de inserção social é em si mesmo excludente. Musso (2003) nos lembra que por trás da figura simplista da rede igualitária, democrática e relacional, se esconde sempre sua realidade inversa, um instrumento de poder hierárquico.

Outro aspecto em relação às desigualdades reforçadas pela internet que Wolton (2003) não nos deixa desperceber é a lógica dominadora constitutiva da internet, pautada nos valores socioculturais do Ocidente, especificamente nos princípios que regem a cultura norte-americana, para ser mais pontual. O Google, ao deter o domínio de dados e informações de *sites* do mundo inteiro, produzir protocolos de *softwares* de busca e de relacionamentos, bem como monitorá-los, criar lógicas de indexação que seleciona e cruza *sites*, além de qualificá-los e traduzi-los, compõe modos totalitários de

determinação e direcionamento dos mecanismos de busca e navegação na internet – próprios do poderio pungente e imperioso norte-americano. O controle imperialista dos Estados Unidos na prescrição dos modos de atuação na internet produz conseqüências de alcance global na maneira de utilização dessa ferramenta tecnológica. A dominação econômica incide diretamente nas características constitutivas do modo de funcionamento da internet que é estrategicamente articulado para propiciar a retroalimentação e reforço desse domínio. Como estabelecer uma apropriação profícua da capacidade da internet em compor relações de trocas de conhecimentos favoráveis ao resgate da cidadania, mas também em promover vínculos de amizade que promovem o sentido de uma comunidade transcultural – tal como nas experiências de Rheingold (1996), no país onde grande parte da população além de não ter acesso aos direitos básicos a uma vida digna, não estão aptos a comunicar-se nas línguas dominantes no contexto de cultura globalizada uma vez que estão na condição de analfabetos da própria língua?

A utilização da internet em benefício da potencialização da democracia depende da atuação de um conjunto de forças articuladas a projetos de desenvolvimento educacional e econômico que se fazem necessários, particularmente se consideramos o contexto sócio-cultural brasileiro. O desenvolvimento de um verdadeiro projeto cultural e político instaura as bases motivacionais para articular ações de enfrentamento à lógica comercial predominante - na medida em que a dualidade entre o uso da rede que visa o ganho monetário e a composição de movimentos de resistência política sempre existirá na internet-, além de configurar uma fundamental base de sustentação aos desdobramentos das ações que buscam transformações no âmbito da cidadania através da mediação da internet, uma vez que o acesso a essa tecnologia não garante uma apropriação crítica comprometida com o revigoramento da democracia. O que pode ser

indicado, por exemplo, pelo fato de que a formação de comunidades virtuais não necessariamente se destina ao resgate do sentido mais genuíno de comunidade, com vistas à composição de relações amigáveis de trocas de idéias e conhecimentos promotoras de ações políticas inéditas, mas ao que consta, tem configurado mais uma ferramenta, em sua versão mais atualizada, de disseminação de práticas violentas em relação a grupos minoritários e de realização da crueldade, na forma de exposição aviltante de grupos e pessoas que são expostas ao ridículo. A versão brasileira do Orkut – *software* de relacionamentos produzido pela influente empresa norte-americana *Google*, tem revelado que as comunidades virtuais podem ser utilizadas para expor pessoas de maneira depreciativa, produzindo novas modalidades de sofrimento psíquico a partir de modos degradantes de massacre e aviltamento do outro. A arbitrariedade da exposição à condição vexatória no Orkut, através das diversas comunidades que exaltam a discriminação de homossexuais, nordestinos, judeus, etc. a nomeação pejorativa de comunidades com o intuito de desvalorizar pessoas, grupos minoritários e até mesmo difundir idéias violentas de neonazismo, as trocas de recados que alimentam fofocas e intrigas, as mensagens propositalmente destinadas a destruir amizades, namoros e até casamentos, caracterizam o uso das comunidades virtuais a serviço da difusão da crueldade, em sua dimensão mais espetacular.

Recuero (2005) acredita que o Orkut revela-se um excelente meio para análise das redes sociais no ciberespaço. O Orkut oferece uma variedade de ferramentas de interação, como a possibilidade de enviar mensagem para amigos e comunidades, conhecer pessoas através de seus perfis, perceber sua rede de amigos, e conexões indiretas (amigos dos amigos), e as comunidades as quais estão vinculadas.

Recuero (2005) relata que o Orkut parece revelar redes sociais amplas e bastante conectadas, onde a distância entre os indivíduos no sistema é reduzida pela presença de

pessoas altamente conectadas com um grande número de sujeitos (*hubs*), são “amigos de todo mundo”. De acordo com a autora as inúmeras conexões concentradas em uma pessoa parecem estabelecer-se pela lógica de “ricos ficam mais ricos”, já que as comunidades e pessoas mais populares assim permanecem ao longo do tempo.

Há um notável interesse no Orkut pela busca de popularidade, uma vez que quanto maior o número de amigos, mais qualificações se recebe. Cada perfil pode ser avaliado e qualificado pelos amigos, em termos de interesse, confiança e sensualidade. No entanto, como atenta Recuero (2005) nem todos os amigos conectados são realmente amigos, pois é possível que o pedido para ingressar na lista de amigos de uma pessoa seja aceito simplesmente por relação aditiva que não pressupõe nenhum tipo de interação social entre os envolvidos. Assim, grande parte das conexões é falsa, pois não corresponde a um vínculo social, e, portanto não representa efetivamente a existência de uma rede social e sim uma mera “coleção de perfis” – conforme aponta Recuero (2005).

De acordo com Recuero (2005) nas comunidades do Orkut também não há indícios de interação entre seus membros. Para ilustrar a escassez de diálogos e trocas frutíferas entre as pessoas nessas comunidades, ela faz referência à comunidade “Como ou não Como” que tem cerca de três mil membros e raramente tem mais de 50 comentários por tópico, demonstrando que a quantidade de interação não é proporcional ao tamanho da comunidade, e ainda assim a comunidade continua crescendo. Segundo Recuero (2005) esta comunidade tem por objetivo apresentar perfis de usuários do Orkut que recebem o julgamento de “como” ou “não como” dos membros da comunidade. A autora comenta que talvez seja justamente pela proposta dessa comunidade que o crescimento desta torna-se notável e rápido.

É no mínimo curioso para não dizer lamentável, que as ferramentas para criação de comunidades estejam sendo utilizadas para formar grupos que não produzem

nenhum tipo de discussão louvável e não geram nenhuma atividade coletiva fundamentada na troca de conhecimentos e idéias, bem como na composição do laço social- pelo contrário, o caso ilustrado acima induz a segregação e exclusão.

Portanto, a febre do Orkut – fenômeno tipicamente brasileiro, bem como as diversas formas de comunidades virtuais não constituem a prova de que computadores interligados promovem uma interação coletiva baseada na cooperação “muitos-muitos” como sugere Lévy (2003). O acesso e participação nas comunidades virtuais por si só não garantem o estímulo à formação de inteligências coletivas baseadas nas trocas de informações e conhecimentos entre as pessoas bem como não asseguram a composição de relações potentes de ação e solidariedade, como quer Lévy (2003).

Para que as comunidades da internet estejam articuladas com o incremento dos laços sociais, Costa (2005) atenta que não se deve esquecer que é preciso investir no desenvolvimento de relações de confiança, o que requer tempo de interações e encontros. O autor destaca que um dos aspectos essenciais para a consolidação das comunidades ou redes sociais é o sentimento de confiança mútua entre as pessoas – o que pressupõe uma ampliação das nossas simpatias para além das relações familiares e de vizinhança. Esse alargamento do laço afetivo implica relações pautadas na estima e respeito pelo outro, incluindo-o e reconhecendo seus valores, habilidades, conhecimentos, etc.

Desta maneira, a despeito das concepções negativas em relação às novas formas de sociabilidade instauradas pelo advento da internet, presentes na visão de Bauman (2004), por exemplo, das declarações extremamente positivas e de caráter panfletário de Lévy (2003) e dos relatos entusiasmados de Rheingold (1996), o presente trabalho pretende compreender quais implicações do crescente advento das “amizades virtuais” nas novas formas de sociabilidade contemporânea. Não se trata de compreendê-las

como boas ou más, mas de buscar investigar seus efeitos. Pretende-se investigar as semânticas da amizade intrínsecas a essa atual virtualidade das relações, e verificar e discutir se os vínculos de amizade no ciberespaço possibilitam/favorecem/inibem a experimentação da qualidade política da amizade.

Quais transformações o advento do computador pessoal e da internet, através de *e-mails*, Orkut, MSN, etc. engendram nas relações de amizade contemporâneas? Quais seriam as adaptações das estruturas seculares da amizade - a semântica familialista, a escrita do íntimo, o espaço dialogante de abertura e acolhimento, como exemplos, ao ambiente virtual? As amizades virtuais estariam contribuindo com a fragilidade dos laços e parcerias, reforçando individualismo e o esmorecimento da solidariedade, ou estariam favorecendo uma ampliação das relações “agonísticas” de abertura e acolhimento da alteridade, produzindo uma nova ética na sociabilidade, impelida pela hospitalidade, cidadania, cortesia e amizade? Estes são alguns dos questionamentos que a presente pesquisa busca elucidar.

3.4 Sobre o inquietante das relações intersubjetivas na internet

O advento da internet e a sua crescente expansão em todo o tecido social trouxeram transformações nos modos de proceder na vida cotidiana que alteraram hábitos e comportamentos bem como as maneiras de nos relacionarmos com os outros. No âmbito dos relacionamentos a internet tem gerado efeitos impactantes fortemente atrativos, uma vez que inaugura novos espaços de interação e formas de agir na dimensão etérea do ciberespaço. A internet ao instaurar novos territórios intersubjetivos nos quais surgem emoções, conflitos, dramas, tem produzido alterações na esfera da subjetividade, as quais não podem deixar de ser investigadas pela Psicologia Social, em

sua constante busca de compreender os fenômenos psicossociais em seu contexto histórico.

As transformações subjetivas advindas com as revoluções tecnológicas são destacadas por Nicolaci-da-Costa (2002 a) que defende que o potencial da internet para gerar mudanças no âmbito da subjetividade funda-se na possibilidade de experimentação de novas maneiras de relacionar-se. Conforme ressalta a autora nem mesmo as tecnologias que foram decisivas para o modo de ser do homem da modernidade bem como para sua forma de organização social, como exemplos, a televisão, o cinema, o automóvel e os aviões, tiveram o poder de criar um espaço propício ao aventurar-se em estabelecer múltiplas formas de relacionamentos. A possibilidade de conhecer pessoas novas e fazer novos vínculos, sob a condição da virtualidade que prescindem da presença física dos corpos e preserva a qualidade do anonimato, parece ser a característica mais cativante da internet, que tem atraído as pessoas cada vez mais para esse universo de imaginação e criatividade onde afloram personagens outros que habitam suas subjetividades. As relações virtuais parecem implicar o gesto de hospitalidade incondicional do qual nos fala Derrida (2003), a saber, a disposição para o outro não familiar pressupõe abertura ao outro em sua radical alteridade. Os relacionamentos iniciados na internet exigem uma abertura ao outro, abertura que não pressupõe familiaridade e intimidade. Ora, tal abertura ao outro é condizente com a qualidade política da amizade, segundo Arendt (1993) e Derrida (1997). As relações iniciadas pela internet são marcadas pela dimensão de imprevisto, qualidade política da amizade. Com efeito, a internet ampliou e diversificou as possibilidades de entrar em contato com os outros, propiciando uma maior abertura à alteridade que pode se configurar em vínculos de amizade e trocas afetivas entre pessoas que nunca se viram.

De fato, nos tempos atuais, há uma notável valorização do tema amizade, com crescente notoriedade o número de publicações sobre o tema, até mesmo em jornais de circulação nacional, como a Folha de São Paulo, por exemplo, em que têm sido freqüentes matérias com chamadas efusivas, indicando que amizade está em alta: “Filósofos e psicanalistas apostam que o amigo voltará a ocupar um papel de destaque na sociedade deste século”, ou que “Transformações na família e insatisfação com o individualismo exarcebado revalorizam a importância dos amigos no século 21” (Folha de São Paulo, 19 de abril de 2001, equilíbrio, p. 8-11).

As novas possibilidades de relacionar-se advindas com a internet propiciam a valorização da amizade na medida em que ampliam e diversificam as maneiras de entrar em contato e estabelecer relações com os outros. Musso (2003) demonstra que o vínculo está no coração da noção de rede. O conceito de rede pressupõe passagem; inter-relação, intercomunicação. O autor destaca que a rede é uma estrutura composta de elementos em interação, sua essência é relacional. De acordo com Musso (2003) a rede permite estar no “entre-dois”, sua essência é o ‘inter’; ela tem por substância o intermediário e a passagem.

O ‘inter’ designa o entre - dois, isto é a relação de troca e a função de passagem. O ser da rede é este ‘entre - dois’; sua substância é a relação, ao mesmo tempo como intermediária e como ‘passagem’, quando ela é considerada em dinâmica. Esta tomada em conexão não reduz a rede a um simples laço, a uma ligação, até mesmo a uma metaligação, já que ela relaciona dois ou n pólos, lugares ou atores. Ela é ao mesmo tempo o conjunto de relações e de pólos ligados, de onde sua potência analítica e evocativa. (Musso, 2003, p.13. tradução minha).

A inter-relação molda a dinâmica de funcionamento do ciberespaço. A internet põe a amizade em evidência, pois instaura novos modos de estabelecer vínculos que extrapolam os limites da proximidade física. As amizades virtuais são a expressão das novas maneiras de entrar em contato com a alteridade, de uma nova configuração de trocas afetivas. A internet aumenta os meios de fazer novos amigos, como também requer a amizade como subsídio da lógica operante de vários dispositivos que a

compõe. O Orkut, as comunidades virtuais, os *blogs*, por exemplo, pressupõem a visitação, inserção e participação dos outros. Os amigos são a principal fonte de divulgação e interlocução desses meios. Querido (2005) refere-se aos *blogs* e *fotologs* como formas de socialização através da partilha entre amigos de imagens, textos, vídeos, comentários. De acordo com este autor a internet inaugura a cultura da partilha, caracterizada pelas trocas de experiências e de opiniões entre amigos.

Inúmeros autores entre os quais Rheingold (1996), Nicolaci-da-Costa (1998, 2002 a) demonstram que a internet tem sido amplamente utilizada para compor vínculos no atual cenário de ambigüidade onde a percepção de que a preocupação exclusiva com interesses individuais não é satisfatória revela o sofrimento sentido pela escassez de contato humano. Essa presente conjuntura em que a necessidade mais urgente insiste em ser a necessidade de relacionar-se faz com que Bloom (1993) perspicazmente denuncie que:

[...] a necessidade mais insistente hoje em dia, das pessoas em geral e dos jovens em particular, continua a ser a necessidade de ligação humana, uma ligação que transcenda o isolamento do egoísmo pessoal e em que o pensar sobre si próprio se encontre inextricavelmente ligado com o pensar sobre um outro. (Bloom, 1993, p. 14)

Bloom (1993), ao discutir a deterioração das relações humanas conseqüente do empobrecimento da linguagem do amor, ressalta que “o isolamento, o sentimento de ausência de um contato profundo com outros seres humanos parece ser a doença do nosso tempo” (p.14). O contemporâneo resgate de interesse pela amizade é, portanto, concomitantemente sintomático e pertinente.

Bauman (2004) afirma que no líquido cenário da atualidade são os relacionamentos que melhor representam os agudos e desconcertantes sentidos da ambivalência. Este autor afirma que “‘Relacionamento’ é o assunto mais quente do momento” ao destacar a grande atenção voltada para a obtenção de satisfação das relações, exatamente porque estas não têm sido consideradas plenamente satisfatórias. A

contemporânea fragilidade dos laços humanos, segundo Bauman (2004) produz sentimento de insegurança que incute desejos e sentimentos ambíguos de apertamento e frouxidão dos laços ao mesmo tempo. Diante da precariedade nos relacionamentos e do contexto de individualização há um esforço por relacionar-se, porém os relacionamentos a longo prazo que envolvem parcerias, compromisso e engajamento mútuo são vistos com desconfiança e ameaça. Nesse sentido, Bauman (2004) ressalta que os homens contemporâneos encontram-se:

“[...]desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”. E no entanto desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar [...] (Bauman, 2004, p. 8).

Indubitavelmente, a atualidade, com as novas formas de vincular-se inauguradas pela internet, tem como característica um verdadeiro frisson em torno dos relacionamentos. Não é necessário ser um inveterado internauta para saber que inúmeros são os *chats*, *softwares* e *sites* de relacionamentos que fervilham na internet. Lanzarin (2000), Nicolaci-da-Costa (1998, 2002b, 2002c), Rheingold (1996), demonstram que a possibilidade de conversar com novas pessoas e criar novos vínculos *on line* constitui a maior atração das pessoas para o uso da internet. Os relatos obtidos por Nicolaci-da-Costa (2002 b) sobre os hábitos e sentimentos em relação ao uso da rede revelam que embora para a maioria dos usuários o prazer do uso da internet seja o bate papo por longas horas com pessoas com as quais nunca estiveram face a face, ou até mesmo com amigos da vida real, grande parte qualifica esse uso como improdutivo. O uso produtivo da rede foi identificado como utilizá-la para adquirir conhecimentos, através das pesquisas *on line*, por exemplo. Essa resistência em admitir o prazer que sentem em suas conversas *on line*, de acordo com Nicolaci-da-Costa (2002 b) articula-

se com o fato de que o “computador e a internet entraram em nosso cotidiano associados à esfera do trabalho e à produtividade”. O conflito entre a prática do prazer e o discurso da produtividade também ocorre, pois conforme destaca a autora, os sujeitos recorrem aos discursos sobre os tipos de patologia potencialmente gerados pela internet, como o vício e o isolamento social, divulgados pela mídia de forma alarmista e fragmentada, para dar sentido às suas experiências *on line*. Nicolaci-da-Costa (2002c) revela que mesmo expostos ao discurso da patologia, os sujeitos aprenderam a relativizá-lo e até mesmo ridicularizá-lo, através do distanciamento ou uso do humor, para sentirem-se seguros quanto à positividade de suas experiências cotidianas na rede.

De fato, as novas formas de compor vínculos que emergem com a internet exercem grande fascínio. A especificidade da invisibilidade do corpo e da comunicação através da escrita em tempo real, constitutiva das relações mediadas pelo computador, atrai a atenção das pessoas e têm gerado novas formas de intersubjetividade, novos tipos de laços interpessoais. Sob a proteção do anonimato a adoção de pseudônimos ou *nicknames* e até mesmo a criação de uma ou mais personagens são frequentes nas relações travadas na internet. A condição da invisibilidade dos corpos instaura modos diferentes de comunicação que revelam o aspecto lúdico e criativo que permeiam as relações virtuais. A condição de invisibilidade do interlocutor permite a alteração das características pessoais tais como nome, idade, sexo, etc. além da criação de personagens que afloram habitantes outros da subjetividade. Esse tipo de interação na qual é possível apresentar-se como um outro instaura quais transformações para o registro da subjetividade? As novas formas de relacionar-se na internet estariam favorecendo a experimentação dos devires da subjetividade?

3.4.1. A especificidade das relações virtuais: a invisibilidade dos corpos e o devir da subjetividade.

As novas formas de intersubjetividade instauradas pela internet exercem grande fascínio e representam o grande filão sobre as principais discussões acerca das influências do ciberespaço. Quais são as características constitutivas e os efeitos desses laços interpessoais que prescindem da presença física? Como o registro da subjetividade é afetado por esse tipo de interação, na qual só é possível conhecer o outro a partir do enunciado em sua comunicação escrita? Quais as implicações da ausência do contato físico, uma vez que este constitui uma referência iniludível na relação com os outros? Estes são alguns questionamentos mobilizadores para a escrita do presente texto.

O aspecto atrativo e distintivo da internet resulta de seu caráter propiciador e facilitador de contatos intersubjetivos. Lameiro e Sanchez (1998) apontam que a internet excede a função meramente utilitária de prover informação uma vez que constitui um instrumento que permite o estabelecimento de vínculos duradouros entre as pessoas. Antes do poder informativo, os autores privilegiam a dimensão interpessoal da internet e apontam que o prazer no uso do ciberespaço está na comunicação, mais do que na informação que se pode obter. É a partir da compreensão da internet como um campo de possibilidades interpessoais que implica afetividade, tal como compreendem Lameiro e Sanchez (1998), Nicolaci-da-Costa (1998), Rheingold (1996) e outros autores, que buscaremos elucidar em que medida as relações mediadas pela rede, mais especificamente os vínculos de amizade, possibilitam transformações e questionamentos das opiniões, valores e interesses dos sujeitos implicados. Em pesquisa anterior, Gomes (2005) pude constatar, dentre outros aspectos, que os vínculos de amizade se configuram como relações privilegiadas de experimentação política, nas quais os sujeitos desestabilizam suas subjetividades, permitindo deslocamentos e transformações que favorecem a irrupção de ações políticas inéditas. A amizade como vínculo

intersubjetivo agonístico, cuja potência diz respeito à dimensão política da produção de subjetividade, revelou a composição de laços solidários que escapam aos imperativos neoliberais e resistem à situação de opressão e espoliação. As narrativas dos sujeitos entrevistados revelaram que a amizade pode abrir caminho para a experimentação de novas relações e modos outros de existir, favoráveis à solidariedade, cidadania e hospitalidade, incompatíveis com os modos de relacionamentos individualistas e excludentes do capitalismo contemporâneo.

Sob as condições específicas das relações travadas pela internet em que medida os sujeitos encontram-se mutuamente implicados? De que modo o discurso do outro desconhecido que chega através da tela do computador possibilita transformações e deslocamentos de pontos de vista fixos? Quais são as implicações subjetivas da possibilidade de apresentar-se aos outros de formas variadas através de diferentes personagens? Essas são algumas questões que justificam a investigação sobre quais transformações subjetivas o advento das amizades virtuais instaura.

A especificidade da suspensão do olhar própria das relações virtuais potencializa o discurso e autoriza o afloramento do indizível. O sentimento de que as relações estabelecidas no ciberespaço podem ser sinceras e sólidas está relacionado ao fato de que as pessoas sentem-se mais à vontade para fazer revelações íntimas e falarem de si mesmas de forma mais relaxada, sem autocensura. Castells (1999) destaca que as interações *on line* permitem a sinceridade já que incentivam conversas desinibidas. Por outro lado, o autor aponta que as amizades *on line* correm alto risco de se desfazerem, pois qualquer descontentamento a partir de um comentário infeliz pode ser solucionado por um simples clique que leva à desconexão eterna.

Outro interessante aspecto em relação à especificidade da comunicação no ciberespaço é analisado por Lameiro e Sanchez (1998) que ressaltam a ausência da

percepção e acesso ao corpo como um importante ponto de conflito, uma vez que relativiza as vivências e valores sobre a comunicação em si. De acordo com os relatos obtidos pelos autores, a ausência do contato físico configura a comunicação no ciberespaço com uma conotação espiritual que significa “o oposto a material, corporal, sexual, etc. e revela um efeito idealizante da comunicação escrita na ausência do corpo (...)”. Conforme demonstram Lameiro e Sanchez (1998), este aspecto “espiritual” possui um valor paradoxal, pois se para alguns a comunicação é considerada “mais profunda” e “mais essencial”, para outros é considerada ao mesmo tempo mais “irreal”. Ou seja, a falta do contato físico é vivida por parte dos usuários como uma carência que pode gerar sentimentos de frustração, ansiedade e expectativa. Para estes, a não visualização do corpo é experimentada como um aspecto limitante, já que consideram as nuances do contato direto e presencial de extrema importância para aprofundar o vínculo; como valorizam o calor humano e as dimensões sensoriais mais genuínas, tais como as expressões faciais e o tato, caracterizam as relações criadas na rede como precárias ou incompletas. Já para outra parte dos entrevistados por Lameiro e Sanchez (1998), a ausência do contato físico constitui um limite que não é necessariamente vivido de maneira negativa, podendo configurar-se como um estímulo, um desafio; houve inclusive relatos que mencionaram vantagens potenciais desse limite, como a possibilidade de eliminar o fator de discriminação em relação às pessoas com deficiências físicas.

Os relacionamentos estabelecidos por intermédio da internet são envoltos por essa ambivalência de sentidos da própria relação que pode ser vivida como extremamente revigorante, uma vez que pode se configurar como um vínculo permeado por emoções, ou pode constituir uma experiência desconcertante e aflitiva, dada a sua dimensão virtual. As relações *on line* também são marcadas pela ambigüidade na

maneira de apresentar-se ao outro através da auto-revelação ou adoção de um personagem. Imersos nesse cenário ambíguo, no qual o vínculo intersubjetivo sempre se dá sob o contexto de imprecisão, os sujeitos utilizam estratégias – denominadas por Nicolaci-da-Costa (2002c) como tecnologias da intimidade, para controlar o grau de exposição que fazem de si mesmos na rede. Segundo a autora, os internautas não são ingênuos na utilização da rede e suas experiências *on line* levaram-nos a estabelecer mecanismos de auto proteção, tais como, possuir diferentes endereços de *e-mail* para serem utilizados dependendo da finalidade – para cadastrarem-se nos mais variados *sites* e dar para pessoas desconhecidas utiliza-se aquele mais impessoal, que revela apenas dados fictícios, já para os amigos e interesses mais sérios recorre-se ao *e-mail* mais pessoal. Nicolaci-da-Costa (2002c) fala da desenvoltura no uso dos variados canais de comunicação, nos quais o grau de revelação pessoal aparece como inversamente proporcional ao grau de exposição que o programa permite. No IRC (*internet relay chat*), por exemplo, é comum a utilização de *nicks* (embora sejam geralmente estáveis) para garantir o anonimato, já no MSN (acrônimo *Windows Live Messenger*) as identidades são sempre reveladas, já que diferente do IRC e das salas de *chats*, é utilizado para estabelecer contato com amigos da vida real ou com pessoas conhecidas na internet que tornaram-se amigas, configurando-se como uma espécie de ponto de encontro de amigos. Ou seja, diferentes mecanismos são adotados de acordo com o tipo de canal no qual se estabelece a interação.

Se por um lado a proteção pelo anonimato permite a alteração das características pessoais, permitindo aos sujeitos apresentarem-se da maneira que quiserem, é também o fato de não se entreverem que favorece revelações íntimas e sinceras, num contexto de relativa ausência de restrições sociais. Nicolaci-da-Costa (1998) demonstra que as relações travadas na internet podem ser mais profundas do que muitas daquelas

estabelecidas cotidianamente de modo superficial nas quais temos acesso somente às roupagens sociais. Os relatos obtidos por Nicolaci-da-Costa (1998) mencionam que não é a aparência do outro que está em jogo nas relações que se dão no ciberespaço, mas sim a possibilidade de conhecer o outro em sua subjetividade, mesmo quando este se apresenta como sendo algo que não é. Em outras palavras, o cerne dos vínculos mediados pela internet é a possibilidade de conhecer o outro em seu universo subjetivo, ou seja, seus gostos e opiniões, suas visões de mundo sobre os mais diversos assuntos, mesmo quando ele finge ser o que não é. Trata-se de uma relação intersubjetiva na qual os envolvidos se dão a conhecer de forma menos contida e ao revelarem-se para o outro entram em contato com suas próprias singularidades, além de poderem avaliar quais são as impressões sobre suas subjetividades.

É nesse movimento de poder verificar de que modo o discurso sobre si mesmo causa impacto sobre o outro, de perceber as reações do outro sobre seus valores e pontos de vista, sem correrem grandes riscos, que os sujeitos se põem a experimentar livremente de que maneira o discurso que representa o universo de seus devaneios e fantasias ressoa para o outro. Para Lanzarin (2000) a internet exerce um grande fascínio entre as pessoas justamente porque possibilita esse compartilhamento social da fantasia, para além dos consultórios psi. A possibilidade de preservação do anonimato, constitutiva das relações virtuais possibilita formas criativas de vincular-se, na qual cada um pode dar asas à sua imaginação e experimentar ser um outro, descolado de suas determinações de gênero, classe, idade, etc. Lanzarin (2000) ao defender que a internet “instaura uma nova forma de relação do sujeito com sua fantasia” faz uma analogia dos *chats* como os bailes de máscaras do final do milênio, uma vez que os internautas são protegidos pelo anonimato da mesma forma que a máscara, nos bailes medievais, garantia que damas e cavalheiros não fossem reconhecidos.

A especificidade das relações travadas no ciberespaço instaura uma nova situação intersubjetiva na qual é possível interagir com o outro que se encontra na condição de invisível. Essa invisibilidade entre os sujeitos envolvidos preserva o anonimato e propicia uma comunicação mais solta na qual são reveladas diferentes facetas da subjetividade inclusive dimensões da personalidade que se encontram latentes. Além da expressão de características da subjetividade que no cotidiano fora da rede são reprimidas por determinados condicionantes sociais, as relações mediadas pela internet possibilitam a criação de diferentes personagens através da adoção de pseudônimos e *nicks*. A internet tem sido bastante utilizada para experimentar formas diferentes de sociabilidade na qual é possível viver um personagem com características, habilidades e experiências distintas daquelas vivenciadas na realidade cotidiana. A chamada *second life* constitui uma expressão corriqueira no universo do ciberespaço e representa a possibilidade de vivenciar uma espécie de vida paralela através de um personagem que pode executar habilidades, exercer papéis, estabelecer relações afetivas, diferentes daqueles desempenhados fora da rede – de onde surgem novas práticas que configuram, por exemplo, o advento das traições virtuais. Embora a nossa atenção não esteja voltada para as características constitutivas do universo específico da *second life*, interessa-nos analisar qual o sentido de apresentar-se ao outro através de um personagem nas relações *on line*.

O uso de *nicks*, mais notadamente no âmbito dos *chats*, aparece relacionado ao aspecto lúdico desse espaço essencialmente de caráter de entretenimento. Lameiro e Sanchez (1998) destacam o uso de *nicks* como um modo de recriar a própria subjetividade e também como possibilidade de viver um personagem. Os autores afirmam que os *nicks* constituem um maneira de acentuar ou recriar peculiaridades da

própria personalidade, bem como um modo de expressar características que são inibidas cotidianamente e compensar aspectos que são vivenciados como defeito ou limitação.

Rheingold (1996) também atesta que o intermédio do computador e do uso dos pseudônimos favorece apresentações dissimuladas, por outro lado, possibilita às pessoas revelarem-se mais intimamente. O autor defende que da mesma forma que meios de comunicação anteriores, tais como o telefone e a televisão, dissolveram as barreiras sociais relacionadas com o espaço-tempo, a recente comunicação mediada por computador parece “estar também a dissolver as barreiras da identidade”. Para Rheingold (1996) o grande fascínio que o ciberespaço exerce sobre as pessoas se justifica na possibilidade de alteração da identidade. Segundo ele, as razões para a utilização tão entusiasta desse meio estão articuladas com a possibilidade de fingir ser outra pessoa, ou até mesmo várias ao mesmo tempo.

[...] a autenticidade das relações humanas estabelecidas no ciberespaço está sempre em questão, devido à dissimulação e ao distanciamento inerentes ao meio, criando um contexto nunca experimentado na vida real. A dissimulação e a auto-revelação fazem parte da gramática do discurso do ciberespaço, como os cortes rápidos e as imagens intensas fazem parte da gramática do discurso televisivo. A gramática dos meios de CMC [*leia-se comunicação mediada por computador*] envolve uma sintaxe de jogo de identidade: podem encontrar-se identidades novas, falsas, múltiplas e exploratórias em várias manifestações do meio. (Rheingold, 1996, p. 186). (itálicos meus).

A possibilidade de travar novos relacionamentos a partir da escrita do si mesmo em tempo real inaugura uma nova prática de aproximação dos sujeitos com suas próprias subjetividades. Na relação virtual, o falar de si para o outro permite conhecer mais sobre si mesmo, além de experimentar facetas diferenciadas da subjetividade através do uso de *nicknames* e pseudônimos. Na condição de virtualidade, o discurso do si mesmo traz à tona a experimentação de fantasias e desejos adormecidos nos campos sombreados do universo subjetivo. Os *nicks* e pseudônimos funcionam como uma espécie de facilitadores do desvelamento da subjetividade em sua qualidade sombria.

As narrativas das relações estabelecidas na internet, mesmo quando advindas da apresentação através de um personagem, acobertadas pelo uso de *nicks* ou pseudônimos, são sempre permeadas pela ambigüidade entre ser múltiplos e possuir uma unidade, constitutiva da inquietante pergunta quem sou eu? É a partir da compreensão da indispensabilidade do outro para a constituição da subjetividade cuja qualidade flexível, de instabilidade, e não-rigidez, dá visibilidade aos processos de incessantes transformações no encontro com o outro, que buscaremos elucidar quais são as possíveis mudanças para o registro da subjetividade advindas com os novos vínculos intersubjetivos que pululam na contemporaneidade. Quais são os efeitos da retirada do olhar, da suspensão da interpelação do outro como rosto – no sentido dado por Lévinas (1993, 2005), enquanto responsabilidade por este outro? Em que medida há implicação afetiva entre os sujeitos que se vinculam na condição de potencial ficcionalidade e distanciamento físico? Consideram-se amigos ainda que mutuamente tomados pelo sentimento de imprecisão em relação ao discurso do outro que pode se apresentar através de um personagem?

A relação interpessoal pela internet é experimentada com certo grau de ansiedade e curiosidade em relação ao outro com quem se estabelece o diálogo. De fato, o contato não presencial possui uma qualidade inquietante e gera sentimentos diferenciados para esta experiência de conversar com alguém não conhecido anteriormente. O desassossego com o qual se pode vivenciar a falta do “olho-no-olho”, constitutiva das relações virtuais, é mencionado pela pesquisa de Nicolaci-da-Costa (2005) cujos relatos revelam que o fato de não se ter nenhuma referência a respeito do interlocutor é indutivo do sentimento de medo da revelação de dados pessoais. A aflição com a qual algumas pessoas experimentam suas relações *on line* está relacionada com o incômodo que sentem com a possibilidade de seus interlocutores mentirem. Os sujeitos

que se sentem incomodados com o possível fato de serem enganados consideram que as relações estabelecidas na rede não são confiáveis e inevitavelmente geram decepção. Esse mal estar que perpassa as experiências interpessoais na internet associa-se à crença de que não é possível manter um vínculo verdadeiro exclusivamente pela rede, bem como à opinião de que as relações iniciadas no ciberespaço não vão adiante, uma vez que a idealização do outro raramente condiz com a realidade – o que acaba gerando decepção. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005) os usuários que temem a falsidade em jogo na rede, acreditam que as relações estabelecidas na internet dificilmente se consolidam, mesmo quando se tornam presenciais, porque acabam trazendo frustração em relação às expectativas geradas pela idealização do outro que nem sempre corresponde à realidade. Um aspecto interessante revelado pelos relatos obtidos pela autora é que mesmo os sujeitos que experimentam de modo mais tranqüilo a relação interpessoal via rede sentem necessidade de encontros presenciais com seus amigos virtuais e também possuem expectativas acerca desse primeiro encontro face a face, a diferença é que não consideram falso o que se passa on line.

A recorrência da necessidade do encontro presencial, nos discursos de grande parte dos usuários da internet, é de fato esperada, e por que não dizer desejável, uma vez que, assim como em toda relação afetiva, na amizade o contato corporal, físico é uma importante via de investimento do afeto. Em pesquisa anterior, Gomes (2005) teve o prazer de apreciar o quanto a dimensão corporal - nos aspectos mais singelos e belos dos olhares e sorrisos, constitui a amizade em toda a sua graça. A qualidade inspiradora e reconfortante do abraço de um amigo, da escuta atenciosa, do colo que acolhe, o sentimento revigorante após o choro amparado, a confiança e segurança transmitidas pelo toque das mãos que dão suporte para que o amigo aprenda a nadar, revelaram-se como a condição mesma de amizade, são em si mesmos amizade em expressão. A

relação de amizade imprime marcas no corpo que são fixadas no registro mnemônico sensorial. Mesmo nas situações onde somos tomados pelo sentimento de felicidade simplesmente em ouvir a voz de um amigo que se encontra distante por muitos anos, seja via telefone ou através da internet – portanto, condições não presenciais – parece-me que tal sensação de contentamento supõe a lembrança de momentos compartilhados presencialmente. Diferentemente das relações amorosas entre casais, a amizade suporta o distanciamento por período maior de tempo – a qualidade política da amizade, ou a amizade da “boa distância”, tal como compreende Derrida (1997) prescinde intimidade e familiaridade – de modo que mesmo o contato não presencial entre amigos que se encontram distantes por vários anos pode ser permeado pela sensação sublime de felicidade somente porque o amigo existe e está bem. Emoção esta, que pode não estar desarticulada da lembrança de um passado vivido presencialmente.

Dado que a própria literatura indica que os internautas sentem necessidade de encontros com seus amigos virtuais, interessa-nos em nossa pesquisa investigar não somente as amizades virtuais, mas também as que se tornaram presenciais, uma vez que compreendemos essa passagem como própria do movimento da amizade. Na medida em que pretendemos elucidar se os vínculos travados na rede favorecem a experimentação política da amizade, interessa-nos, sobretudo, compreender como as relações estabelecidas na internet possibilitam transformações subjetivas que possam irromper ações políticas inéditas no cotidiano fora da rede. Ou seja, é principalmente os impactos que os laços intersubjetivos *on line* podem gerar para a vida cotidiana dos sujeitos envolvidos que pretendemos investigar. Nossa atenção está voltada para a compreensão de que modo as relações estabelecidas na internet mobilizam os sujeitos a se comprometerem com práticas cotidianas com o vigor da solidariedade; se as relações

virtuais sensibilizam o registro da subjetividade para ações comprometidas com a qualidade política da amizade.

Turkle (1997), psicanalista americana, considera que as novas tecnologias exercem um papel determinante no processo de formação de novas organizações subjetivas. A autora propõe um modelo da subjetividade contemporânea a partir de sua pesquisa com usuários da internet. Segundo Turkle (1997) a adoção de personagens representa a prova categórica da multiplicidade do *self*. Segundo ela, as várias identidades assumidas pelos internautas exemplificam a noção de um *self* múltiplo e fluido que se constitui na interação – noção esta compreendida por diversos autores contemporâneos entre os quais, Bauman, Deleuze. Para esboçar seu modelo de subjetividade contemporânea, Turkle (1997) recorre à metáfora do transtorno de personalidade múltipla – categoria nosológica psiquiátrica. De acordo com a autora, portanto, o sujeito contemporâneo possui múltiplos *selves* que agem simultaneamente à guisa do sistema operacional *Windows* – no qual a rapidez com a qual é possível passar de uma atividade a outra, dispostas em diversas “janelas” abertas para diferentes finalidades, dá a sensação de realizar várias atividades ao mesmo tempo. Em outras palavras, para Turkle (1997) tal como as janelas abertas do *Windows*, os *selves* parecem estar sempre à disposição, dada a rapidez e facilidade com as quais é possível passar de um *self* a outro. Uma vez que a multiplicidade do *self* é própria da condição humana, consideramos que o modelo de subjetividade proposto por Turkle (1997) não é suficiente para explicar a complexidade das relações virtuais.

Não pretendemos conceber um modelo de subjetividade, como também não temos a intenção de dialogar com o campo da psicopatologia. Interessa-nos, com pretensões bem mais singelas, compreender se as relações *on line* permitem a experimentação política da amizade, ou seja, visamos elucidar em que medida os

vínculos travados na internet possibilitam aos sujeitos o questionamento e desestabilização de suas subjetividades, favorecendo transformações e deslocamentos de pontos de vista. Nossa atenção está focada em analisar se o vínculo intersubjetivo mediado pela internet possibilita transformações e ampliação no horizonte de gostos e interesses dos sujeitos. Pretendemos compreender de que modo os sujeitos são mobilizados e afetados no registro de suas subjetividades através do discurso do outro que se encontra em condição invisível e de radical alteridade.

O grande entusiasmo em torno dos vínculos ciberespaciais associa-se com a fascinante condição de soltura e desprendimento própria da ausência gravitacional do espaço. A analogia entre os termos não é mera coincidência. A dimensão espacial sem gravidade caracteriza a condição na qual as relações no ciberespaço se travam. E aqui o duplo sentido da palavra gravidade me parece providencial. Pois não seria a falta de gravidade (em ambos os sentidos, já que os corpos não exercem força de atração entre si e interagem através de um meio cujo caráter não é prioritariamente a seriedade) constitutiva da relação no ciberespaço a condição de possibilidade de uma comunicação mais solta e desprendida que permite múltiplas e criativas formas de experimentação da subjetividade?

Nicolaci-da-Costa (2005) demonstra usos curiosos de *nicks* e constata que os sujeitos embora não considerem a utilização de nomes fictícios na rede como uma espécie de máscara mencionam diferenças de comportamento dentro e fora da internet. Tais diferenças correspondem ao fato de que é possível agir e sentir de modos outros na rede, o que não significa dizer que estes não sejam verdadeiros. Essa experiência do falar de si para o outro em sua radical alteridade além de conduzir a uma prática cotidiana de reflexão sobre suas próprias existências enquanto sujeitos desejantes, favorece a fascinante experiência de aventurar-se no universo de imaginação próprio do

movimento criativo do escritor que constrói suas personagens e histórias. O uso corriqueiro dos *nicks* nas relações travadas na rede revela modos criativos de experimentação de facetas diferenciadas da subjetividade que permitem o reconhecimento de certas habilidades adormecidas e até mesmo a incorporação na vida cotidiana de novos potenciais testados nas relações *on line*. Além dessa possibilidade de testar a si mesmo, ao relacionar-se através de vários *nicks* que assumem gêneros, papéis, qualidades, profissões diferenciados, experimenta-se uma aproximação com o papel de escritor. Quando aborda as múltiplas finalidades da utilização de *nicks*, Nicolaci-da-Costa (2005) destaca a sensação de “brincar de ser escritor” como sentimento advindo da experiência de relacionar-se através de personagem. Lanzarin (2000) também menciona essa aproximação da posição ocupada pelo escritor criativo quando no contato intersubjetivo via rede o internauta apresenta-se como um personagem dotado de características físicas e de história de vida. Não obstante, Lanzarin (2000) ainda destaca que quando o internauta constrói para si um personagem, sua produção subjetiva se distingue daquela do escritor por sua qualidade interativa e dinâmica, pois é construída na interação com outros personagens.

Em tempos nos quais a internet representa o expoente máximo da veloz transitoriedade dos acontecimentos, as novas relações intersubjetivas, travadas através da escrita em tempo real, imprimem novas modalidades de comunicação cada vez mais marcadas por mensagens curtas e instantâneas cuja temporalidade e forma de expressão em nada condizem com a gostosa e inquietante emoção do tempo de espera de uma carta de um amigo que longamente se demora em frases que são em si mesmas a expressão de genuíno afeto, nas quais ressoam sentimentos saudosos capazes de atualizar a memória de um passado compartilhado, em toda a sua sutileza. A emocionante experiência de receber uma esperada carta - com o vigor de seu caráter

esperançoso e perene - de um amigo ou alguém muito caro, está de fato soterrada no momento atual das brevíssimas e instantâneas mensagens que tão logo desaparecem com o fechamento da janela do MSN ou de outros canais de conversa *on line*. A condição de espera em tudo que sua qualidade informa de esperança e aperfeiçoamento, de fato não é a mais desejável em tempos de banalização da velocidade com as quais inúmeras atividades cotidianas são operacionalizadas, onde permanecer alguns minutos diante do aparelho de microondas que aquece a comida (em sua versão basta aquecer) é uma situação que comumente pode ser sentida como irritante. Nos dias atuais debruçar-se longamente em uma ocupação que supõe o tempo demorado e dedicado próprio da temporalidade da arte não suscita propriamente o entusiasmo honroso que produz uma obra de arte, mas a sensação de entediante fardo na alucinante cadência da vida em qual não se pode perder tempo e é possível executar várias tarefas simultaneamente, ainda que sejam atividades tão díspares como exercitar-se em uma academia e assistir a um filme na tela da TV que se encontra logo a frente acoplada à esteira. Não esquecendo que concomitantemente a tais atividades pode-se também conversar com alguém, caso toque o celular. Ufa! Assim, é possível resolver aquele problema, marcar o encontro de sábado à noite, perder calorias e sair da academia com a sensação de que assistiu a aquele filme tão interessante ainda que de fato só tenha visto alguns trechos, tudo a uma só vez. Se por um lado presenciamos a banalização da rapidez do tempo de operacionalização das ações cotidianas, contexto no qual até mesmo a temporalidade sagrada da alimentação, como fonte de energia vital, em sua capacidade nutritiva e agregadora dos homens encontra-se desvirtuada pelas rápidas passagens nos *fast-food*, durante o espremido horário de almoço, por outro lado, esse mesmo ritmo frenético, próprio da atual era da internet, traz consigo a abertura para a

experimentação de novas formas de atuação e de relacionamento que apontam para o horizonte de descobertas inovadoras.

A brevidade e instantaneidade que caracterizam as mensagens da comunicação *on line* inauguram formas lúdicas e criativas de expressão de sentimentos transmitidos essencialmente através de dispositivos visuais, mas que também podem possuir sonoridade e mobilidade capazes de reproduzir sons e gestos, tais como o estalar de um beijo, os movimentos de um tchau ou caloroso abraço, as expressões envolvidas num gestual de uma risada, ou até mesmo de uma hilariante gargalhada. Além desse universo lúdico de figuras e desenhos que parecem ganhar vida em seus rebolados e outras graças, o aspecto prazeroso do ‘bate-papo’ na internet articula-se com a fascinante dimensão imaginária envolvida na relação intersubjetiva virtual que permite a exploração de facetas diferenciadas da subjetividade bem como a possibilidade de experimentar-se ser um outro. De acordo com a literatura, o freqüente uso de *nicks* revela o aspecto extremamente atrativo da comunicação via rede que favorece o envolvimento em um universo imaginário próprio do escritor que dá vida aos seus personagens. Ao utilizar *nicks* na relação intersubjetiva via internet pode-se experimentar ser muitos outros que se expressam através dos personagens inventados. Assim, quando usa *nicks* o sujeito que é tímido e contido na vida cotidiana pode experimentar ser divertido e brincalhão, aquele que é um profissional recatado pode ser um sujeito ousado, arrogante e polêmico.

3.4.2 A ficcionalidade da subjetividade e a experiência plural no uso de nicks e heterônimos: o reavivamento do “outrar-se” Pessoa.

O caráter cativante e inovador das relações estabelecidas no ciberespaço diz respeito a essa extraordinária possibilidade de experimentação simbólica da

subjetividade na qual se pode vivenciar de forma compartilhada papéis, profissões, habilidades, qualidades, etc. antes nunca experimentados. Ou seja, no vínculo intersubjetivo virtual o sujeito possui a liberdade de inventar a si mesmo e os limites de expressão dessa possibilidade de ser são aqueles contornados por sua própria capacidade criativa. As relações virtuais viabilizam a experimentação da condição plural do ser humano, permitindo a fruição da subjetividade em todo seu devir. Mais do que a aproximação da atividade criativa do autor que constrói suas personagens e histórias, a utilização de *nicks* na relação intersubjetiva *on line* permite vivenciar os outros que habitam os personagens, isto é, traz à tona uma experiência análoga ao movimento heteronímico próprio da escrita de Fernando Pessoa.

A obra heteronímia é por sua vez, aquela de um autor fora de sua pessoa, enquanto outro. A heteronímia é, portanto, simultaneamente uma experiência de despersonalização e uma experiência plural, pois há muitos modos de ser outro. (Silva Junior, 1995, p.27).

Não seria o aspecto inquietante do desvio da realidade e dos conteúdos imaginários na experiência de tornar-se outro presente na heteronímia de Fernando Pessoa – mencionado por Silva Junior (1995, 2001) que estaria em jogo na utilização dos *nicks* na relação virtual? Quando o sujeito apresenta-se através de um *nick* ele experimenta a possibilidade de tornar-se um outro, ou de “outrar-se”- referindo-se ao neologismo pessoano. Silva Junior (2001) parafraseando Pessoa afirma que: “No ‘outrar-se’, o eu e a situação mudam, o eu antigo não está mais presente na cena sonhada; ele é, antes, negado em sua ipseidade pelos novos habitantes” (pag. 302-303). De fato, a qualidade inquietante no uso dos heterônimos ou *nicks* está no sobressalto pelo qual somos tomados diante da dúvida sobre o que pertence à realidade material e o que pertence ao universo da ficção. O inquietante da heteronímia, relata Silva Junior (2001), reside no conflito advindo da condição de desconhecimento se o autor continua “a ser essencialmente diferente de seus personagens”. Ou seja, o que Silva Junior (2001)

diz é que o inquietante nesta experiência literária está na suspensão da realidade pela ficção, uma vez que aquilo que considerávamos como real se apresenta como algo fictício. Na medida em que a apresentação através de *nicks* e heterônimos permite ao sujeito experimentar-se enquanto outro(s), essa experiência plural desvela a aflitiva descoberta da qualidade ficcional da própria subjetividade. De acordo com Silva Junior (2001), o desassossego diante dessa dúvida em relação à realidade material encontra-se no centro do inquietante que a heteronímia instaura. Em outras palavras, o que autor nos diz é que a essência do inquietante da heteronímia consiste no sentimento incômodo e desestabilizador diante da descoberta da plasticidade da subjetividade, ou seja, do fato de que não existimos enquanto subjetividade auto constituída e acabada, mas somos possibilidades, tal como uma escultura mutante de areia que se deixa esculpir pelos ventos.

A reflexão sobre o inquietante da heteronímia revela a descoberta de um ‘si mesmo’ essencialmente falso. Com efeito, o inquietante da heteronímia desvela como fictícia nossa própria subjetividade. Um sentimento desconfortável parece vir de adivinharmos um fundo puramente ilusório em nosso eu. (Silva Junior, 2001, p. 313).

Dada a qualidade de inacabamento da subjetividade, cuja complexa tessitura se dá em relação, ou seja, supõe sempre o outro, o vínculo intersubjetivo é sempre traumático, como informa Lévinas (1993, 2005), pois implica inaptações entre singularidades que nunca são assimiláveis, englobáveis, em sua intangibilidade humana; alguém nunca é decifrável, vislumbrado como que a meia luz, só se dá a conhecer por meio das experiências inter-humanas do agir e do falar (Arendt, 2001). Existir como pessoa significa ser algo inapreensível, que sempre excede as expectativas em sua qualidade imprevisível como quem veio ao mundo mesmo como um milagre – tal como nos informa Arendt (2001). Diante da agonística inacessibilidade do outro – condição de medida do inquietante da heteronímia, o vínculo intersubjetivo traumático exige dor

e esforço num contexto de inadaptação próprio do contato com a alteridade, supondo a qualidade da “passividade da incerteza e a adoção do abismo como fonte do olhar” – condição a qual Silva Junior (1999) refere-se como a que resta ao analista na situação analítica. Se diante do outro radical o psicanalista é tomado pelo sentimento inquietante que aflora como medida mesmo da escuta da qualidade ficcional da narrativa do analisando sobre si mesmo, a heteronímia revela-se como o paradigma tanto da condição singular da posição do analista como, em última instância, do caráter impreciso que marca toda relação intersubjetiva, mais especificamente o da relação virtual enquanto terreno propício de viabilização do produto da imaginação humana, onde o grau de ficcionalidade pode ser maximizado, potencializado em relação a que se vive nas relações presenciais. O desassossego com o qual alguns internautas vivenciam suas relações *on line* não nos diz senão sobre o inquietante da heteronímia – elucidado por Silva Junior (2001)? O uso de *nicks* e heterônimos nas relações via internet geram a sensação desestabilizadora advinda da possibilidade de experimentação da qualidade plural e ficcional da subjetividade. O aspecto inaugural das novas relações estabelecidas através de heterônimos e *nicks* reside nesse desnorreamento diante da dúvida em relação à própria existência enquanto sujeito, ao que pertence à realidade material e ao universo ficcional nos discursos sobre si mesmo em jogo na relação virtual. Em outras palavras, o aspecto inovador da utilização de *nicks* e heterônimos no ciberespaço consiste na inquietante descoberta da ficcionalidade da própria subjetividade; a experimentação da pluralidade dos heterônimos desperta a medida mesma de nossa inexistência. A experiência de apresentar-se como outro, através de *nicks* na relação *on line* é disparadora do despertar para o fato de que só somos enquanto relação, que somos no entre nós.

O emprego de heterônimos e *nicks* nas relações virtuais atualiza a experiência do “outrar-se” pessoano. Com efeito, a possibilidade de tornar-se outro, assumindo diferenciados papéis na relação mediada pela internet, ilumina não somente a qualidade plural da subjetividade, mas também a relacional, uma vez que supõe a alteridade. A representação de papéis constitui em si mesma a condição de expressão da subjetividade. E aqui o caráter relacional do conceito de papel revela-se como extremamente decisivo para compreender a condição de possibilidade do sujeito. À luz da teoria psicodramatista de Jacob Levy Moreno, o conceito de papel condensa em si a questão nevrálgica para clarificar a constituição social do sujeito, representando uma noção bastante elucidativa da condição da subjetividade enquanto produto histórico-social. Para Moreno (1991) a representação do ego ou *self* não equivale a um ‘eu’ interior como uma unidade auto constituída que desempenha determinados papéis, mas ao invés, são os papéis que constituem a medida mesma de configuração do suposto ‘eu’, ou seja, os papéis são a medida de possibilidade do sujeito, a condição mesma de possibilidade, por assim dizer, de fruição existencial do sujeito. A sutileza dessa inversão revela uma mudança de espacialidade subjetiva, isto é, não é o mundo interior, mas a exterioridade do espaço relacional da atuação dos papéis a medida que sustenta algo relativo à sensação de realidade existencial. Moreno foi um dos pioneiros a conceber e estudar o homem através de suas relações interpessoais, sendo responsável pela passagem da terapia individual para uma compreensão dos componentes interpessoais do universo subjetivo. Segundo Fox (2002) “um dos corolários da ênfase de Moreno na interação é a concepção de que os problemas psicológicos têm freqüentemente, uma base interacional” (p.19).

O conceito de papel supõe intrinsecamente a alteridade, pois só é desempenhado na relação com outro (o papel de mãe só existe se há filho e vice-versa). É no universo

plural e ficcional da atuação de diferenciados papéis através do uso de heterônimos e *nicks* na internet que os sujeitos experimentam o sentimento análogo ao “outrar-se” pessoano. À revelia dos internautas entusiastas, as relações virtuais atualizam a experimentação da qualidade plural e ficcional da subjetividade.

Arendt (2002) também ilumina a condição humana de pluralidade ao mencionar a essência do “dois-em-um” do pensamento, descoberta por Sócrates e traduzida em linguagem conceitual como diálogo sem som, por Platão. Segundo a autora, a dualidade do ‘eu’ consigo mesmo do pensamento “é talvez a indicação mais convincente de que os homens existem *essencialmente* no plural” (Arendt, 2002, p.139 – grifo da autora).

A autora destaca que a noção de mesmidade implica a relação de “com”, isto é, uma mediação, uma conexão. Ela demonstra, referindo-se a Sócrates, que a interação do “eu” consigo mesmo está relacionada com a interação com os outros. O diálogo de pensamento do “eu” consigo mesmo é conduzido pela relação dialogante com os outros, tal como na amizade.

A experiência condutora, nesses assuntos, é evidentemente a amizade, e não a individualidade; antes de conversar comigo mesmo, converso com os outros, examinando qualquer que seja o assunto da conversa; e então descubro que eu posso conduzir um diálogo não apenas com os outros, mas também comigo mesmo. Arendt (2002, p.141-142).

A experiência de pensamento dialogante do ‘eu’, ou seja, o fato de que o pensamento não pensa alguma coisa, mas sobre alguma coisa – que pressupõe uma relação anterior com este ‘eu’, através de um diálogo silencioso, implica que a alteridade é inerente ao processo do pensamento e à própria existência do ‘eu’, uma vez que “o pensamento acompanha a vida e é ele mesmo a quintessência desmaterializada do estar vivo” (Arendt, 2002, p.143).

Em poucas palavras, a realização, especificamente humana, da consciência no diálogo pensante de mim comigo mesmo sugere que a diferença e a alteridade, características tão destacadas do mundo das aparências tal como é dado ao homem, seu hábitat em meio a uma pluralidade de coisas, são também as mesmas condições da existência do ego mental do homem, já que ele só existe na dualidade. E esse ego – o eu-sou-eu – faz a experiência da diferença na identidade precisamente quando ele não está relacionado às coisas que aparecem, mas apenas a si mesmo (Arendt, 2002, p. 140).

Lévinas (2005) também destaca que a alteridade é condição da unidade do “eu penso”, já que a atividade do pensar é, ela própria, pensamento sobre essa alteridade através de lembrança evocável, representável. Em outras palavras, aquilo que o pensamento conhece é, ao mesmo tempo, o *outro* e o próprio do pensamento. Neste sentido, este autor afirma que “a atividade do pensamento consegue justificar toda alteridade e é nisto, ao fim das contas, que reside sua própria racionalidade” (Lévinas, 2005, p. 169).

Lévinas (2005) assim como Arendt (2002) atenta que a dimensão dialogante do pensamento explica que o ego pensante (sujeito) existe essencialmente na pluralidade. Em sua ética da sociabilidade, Lévinas (1993, 2005) demonstra que o ‘eu’ é sempre investido e questionado pelo outro (compreendido em sua alteridade), o sentido último da “minheidade” do ‘eu’ é dado no encontro ético face a face com o outro que sempre me interpela e exige de mim responsabilidade.

A explicitação do sentido que um outro eu, que não eu, tem para mim – eu primordial – descreve o modo pelo qual Outrem me arranca da minha hipóstase, do aqui, do coração do ser ou do centro do mundo onde, privilegiado e, neste sentido, primordial, eu me coloco. Mas, neste arrancamento revela-se o sentido último de minha “minheidade”. Na colocação do sentido de ‘eu’ ao outro e também na minha alteridade a mim-mesmo, pela qual eu posso conferir ao outro o sentido de eu – o aqui e o lá invertem-se um no outro. Não é a homogeneização do espaço que, assim, se constitui; sou eu – embora tão evidentemente primordial e hegemônico, tão idêntico a mim-mesmo, no nome ‘próprio’, tão bem na minha pele, no meu hic et nunc – que passo ao segundo plano: eu me vejo a partir do outro, exponho-me a outrem, tenho contas a prestar. (Lévinas, 2005, p. 123).

A dimensão intersubjetiva, como acontecimento ético, que Lévinas (2005) ilumina, requer dor e esforço no encontro com o outro, que é sempre indiscernível e exige responsabilidade. O vínculo intersubjetivo traumático com a alteridade como condição de possibilidade do sujeito nos remete à amizade como reveladora da qualidade política da interdependência humana. A experimentação política da amizade encontra-se no cerne da questão da produção de subjetividade – tema condizente à área da Psicologia Social, pois permite compor uma relação inquietante e desestabilizadora com a alteridade que gera questionamentos e desestruturação dos sujeitos através do processo de alargamento de opiniões no encontro com os outros. É nesse sentido que a investigação acerca da experimentação política da amizade no âmbito das relações virtuais mostra-se como extremamente relevante para a compreensão de como as contemporâneas formas de relacionar-se podem favorecer novos modos de transformar pontos de vista fixos capazes de irromper ações políticas inovadoras.

4. ESPINOSA E A FORÇA DOS AFETOS

A amizade compreendida em sua qualidade política, ou seja, enquanto vínculo agonístico que permite transformações no registro da subjetividade, diz respeito à potência dos encontros e às forças mobilizadas por estes. Neste sentido, a questão da experimentação política da amizade pode ser remetida à noção espinosana de força dos afetos, em sua *Ética*. Pensar amizade à luz da filosofia espinosana dos afetos, mais do que um caminho apropriado, parece-me uma oportuna escolha elucidativa. A experimentação política da amizade condensa em si um dos principais postulados da filosofia de Espinosa (2008): “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (E.III. postulado 1. p.163). Pois a compreensão da amizade em sua qualidade política designa um vínculo privilegiado de abertura à alteridade, que permite ao corpo experimentações de afetar outros corpos e por eles ser afetado, cujos efeitos podem suscitar transformações no registro da subjetividade, ou ainda da potência de agir. A concepção do corpo em Espinosa, sustentada pela unificação corpo-alma e capacidade de afeto constitui um elemento precioso para a compreensão da presença do interlocutor e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades na internet que prescindem do contato físico. Em pesquisa anterior (Gomes e Silva Junior, 2007), pudemos constatar a amizade enquanto relação agonística de mútua afetação entre alteridades, na qual os amigos modificam-se, despertam para novos interesses, potencializam habilidades, trocam conhecimentos e organizam-se coletivamente².

² Uma vez que a amizade engendra gestos com o vigor da solidariedade e generosidade, a sua semântica é fortemente marcada desde a Antiguidade com os ideais de igualdade-fraternidade. Em *Genealogias da Amizade*, Ortega (2002) afirma que o modelo Canônico e Grego de amizade concentra-se na busca de uma amizade perfeita, verdadeira, virtuosa. Chauí (1999) em seu ensaio sobre a amizade em La Boétie menciona que as concepções de amizade em Aristóteles, Cícero e

Em Espinosa (2008), a compreensão do corpo passa por duas proposições, uma dinâmica: o corpo se define pelo poder de afetar e ser afetado (E.III. postulado 1. p.163); e outra cinética: a individualidade de um corpo também se define pelas relações de repouso e movimento, de velocidade e lentidão (E.II. Lema 1 da proposição 13, p.99). Portanto, o corpo é sempre relacional e se define pelos afetos de que é capaz. Sendo assim, toda a Ética de Espinosa pressupõe a noção de experimentação, uma vez que não se sabe antecipadamente o que pode um corpo em um encontro, em uma combinação.

Na inspirada analogia entre a música e os compassos da vida, Deleuze (2003) sugere que, assim como uma forma musical depende da relação entre velocidades e lentidões das partículas sonoras, para Espinosa a maneira de viver depende de uma complexa relação de ritmos com os quais nos conjugamos com outros corpos.

Não pretendemos exaurir toda a filosofia de Espinosa, cuja amplitude e complexidade demandariam outro trabalho, a saber, um trabalho com exclusiva imersão no universo biográfico e das obras desse ilustre filósofo – tarefa que por sua vez, foi levada a cabo com excelência por autores contemporâneos, tais como Bove (1996), Chauí (2003, 2005), Deleuze (2003), Gleizer (2005) etc. O que nos interessa aqui é pensar a amizade na companhia da teoria espinosana dos afetos (portanto, com a atenção voltada, sobretudo, ao que diz respeito as partes III, IV e V da Ética), uma vez que esta oferece uma privilegiada elucidação do que pode um corpo em relação, e quais os efeitos dos afetos no corpo entendido enquanto potência.

Montaigne fundam-se nas noções de perfeição, raridade, intimidade, virtuosismo e fraternidade. Não obstante, Ortega (2002) atenta para as perigosas conseqüências advindas da articulação dos tradicionais discursos da amizade com uma ética e política fraternalista, homoerótica, falogocêntrica que pode se configurar nos piores sintomas de práticas intolerantes, de discriminação do outro, produzindo armadilhas da exclusão e suas nefastas subseqüências. A discussão sobre as implicações políticas das semânticas da amizade pode ser mais bem contemplada em Gomes e Silva Junior (2005) e em Gomes e Silva Junior (2008).

4.1 Corpo e Afeto

O corpo é compreendido por Espinosa como um modo finito que, em decorrência da causalidade imanente, exprime a essência absolutamente infinita de Deus. Espinosa define corpo e alma (ou mente) como modos, pois estes, não sendo substâncias, não existem em si mesmos, só podem ser concebidos em Deus. “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido.” (E. I. proposição 15, p.31). O que existe em si mesmo é denominado substância por Espinosa, que demonstra na Parte I da *Ética* que existe somente uma substância e, portanto, que não existe nenhuma substância além de Deus. Os modos não podem existir sem a substância, assim, só podem ser concebidos pela natureza divina. “Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”. (E.I, definição 5, p.13). Além disso, Espinosa recusa que Deus seja uma entidade transcendente ao mundo, demonstrando que Ele é a causa eficiente imanente de todas as coisas e que sua potência é auto-produção incessante do real. Conforme afirma Bove (1996), a causa imanente é a necessidade mesma deste mundo em sua explicitação e sua afirmação. Em outras palavras, a causa imanente desdobra a vida mesma do Deus-Natureza, isto é, sua potência em ato – como afirma o conceito de *causa sui*: “Por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente” (E. I. definição 1, p.13). A imanência de Deus, portanto, se afirma absolutamente nos e por seus atributos (aquilo que exprime a essência da substância divina, E.I. definição 4, p.13) infinitos e em cada um de seus atos. Bove (1996) afirma que ao se auto produzir, a Natureza produz imediatamente a potência das coisas singulares nos e pelos atributos que constituem a essência da substância.

A *causa sui* é o movimento mesmo de afirmação de si da substância através de seus atos. A causalidade imanente não exprime assim nada mais que a ‘livre

necessidade' da potência absolutamente infinita da Natureza, da qual todos os existentes são, em última instância, os efeitos necessários. É nos e pelos atributos que a Natureza dá imediatamente a todas as coisas a potência própria que constitui e qualifica sua essência na existência. (Bove, 1996, p.153-154, tradução minha).

Deus é assim causa de todas as coisas no mesmo sentido onde é causa de si, como uma estrutura genética aberta e absolutamente ilimitada. Bove (1996), ao se referir à concepção da causa imanente compreendida na causalidade por si, destaca a necessidade imanente e o efeito de circularidade, próprios de uma causalidade circular, sem princípio nem fim, onde o efeito como parte compõe – ou participa da produção de – sua causa. Deus é força produtiva e essa força é a vida mesma. Bove (1996) destaca a consequência ética e também política da causalidade imanente da substância afirmando que cada modo (particularmente o indivíduo humano ou o conjunto do corpo coletivo) pode afirmar sua vida (sua potência) ao máximo que ele pode alcançar, sem que este 'ao máximo' não exprima qualquer limitação, um limite à sua liberdade, visto que esta necessidade singular é livre e produtora. “E tanto mais este modo experimenta afecções 'ativas' mais ele se dá a força de amplificar sua afirmação” (Bove, 1996, p.173, tradução minha).

Corpo e alma compreendidos como modos, ambos possuem igual força e não há uma relação hierárquica entre eles. A concepção espinosana de corpo e alma, como modos de expressão de uma única e mesma substância, constitui uma ruptura inaugural com a separação radical cartesiana entre corpo e alma. É nesse sentido que Chauí (2005) destaca a relação corpo-alma espinosana como uma inovação sem precedentes que rompe tanto com o dualismo cartesiano, quanto com a condição de hierarquia presentes na idéia platônica da alma como dirigente do corpo e na concepção aristotélica do corpo como instrumento da alma. Espinosa (2008) instaura a ruptura com a tradição hierárquica de superioridade da alma em relação ao corpo na medida em que estabelece

que corpo e alma estão unidos e possuem igual potência. A união corpo e mente configura não só a comunicação entre eles como também o fato de que há correspondência entre os acontecimentos físicos e psíquicos. Na medida em que corpo e alma são igualmente concebidos como modos, e estão intrinsecamente ligados, o corpo humano deve ser compreendido neste trabalho em sua totalidade, toda vez que nos referimos a ele.

Os corpos são modos singulares de expressão de um atributo infinito de Deus, a extensão. Ou seja, os corpos são manifestações da extraordinária infinitude de possibilidades de expressão divina. A beleza dessa concepção de corpo em Espinosa diz respeito à grandeza da infinita diversidade pela qual a vida se manifesta. As infindas alteridades possíveis de apresentação dos corpos na natureza, em suas inúmeras e diferenciadas habilidades visuais, táteis, auditivas, olfativas, reprodutivas, nas variações incríveis de colorido, textura, forma, tamanho, peso, movimento etc. só remetem à grandiosidade da imanência de Deus. Na experiência de se afastar do cenário urbano e permanecer inserido em meio à exuberante fauna e flora das montanhas e florestas o corpo é tomado por sensações de sons, aromas, ritmos e frescor outros de maneira tão intensiva que o céu repleto de estrelas, a imensidão do horizonte que se avista, a força do fluxo da cachoeira sobre a pele, o silêncio arrebatador, são em si mesmos a sensação sublime da presença de Deus. O revigoramento energético que tais vivências proporcionam diz respeito à capacidade de alteração da vitalidade do corpo que pode aumentar ou diminuir dependendo do que se vincula a ele. Em outras palavras, as relações de um corpo podem modificá-lo, aumentando a sua capacidade de agir ou até mesmo levando-o ao adoecimento. O arranjo de cada corpo depende da maneira pela qual ele se compõe com os demais, ou seja, a configuração do corpo está diretamente relacionada com as suas experiências, isto é, com a forma pela qual afeta e é afetado

pelos demais. De acordo com Espinosa (2008), a modificação da potência de agir ocorre, pois, na relação do corpo humano com outro corpo exterior há sempre um efeito singular que envolve a natureza de ambos. “A idéia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior”. (E. II, proposição 16, p.107).

Ora, se a condição do corpo humano depende das combinações que resultam de suas relações internas e externas, pode-se dizer que o corpo é pleno de afeto. “Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções”. (E. III, definição 3, p. 163).

Na medida em que o corpo é definido por seu poder de afetar e ser afetado, ele só pode ser compreendido relacionalmente. Espinosa (2008) pensa o ser humano e a sociedade sempre em termos coletivos, ou seja, para ele o corpo é já um coletivo; “o corpo humano compõe-se de muitos indivíduos” (postulado 1, E.II, P.105). Nesse sentido, Chauí (2005) afirma:

(...) por essência, o corpo é relacional: é constituído por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por *afecções*, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando. O corpo, sistema complexo de movimentos internos e externos, pressupõe a intercorporeidade como originária (Chauí, 2005, p.51).

Bove (2008)³ destaca a perspectiva não-individualista do pensamento de Espinosa, ao afirmar que não é uma filosofia do sujeito onde cada um está fechado em sua subjetividade, mas se trata de uma filosofia onde as singularidades emergem tanto

³ Exposição de Laurent Bove a Paul Singer sobre a relação da filosofia de Espinosa e a economia solidária, no então momento da estada do pensador francês em São Paulo, transcrita por mim e por David Calderoni.

mais quanto mais houver igualdade de circulação de afetos, idéias, bens etc. no tecido comum.

O corpo só se constitui enquanto tal em relação e, nesse sentido, a intercorporeidade funda um movimento na busca de entrar em contato, de afetar e ser afetado por um outro. De fato, o bebê humano morre se não for acolhido, cuidado, e possui habilidades inatas tais como a sucção, o sorriso e o choro, que propiciam o vínculo. Na relação com seus outros, o corpo está implicado em um processo de receptividade ativa e dinâmica, tal como no encontro espectador/obra, no qual o olhar busca despertar a vida na própria realidade sensível da obra como significado.

Tal como o processo de interpretação de uma obra de arte instaura um mosaico de hermenêuticas, pois implica uma relação de construção de sentidos a partir da perspectiva singular de quem a olha, o poder de ser afetado de um corpo é investido de diferentes maneiras de acordo com as causas exteriores. No processo de leitura de uma obra de arte, o espectador reconstrói a realidade viva da obra, abrindo campos de sentidos – o que leva Silva Junior (1999) a mencionar a ruptura com o paradigma de um artista criador em oposição a uma obra criada e fixa, referindo-se ao espectador-artista como um criador de visões. Se por um lado, “o efeito da experiência artística no espectador é o de atribuir-lhe o lugar de criador” (Silva Junior, 1999), por outro, o entrar em contato com a obra produz efeito retroativo no sujeito espectador que é construído por esse modo de olhar. Esse duplo movimento, no qual o espectador afeta a obra, criando campos de sentidos e é também sensibilizado, modificado por ela, está em jogo na compreensão espinosana do encontro de sensibilidades nas relações humanas. Ou seja, se uma mesma obra pode gerar um espectro múltiplo de hermenêuticas, uma mesma potência de agir pode ser alterada diferentemente dependendo dos arranjos que estabelece em suas relações.

As afecções de um corpo podem variar sua potência de agir, estimulando-a ou restando-a. No âmbito das relações humanas, um corpo age ou é ativo quando ele é a causa interna e completa da afecção e a alma é ativa quando compreende a atividade do seu corpo e a sua própria como causa total de um afeto ou de uma idéia; ao contrário, o corpo padece ou é causa inadequada da afecção quando ele gera somente parcialmente algum efeito em si mesmo ou fora dele, ou seja, quando a causa da afecção é externa e só parcialmente interna. A alma é igualmente passiva quando seus afetos ou suas idéias são determinados do exterior e só parcialmente por ela mesma. “Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só” (Espinosa, 2008, E. III, definição 1, p.163). Segundo Espinosa (2008), o afeto é compreendido como ação, quando somos a causa adequada de alguma afecção; em caso contrário, uma paixão. . De forma análoga, a mente age na medida em que tem idéias adequadas (isto é, das quais ela é a causa interna completa), e padece quando tem idéias inadequadas (isto é, das quais ela é apenas causa parcial). Por idéia Espinosa (2008) compreende “um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante” (E. II, definição 3, p.79).

Na medida em que “a mente humana não conhece o próprio corpo humano e não sabe que ele existe senão por meio das idéias das afecções pelas quais o corpo é afetado” (E.II, proposição 19, p.113), a mente é a própria idéia, ou o conhecimento do corpo humano. Essa idéia é adequada quando a mente conhece a essência de seu corpo; é inadequada quando a mente possui apenas uma imagem de seu corpo, imagem que é produzida pelos outros corpos em relação ao seu. Deleuze (2003) menciona a consciência como sendo naturalmente o lugar da ilusão, pois ela recebe os efeitos dessas afecções, mas ignora suas causas. Quando um corpo encontra outro corpo, ou uma idéia

uma outra idéia, a maneira como eles se relacionam pode compor um aumento da potência de agir ou um pode decompor o outro, destruindo a coesão de suas partes. Nós registramos apenas os efeitos dessas composições e decomposições. Em outras palavras, a consciência recolhe somente o que chega ao nosso corpo, o que chega a nossa alma, isto é, o efeito de um corpo sobre o nosso, o efeito de uma idéia sobre a nossa. Deleuze (2003) ressalta que, na ordem dada de nosso conhecimento e de nossa consciência, nós não sabemos nada sobre o que é nosso corpo em sua essência, nem sobre os outros corpos e as outras almas ou idéias, como também desconhecemos as regras pelas quais todas as relações entre corpos e entre idéias se compõem e se decompõem. É nesse sentido que tendemos a ter idéias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos separados de suas próprias causas. As idéias inadequadas não são falsas em si mesmas, são confusas e parciais na medida em que não conhecemos as causas verdadeiras pelas quais as coisas exteriores nos afetam. Não obstante, a possibilidade da passagem das idéias inadequadas para as adequadas encontra-se na própria afetividade, nos tornando causas adequadas de nosso *conatus*.

4.1.1 Conatus e o esforço de perseverar na existência

Segundo Espinosa (2008) *conatus* é o esforço de perseveração na existência. “Sendo uma força interna para existir e conservar-se na existência, o *conatus* é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser busca a autodestruição”. (Chauí, 2005, p.59). No corpo o *conatus* se chama apetite; na alma desejo. A nossa existência está diretamente interligada com os outros corpos, e, portanto, a condição de nossa vitalidade ou *conatus* depende dos encontros que estabelecemos nesses entrelaçamentos. É nesse sentido que Chauí (2005) afirma:

(...) dizer que somos apetite corporal e desejo psíquico é dizer que *as afecções do corpo são afetos da alma*. Em outras palavras, as afecções do corpo são

imagens que, na alma, se realizam como idéias afetivas ou sentimentos. Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva. (p.59, itálicos da autora).

As relações afetivas alteram nosso *conatus*; assim, tal como o alimento é fonte de energia vital, nossos vínculos também nos alimentam, revigorando a nossa alma. Apetite e desejo nos levam a agir conforme os nossos encontros, ou seja, são determinados pelas afecções que nos chegam das relações externas. É válido lembrar que para Espinosa (2008) “se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a idéia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente” (E. III, proposição 11, p.177). Assim, a mente pode sofrer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor. Espinosa (2008) compreende alegria como o afeto que possibilita a passagem para uma perfeição maior, ou seja, quando encontramos um corpo que aumenta a nossa potência de agir, fortalecendo nosso *conatus*, somos afetados de alegria; ao contrário, o afeto de tristeza é a passagem para uma perfeição menor, isto é, quando nos relacionamos com algo que diminui a nossa potência de agir, debilitando o *conatus*.

Para Espinosa (2008), não há coisas boas ou más em si mesmas; bom e mal se referem à maneira como as coisas e os outros afetam nosso *conatus*. Por isso, a *Ética* inverte o sistema de julgamento próprio da moral, fundado na existência do bem e do mal em si, concebidos como valores, normas e modelos de ação que dirigem de fora o agente, o qual deve submeter-se a eles. Espinosa substitui a moral fundada na existência de valores transcendentos por uma tipologia dos modos de existência imanentes ao próprio *conatus*. Segundo Deleuze (2003), eis a diferença entre ética e moral: Espinosa (2008) desvaloriza a oposição ‘bem-mal’, substituindo-a pela diferença qualitativa de maneiras de existir ‘bom-ruim’. “Toda a ética se apresenta como uma teoria da

potência, em oposição à moral como teoria dos deveres”. (Deleuze, 2003, p.143, tradução minha). Quando um corpo encontra um outro, pode ser que este lhe seja bom, acrescentando-lhe sua potência, aumentando sua força de existir. Ao contrário, quando um outro corpo subtrai, imobiliza a nossa potência de agir, ele é ruim. Em outras palavras, o bom é quando entramos em contato com um corpo que convém com a nossa natureza, tal como um alimento, passando a uma perfeição maior (alegria); e ruim quando nos relacionamos com um corpo que não convém com a nossa natureza, tal como o veneno em nosso sangue, passando a uma perfeição menor (tristeza). Bom e ruim correspondem aos afetos de alegria e tristeza à medida que somos conscientes deles. Bom e ruim são os sentidos da variação da potência de agir: o aumento dessa potência (alegria) é bom, a diminuição (tristeza) é ruim. Nesse sentido, Deleuze (2003), ao mencionar a desvalorização espinosana do bem e do mal, prefere falar em bons e maus encontros. O bom encontro é aquele em que nos relacionamos com um corpo que convém com a natureza do nosso, no sentido de que ele se combina com a relação de movimento e repouso que caracteriza nosso corpo, aumentando a sua potência de agir. O mau é o encontro com um corpo que não combina com o nosso, no sentido de que o afeta destruindo ou decompondo sua relação característica – tal como acontece no envenenamento, indigestão, intoxicação.

O conceito de *conatus* envolve uma positividade, como pura afirmação da vida, pois o esforço por perseverar em seu ser já é afirmação de sua existência mesma; nenhum ser tem algo em si por meio do qual possa ser destruído (“nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior”, E. III, proposição 4, p.173), ao contrário ele se opõe a tudo o que possa excluir/aniquilar sua existência e esforça-se por perseverar em seu ser. Nesse sentido, onde existe vida há resistência. Bove (1996) fala desta perseverança como processo constitutivo de uma individualidade capaz de resistir.

E é nesta dinâmica da resistência-ativa do *conatus* ao esmagamento total por forças exteriores mais potentes que Bove (1996) compreende a afirmação da existência como estratégia. “Potência singular de afirmação e de resistência, o *conatus* espinosista é uma prática estratégica de decisão de problemas e de sua resolução.” (Bove, 1996, p.14, tradução minha). Ao falar da constituição do sujeito estratégico, Bove (1996) chama atenção para a natureza essencialmente prática da subjetividade, uma vez que para Espinosa (2008) “os homens agem, em tudo, em função de um fim, quer dizer, em função da coisa útil que apetecem” (apêndice E. I. p.65). A positividade ontológica do *conatus* que é afirmação absoluta da existência exprime a alegria como princípio estratégico de resistência à tristeza e a tudo que diminuiu a potência de agir; trata-se de um esforço em conservar os afetos de alegria e as condições vinculadas a eles e esquecer, afastar a representação de imagens nocivas em benefício de uma outra imagem investida de um afeto alegre.

Bove (1996) atenta para o fato de que o sujeito estratégico é também essencialmente amoroso, é o afeto que determina a intenção e o desenvolvimento da ação. Nossa relação com os objetos nunca é neutra. É por desejo que nós distinguimos uma coisa a qual atribuímos nosso afeto. Assim, se uma coisa se torna “boa” porque eu a desejo, ela também se torna uma “coisa” pelo fato mesmo desse desejo. É segundo a necessidade do princípio do prazer (ou da necessidade) que o ser humano relaciona a um ser ou objeto exterior a causa do afeto de alegria.

Agir, para o sujeito, é de fato agenciar meios em vista de um fim, isto é, “causas” em vista de conseqüências supostas como necessárias. A relação causal é, portanto, envolvida em todas as ações que empreendemos no e sobre o mundo, mas empreendemos estas ações porque perseguimos objetivos colocados como bens, úteis ao nosso *conatus*. (Bove, 1996, p.69, tradução minha).

A maneira como nos combinamos com outros corpos em nossos encontros pode surpreendentemente nos abrir janelas com vistas a horizontes outros, trazendo

modificações significativas para nossas possibilidades de ação. Em suas relações, o corpo pode descobrir novas habilidades, interesses, gostos nunca antes experimentados. Tais descobertas podem gerar transformações subjetivas que de fato engrandecem a alma – tamanha a força dos bons encontros. No vínculo afetivo entre mãe e filho, entre amantes e até mesmo entre amigos, há uma ampliação de aprendizagens e das maneiras de afetar e ser afetado, de modo que os corpos sentem-se plenos da alegria de viver, sensação que é em si mesma da ordem do engrandecimento e elevação do *conatus* como oriundos da força do amor. Não é a toa que casais que se amam e são companheiros de longa data, em geral, vivem mais. “O amor é, para Espinosa, o afeto da alegria como percepção do aumento de nossa força para ser, agir e viver em ato.” (Chauí, 2005, p.66).

As frases do poeta Tom Jobim “fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho” são enaltecidas em toda a *Ética* espinosana, pois são os afetos de alegria/amor que fortalecem o nosso *conatus*. Em Espinosa (2008), a condição relacional do homem funda-se na impossibilidade de conservação de nosso ser sem que estabeleçamos nenhuma troca com o que nos é exterior. Nesse sentido, é bom e útil ao corpo o que o dispõe a ser afetado de múltiplas maneiras, e é nocivo o que debilita a sua capacidade de afetar e ser afetado:

É útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou o que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores; e é tanto mais útil quanto mais torna o corpo humano capaz de ser afetado e de afetar os outros de muitas maneiras. E, inversamente, é nocivo aquilo que torna o corpo menos capaz disso. (E. IV, proposição 38, p.311)

Portanto, a condição da intensidade do *conatus* é correlativa à qualidade de nossos apetites e desejos, isto é, à maneira como nos relacionamos. Em outras palavras, a variação de nossa potência de existir exprime a forma como se dão nossas relações afetivas. Como já foi dito, nada é mau ou bom em si mesmo, de modo que Espinosa

afirma que não desejamos algo por o julgarmos bom, mas ao contrário, nós o julgamos bom porque o desejamos. Nem sempre temos o conhecimento adequado de nossos apetites e desejos, portanto, não compomos sempre bons encontros. A variação da potência de agir será boa ou ruim conforme o arranjo composto no encontro que envolve a natureza de ambos os corpos. Nesse sentido, um mesmo corpo ou potência de agir pode compor um encontro ruim com determinado corpo, diminuindo a sua potência de agir, e pode não ser nocivo no encontro com outro corpo, fortalecendo seu *conatus*. Em outras palavras, um mesmo corpo compõe diferentes combinações, podendo investir o poder de ser afetado de determinado corpo com afetos de alegria, e gerar a tristeza e o adoecimento do *conatus* de um outro. A qualidade imponderável da multiplicidade dos efeitos de combinações de um mesmo corpo, ou seja, das diferentes maneiras como ele afeta e é afetado em suas relações, é da ordem da complexidade das alergias e intoxicações. Uma mesma fruta, substância, aroma, alimento, e até mesmo certas texturas podem produzir em algumas pessoas indigestão ou coceiras, num grau de intolerância que desencadeia sérios problemas, enquanto que para outras pessoas são inofensivos e até úteis.

É precisamente porque desconhecemos de antemão os efeitos das combinações que compomos, não sendo causa adequada de nosso *conatus*, que muitas vezes constituímos maus encontros. Se no bom encontro há trocas de aprendizagens que revigoram o ânimo de viver, no mau encontro o corpo é passivo e tomado por afetos de tristeza que geram o seu adoecimento e enfraquecimento do *conatus*. Uma vez que podemos ser afetados de múltiplas maneiras, um mesmo objeto ou pessoa pode ser a causa de muitos e conflitantes afetos. De acordo com Espinosa (2008), os principais afetos e flutuações de ânimo derivam da composição dos três afetos primitivos: desejo, alegria e tristeza. “O amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da idéia de uma

causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da idéia de uma causa exterior”. (E. III, escólio da proposição 13, p.181). Como não somos sempre causa adequada de nossos apetites e desejos, as relações humanas são sempre perpassadas por afetos que são variações do ódio, tais como o ciúme, a inveja, o desprezo, a crueldade etc. As redes afetivas constituem um emaranhamento de idéias inadequadas e confusas provenientes de todos os corpos envolvidos – daí a dificuldade das relações afetivas. Na complexa trama dos relacionamentos, há vínculos afetivos que podem ser tão destrutivos quanto uma alergia ou intoxicação. Os relacionamentos e dinâmicas familiares, em quais as potências são preenchidas predominantemente por afetos de tristeza, podem gerar conseqüências nefastas, como o adoecimento do *conatus*, como a depressão, e até mesmo a sua total destruição, pelo suicídio. O corpo deprimido é o protótipo da passagem do *conatus* a uma perfeição menor (tristeza), pois o corpo padece enfraquecido em sua potência de agir.

O poder de ser afetado do corpo é sensibilizado, estimulado a todo tempo por múltiplas causas exteriores, de maneira que nem sempre temos o controle de nossos afetos, submetidos ao acaso dos encontros, ignorantes de nossa sorte e do nosso destino.

4.1.2 Corpo servil: impotência, tristeza, expropriação da liberdade

A alma triste não possui o conhecimento adequado de seus desejos e submete-se ao comando das causas exteriores, fazendo de sua impotência a sua única paixão. A alma triste não age, é passivo-passional, perde o referencial do seu *conatus*, submetendo-se a forças externas. É nesse sentido, que o tirano precisa da tristeza, assim como as almas tristes precisam de um tirano para se propagar; segundo Deleuze (2003) o que os une é o ódio pela vida, o ressentimento contra a vida.

De acordo com Bove (1996), a ambição de dominação tem raízes na estratégia individualista do amor-próprio que é o amor voltado para si mesmo, desejo de se distinguir, se diferenciar submetendo os outros ao seu próprio desejo. Para Espinosa (2008), no nível coletivo da constituição da humanidade como corpo, a imitação representa um papel fundamental de encadeamento das afecções, na medida em que nos identificamos com a alegria ou a tristeza de um semelhante⁴. A imitação está, então, no fundamento mesmo da constituição de um corpo social, pois através dela nos adequamos aos comportamentos que provocam alegria para os outros e nos abstermos daqueles que geram tristeza. Segundo Bove (1996), aí tem lugar uma dinâmica da alegria engendrada por um lado, em nossa participação ativa como potência de agir no *conatus* global, e por outro, estimulada pela alegria que nossos semelhantes experimentam por nossas ações. O homem reconhece a si mesmo como causa da alegria dos outros, e, por isso mesmo, vê-se como causa primeira de sua própria satisfação, sendo essa alegria sentida em função das expressões de aprovação e de amor de nossos semelhantes, o que Espinosa (2008) chama de glória. Na estratégia de ambição de dominação (ou amor-próprio) Bove (1996) afirma que se inscreve uma inversão nesse princípio de imitação: o sujeito imita os afetos dos semelhantes, voltando atenção sobre seus valores, idéias, costumes, etc., pois deseja ser admirado, venerado; é o desejo do olhar do outro que motiva a sua imitação. Há no amor próprio um desejo narcisista de se distinguir, de se diferenciar, uma verdade delirante, como destaca Bove (1996), de ser cultuado como um deus, que conduz assim à vontade de controlar e dominar os desejos dos outros. Na ambição de dominação ocorre, portanto, a inversão do desejo de preencher o desejo do outro, em desejo de submeter o outro ao seu próprio desejo. Bove (1996) afirma que o tirano tem ao mesmo tempo vontade de comandar os desejos

⁴ “Por imaginarmos que uma coisa semelhante a nós e que não nos provocou nenhum afeto é afetada de algum afeto, seremos, em razão dessa imaginação, afetados de um afeto semelhante”. (E. III, proposição 27, p.195).

dos semelhantes bem como de satisfazê-los, visto que em última instância, é a glória no contentamento de si que é buscada, mesmo na tirania. A estratégia individualista do amor próprio perverte a imitação promotora da solidariedade na constituição do corpo social.

O desejo de agradar a multidão conformando-se com seus valores conduz a um “ódio mútuo”, cada um querendo impor a supremacia de seu modelo. O utilitarismo que reduz o outro a um simples meio de satisfação, e que faz da razão um instrumento deste desejo, aparece assim como a ilusão própria do sujeito prático da intersubjetividade e a consequência da inversão da estratégia de ambição de glória em estratégia do amor-próprio (ou estratégia da ambição de dominação). (Bove, 1996, p.85, tradução minha).

Segundo Bove (1996), o paradoxo do amor-próprio é que ele só vive do que em aparência ele recusa; e a singularização à qual ele conduz é o sintoma de uma imitação servil. “Ninguém não é realmente mais prisioneiro do outro que o homem do amor-próprio”. (p.92, tradução minha). Bove (1996) afirma que o amor-próprio é o prolongamento alienado da imitação espontânea, e do desejo de preencher o desejo do outro, na medida em que inverte a lógica da humanidade e da benevolência em uma lógica da ambição que não ocorre sem oprimir o outro. O autor qualifica o amor-próprio de alienado, ainda, pelo fato de que tanto mais forte ele afirma sua singularidade mais mascara a alteridade que lhe é consubstancial; em fim, trata-se de uma singularização alienada já que é essencialmente a inveja (do que o outro possui e do que ele é) que alimenta a dinâmica da ambição e da diferença. Bove (1996) fala, portanto, do amor-próprio como um amor servil, confissão de impotência.

A servidão humana nasce, portanto, do enfraquecimento e assujeitamento do próprio *conatus* ao poder de forças externas. Assim, a servidão é proveniente da paixão, e não dos afetos, isto é, ela resulta do aumento imaginário da força para existir e sua diminuição efetiva. Chauí (2005) também pensa a servidão como uma condição de

alienação do sujeito na qual ele desconhece sua própria potência de agir e deseja o poder ao qual está submetido, embora não o reconheça:

Ilusão de força na fraqueza interior extrema, a servidão é deixar-se habitar pela exterioridade, deixar-se governar por ela e, mais do que isso, Espinosa a define literalmente como *alienação* (o indivíduo passivo-passional é servo de causas exteriores, está sob o poder de um outro ou, em linguagem espinosana, é *alterius juris*, está *alienus juris*). Alienados, não só não reconhecemos o poderio externo que nos domina, mas o desejamos e nos identificamos com ele. A marca da servidão é levar o apetite-desejo à forma limite: a carência insaciável que busca interminavelmente a satisfação fora de si, num outro que só existe imaginariamente. (p.62)

Gleizer (2005), ao atentar para a importante diferença entre os afetos ativos e passivos, também destaca a alienação como condição proveniente das paixões. Pois como os afetos passionais, sejam eles alegres ou tristes, dependem da afluência de causas exteriores, caracterizam-se pela dependência em relação ao outro. Já os afetos ativos, como resultam de nossas ações, possuem como marca a autonomia e o exercício pleno e eficaz de nosso *conatus*.

Bove (1996) fala de uma condição generalizada de alienação como consequência prática do delírio de um Deus-Pessoa e de um comportamento espontaneamente finalista na busca do útil próprio que determinam a orientação do *conatus* em relação à ficção finalista. Segundo o autor, a ficção finalista impõe ao *conatus* um sentido à sua liberdade na busca do útil próprio, um sentido necessário de sua própria saúde. Nesse sistema finalista a significação da liberdade encontra um sentido paradoxal na definição do seu bom uso; o bom uso da liberdade é o serviço de Deus, ou seja, a submissão ou a servidão voluntária.

A ficção finalista impõe ao *conatus* uma imagem de sua própria saúde, intrinsecamente ligada à submissão a Deus através do culto. Ora, esta saúde é, do ponto de vista da afirmação do desejo, a doença mesma, o envenenamento progressivo e inelutável da potência de agir. (Bove, 1996, p.178, tradução minha).

Assim, a realidade-representação torna-se cada vez mais alienante, na medida em que separa os homens de sua própria potência, isto é, de seu desejo como afirmação da vida. A ficção finalista constitui um verdadeiro sistema em que os homens vivem, no qual a idéia de um Deus-Pessoa é ao mesmo tempo o fundamento, a origem e o fim (Bove, 1996). O prejulgamento da finalidade da saúde ou da busca do útil próprio através da instauração do culto se transforma inelutavelmente em superstição. Bove (1996) destaca a relação necessária entre a superstição e o temor, pois somente a alma triste e temerosa nega o seu desejo e se submete, escavando sua própria servidão, a fim de se salvar. Em outras palavras, os homens dominados pela superstição desejam a servidão como se fosse sua saúde, como meio mesmo de sua salvação – eis porque Bove (1996) refere-se à servidão como objeto paradoxal do desejo:

os homens não buscam a servidão pela servidão, a negação de seu desejo pela negação de seu desejo, mas por qualquer coisa na servidão, nesta negação, que é da ordem mesma da saúde, isto é, da afirmação da vida. Os homens lutam pela servidão com o mesmo ardor que lutam por sua saúde porque buscam a saúde na servidão. É este terrível paradoxo que é preciso enfrentar: a servidão é um objeto paradoxal no que ela envolve, em sua negatividade, qualquer coisa que é naturalmente desejada. (Bove, 1996, p.180, tradução minha).

La Boétie (1999), em seu célebre *Discurso da Servidão Voluntária*, busca elucidar como os homens de tantas cidades e nações servem a um único tirano, entregando seus bens, mulheres e crianças, suas próprias vidas. Essa desistência da vida e da liberdade é questionada pelo autor quanto ao seu possível estatuto de covardia. Pois ele destaca que são os próprios homens que se fazem dominar, é o povo que se sujeita, que se curva de maneira aviltante ao tirano.

Segundo La Boétie (1999), “há três tipos de tiranos: aqueles que obtêm o reino por eleição do povo; outros pela força das armas; ou ainda, por sucessão de sua raça”. O tirano que adquiriu o reino através da guerra comporta-se nele como se estivesse em terra conquistada. Os que nascem reis foram criados no seio da tirania e oprimem os

homens a ele submetidos como seus servos hereditários. La Boétie (1999) destaca que o tirano a quem o povo deu o estado supera os outros tiranos em crueldade, uma vez que elevado acima dos outros não quer mais sair, desejando passar para seu filho o poder que o povo lhe outorgou. “Há três tipos de tiranos”, mas a maneira de governar é sempre a mesma. O eleito se comporta como um conquistador, o conquistador se comporta como um eleito, o herdeiro se comporta como um conquistador e os três desejam a perpetuação do poder em sua família.

O autor destaca que tudo que tem vida sente o mal da sujeição e procura a liberdade. Portanto, de acordo com La Boétie (1999), para que os homens deixem-se sujeitar é preciso que eles sejam forçados ou iludidos. Inicialmente os homens servem obrigados e vencidos pela força; no entanto, as gerações seguintes se submetem sem pesar e fazem de bom grado o que seus antecessores fizeram por imposição. Assim, os homens que nasceram sob a opressão, criados e educados na servidão, contentam-se em viver como nasceram, passando a considerar como natural a condição de aviltamento.

Essa naturalização da servidão, ou seja, o costume em ser criado como servo é a primeira razão pela qual os homens sujeitam-se de bom grado. Segundo La Boétie (1999) desta razão decorre uma outra: “que sob os tiranos as pessoas facilmente se tornam covardes.”

La Boétie (1999) destaca que ao subjugar-se o homem perde a coragem, sua vivacidade e seu coração esmorecem. Os tiranos antigos, ao buscar facilitar a dominação, tornando os súditos dóceis, utilizavam os teatros, os jogos, os espetáculos, os gladiadores como ferramentas da tirania, como iscas da servidão.

Ainda, ao apontar como o tirano subjuga os súditos, o autor ressalta que a tirania é alimentada por cerca de cinco ou seis cúmplices do tirano que não medem esforços para lhe servir, preocupam-se em agradá-lo, se aprazem com o prazer dele. Estes

disseminam a maneira como servem ao tirano para os demais da população. Assim, o tirano subjuga os súditos uns através dos outros. Os que se aproximam do tirano, querem servir para ter bens e, assim, além de contribuir com a maldade e servidão, também se iludem, são tomados pela tolice, pois ninguém pode possuir algo de seu sob o tirano; então, acabam abraçando a servidão e recuando mais de sua própria liberdade.

Da dureza do coração do tirano, que odeia seu reino, o qual só faz obedecê-lo, não se pode esperar nenhuma amizade. A amizade só se revela entre pessoas de bem, que se relacionam por mútua estima. “Não pode haver amizade onde está a crueldade, onde está a deslealdade, onde está a injustiça...”, disse La Boétie (1999, p.35-36).

Nesse sentido, a amizade é o oposto da condição de servidão e aviltamento. Chauí (1999) destaca que o sentido irreduzível que La Boétie conferiu à amizade foi: o não servir.

O corpo servil padece. A alienação de sua própria potência o torna escravo de desejos outros, sendo incapaz de orientar-se por seus afetos mais autênticos. Para Espinosa (2008) a servidão é “a impotência humana para moderar e refrear os afetos” (prefácio, E. IV p.263). A servidão é, portanto, uma condição cruel de impossibilidade da fruição existencial mais legítima do sujeito como protagonista de sua própria vida. O ódio que envenena a vida é inclusive o ódio contra si. Na filosofia de Espinosa há uma celebração da vida, precisamente porque ela denuncia tudo o que nos separa da vida, todos os valores dirigidos contra a vida ligados às ilusões de nossa consciência. Deleuze (2003) menciona que a afirmação espinosana da vida considera que mesmo no sentimento de esperança do escravo há semente de tristeza, pois o homem livre ama a liberdade mais do que a esperança das recompensas ou a segurança dos bens. A tristeza está na raiz de toda tirania e opressão, e por isso mesmo Espinosa (2008) a qualifica como um afeto ruim que leva ao alheamento dos poderes de afetar e ser afetado e à

desvitalização da força para existir. A paixão triste é sempre a impotência (Deleuze, 2003).

4.1.3 *É Preciso estar atento e forte*

A *Ética* espinosana é a exaltação da ética da alegria que nos conduz à idéia adequada de nós mesmos e de Deus. Ela concerne a uma maneira de ser que nos convoca a buscar união com as coisas e seres que fortalecem nosso corpo e alma, ao invés de permanecermos ao acaso dos encontros. A *Ética* envolve uma experimentação implicada com a elucidação de questionamentos de ordem prática: se a consciência é também o território das ilusões e é natural ter idéias confusas, incertas, como se tornar consciente de si mesmo e de Deus? Como passar das paixões tristes às paixões alegres a partir das quais passamos aos afetos ativos? Como se tornar causa adequada, ou seja, como chegar a ser causa total dos efeitos de nossos afetos?

Segundo Espinosa (2008), a possibilidade da ética encontra-se na conservação do *conatus* como fundamento único da virtude. “A virtude é a própria potência humana, que é definida exclusivamente pela essência do homem, isto é, que é definida pelo esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser.” (E. IV, demonstração da proposição 20, p.289). Logo, a chave da ética está no esforço para fortalecer o *conatus*, o que supõe uma abertura para afetar de múltiplas maneiras outros corpos e por eles ser afetado, compondo relações que visem a contribuir ao aperfeiçoamento da potência de agir dos outros corpos e também por eles ser revitalizado. Em outras palavras, a virtude supõe uma disposição afetiva, um gosto para relacionar-se com a capacidade para pensar e interpretar seus próprios apetites e desejos nesses relacionamentos, passando das idéias inadequadas às adequadas. É no âmbito de nossas relações afetivas que há a possibilidade de nos descobrirmos como causas adequadas de

nossos apetites e idéias. Ou seja, é através de nossos próprios afetos que podemos nos tornar causa adequada de nossos apetites e desejos, fortalecendo nosso *conatus*:

(...) a ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu corpo, destruindo as causas externas imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos. A possibilidade da ação reflexiva da alma encontra-se, portanto, na estrutura própria da afetividade: é o desejo de alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e à ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles. (Chauí, 2005, p.65).

Desse modo, não estamos confinados aos maus encontros e às tristezas. A vida ética implica a passagem das paixões tristes às alegres, portanto da fraqueza à força, que nos afasta da passividade e nos abre para a ação. A ética é, assim, uma possibilidade que nasce dos próprios afetos e implica o esforço para estarmos atentos ao nosso corpo e em sintonia com os nossos desejos. É um convite a entrarmos em contato com as singularidades de nosso corpo, conhecendo-o em suas necessidades e limitações, assumindo o risco das descobertas de suas novas potências e fragilidades nas suas afecções. A vida ética começa se estivermos plenos de coragem e livres para lançarmos na aventura de descobrir o que pode o nosso corpo em relação, para que então possamos orientar nossas ações com base em nossos afetos alegres. Portanto, a *Ética* espinosana implica uma prática, uma experimentação de maneiras de nos deixarmos contagiar pela alteridade, para conhecer o que fortalece nosso *conatus*, de modo que estejamos aptos a constituir encontros alegres. Segundo Bove (1996), na prática de composição de relações, a lógica amorosa dá certamente ao sujeito ético a matriz teleológica de sua ação (segundo o princípio da busca do útil próprio); no entanto, é na razão que o sujeito encontra a sua determinação ética fundamental: quando se livra das ilusões próprias ao sujeito amoroso, pelo conhecimento adequado das causas de sua ação, ou seja, de seus próprios afetos, abre-se caminho para a virtude decorrente do fato de que se vive sob a condução da razão. O conhecimento adequado de nossos afetos é já

um acontecimento ético, uma potência em ato de humanidade e de amor – própria do afeto ativo. A ação virtuosa é, então, afirmação da unidade ética do sujeito, afirmação de sua potência e autonomia.

O caminho ético pressupõe o cuidado com o corpo, possibilitando que ele seja afetado ao máximo por afetos de alegria. Espinosa (2008) nos diz que quanto mais somos afetados por alegria, mais passamos à perfeição e participamos da natureza divina; portanto, o homem virtuoso e sábio procura recompor o corpo com refeições saudáveis e usufrui do atrativo das plantas verdejantes, das artes, do esporte, da música, do teatro como alimentos que revigoram o corpo e a alma. O cuidado de si, como nos lembra Foucault (2004), é ético em si mesmo e constitui uma prática da liberdade que implica também uma maneira de cuidar dos outros. A ética encontra-se na possibilidade de fortalecimento do *conatus*, tornando-nos causa adequada de nossos desejos para que possamos passar da passividade a uma afetividade ativa que busca transmitir aos outros afetos de alegria. O comprometimento ético envolve o esforço em contribuir com o engrandecimento da potência de agir dos outros, contagiando-os com afetos de alegria, como o amor, gentileza, amizade, generosidade etc. Bove (1996) fala da benevolência como afeto que se constitui na raiz da busca do princípio do prazer (ou do útil próprio) e da resistência à tristeza que este envolve. A beatitude (glória), que é a virtude em si mesma, se constitui na afirmação da potência de composição e de organização dos corpos no processo de resistência que cada ser opõe ao que pode tirar sua existência. A benevolência pela qual nos esforçamos para libertar o outro de sua miséria nasce da experiência compartilhada de afirmação da vida, numa verdadeira dinâmica de resistência à tristeza, na qual a ajuda ao semelhante recompõe não só a vida no outro, mas em nós mesmos. É nesse sentido que Bove (1996) afirma que a aversão da vida à tristeza exprime já a verdade de toda ética:

afirmação da vida contra a morte, da composição contra a dissolução, da alegria contra a tristeza, na benevolência que disso decorre, do amor contra o ódio, da solidariedade contra a solidão. A existência humana não tem nenhum sentido nela prescrito, mas há uma orientação ‘humana’ da vida que nos indica, no e pelo sujeito, o ato de resistência tomado em sua mais larga e profunda compreensão. (Bove, 1996, p. 140, tradução minha).

O sujeito é então ao mesmo tempo potência de afirmação e de resistência. Tornar-se sujeito, nos lembra Bove (1996), não é o destino natural da natureza humana, trata-se de um processo, uma empreitada, é o projeto humano por excelência, sua possibilidade ética. Na ética da resistência e do amor é a existência singular ela mesma em sua afirmação absoluta que é tornada sujeito; nesse sentido, Bove (1996) afirma que “o sujeito ético é então uma intenção sem fim, uma perfeição sem modelo, isto é, a tensão mesma da existência singular em sua afirmação absoluta e produtiva” (p.143). O projeto ético implica encontrar a relação de confiança e de amor que ao mesmo tempo envolve e desenvolve toda vida em sua essencial afirmação.

A passagem aos afetos ativos em nossos relacionamentos requer a disposição para atingirmos as pessoas com afetos de alegria, comprometidos com a expansão do amor em nossas relações cotidianas, atuando como força que pode transformar inclusive o ódio. Segundo Espinosa (2008), quanto mais somos livres e vivemos sob a condução da razão, tanto mais implicados estaremos em retribuir os afetos de ódio, como a ira e o desprezo de alguém, com amor e generosidade, de tal maneira que convertamos o ódio em amor.

A grandiosa inovação de Espinosa (2008) em sua *Ética* foi demonstrar a força dos afetos. “O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, e contrariamente, pode ser eliminado pelo amor” (E.IV, demonstração da proposição 46. p.321). Logo, o comprometimento ético supõe o esforço para cultivar o amor em nossas relações afetivas, buscando sempre contribuir com o crescimento da potência de existir dos

outros. O empenho dos sentimentos ativos em não ser afligido por afetos de ódio implica também o esforço para que outras pessoas não padeçam desses afetos.

A conduta ética supõe o exercício ativo e criativo de nossos investimentos afetivos. A gravidade de tal tarefa torna-se ainda mais relevante no atual contexto de subordinação da subjetividade e dos afetos ao registro econômico. Na contemporânea conjuntura de apropriação da afetividade pelos imperativos do mercado é preciso estar atento e não se deixar levar pelas estratégias sedutoras do mercado que visam a todo instante capturar o consumidor através da manipulação de seus afetos com falsas promessas de felicidade que não condizem propriamente com o fortalecimento de seu *conatus*. Ao contrário, a luta incessante de atualização ao movimento fluído e ininterrupto do consumo pode gerar um desgaste de energia desnecessário, o debilitamento de nosso *conatus* na busca por interesses e desejos que não são propriamente os nossos, mas aqueles preestabelecidos pelo mercado. O corpo precisa estar atento para não se deixar conduzir pelo turbilhão de estímulos, tornando-se escravo dos ideais de felicidade e beleza produzidos e valorizados pelo mercado. Os atuais padrões de beleza que instituem a ditadura do corpo magro e eternamente jovem constituem em si mesmo uma violência contra a natureza do corpo, pela magreza excessiva e medo do envelhecimento.

Tornar-se causa adequada de nossos próprios apetites e desejos requer que sejamos ativos e autênticos na escolha dos alimentos que comemos, das músicas que ouvimos, das nossas leituras, dos produtos que consumimos, da maneira como agimos em nossos relacionamentos. Na era da internet, onde as maneiras de entrar em contato com as coisas e os outros se tornam cada vez mais amplas e diversificadas, é importante que os novos dispositivos como e-mails, SMS, chats, comunidades virtuais sejam utilizados como caminhos de investimento criativo de nossos afetos de alegria, como a

amizade e a generosidade, de modo a difundir os encontros alegres onde os homens fortalecidos possam agir coletivamente.

4.2 Encontros Alegres e Amizade

Segundo Espinosa (2008), a realização ética pressupõe necessariamente uma dinâmica da positividade e da alegria, pois requer uma afetividade ativa, isto é, o empenho para afetar e ser afetado por afetos alegres. O movimento ético envolve a determinação em levar o amor às pessoas, arando terrenos estéreis do ódio com sementes de alegria. Ser ético é agir como quem entrega flores. Nesse sentido, a amizade é plena de ética.

A amizade é o vínculo privilegiado do desprendimento a querer bem a alteridade, de modo que ela só pode mesmo ser expressão sublime de amor à humanidade. Esse amor alargado pela alteridade é a vivacidade mesma da condição humana de compartilhamento do mundo. A relação de igualdade política própria da experiência discursiva da amizade possibilita aos amigos, como agentes e falantes, compartilharem perspectivas de como se colocam na vida, tornando o mundo humanizado. “Os gregos chamavam essa qualidade humana que se realiza no discurso da amizade de *filantropia*, o ‘amor dos homens’, pois se manifesta numa presteza em partilhar o mundo com outros homens” (Arendt, 2008, p.34). O gosto em estar junto como manifestação mesma da amizade, esse amor pela humanidade, condiz com o que Bove (1996) chama de amor de nós-mesmos (*amour de nous-même*) que é o amor pela potência da Natureza, da qual nós fazemos parte; o amor de nós-mesmos é o amor da nossa potência de agir, diferentemente do amor-próprio que é o amor de uma imagem. Ao contrário da lógica narcisista e auto-referente do amor-próprio (já discutida anteriormente), o amor de nós-mesmos (ou amor de si), longe de se fechar sobre nós-

mesmos, é um amor que nos ultrapassa, é um amor voltado para a alteridade. Enquanto no amor-próprio o ser busca a expansão distinguindo-se dos outros homens segundo uma lógica de identificação oposicional e de dominação, no amor de nós-mesmos o ser se amplifica estendendo o amor além dele mesmo sobre todos os corpos semelhantes. Segundo Bove (1996), essa ampliação do amor natural do próprio corpo em um amor universal de todos os corpos semelhantes é a lógica expansiva do amor de nós-mesmos em Humanidade – que é o processo ético em si mesmo. Este amor é necessariamente equilibrado e sem excesso já que ele afirma nossa potência de agir (ou essência singular). Bove (1996) fala desse amor equilibrado como via direta à beatitude e o que Espinosa (2008) chama de *Hilaritas*⁵ é uma condição prática da passagem desta via, organizada e favorecida pelos bons encontros. De acordo com Espinosa (2008)

Hilaritas é:

uma alegria que, enquanto está referida ao corpo, consiste em que todas as suas partes são igualmente afetadas, isto é, em que a potência de agir do corpo é aumentada ou estimulada de tal maneira que todas as suas partes adquirem, entre si, a mesma proporção entre movimento e repouso. (E. IV. demonstração da proposição 42, P.315).

4.2.1 Amizade e alegria da Hilaritas: caminho de produção das idéias adequadas

A alegria da *Hilaritas* é positivamente constitutiva, já que ela relaciona-se com o aumento da potência de agir e, sobretudo com o movimento mesmo de afirmação do ser. Bove (1996) destaca a *Hilaritas* como a expressão adequada do pressuposto por excelência da existência ética. As relações de amizade, na medida em que constituem uma abertura a ser afetado e a afetar, possibilitam este afeto particular de alegria, pois

⁵A palavra *Hilaritas* de origem latina foi traduzida, na versão bilíngüe latim/português por Tomaz Tadeu (2008), como contentamento. Na conversa de Bove com Paul Singer sobre o espinosismo em face da economia solidária, Bove disse que a tradução desta palavra para o francês é sempre insatisfatória e no seu livro *La Stratégie du Conatus affirmation et résistance chez Spinoza*, ora ele utiliza a palavra *Hilaritas* sem traduzi-la, ora refere-se a ela como *allégresse* ou *gaieté*.

de acordo com Bove (1996) a ocasião da constituição dessa alegria, originária da razão, se dá a partir das circunstâncias felizes quando o corpo apresenta várias aptidões de afetar e ser afetado. É nesse sentido que Espinosa (2008) afirma que “a força do desejo que surge da alegria deve ser definida pela potência humana e, ao mesmo tempo, pela potência da causa exterior” (E. IV. demonstração da proposição 18, p. 287). Portanto, os laços de amizade favorecem uma dinâmica da alegria onde forças se adicionam abrindo caminho para a produção de idéias adequadas – condição de nossa liberdade e da passagem dos afetos passivos aos afetos ativos. Bove (1996), ao falar da dinâmica da ascensão da razão pela alegria, afirma que a alegria da *Hilaritas*, sempre boa e sem excesso, é o afeto passivo que permite a expressão da razão. Segundo o autor, a *Hilaritas* indica um processo no qual nenhum afeto é contrário à nossa natureza e por isso mesmo não impede o pensamento; portanto ela não é essencialmente passiva, pois é uma via ativa do conhecimento primeiramente das noções comuns, e das idéias adequadas. Bove (1996) refere-se à alegria da *Hilaritas* praticamente como uma potência favorável ao conhecimento de noções comuns na medida em que por este afeto o corpo tem já uma riqueza de aptidões de afetar e ser afetado, sendo suas partes igualmente afetadas por causas exteriores – o que significa que ele é afetado por qualquer coisa que é comum em todas suas partes e/ou qualquer coisa que é também comum com o outro corpo considerado. Portanto, a passividade extrínseca da *Hilaritas* é imediatamente correlativa de uma real atividade que é a da razão. De acordo com Bove (1996) as afecções que permitem aos homens entrar em acordo devem ser consideradas em sua atividade, pois exprimem propriedades comuns relativas à essência mesma dos corpos considerados. Sobre essa dinâmica do advento da razão, como processo mesmo de conhecimento das noções comuns e idéias adequadas pela alegria Espinosa (2008) afirma: “Será adequada na mente a idéia daquilo que o corpo humano e

certos corpos exteriores pelos quais o corpo humano costuma ser afetado têm de comum e próprio, e que existe em cada parte assim como no todo de cada um desses corpos exteriores” (E. II. proposição 39, p.129). Conforme afirma Chauí (?) “somos ativos ou agimos quando somos causas eficientes totais dos efeitos que se produzem em nós e fora de nós”, já na passividade “somos causa inadequada de nossos apetites e de nossos desejos, isto é, somos apenas parcialmente causa do que sentimos, fazemos e desejamos, pois a causa mais forte e poderosa é a imagem das coisas, dos outros e de nós mesmos, portanto, a exterioridade causal é mais forte e mais poderosa do que a interioridade causal corporal e psíquica”. Ou seja, na paixão, a força externa é mais poderosa do que a do *conatus*, enquanto na ação há uma conjugação de forças de seres que possuem propriedades, qualidade e características comuns.

A condição mesma da formação da noção comum está no encontro de nosso corpo com outros corpos e das forças que aí estão em jogo, geradoras de flutuações de nossa potência de agir que são acompanhadas de um afeto de alegria ou tristeza que nosso corpo se esforça para manter ou reduzir. Ou seja, é no âmbito de nossas relações cotidianas, compreendidas como relações de forças, numa resistência-ativa à tristeza que o *conatus* tende a se estender como razão, segundo forças exercidas nele (e por ele) e que lhe permitem pensar verdadeiramente. É nesse sentido que na vida prática a amizade é uma relação afetiva que possui um papel essencial nas modificações do espírito bem como na base da produção das idéias verdadeiras, constituindo-se, conforme diz Bove (1996), como remédio contra os afetos passivos:

Sem esquecer o amor ou a amizade que os outros homens, por razão ou sob a condução de uma ‘verdadeira fé’, podem me trazer e que – como para a criança – são fontes de equilíbrio e de bem estar visto que eles são, antes que eu não tenha tomado o caminho da razão, verdadeiros remédios contra os afetos passivos. (Bove, 1996, p.117, tradução minha).

4.2.1.1 Amizade e fortalecimento do conatus: resistência à tristeza pela benevolência e indignação ou amizade: recusa do servir

Na relação de amizade, os amigos revigoram o ânimo pela simples companhia e prazer de estarem juntos. A amizade é em si mesma a expressão da condição da liberdade e fortalecimento do *conatus*. Pois, segundo Espinosa (2008), o homem livre e forte não tem raiva nem inveja de ninguém, não é arrogante e busca combater o ódio. A amizade concerne à condição vital do homem de poder afetar e ser afetado, de maneira tão íntegra, que Espinosa (2008) considera lealdade o desejo do homem de unir-se aos outros pela amizade, e desleal aquilo que contraria o vínculo de amizade (E. IV. escólio 1 da proposição 37). Se a amizade constitui-se como uma possibilidade da passagem dos afetos passivos aos ativos, ela favorece o processo ético bem como o conhecimento das noções comuns e idéias adequadas constitutivo dessa empreitada. A condição do viver com (conviver), onde os amigos compartilham idéias e valores, propicia a formação das noções comuns, como conhecimento do modo de relação entre seres singulares. Em outras palavras, as trocas de opiniões, de idéias, valores etc. no diálogo entre amigos possibilitam o conhecimento das noções comuns, isto é, das propriedades comuns que lhes permitem se reconhecerem como homens (modos finitos, no vocabulário espinosano).

Espinosa (2008) refere-se à amizade como um afeto de alegria, útil aos homens livres, pois os conduz a fazer bem uns aos outros e os capacitam para ação comum. “É útil aos homens, acima de tudo, formarem associações e se ligarem por vínculos mais capazes de fazer de todos um só e, mais geralmente, é-lhes útil fazer tudo aquilo que contribui para consolidar as amizades” (E. IV, Apêndice, capítulo 12. p.353). Portanto, a amizade é útil, pois aumenta a capacidade de agir dos homens.

Portanto, a amizade é em si mesma uma condição de abertura aos encontros alegres. Segundo Hardt (1996), a política de Espinosa é uma política ontológica, pois os princípios que mobilizam a organização política são os mesmos que animam a ética e a prática afirmativa do ser. Este autor afirma que o encontro alegre se dá quando dois corpos compõem um corpo novo e mais poderoso, ou seja, quando a afecção com outro corpo torna-se ativa a partir da construção da noção comum, isto é, quando formamos a idéia da relação comum partilhada por esse corpo e o nosso. O aspecto ontológico da política espinosana é elucidado por Chauí (2003) que chama atenção para o fato de que é a teoria mesma das paixões e dos desejos alegres, ou seja, dos afetos que fortalecem o *conatus* que oferecem os fundamentos da utilidade da cooperação e da união de forças entre os homens para a composição do corpo político – a *multitudo*, de “tal maneira que a percepção dos demais homens como semelhantes e da utilidade de cada um deles e de todos para o fortalecimento do *conatus* individual explica que constituam a *multitudo* e instituem o corpo político” (Chauí, 2003, p.165). É nesse sentido que se funda a relevância política da amizade para o fortalecimento da *multitudo*, pois a amizade possibilita uma dinâmica da alegria favorável ao florescimento da solidariedade e da mobilização para que os homens ajam juntos numa condição de igualdade política onde não há dominação – o que designa a amizade em sua qualidade democrática. Chauí (2003) ressalta que a democracia é para Espinosa o “mais natural dos regimes políticos” precisamente porque “nela se realiza o desejo natural de todos e de cada um, qual seja, governar e não ser governado” (p.171). Com efeito, a amizade é essencialmente democrática não só porque constitui uma condição de igualdade política, mas também porque designa uma relação agonística de abertura ao outro que favorece a livre circulação e expressão das mais diferentes opiniões. Bove (2002) destaca a liberdade de expressão das opiniões diversas, das paixões e dos interesses divergentes como

constitutiva dos Estados democráticos, afirmando que para Espinosa os conflitos não representam somente o sinal da liberdade no Estado, mas também aquele da perpetuação, da promoção e da defesa desta liberdade mesma.

A afetividade ativa da ética espinosana concerne à experimentação política da amizade destacada por Arendt (2001), Derrida (1997), Ortega (2000), pois esta experiência constitui um vínculo agonístico entre alteridades que se afetam mutuamente aumentando suas potências de agir, podendo juntos produzir ações políticas inovadoras. Em pesquisa anterior sobre a experimentação política da amizade (Gomes e Silva Junior, 2007) pudemos verificar que de fato as relações de amizade possibilitam trocas de experiências e aprendizagens que produzem transformações subjetivas que aumentam a potência de agir e fortalecem o *conatus*. Com efeito, os sujeitos mostraram-se comprometidos em contribuir para o crescimento dos amigos, determinados em aumentar sua força para existir, como no caso em que o gosto por esporte é potencializado por um amigo que ensina o outro a nadar, ou quando amigos se organizam coletivamente para vencer o desemprego formando uma cooperativa (Gomes e Silva Junior, 2007). Os obstáculos e privações produzidos pela dominação econômica são, muitas vezes, contornados pelas relações de amizade, em que o amigo, numa atitude ética e política, reconhece o outro como cidadão. As narrativas desvelaram laços de amizade como relações de fortalecimento do *conatus*, como encontros alegres nos quais os amigos modificam-se, potencializam habilidades, aguçam desejos ainda não realizados, instigam a esperança de sonhos ainda não alcançados. Através de seus laços de amizade, os sujeitos das classes populares demonstram formas de organização e de luta, mobilizadas pela força da solidariedade, resistindo a condições opressivas e compondo a amizade como uma recusa do servir – como discute Chauí (1999).

A resistência, conforme afirma Bove (1996), implica razão e virtude. Segundo ele, a virtude do corpo coletivo é a sua potência de composição e de organização que Espinosa identifica como afirmação absoluta da potência da multidão. A estratégia de resistência-ativa do *conatus* do corpo coletivo (multidão) nasce do gesto de querer bem a um outro – próprio da amizade, na busca em combater o mal que lhe acomete e de livrá-lo de sua miséria. Esse desejo de fazer o bem e de destruir a causa da tristeza do outro – caro entre amigos, constitui a virtude da potência da multidão de onde brota o seu movimento de organização e resistência. É nesse sentido que Bove (1996) fala do pensamento político de Espinosa como um combate no qual a benevolência e a indignação são os afetos por excelência da resistência da multidão. Não admitir o sofrimento de um amigo, não suportar a sua tristeza é já o movimento de resistência que opera a benevolência. Embora a indignação seja um afeto passivo, já que é um afeto de ódio, definida por Espinosa (2008) como “ódio por alguém que fez mal a um outro”⁶ Bove (1996) aponta um aspecto positivo na raiz deste ódio: a relação de identificação entre os semelhantes, até mesmo de amor, que nos conduz a agir para livrar de sua miséria aqueles que foram acometidos por um mal⁷. Nesta dinâmica de resistência à tristeza, a benevolência na indignação se volta contra os afetos que decompõem a vida e, em meio à condição de servidão, constitui-se como origem de liberdade e de virtude pela qual se afirma a potência auto-organizadora da multidão. Portanto, “a resistência da multidão se explica pela potência da afirmação da vida e não pela impotência que os sentimentos de piedade e de ódio exprimem” (Bove, 1996, p.294, tradução minha). Indignar-se como ação oriunda da solidariedade e generosidade – gestos que a amizade

⁶ (E.III, definição dos afetos, 20, p.245)

⁷ “Nós nos esforçamos, tanto quanto pudermos, por livrar de sua desgraça uma coisa que nos causa comiseração”. (E. III, corolário 3 da preposição 27, p.195).

emana, é já resistência como fruto do amor e da esperança bem como do esforço pela constituição da humanidade do homem.

Como reconstituição do tecido social na e pela solidariedade que ela envolve e a dinâmica libertadora que suscita, a indignação é, então, um remédio que o corpo coletivo produz e aplica a si mesmo. Ela é o processo mesmo de uma auto-defesa e de uma auto-cura. É então da Alegria que acompanha a cólera da indignação – uma alegria (que é “satisfação de si”) pela qual o corpo coletivo experimenta e contempla através daqueles que solidariamente resistem, o aumento de sua própria potencia de agir, o renascimento de sua ‘saúde’. Uma alegria inseparável do amor natural de si, este afeto fundamental de onde nasce toda resistência, e com ela a esperança em ato, na indignação geral, do acontecimento da *multidão* como sujeito autônomo. Na resistência à dominação se elabora assim a dinâmica da subjetividade coletiva (política) como processo. Dinâmica da alegria que vai se amplificando na e pela instituição política da Liberdade que é a plenitude deste amor natural de si do corpo coletivo que envolvia já, na indignação, o ato de resistência. (Bove, 1996, p.294-295, tradução minha).

É essencialmente em atos, no registro da prática das relações cotidianas e pelos valores que as perpassam que a resistência se expressa como afirmação da vida, da solidariedade, da liberdade. A benevolência e a indignação, destacadas por Bove (1996) como afetos da resistência, de fato só emergem do comprometimento com o outro, da gravidade do existir para o outro que me interpela e exige de mim uma resposta – que é já a responsabilidade por ele, tal como compreende Lévinas (2005). Segundo Lévinas (1993, 2005), o encontro com outrem é já minha responsabilidade por ele. O ‘eu’ questiona-se e se transforma neste encontro em que é afetado e investido pela alteridade irreduzível do outro, responsável por este numa condição de não indiferença diante de sua morte e sofrimento. A benevolência e a indignação brotam de relações intersubjetivas imbuídas do gosto pelo outro – concernente à amizade, nas quais a livre circulação da palavra permite a afirmação de multiplicidades, contra o assujeitamento, no processo mesmo de ação coletiva. Bove (1996) afirma que a estratégia de liberação política em Espinosa se apóia na resistência das relações implicadas com a produção de subjetividades que afirmam em ato, contra a inumanidade e a indignidade do

assujeitamento (produtor de rebanhos de escravos), uma singularidade humana que envolve a esperança política da liberdade:

Pois essas singularidades que resistem instauram já no presente, em diametral oposição ao reino da servidão, que é também aquele da solidão, do ódio, da mentira e da perfídia ('corrupção de todas as relações sociais'), a benevolência e o amor, a franqueza, a liberdade da comunicação e da palavra, com o desejo de conhecer, de agir e viver juntamente. (Bove, 1996, p.299-300, tradução minha).

4.2.1.2 Experimentação política da amizade e multidão (multidão): aumento da potência de agir

A potência da qualidade política da amizade está na possibilidade de experimentação de abertura à alteridade numa condição de não impedimento da palavra, onde os sujeitos através das trocas de opiniões e idéias podem questionar pontos de vista fixos e alcançar um nível de reflexão crítica que é em si mesma mobilizadora de movimentos de resistência e de transformação de subjetividades. Pensar a amizade como espaço de experimentação capaz de irromper formas fixas de subjetividade e sociabilidade, constituindo uma forma de resistência política, representa um convite a uma forma de contato desafiadora e inquietante, na qual é possível vivenciar o sentimento de certo mal estar, de "perda de referencial", trazidos pela experiência de revelação e alargamento de opiniões no encontro com outros. A amizade compreendida em sua qualidade política constitui uma disposição em afetar e ser afetado num contexto de conversas horizontais onde os sujeitos se desestabilizam e podem ver o mundo a partir de uma outra perspectiva.

O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro – é o tipo de insight político por excelência. (Arendt, 1993, p.99).

A amizade na concepção arendtiana do termo é respeito e interesse pela opinião dos outros, não depende de intimidade, consiste no gosto pela opinião do outro, configurando uma relação desconcertante, “agonística”, na qual é possível viver o deslocamento/questionamento do familiar, deslocando-se para o lugar dos outros. A amizade compreendida em sua qualidade política é antes uma relação de abertura à expressão de opiniões as mais diversas – o que favorece um campo propício para a formação de idéias adequadas e da reflexão crítica. É nesse sentido que David Calderoni observa que devemos conferir dignidade à amizade como filosofia em ato. Ora, cabe à filosofia defender e mesmo produzir este campo aberto à diversidade de idéias, sem o qual ela não seria possível. Conforme atenta Bove (1996), a estratégia da multidão implica a conquista do espaço público da livre expressão das opiniões; na medida em que “um pensamento é limitado por um outro pensamento” (E.I. definição 2, p.13) o problema político é um problema de espaço a ser produzido e defendido. Em outras palavras, Bove (1996) afirma que a estratégia por excelência do *conatus* político, ou da *multitudinis potentia*, concebida como movimento ao mesmo tempo livre e necessário de auto-constituição da sociedade como corpo, se origina no exercício plural da liberdade da palavra de seus sujeitos. Portanto, a experimentação política da amizade como relação de abertura à livre expressão de opiniões configura um terreno fértil onde podem germinar ações de organização da multidão, viabilizando sua potência. A força da qualidade política da amizade, destacada por Arendt (1993) e Derrida (1997), encontra-se na possibilidade de resistência à redução da expressão de opiniões – própria do estreitamento e cegueira da superstição (condição de ausência de reflexão crítica favorável à servidão) a partir de uma relação agonística de afrontamento de diferentes e múltiplas opiniões, interesses, potências singulares de análise, de crítica, de indignação que pode irromper ações políticas inovadoras. A amizade como vínculo privilegiado de

consideração da opinião do outro promove encontros de trocas de experiências, valores e idéias que produzem transformações no registro da subjetividade dos sujeitos capacitando-os para a ação comum. A condição de abertura à alteridade implicada na experimentação política da amizade é em si mesma uma disposição a afetar e ser afetado que propicia uma relação democrática de trocas de conhecimentos de onde os sujeitos saem transformados, potencializados em seu *conatus*. A amizade compreendida como relação de igualdade política que não pretende anular as diferenças configura um encontro alegre implicado com o alargamento dos horizontes e aprimoramento do pensamento que aumentam a potência de agir dos sujeitos. A amizade é, portanto, um vínculo privilegiado do agir e do falar – experiências eminentemente políticas e inter-humanas, onde se dá o processo mesmo de afirmação da potência da multidão. Ou seja, a experimentação política da amizade constitui a prática da democracia como movimento de realização da liberdade, na medida em que promove os atos político do agir e falar que implicam a parceria, a companhia dos outros, a conquista da adesão dos outros mediante persuasão e não pela violência ou coerção, para que a ação desempenhe um ciclo completo de experiência inaugural, inovadora. Bove (1996) destaca a escuta da opinião do outro e o pensamento crítico – próprios da qualidade política da amizade, como modo de ser da liberdade.

Bove (1996) fala da democracia como “afirmação absolutamente absoluta da potência da multidão”, e que por isso mesmo ela supõe uma potência de abertura e de movimento. Ora, se abertura e movimento são condições intrínsecas à experimentação política da amizade, pode-se dizer que os laços de amizade configuram relações democráticas que favorecem a afirmação da potência da multidão a partir de um contexto dialogante aberto a trocas e práticas desencadeadoras de confrontações, deliberações e decisões.

A democracia instaura o povo como sujeito, isto é, como instância de reflexão, de confrontações de opiniões, de diálogo, e finalmente, em conhecimento de causa, de decisão. A autonomia do corpo coletivo é o acontecimento institucional e histórico da força constituinte da *multidão* como potência de reflexão e de decisão. (Bove, 1996, p.258, tradução minha).

A experimentação política da amizade designa um convite a nos implicarmos com a composição de espaços democráticos de trocas de saberes e experiências onde possamos afetar e ser afetados em nossas relações cotidianas, visando a contribuir no processo coletivo de construção da cidadania. As relações de amizade podem constituir um importante exercício político de produção de espaços singulares de diálogo e ação coletiva implicados com práticas solidárias e com afetos de alegria que possam viabilizar o processo de realização de um projeto político de autonomia. De fato, a amizade como vínculo privilegiado de abertura à alteridade num contexto de igualdade política possibilita a experimentação e aprendizagem da consideração e escuta do outro, bem como do agir acompanhado e da relativização do pensamento. É na trama das relações cotidianas que a amizade pode compor vínculos de experimentação de modos outros de viver comprometidos com práticas criativas de solidariedade e resistência viabilizadoras da benevolência e da indignação que podem irromper ações políticas inovadoras. As relações de amizade como espaço “agonístico” de experimentação política, no qual os sujeitos podem questionar-se e variar pontos de vista fixos, compõem laços cuja potência subversiva aponta para a emergência de novos sujeitos sociais e novas formas de relacionamento.

É precisamente porque nas relações de amizade germinam a solidariedade e a generosidade que recusam a dispersão e fragmentação, que a amizade como modo de vida é perturbadora, segundo destaca Foucault (2004) ao ressaltar que quando os homens começam a se amar desestabilizam os modelos instituídos de subjetividade e relacionamento:

Mas que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema. A instituição é sacudida, as intensidades afetivas que a atravessam, ao mesmo tempo, a sustentam e perturbam. Olhe o exército: ali o amor entre homens é incessantemente convocado e honrado. Os códigos institucionais não podem validar estas relações nas intensidades múltiplas as cores variáveis, aos movimentos imperceptíveis, às formas que se modificam. Estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito. (Foucault, 1981, < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amicie.html>>)

A experimentação política da amizade tem como marca a imprevisibilidade e esse caráter processual da criação de modos singulares de relacionamentos e invenção de novas maneiras de afirmação e organização do corpo coletivo. O processo ético-político de Espinosa se inscreve nesse movimento de democracia no ato mesmo de resistência à tristeza e de produção de modos outros de estar no mundo favoráveis à afirmação da potência da multidão. É no registro da micro-política que as relações de amizade podem compor laços de confiança que mobilizam a ação comum e a produção de modos outros de estar no mundo que se dá no ato mesmo de resistência – compreendida no sentido espinosano como direito inalienável à auto-organização do corpo coletivo. Segundo Bove (1996), a democracia encontra seu princípio ontológico na confiança, ou seja, a democracia é expressão da confiança do corpo coletivo em si mesmo, em sua própria potência. Essa confiança na potência de auto-organização da multidão é condição de possibilidade da composição de alianças singulares que garantem a existência do corpo coletivo e fortalecem sua capacidade de agir. “Se dois indivíduos se unem conjuntamente e associam suas forças, eles aumentam assim sua potência e por consequência seu direito; e quanto mais houver indivíduos que formaram alianças, mais todos juntos terão direito” (Espinosa, 2002, capítulo II, Tratado Político p.126, tradução minha).

Essa ontologia da confiança como condição da democracia nos conduz à reflexão da importância da amizade como relação privilegiada de experimentação

política de processos democráticos no ato mesmo de formação de alianças implicadas com afetos de alegria na criação de práticas singulares de solidariedade e de afirmação da cidadania. A confiança é um gesto próprio da relação entre amigos; portanto, uma questão que nos parece importante investigar é em que medida as relações de amizade travadas na internet constituem-se como vínculos de confiança entre alteridades propiciadores de trocas solidárias de conhecimentos e experiências que aumentam a potência de agir dos sujeitos. Em outras palavras, trata-se de verificar se a amizade estabelecida na internet configura-se como relação de experimentação política da amizade na qual os sujeitos afetam e são afetados no registro de suas subjetividades. As amizades virtuais favorecem trocas de saberes das quais os sujeitos saem transformados em suas opiniões e potencializados em sua capacidade de ação? Em que medida os sujeitos são afetados pelo discurso e acolhimento desse outro desconhecido? As relações de amizade mediadas pela internet favorecem o questionamento e a transformação de opiniões, gostos, interesses e mobilizam os sujeitos para agirem coletivamente? De que maneira na amizade virtual os sujeitos estão implicados com afetos de alegria que possam aumentar a potência de agir do amigo? Como a relação entre amigos virtuais podem configurar práticas singulares de resistência à tristeza e afirmação da vida?

Se a amizade constitui uma via de possibilidade de encontros alegres, uma questão que se mostra interessante desvendar é de que maneira as relações de amizade estabelecidas na internet tem favorecido a fruição de uma afetividade ativa e ética implicada com a promoção da experimentação política da amizade e, portanto, com encontros de alegria.

5. METODOLOGIA

Para análise e discussão das narrativas dos sujeitos será utilizada como metodologia de pesquisa a “descrição densa”, que se caracteriza por uma leitura de narrativas buscando um alargamento do universo do discurso humano, como propõe Geertz (1989). Segundo este autor, a etnografia mais do que estabelecer relações, selecionar informantes, manter um diário etc. define-se pelo tipo de esforço intelectual para elaboração de uma “descrição densa”.

Geertz (1989), ao falar sobre a etnografia como “descrição densa”, aponta que esta metodologia implica conversar com os sujeitos buscando o significado do simbólico ou da cultura nas próprias narrativas dos sujeitos. Nesse sentido, ele afirma: “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.” (p. 38). Portanto, de acordo com Geertz (1989), a etnografia, como metodologia interpretativa, põe à disposição o registro daquilo que o homem falou. Sobre a descrição etnográfica, ele afirma: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”. (p. 31).

De acordo com a descrição etnográfica, os discursos de amizade dos sujeitos são entendidos com narrativas de significados – tal como compreendem Geertz (1989) e Bruner (1986). Conforme Bruner (1986), estruturas narrativas servem como guias interpretativos, elas nos dizem o que constituem dados, definem tópicos de estudo e identificam uma construção na situação de campo que as transformam do estranho no familiar.

Bruner (1986) ressalta que histórias produzem significado, elas operam no nível da semântica além do vocabulário e sintaxe. Ele pontua que os elementos-chave na narrativa são histórias, discursos e ‘contando’. Essas estruturas narrativas, segundo o autor, organizam e dão significado à experiência, mas elas são sempre sentimentos e experiências vividas não incorporadas completamente pela história dominante.

[...] Não é que nós inicialmente temos um corpo de dados, os fatos, e nós então devemos construir uma história ou uma teoria para justificá-los. Em vez disso, para fazer referência a Schafer (1980:30), as estruturas narrativas que nós construímos não são narrativas secundárias sobre dados, mas narrativas principais que estabelecem o que é para contar como dado. Novas narrativas produzem novos vocabulários, sintaxe, e significado em nossos relatos etnográficos. (Bruner, 1986, p. 142-143, tradução minha).

Desta maneira, as narrativas de amizade dos sujeitos desta pesquisa iluminam a amizade, contribuindo para pensá-la e compreendê-la, pois tais discursos dão significado à experiência da amizade, além de produzirem novos vocabulários e sentidos – como compreendem Bruner (1986) e Geertz (1989). Segundo Bruner (1986), cada narrativa contada depende do contexto, do público com o qual irá se estabelecer a conversa. Ele aponta que um recontar nunca é uma exata duplicata ou reprodução da história já contada, por esta levar em consideração ditos anteriores, as condições das quais nunca são idênticas. Geertz (1989) também destaca a especificidade complexa, a circunstancialidade das narrativas contadas nas conversas com os sujeitos informantes.

Portanto, para Bruner (1986), o etnógrafo ou pesquisador sempre divide as mesmas narrativas contadas pelo informante, sendo co-autor dessas. Bruner (1986) dissolve as distinções entre pesquisador e informante, pois compreende que ambos são involuntariamente co-conspiradores em processo simbólico dialético. Em outras palavras, de acordo com esse autor, pesquisador e informante são ambos detidos na mesma rede, influenciados pelas mesmas forças históricas e modelados pelas estruturas narrativas dominantes de nossos tempos.

A etnografia é uma metodologia cujo pesquisador deve investigar as relações, atividades e significações que se forjam entre aqueles que participam dos processos sociais do contexto que se pretende estudar por um tempo determinado. Trata-se de explicitar certas formas de construir sentido, as quais muitas vezes são tácitas ou dadas como adquiridas. A opção pela etnografia na pesquisa das amizades mediadas pela internet se faz pertinente como metodologia que busca compreender os sentidos e práticas concernentes às narrativas sobre a semântica e à experimentação política das relações de amizades travadas na internet, utilizando-se para isso o próprio contexto da internet para a compreensão das especificidades dos vínculos de amizade através de seu uso. De acordo com Hine (2004) a etnografia é uma metodologia ideal para o estudo sobre as práticas cotidianas na internet, na medida em que contribui para explorar as complexas inter-relações existentes entre as asserções intrínsecas aos pressupostos sobre as novas tecnologias. “Uma etnografia da Internet pode observar com detalhe as formas em que se experimenta o uso de uma tecnologia”. (Hine, 2004, p.13, tradução minha).

O advento da internet trouxe mudanças que alteraram significativamente não só o âmbito econômico, mas também o da comunicação e das relações sociais. A inexorabilidade de tais transformações culturais que inauguram novos hábitos, novas formas de conhecer pessoas, novas práticas sociais, levou muitos autores a postular que a internet traz consigo um novo contexto pós-moderno e assinala o fim da modernidade. Assim, Hine (2004) assinala que a perspectiva etnográfica pode adaptar-se para fazer análise do uso cotidiano da internet em uma série de questões relativas aos modos de construção da subjetividade, da identidade e de como estas são geridas. De acordo com esta autora (2004) a internet é um lugar plausível para realizar o trabalho de campo na medida em que se configura como espaço onde se mantém interações relevantes que podem ser entendidas como constitutivas de uma cultura em si mesma. Em outras

palavras, para Hine (2004) a metodologia etnográfica contribui nos estudos sobre espaços online uma vez que a internet possui flexibilidade interpretativa “dado que as idéias que provêm de seu uso prático se desenvolvem sempre a partir de um contexto determinado. Assim, os contextos locais de interpretação e uso constituem o campo de estudo etnográfico”. (p.19, tradução minha). Portanto, segundo Hine (2004) a concepção de uma etnografia virtual implica considerar a internet em ambas as dimensões: como cultura e como artefato/produto cultural; ou seja, é preciso pensá-la como uma tecnologia “que foi gerada por pessoas concretas, com objetivos e prioridades contextualmente situados e definidos e também, formada pelos modos em que tem sido comercializada, ensinada e utilizada.” (Hine, 2004, p.19, tradução minha). Destarte, o que Hine (2004) sustenta é que a etnografia na internet busca interpretar a rede como um objeto cultural que adquire sentido socialmente, através de sua produção e uso.

Em *Etnografia virtual*, Hine (2004) desenvolve uma perspectiva de estudo das interações mediadas, fundamentada no fato de que a internet provê um campo de ação para o estudo do comportamento das pessoas online. Uma vez que a internet é utilizada para múltiplas finalidades, como trabalhar, entreter-se, obter informações, fazer compras, conhecer novas pessoas e manter relações de amizade, etc. Hine (2004) afirma que ela pode ser considerada como uma construção inteiramente social. Portanto, sobre a constituição do objeto etnográfico a autora destaca que todas as formas de interação são válidas, não somente as que implicam relação face a face. Embora tradicionalmente as interações orais referentes à relação face a face tenham sido fundamentais para a etnografia, Hine (2004) chama atenção para o fato de que os textos também constituem materiais etnográficos que falam da compreensão que seus autores têm da realidade em que vivem.

Para Hine (2004) a etnografia se fortalece precisamente por sua falta de receitas. Com efeito, desde sua origem, os etnógrafos têm resistido a produzir guias que prescrevam sua aplicação, na medida em que a etnografia não é um protocolo que pode dissociar-se de seu espaço de aplicação nem da pessoa que a desenvolve. No âmbito da internet, muitas são as possibilidades do uso da etnografia no estudo do comportamento das pessoas online. No que concerne à presente pesquisa, constituiu-se como objeto de estudo etnográfico, as narrativas, sob a forma da palavra escrita, referentes às relações de amizades mediadas pela internet, ou apenas iniciadas através dela. Tais narrativas foram obtidas através de entrevistas realizadas online via MSN. A entrevista foi composta por perguntas abertas (como pode ser observado no roteiro em anexo), de modo a permitir que os sujeitos ficassem à vontade para escrever sobre suas histórias de amizade travadas na internet. Mais especificamente, este trabalho utilizou a descrição etnográfica como metodologia interpretativa das narrativas de amizades, configurando uma comunicação em que o sujeito entrevistado não é tomado como alvo, mas como interlocutor, estabelecendo uma relação comunicativa na qual as perguntas servem apenas como um iniciador para um espaço de conversas - que implica, retomando Arendt (1993, 2001), atenção e dedicação no testemunho dos outros, supondo uma situação de relaxamento, desprendimento no gosto pela opinião do outro - como informa a amizade. Portanto, a entrevista concebida como encontro no qual o depoente não é tomado como alvo de interpretações, mas que seja tomado como intérprete, ele mesmo, através de suas narrativas de amizades. A fim de explicitar os procedimentos metodológicos da pesquisa, passaremos a apresentar como se deu o trabalho de campo bem como a escolha dos interlocutores.

5.1 Sobre o trabalho de campo e escolha dos interlocutores.

O trabalho de campo foi iniciado com o envio de *e-mail* à lista de contatos da pesquisadora, no qual se explicou brevemente o tema de pesquisa sobre amizade mediada pela internet e foi solicitada a colaboração dos amigos para divulgar e encaminhar meu *e-mail* para as pessoas que eles conheçam que possam ter amigos virtuais ou que tenham começado alguma relação de amizade pela internet. A partir desse *e-mail*, obtive respostas de amigos que se disponibilizaram a dar entrevistas, recebi algumas mensagens de pessoas de diferentes cidades do Brasil e também recebi indicações de pessoas com seus respectivos *e-mails* para que eu pudesse entrar em contato. Esta comunicação com os voluntários da pesquisa através da lista de *e-mail* garante a identidade dos sujeitos que foram entrevistados, bem como constitui uma metodologia que em si mesma revela a experimentação política da amizade na internet que visa pesquisar, uma vez que expressa a potência da internet para favorecer trocas solidárias de informações e conhecimentos entre amigos – e nesse sentido, poderíamos falar de uma “metametodologia”. À medida que fui recebendo mensagens de pessoas que gentilmente se colocaram à disposição para colaborar com a pesquisa, foi enviado para estas um *e-mail* no qual apresento a minha trajetória de pesquisa sobre a experimentação política da amizade, encaminhando *links* de artigos publicados referentes ao meu trabalho de mestrado, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) solicitando que se estivessem de acordo preenchessem e mandassem de volta para o meu *e-mail*; também foi solicitado o endereço eletrônico referente ao MSN, para que eu pudesse adicioná-los a minha lista de contatos, e o melhor dia e horário para combinarmos o encontro online no MSN. Esta mensagem também foi enviada para os correios eletrônicos de possíveis interlocutores que recebi de alguns amigos. A partir de então, obtive mensagens de pessoas de diferentes regiões

do país, inclusive de uma brasileira que mora na Itália. Portanto, foram entrevistados esses sujeitos que estabeleceram contato espontâneo através do e-mail da pesquisadora. É válido destacar que os procedimentos metodológicos da pesquisa foram aprovados pelo parecer da Comissão de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Com relação às dificuldades metodológicas, ressaltam-se o tempo necessário de espera de resposta dos e-mails, o esquecimento por parte de alguns sujeitos de anexar o Termo de Consentimento, ou de informar dia e horário para entrevista, além dos desencontros em relação à data e hora combinada para encontro online, de modo que em alguns casos houve várias trocas de e-mails antes da realização da entrevista propriamente dita. No processo de entrevista as dificuldades encontradas foram de ordem técnica, como problemas de conexão com a internet, por parte do entrevistado, que fizeram com que a entrevista fosse interrompida e retomada posteriormente, ou mesmo em outro dia; em um desses casos, um sujeito gentilmente se deslocou até uma *lan house*, próxima a sua casa para dar continuidade a entrevista.

Todas as entrevistas foram realizadas em tempo real, através da internet via MSN, com exceção de uma primeira entrevista piloto que foi realizada presencialmente com uso do gravador e posteriormente transcrita. Inicialmente, pretendeu-se a realização tanto de entrevistas presenciais, quanto online, de modo que existem dois modelos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexados ao trabalho). Contudo, mesmo os sujeitos que residem na cidade de São Paulo preferiram dar entrevista pela internet, portanto, somente a entrevista piloto foi presencial utilizando-se do gravador. Foram entrevistados 14 sujeitos com os quais, conforme já dito, foi estabelecido contato inicial por e-mail. Todos eles preencheram e enviaram para o e-mail da pesquisadora o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garante o sigilo ético através da não

identificação dos sujeitos entrevistados que terão os seus nomes modificados. Todos os sujeitos são adultos, entre os quais 9 (nove) mulheres e 5 (cinco) homens. Todas as entrevistas duraram mais de 1 hora, com uma média de 1 hora e 45 minutos. Com algumas pessoas foi realizada uma segunda sessão de entrevista na qual foram retomados histórias e fatos relatados na primeira com o intuito de aprofundá-los, esclarecendo possíveis dúvidas que tenham ficado ou fazendo novos comentários ou perguntas. Como a seleção dos sujeitos pautou-se na indicação de amigos de amigos, existem entre os entrevistados díades de amigos e uma tríade.

Ainda com relação aos aspectos metodológicos, é válido destacar que no capítulo da análise e discussão dos dados, os erros de digitação e abreviações presentes nas narrativas foram mantidos, pois pretendi preservar a escrita que chegou até mim nas entrevistas pelo MSN, visando ilustrar as características desta grafia *on line*.

5.2 Caracterização dos sujeitos

A Tabela 1 refere-se aos dados dos sujeitos da pesquisa quanto ao sexo, idade⁸, profissão e cidade onde moram.

| Sujeito | Sexo | Idade | Profissão/Atividade | Cidade onde mora |
|----------------|-------------|--------------|--|-------------------------|
| Rosa | F | 29 | Psicóloga | Belém/PA |
| Girassol | F | 28 | Estudante | Campina Grande/PB |
| Solange | F | 25 | Jornalista | Andradas/MG |
| Gabriel | M | 41 | Jornalista/consultor | São Paulo/SP |
| Camélia | F | 31 | Advogada | Brasília/DF |
| Violeta | F | 29 | Atriz | São Paulo/SP |
| Mateus | M | 29 | Psicólogo/pesquisador | Manaus/AM |
| Margarida | F | 32 | Fisioterapeuta | Brasília/DF |
| Daniel | M | 26 | Direção, edição e criação em vídeo e cinema/produtora de publicidade | São Paulo/SP |
| Íris | F | 29 | Assistente de qualidade/graduanda em ciências econômicas | Montes Claros/MG |
| Jasmim | F | 36 | Atriz/professora de interpretação | São Paulo/SP |
| Pedro | M | 30 | Psicólogo/pesquisador | São Paulo/SP |
| Miosótis | F | 38 | Sem atividade profissional (graduada em Ciências contábeis) | Firenze/ Itália |
| Cauê | M | 26 | Graduando em Psicologia | Osasco/SP |

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos

Há predominância de sujeitos que moram em São Paulo. Percebe-se, também, que a maioria dos entrevistados é do sexo feminino e que todos são adultos, com faixa etária maior que 24 anos.

⁸ Idade referente ao ano de realização das entrevistas -2008.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

É inegável que o advento da internet gerou mudanças significativas nas relações sociais. A internet é relativamente recente, poucas são as certezas absolutas, mas a despeito dos argumentos extremistas que aparecem na literatura, orientados pelo temor do isolamento social e de uma sociedade constituída de laços frágeis e descomprometidos, pesquisas empíricas (Lameiro e Sanchez, 1998; Nicolaci-da-Costa 1998, 2002a, 2002b) demonstram que tal temor parece inapropriado. De fato, as narrativas que analisaremos a partir de agora apontam para o fato que as relações de amizade estabelecidas na internet estão longe do caráter frívolo e de desengajamento supostos por um certo consenso da opinião pública. Inúmeras são as histórias de amizades ou namoros que se formaram a partir de uma comunidade digital, de encontros em salas de bate-papo, de predileções que se encaixam, de vidas que se cruzam. A suposta vilã dos laços afetivos e duradouros parece ter se consolidado como mais um veículo para trocas de conhecimentos, diálogos e experiências.

O presente capítulo designa um convite ao desvelamento do universo ainda pouco explorado das relações de amizade mediadas pela internet, tendo como base as narrativas dos sujeitos que falam de seus próprios afetos e emoções vivenciados nos encontros do ciberespaço. Portanto, os relatos que serão aqui apresentados constituem um precioso caminho a ser trilhado na busca da elucidação não só da semântica da amizade intrínseca às novas maneiras de fazer amigos, mas também das possíveis transformações subjetivas e dos efeitos na potência de agir, suscitados pelas intensidades afetivas entre amigos na internet.

6.1 Semântica familialista da Amizade

Se a sintaxe da amizade – sua forma – parece obedecer às limitações e possibilidades de cada meio de comunicação, sendo incessantemente moldada por transformações técnicas e seu ritmo exponencial, seu conteúdo, ou seja, sua semântica costuma trazer consigo a própria história da amizade no ocidente. Em pesquisa anterior Gomes e Silva Junior (2005, 2008) puderam verificar que a tradicional semântica familialista da amizade que associa o amigo à figura do irmão reverbera nos discursos contemporâneos de amizade. A concepção contemporânea de amizade associada à intimidade e à familiaridade foi herdada dos tradicionais discursos dominantes de amizade, que desde a Grécia Antiga vinculam a semântica de amizade aos ideais de igualdade-fraternidade (Gomes e Silva Junior, 2008)⁹. A novidade aqui é que o clássico discurso de amizade, caracterizado por uma semântica que a qualifica em vínculo de familiaridade ou parentesco, atualiza-se nas relações entre amigos, que diferentemente da prerrogativa de proximidade familiar encontram-se distantes ou até mesmo nunca se encontraram face a face. De certo modo, a amizade travada através da internet se emancipa de uma maneira inédita da proximidade física entre os sujeitos. Com efeito, ainda que seja possível encontrar tal emancipação em amigos epistolares nos séculos anteriores, tais eventos eram relativamente isolados, insulares. A novidade trazida pela internet é o âmbito social que ela permitiu a tal emancipação da amizade frente às distâncias físicas.

Tal desvinculação do espaço propiciou por seu turno novos rearranjos na semântica da amizade. Ainda que a articulação amigo-irmão apareça nas narrativas das amizades mediadas na internet, reafirmando a semântica familialista permeada das

⁹ As vicissitudes históricas das semânticas da amizade podem ser mais bem contempladas em Gomes e Silva Junior (2008) onde consta uma desnaturalização do discurso amizade-fraternidade; e em Gomes e Silva Junior (2005) a partir da análise das implicações políticas da semântica familialista da amizade.

noções de intimidade, afinidade, parentesco e proximidade, a referência às relações íntimas e próximas não concerne mais a mesma conotação originária dos discursos tradicionais de amizade, diz respeito a um novo registro semântico. De certo modo, ampliou-se o espaço concedido à heterogeneidade no que se entende por “amigo-irmão”. O amigo íntimo e próximo não corresponde à figura do amigo como “outro eu”, com o qual se estabelece uma relação hedonista de perfeita identificação – tal como uma “fusão de almas” dos discursos tradicionais de amizade. Em um trabalho anterior (Gomes e Silva Junior, 2008) demonstrei que houvera uma reconfiguração na herança da semântica familiarista nos discursos contemporâneos de amizade; o amigo-irmão seria aquele com quem se conversa abertamente numa relação de confiança na qual seria sempre possível contar com apoio e ajuda, mas não pressupondo mais uma perfeita justaposição das identidades em um vínculo harmonioso entre sujeitos coincidentes. Em outras palavras, o amigo-irmão, considerado o mais presente e confiável, possui a qualidade das condições de parentesco: intimidade, confiança, daria apoio em qualquer dificuldade, mas não presume uma relação de plena coincidência de opiniões, gostos e interesses, podendo acolher as diferenças e incorporar a noção de desigualdade/conflito. Ora, tal como dizíamos, as narrativas sobre as amizades mediadas pela internet trazem um novo horizonte de remodelagem da semântica familiarista: o fato da intimidade e a proximidade prescindirem da convivência e até mesmo do prévio contato físico. Juntamente com a emancipação do espaço físico, a amizade através da internet tende a operar outras emancipações, a saber, a emancipação radical de qualquer contato visual e físico prévio. São os próprios sujeitos que se redefinem nesse novo contexto de interlocução na medida em que passam a materializar-se única e exclusivamente pela palavra escrita. Tal economia de recursos para-comunicacionais abre novas possibilidades. As entrevistas revelaram que as relações entre amigos na internet abrem

uma nova perspectiva na semântica familiarista da amizade: é possível sentir-se íntimo e próximo de um amigo que está muito distante e cuja experiência de estar junto só fora vivida tecendo no computador. A grande inovação é que o amigo-irmão com o qual se estabelece uma relação de intimidade e confiança pode nunca ter sido visto. Assim, intimidade com o estranho parece afetar retroativamente o próprio sujeito, uma vez que este pode emancipar-se do monopólio de uma identificação com um “corpo físico” e amplia sua identidade para o campo de suas capacidades narrativas.

São pessoas que considero a minha família. São aqueles que seguram a minha onda quando estou mal, aqueles com quem divido minhas alegrias. São pessoas que posso contar e confio. Amigos são irmãos que a gente não teve. São aqueles que a gente se aproxima não pq nascemos com eles, mas pq temos uma imensa e intensa afinidade. Considero meus amigos as pessoas mais importantes da minha vida, e conto nos dedos de uma mão apenas aqueles com quem posso contar sempre. Não importa a distância, o tempo que não nos falemos, nada abala ou altera a força da amizade. E mesmo que fiquemos sem nos falar por anos, quando trocamos msgs (*leia-se mensagens*) ou nos falamos ao tel (*telefone*), a amizade continua, como se não tivesse passado nem um dia. (Margarida) (grifos meus).

Respeito, amizade, carinho, confiança, dedicação, sabe aquela pessoa que sempre vai estar ali por você, não importa o que aconteça? Amigos são os irmãos que a gente escolhe, já dizia minha mãe. (Camélia).

Um amigo de verdade é alguém da família que vc teve a possibilidade de escolher. (Violeta).

Amizade para mim é muito importante em minha vida, porque compartilhamos nossas vidas, sonhos, medos é como se fizesse parte de minha família, em momentos que me faz sorrir, momentos tristes tb, sentimentos. Amizade para mim é especial e importante. Só o fato deles existirem, o apoio.... (Girassol).

eh mais do que uma troca. eh entrega. eh amor apesar das diferenças. eh uma família. (Gabriel).

Os amigos pra mim è algo fundamental na minha vida; è a familia que a gente escolheu. (Miosótis).

Um outro aspecto relevante sobre a semântica da amizade concerne ao fato de que os sujeitos entrevistados não fizeram nenhuma distinção entre as relações virtuais –

com referência aos amigos que nunca viram e só se encontram na internet e as demais relações de amizade presenciais. Em outras palavras, não foi mencionada a nomeação “amigo virtual”, os sujeitos revelaram que a estima e a qualidade do vínculo com os amigos na internet são as mesmas em relação às demais; a diferença apontada diz respeito às mudanças na maneira de comunicar-se¹⁰. Ou seja, as narrativas dos sujeitos não revelaram uma designação “amigo virtual”; aos amigos conhecidos na internet e mesmo àqueles que nunca foram vistos são atribuídas a mesma qualidade de amizade e importância que os laços de amizades não originários no ciberespaço. Somente três pessoas mencionaram a expressão “amigo virtual” ou “amizade virtual”, mas em todos os casos a palavra virtual aparece no contexto de afirmação da igualdade e da essência da amizade dos laços oriundos na internet e os demais:

Minhas amizades reais e virtuais, trato do mesmo jeito. Rosa é uma amiga virtual e gosto muito dela, quando for a Belém gostaria sim conhece-la. (Girassol).

Acho q amizade virtual tem a mesma essencia da amizade não virtual: cumplicidade, companheirismo, reciprocidade. (Rosa).

Eu vejo meus amigos virtuais como meu amigos reais. Eles sempre tem uma palavra amiga, sempre tem um colo pra te oferecer e as vezes quando vc consegue ajuda-los a resolver um problema, te faz feliz também. (Miosótis).

Em suma, as relações entre amigos na internet irrompem uma reconfiguração da herança da semântica familiarista na qual as noções de intimidade, proximidade e confiança adquirem uma nova espacialidade e um remodelamento semântico. Os vínculos de amizades na internet diversificam e amplificam relações de proximidade e confiança entre as pessoas, inauguram novas maneiras de estar junto. As narrativas desvelaram laços de confiança e trocas afetivas significativas entre amigos que nunca se

¹⁰ A especificidade da comunicação nas relações de amizade online será analisada posteriormente no item sobre o inquietante na internet.

viram¹¹. Confiança foi a palavra mais citada como condição essencial da amizade; outras palavras também associadas à semântica da amizade foram: respeito, cumplicidade, lealdade, diversão, carinho, companheirismo, empatia, reciprocidade.

6.2 Relações de amizades mediadas pela internet

Após análise das semânticas da amizade pertinentes aos vínculos destas na internet, buscaremos desvelar as particularidades constitutivas à dinâmica de fazer amigos no ciberespaço: os conflitos e ansiedades que perpassam as conversas mediadas pelo computador, bem como os possíveis desdobramentos que as intensidades afetivas em jogo nessas relações suscitam na vida dos sujeitos.

A internet alterou de modo indelével o terreno da amizade na cena social: encurtou distâncias, ampliou as possibilidades de fazer novos amigos, tornou possíveis encontros e reencontros outrora inimagináveis. A internet encontra-se hoje incontestavelmente atrelada ao cotidiano das relações de amizade de tal modo que o MSN foi citado como meio fundamental para manter contato com os amigos e o Orkut se mostrou um fecundo espaço onde proliferam cada vez mais nascimentos de amizades, sendo apontado como a novidade que “revolucionou a amizade”. Com efeito, o Orkut transformou e diversificou a maneira de fazer novas amizades, uma vez que disponibiliza uma rede de amigos interligados bem como um horizonte aberto e múltiplo das mais variadas comunidades sobre infindáveis temas (de gostos e interesses particulares tal como “Eu amo salto alto” ou “Eu odeio acordar cedo” até grupo de discussões filosófico-políticas). O livre fluxo de passagem pela infinidade de comunidades e de visitação na lista de amigos dos amigos promove encontros surpreendentes a partir de comentários e trocas de opiniões em uma comunidade e até

¹¹ O vigor das trocas de experiências e dos laços solidários entre amigos no ciberespaço será analisado e discutido posteriormente no item sobre força dos afetos e experimentação política da amizade na internet.

mesmo reencontros inusitados com amigos da época da escola. De fato, grande parte das histórias de amizades que serão aqui relatadas surgiu no Orkut – meio que promoveu a formação de laços de amizade entre pessoas que moram em cidades distantes e até mesmo em outro país, a partir das trocas de idéias em comunidades, como também propiciou a organização de festas e reuniões para amigos fora da internet, eventos estes nomeados *orkontros*. É sobre as especificidades correlativas à dinâmica da interlocução nas relações de amizades mediadas na internet que a partir de agora voltaremos a nossa atenção.

6.2.1 Sobre o inquietante nas relações de amizade na internet

A localização espacial dos sujeitos surge, não raramente, como um efeito da narrativa. Nas narrativas, a construção dos lugares dos interlocutores parece apoiar-se metaforicamente sobre lugares físicos. Tal apoio metaforicamente físico se trona problemático no meio virtual. A questão do inquietante na internet nos remete a um importante apontamento destacado por Tisseron (2008): o fato de que o cotidiano virtual é marcado pelo princípio que está em jogo na história infantil da criança que passeia na floresta e interpela o lobo sobre seus preparativos, lhe perguntado – Lobo, onde você está? O que você está fazendo? Você está me escutando? Como atenta Tisseron (2008) nesta brincadeira de perguntas e respostas que informa a criança da iminência da chegada do lobo, mais do que aprender a nomear roupas e memorizar as etapas de vestimenta, o que está em jogo é o aprendizado de que aquele que nós não vemos - no caso, o lobo – pode pensar em nós! Já que a brincadeira não teria graça se o lobo esquecesse de ir pegar a criança que experimenta júbilo intenso no momento onde ele aparece e grita “Ahm”!! O que Tisseron (2008) nos diz é que tal como a criança pergunta ao lobo onde ele está, nós também entramos em contato com nossos próximos

através do celular ou internet indagando onde eles estão e o que fazem para nos assegurar que eles pensem em nós.

O que acontece nas relações travadas na internet é que as primeiras conversas com esse outro que não se vê, mas com quem se interage, podem ser vivenciadas com sentimentos persecutórios de que se trata de um “lobo mau” que pode mentir ou não estar bem intencionado, do qual se deve, antes de mais nada, desconfiar. Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta que o desassossego com o qual alguns usuários experimentam suas relações *on line* está relacionado com o medo que sentem de serem enganados. As relações de amizades intercedidas pela internet configuram uma interconexão de emoções que suscita novos modos de estar junto, de trocar, de amar e de sofrer. Lameiro e Sanchez (1998) e Nicolaci-da-Costa (2002c) apontam que certas particularidades que circunscrevem esse novo estar junto geram ansiedade e frustração para alguns usuários da internet. De acordo com a literatura, a falta do “olho no olho”, bem como a ausência dos aspectos sensoriais mais genuínos concernentes ao contato físico produzem angústia e sentimentos perturbadores em muitos internautas. Não obstante, os depoentes da pesquisa associaram o mal-estar sentido nos vínculos *on line* muito mais com o medo dos interlocutores mentirem e com a desconfiança em relação a uma possível falsidade no discurso do outro do que com a falta dos elementos sensoriais concernentes à presença física. Em outras palavras, segundo as narrativas, o inquietante próprio da condição de invisibilidade do outro com qual se interage foi marcadamente mais associado a uma insegurança condizente ao âmbito discursivo da verdade e à eventual falsidade de seu conteúdo— análoga à heteronímia em Fernando Pessoa, do que com o desconhecimento advindo da impossibilidade mesma de ver ou tocar seu interlocutor. Somente três pessoas mencionaram estranhamento, insatisfação ou angústia em relação à falta do contato físico:

Quando nos encontramos foi muito interessante, pois é meio estranho vc saber coisas sobre uma pessoa e nunca ter tido um contato físico com ela. no sentido de não ver as reações visíveis, gestos, etc é estranho pq eu particularmente gosto muito de olhar, observar as reações, na net isso não dá. (Íris).

Então o que muda é que vc pode demonstrar ou achar que sente coisas por um outro que só existe na sua imaginação. não tem o toque o cheiro. o olho no olho por outro lado nao acho nada impossivel fazer um amigo pela internet. mas sem o contato real uma hora angustia, ainda mais no caso de um relacionamento supostamente amoroso. que precisa mais ainda do contato físico. (Violeta).

(...) geralmente fico amiga de pessoas que me identifico. Mas o lado ruim é que a presença só virtual cansa. Cansa porque gostaria [que] fosse a presença real. (Girassol) (grifos meus).

Tisseron (2008) faz uma interessante análise sobre o modo como a ausência do outro que se encontra distante é mediada na era das novas tecnologias: “quanto mais o corpo daqueles com os quais interagimos se apaga, mais somos tentados a substituí-lo por aquele das máquinas”¹² (tradução minha, p.25). De acordo com Tisseron (2008) na era da internet, as máquinas para comunicar se tornaram, sobretudo, máquinas comunicantes.

Se podemos conceber o computador conectado à internet como uma máquina comunicante cujos dispositivos inauguram novas maneiras comunicação que comportam modalidades criativas de interação, múltiplas possibilidades de diálogos entre as pessoas, mas também outras dificuldades na conversação, torna-se compreensível que as narrativas tenham revelado que os aspectos referentes ao inquietante nos vínculos *on line* estejam articulados com as novidades, os desafios e conflitos no registro da interlocução. A condição de estranhamento nas relações

¹² Ao atentar para o fato de que a separação só é suportável ao preço da representação não somente do ausente, mas de um ausente que pensa em mim tanto quanto eu penso nele, pois sem a segunda destas representações, a primeira seria uma forma de tortura, o psicanalista francês observa que se outrora o remédio para esta situação era o amigo imaginário, hoje o celular (telefone ursinho de pelúcia) adquire uma função de amparo afetivo tal como uma pelúcia para a criança. O que Tisseron (2008) nos diz com essa analogia é que como uma pelúcia para a criança, o telefone móvel não serve somente para mediar a relação com um interlocutor afastado, mas torna-se ele mesmo este interlocutor. Tisseron (2008) relata que neste novo cenário que permite considerar nossas máquinas como interlocutores, sentimos tanta falta do toque que telefones são acariciados – o que o leva a afirmar que não se surpreenderia se a consistência dessas pequenas máquinas se aproximasse daquela da pele humana.

mediadas pela internet foi associada ao receio de que as informações sobre o outro com quem interajo sejam falsas. A desconfiança aparece articulada com a potencial falsidade do discurso sobre si mesmo, em jogo nas conversas travadas na internet. Ou seja, os sujeitos mencionam o medo que sentem de que as informações apresentadas pela pessoa com quem se relacionam não correspondam a realidade. Em outras palavras, as relações na internet são perpassadas pelo receio de um possível descompasso entre o discurso apresentado pelo interlocutor e aquilo que condiz com sua apresentação na vida cotidiana fora da internet.

Hj [*hoje*] há muita criança se passando por adulto, muito homem querendo sexo, muita gente estranha. Isso me incomoda. Não encontro qualidade, não encontro sinceridade. Vejo gente tirando sarro, enganando. Se passando pelo que não é. Mas tbm [*também*] acho que a culpa foi minha, de onde entrei pra conversar. Os lugares que mais frequentei foram as salas do UOL, sexo, pois no começo queria conhecer as pessoas com as quais queria me relacionar. No meu caso, se me permite dizer, como não havia me definido, procurava saber mais como era o mundo GLS, já que não fazia a menor idéia de como iria ao vivo conhecer alguém. Tinha medo de conhecer pessoas ao vivo, "caminhoneiras", pessoas que pudessem me fazer mal. (Margarida) (grifos meus).

No meu primeiro encontro virtual, eu senti muito medo pois eu tinha medo que as pessoas que eu fosse encontrar, fossem diferente na realidade. Não tive coragem de encontrar uma única pessoa de cada vez, eu sentia medo. Encontrei todo esse grupo de uma vez só, num restaurante. Depois fui várias vezes em São Paulo, encontrar esse mesmo grupo. (Miosótis).

Além do medo que Miosótis e Margarida mencionam em relação ao encontro fora da rede, o temor de ser enganado e de expor-se a riscos leva algumas pessoas a considerar perigoso relacionar-se na internet. Camélia considera a sua experiência de fazer amigos pela internet da seguinte maneira:

Perigosa. uma loteria. Até porque vc não sabe se são verdadeiras as informações. Em geral, percebe-se que as conversa são evasivas e que todos têm medo de se expor. (Camélia).

Costumava até o ano de 2006. Desde então nunca mais busquei a internet como forma de amizade. Acredito que muita coisa mudou na internet, não vejo mais a qualidade nas pessoas, aquela coisa de querer mesmo ser amigo, ou de falarem a verdade. Hj [*hoje*] acho que o que se tinha antes nesse tipo de comunicação se perdeu, se deturpou. Não acredito muito, não é mais a minha "onda". Os amigos

que fiz, mantenho. Considero amigos sim, alguns super importantes pra mim. Pode acontecer, sim, de uma pessoa com quem vc troque mensagens se tornar amiga, mas não procuro bate-papos pra isso. Já fui assim, já tive amigos, já namorei. Hj [hoje] acho que não vale a pena além de perigoso, as pessoas que frequentam bate-papos parecem diferentes, imaturas, ou pouco verdadeiras. (Margarida) (grifos meus).

Camélia menciona que acha perigoso o contato com pessoas pela internet, afirmando que “nunca se sabe com quem se está lidando”. Ela relata, inclusive, ter vivenciado uma experiência traumática por ter acreditado no discurso de uma pessoa que dizia ser sua amiga e que a traiu causando-lhe danos irreparáveis.

Teve o caso (pior experiência que 1 pessoa pode ter) da pessoa que depois de muito insistir, acabou me convencendo a encontrá-la. Parecia ser bem educada, generosa, madura. Bem mais velha. Achei que poderia ser legal, que eu poderia aprender um pouco com a experiênci de vida dela. Fingiu ser minha amiga, dizia até que gostava tanto de mim que mataria ou morreria para me proteger do que quer que fosse. Acabei acreditando, pois estava numa fase péssima, minha mãe tinha sofrido um acidente vascular cerebral, que a levou à morte e acabei abrindo espaço para a pessoa que dizia ser minha amiga. Resultado: roubou absolutamente tudo o que eu tinha. Fiquei sem nada, sem ter o que comer, ela conseguiu até forjar documentos e vender minha própria casa. Acredite! E isso me traumatizou, sabe! (Camélia).

Este relato chama atenção para o fato de que o caráter de fingimento ou de potencial ficcionalidade da atmosfera que permeia as relações na internet além de suscitar sentimentos de medo e insegurança concernentes à qualidade inquietante, também pode configurar um campo propício aos perversos que realizam toda sorte de golpes e artimanhas recheados de má fé.

A possibilidade de conversar em tempo real, sem a percepção visual da pessoa desconhecida favorece um espaço de diálogo potencialmente ficcional aberto às mais diversas criações astuciosas – a tal ponto que nem mesmo a visualização da foto do suposto interlocutor garante a supressão da condição do inquietante. Pedro fala de sua inquietante estranheza ao mencionar o mal-estar sentido diante da dúvida sobre a qualidade ficcional do discurso e da foto da amiga com a qual conversava no *MSN*.

Então, é uma coisa, estranho porque é uma pessoa que você vê a fotinho lá na internet, as idéias, mas você nunca sabe se a pessoa é ela ou a pessoa não é ela, vou dar um exemplo, no começo do ano uma mulher mandou uma mensagem pra mim no Orkut, tipo ela gostou da minha descrição e falou nossa se for isso é alma gêmea, tal, aí eu entrei na página dela vi que era uma loira, assim, atraente, mais velha que eu e a gente começou a conversar, aí ficamos amigos, no MSN, tal, a gente ficava se xavecando e ela ficava me reforçando muito e a gente tava trocando idéia assim por horas na internet, a gente tinha virado amigo, logicamente com interesse de uma relação afetiva, então, a relação afetiva de formar um casal, mas do que a amizade em si tinha a relação afetiva de fundo, relação afetiva de casal, aí eu ficava pensando que estranho, será que ela é ela, será que ela é um gay, será que ela é um travesti, que botou umas fotos falsas e quer me encontrar, será que é um amigo meu me zuando, então fiquei super paranóico (...) e fiquei numa super paranóia ao mesmo tempo será que ela ta interessada em mim, aí falei vamos se encontrar logo, então vamos se conhecer. (Pedro).

O sentimento desestabilizador pelo qual Pedro é tomado diante da dúvida sobre o que pertence à realidade material e o que supostamente pode estar no registro da ficção corresponde ao incômodo análogo ao inquietante que a heteronímia em Fernando Pessoa instaura (Silva Junior, 2001). Segundo Freud (1919) o inquietante é o resultado de um conflito cognitivo entre o que é julgado como real e aquilo que é julgado como pertencendo à ficção. A possibilidade de criar personagens suscita o inquietante próprio da heteronímia em Fernando Pessoa na medida em que promove a desconcertante dúvida sobre o que pertence à realidade material e ao universo ficcional nos discursos sobre o si mesmo em jogo nas conversas *on line*. De fato, o conflito advindo da condição de desconhecimento se o autor continua “a ser essencialmente diferente de seus personagens”, mencionado por Silva Junior (2001) como qualidade inerente do inquietante da heteronímia, atualiza-se no uso de *nicks* nas interlocuções mediadas pela internet. A criação de *nicks* foi mencionada nas narrativas como a possibilidade de viver um personagem ou papel ideal que pudesse dar vazão às próprias fantasias e sonhos de forma protegida.

Os nicks criam uma sensação de segurança, porque tornam a pessoa "oculta".eram sempre ligados a algum personagem que eu admirava, de algum filme, história, etc. (Camélia).

até que é uma experiência interessante, pois ali vc cria um personagem, na qual muitas vezes vc gostaria de viver mas não consegue um exemplo, vc viver um papel no qual vc tem um ótimo emprego, não tem preocupação na vida, tudo está ótimo, conhece o mundo todo. nesse sentido. falar coisa que jamais falaria pessoalmente A SORTE QUE NUNCA MAIS ENCONTREI ESSA PESSOA, POIS NÃO LEMBRARIA O Q EU TINHA CONTADO, RSRSR eu tinha morado na Europa e tinha trabalhado em uma multinacional, conhecia o mundo todo e grandes personalidades. (Solange).

Tisseron (2008) utiliza a metáfora do computador como “espelho das metamorfoses” para falar da possibilidade de ter muitas aparências e várias identidades¹³. Com efeito, o computador engendra novos modos de criação de personagens e de invenção da própria auto-imagem que estão de tal modo articulados aos processos de subjetivação contemporâneos que Tisseron (2008) sugere que a tradicional “fase do espelho” – descrita por Lacan como processo primeiro de identificação do bebê com sua mãe, poderia ser substituída pela “fase da tela do computador” (“*stade des écrans*”). O autor ainda nos lembra que de acordo com Lacan o espelho não é somente uma fonte de ilusões visuais, é também a origem da tendência de nos iludirmos sobre nós mesmos. Segundo Tisseron (2008), “com os espelhos de pixels não se trata somente de ver-se diferente, mas também de manipular nossos interlocutores” (p.34, tradução minha). Tal possibilidade de manipulação articula-se com o inquietante que a heteronímia engendra, pois traz consigo a dúvida sobre a qualidade ficcional do discurso do interlocutor. A internet configura um terreno propício à fabricação da própria imagem e à experimentação de várias identidades, atualizando a experiência do “outrar-se” pessoalmente num contexto no qual, conforme as

¹³ Segundo o autor, na atualidade, a modalidade discursiva das múltiplas identidades também é evidente nos discursos de jovens filhos de pais imigrantes. Tisseron (2008) afirma que enquanto os pais se sentiam divididos entre duas culturas e duas pertencas, ao ponto de viver esta situação no silêncio e com vergonha, seus filhos reivindicam esta clivagem como constitutiva de suas identidades. Eles se nomeiam “multi-identitários”. “Enquanto a geração precedente dizia não se sentir em casa em ‘nenhum lugar’ – nem no país que a recebera, nem no país de origem –, a nova geração afirma ao contrário, se sentir ‘um pouco em casa’ em todo lugar. Esta opção, insustentável há somente vinte anos, se torna hoje possível pela cultura do ‘ao mesmo tempo’ que substituiu àquela do ‘ou’”. (Tisseron, 2008, p.35-36, tradução minha).

palavras de Tisseron (2008), a lógica excludente do “ou, ou” cedeu lugar para aquela das múltiplas possibilidades do “ao mesmo tempo, ao mesmo tempo”. A sensação conflituosa que a possibilidade de apresentar-se como outro suscita, através de *nicks* ou personagens funda, é mencionada por Solange que embora tenha considerado ótimo viver um personagem, também atribui arrependimento a esta experiência.

A sensação foi ótimo, pois pela primeira vez vivi como se tivesse naquele personagem mesmo sabe, o nick foi menina de ouro. ótima, uma sensação única, mas ao mesmo tempo uma sensação de arrependimento. arrependimento por ter inventado, talvez eu não gostaria q tivessem feito isso comigo pois sou um pouco presa ao não mentir sabe, bate sempre o arrependimento do enganar, pois o q eu não quero para mim não quero para os outros. quanto a sensação única, é como se eu tivesse mesmo vivendo como se fosse real aquela situação. (Solange).

Ora, o arrependimento sentido por Solange concerne ao fato de que o ‘outrar-se’ – compreendido na acepção do neologismo pessoano, constitui uma ficcionalidade no discurso sobre si mesmo que instaura uma condição de inquietante conflito em face da dúvida sobre a eventualidade em estar sendo enganado pelo interlocutor da conversa *on line*. O incômodo que leva Solange a sentir-se arrependida ao utilizar um *nick* e inventar um personagem articula-se não só com a sensação de mentir, mas também com o fato de que não gostaria de ser enganada. Com efeito, a qualidade inquietante no uso de *nicks* diz respeito ao mal estar diante da dúvida sobre a potencial ficcionalidade do discurso do interlocutor, de tal maneira que o emprego de *nicks* para invenção de personagens é associado ao caráter falso ou ficcional da relação.

De fato, com relação ao uso de *nicks* é notável a grande maioria dos sujeitos entrevistados afirmarem não utilizá-los em suas relações na internet, preferindo apresentar-se com o próprio nome quando querem conhecer novas pessoas no ciberespaço. Trata-se do interesse em fazer novos laços de amizade a partir de uma apresentação e comunicação autênticas muito mais do que relacionar-se através de personagens. Em outras palavras, o uso de *nicks* para invenção de personagens confere

caráter de ficção ou mentira à relação, e nesse sentido alguns sujeitos explicitaram que não se sentem à vontade com *nicks* ou que não gostam de empregá-los; e mesmo dentre aqueles que dizem utilizar *nicks* nas conversas *on line*, tal uso foi associado como meio de preservar-se, apresentar alguma característica da personalidade ou do atual estado de humor e não para criar personagens.

Pode ser mais seguro, mas não me sinto bem com nicks. (Íris).

Os nicks que eu usava antigamente no chat da uol eram diminutivos do meu nome. Nunca gostei de usar nicks por dois motivos: 1) Não me sentia eu própria. O nick pra mim era um personagem e eu queria que as pessoas gostassem de mim e não do personagem 2) Depois que a gente se conhece, sai do virtual para o real, ninguém te chama pelo nome, todo mundo te chama pelo nick. Conheci ainda naquele tempo da Uol, um rapaz que se chama Francisco, mas ninguém chama ele assim, todo mundo até hoje, só o chama pelo nick AMOROSO. (Miosótis).

Depende eu sempre coloc nick que tem haver comigo, mas sei muito bem que para outras pessoas não é o mesmo. Mas claro, que tem pessoas com nicks muito estranhos, acho da para saber mas ou menos tipo de pessoa [que] está ali... não digo sempre claro. Não crio personagem, não gosto disso na verdade é só para preservar meu nome na verdade. (Girassol) (grifos meus).

Na sala de bate-papo, usava nicks sim, bem diferentes do meu nome, mas que tivesse a ver comigo. Já quando vejo um nick, posso acreditar que a pessoa tem aquele nome por afinidade ou por deboche. E a forma de eu me aproximar da pessoa, depende de qual nick ela use. Se for um muito idiota, acreditarei que a pessoa é idiota tbm. Se for muito refinado, tenderei a crer que a pessoa conhece, no mínimo, alguma coisa a respeito. Muitas conversas começaram pelo motivo dos nicks. Já usei "ânima", "cuore", Ivete.. O fato de ter um nick cria uma certa proteção, uma máscara. vc fica imune, vulnerável. Vc não é você, apesar de pertencer à esse corpo. Vc pode ser o que quiser. Acredito que pra muitos, cria a certeza da impunidade, vc pode ser o que quiser, se liberar. Não sabem de vc. Mas eu sempre fui eu, sempre tive a alma ligada, nunca separada do corpo pela ausência do nome. Nunca me fiz de outra pessoa. Apenas tinha outro nome pra me proteger, pra me resguardar. Conheci pessoas que tinha nicks absurdos, mas que faziam isso pra brincar. Quando as conheci melhor vi que eram pessoas divertidas! E muitas com nicks horríveis conversavam dizendo que queriam mesmo era falar de outras coisas. Era interessante. (Margarida).

No que tange ao uso dos *nicks* nas relações mediadas pela internet o mais notável foi a expressividade do não emprego por parte da maioria dos entrevistados. De

fato, é considerável a grande utilização do Orkut e do *MSN Messenger*, ambos os canais que dispensam o disfarce através de nicknames. A característica primordial do *site* de relacionamentos Orkut é a exposição do si mesmo; cada usuário cadastra-se através de seu perfil, com dados pessoais, como idade e profissão, além de informações sobre preferências musicais, literárias e gastronômicas, sendo possível exibir fotos e apresentar suas comunidades de interesse. E no *MSN Messenger*, canal de conversa *on line* através de trocas de mensagens instantâneas, só é possível comunicar-se com pessoas adicionadas à lista de contatos através do e-mail pessoal, o que pressupõe o prévio conhecimento ou consentimento para ser adicionado à lista. Assim, em geral, quando se trata de um desconhecido, é comum que os primeiros contatos sejam travados via Orkut e só posteriormente são trocados os e-mails pessoais para que os diálogos possam ser estabelecidos privativamente pelo *MSN Messenger*. Este movimento de passagem Orkut-*MSN Messenger* já revela em si mesmo o interesse em travar um início de amizade e parece ter se configurado como um caminho comum dos laços de amizades iniciados na internet, tal como demonstra Rosa:

depois do ORKUT algumas coisas mudaram e pude dizer q tb tive ganhos, pq nos canais de bate papo se vc chama uma mulher pra conversar, logo é interpretado como um flerte e dai muitas fogem pq claro não querem ser paqueradas homossexualmente mas no orkut as coisas foram diferentes em termos de fazer amizades, pq existem as comunidades, todas essas amigas q te citei conheci em comunidades do orkut em q tinham os temas lá e cada uma postava sua opinião, acabava sendo uma convivência indireta e depois sentia-se vontade de conhecer mais de perto aquela pessoa q tinha idéias e concepções bacanas sobre determinados assuntos e então vinha o passo seguinte: ser adicionado no MSN e dai pronto, o vínculo de amizade em geral tende a se aprofundar, não sempre, mas tende. (Rosa)

Portanto, tanto o Orkut como o *MSN Messenger* são dispositivos que se destinam a manter contato com os amigos ou fazer novas amizades, o que dispensa o disfarce sob uso de *nicks*. A pesquisa de Almeida e Eugenio (2006) também demonstra acentuada preferência dos jovens pelo *Messenger*, preterindo não apenas os chats como

também o ICQ. Os autores destacam um grau de declínio no uso dos chats e conseqüentemente na utilização dos *nicks*, pois nos chats cuja tônica era o disfarce, o objetivo é confrontar-se com desconhecidos sob a camuflagem de um *nickname*, enquanto que no *MSN Messenger* a intenção é facilitar a interação entre pessoas que já fazem parte da rede social do sujeito, assinalando que se está *on line* e disponível para uma conversa. De acordo com Almeida e Eugenio (2006), o gosto pelo *Messenger* articula-se ao “imperativo de reforço e elogio do ‘estar em grupo’”. Ou seja, a preferência pelo *Messenger* se explica pela possibilidade de estar sempre acessível e encontrável, reforçando o laço com os pares e a exposição de si. Trata-se do uso com “a deliberada intenção de reforçar a acessibilidade do sujeito para seus pares e de ampliar sistematicamente sua ‘área de cobertura’” (Almeida e Eugenio, 2006, p.62-63). As narrativas corroboram a literatura, pois, revelaram que mais do que experimentar-se enquanto outros através da experiência plural do uso de *nicks*, no que concerne aos vínculos de amizades travados na internet, o que está em questão nas narrativas sobre amizades virtuais colhidas é a possibilidade de estabelecer diálogos abertos à expressão sincera das próprias opiniões e idéias de modo a promover a formação de novos amigos.

Ainda que o inquietante próprio da heteronímia em Fernando Pessoa tenha se confirmado como constitutivo do registro discursivo das relações na internet, as narrativas demonstraram que as interlocuções que propiciam a formação de laços de amizades estão mais voltadas a um movimento de abertura e confiança do que aos sentimentos de desconfiança e medo que o inquietante instaura. Os sentimentos mais desconcertantes de dúvida, medo, estranhamento e desconfiança em relação ao discurso do interlocutor perpassam o âmbito dos primeiros contatos *on line* e se diluem na proporção em que as conversas se encaminham num movimento mágico onde idéias,

opiniões, valores e afetos são semeados configurando um terreno fértil para a irrupção das raízes da confiança que sustentam a relação de amizade. Nesse sentido, o tempo e a história construída dos diálogos virtuais passam a substituir os apoios imagéticos e a proximidade física de corpos que tão freqüentemente parecem sustentar retoricamente a confiança mútua entre amigos.

Com efeito, a lógica que subjaz a sociabilidade na internet é a reafirmação da rede de amigos e a exposição do si mesmo muito mais do que a apresentação sob disfarce, de modo que Tisseron (2008) alega ter a internet se transformado em um vasto mercado de identidades em busca de validação. No artigo intitulado *Amitiés virtuelles et nouveau narcissisme* (amizades virtuais e novo narcisismo) Rosen (2007) destaca que a principal atividade nas redes sociais na internet é a criação e o consumo ostensivos de imagens e de detalhes íntimos da própria vida ou daquela dos outros. Referindo-se a um contexto de “vastas celebrações do solipsismo”, a autora afirma: “não há lugar para a reticência: só há revelação”. Tisseron (2008) também atenta para o caráter narcisista concernente ao cotidiano virtual onde cada um utiliza o olhar e o julgamento dos outros sobre si mesmo para conhecer-se. Conforma Tisseron (2008) a máxima do “fazer-se notar a qualquer preço” agrava o narcisismo do espelho que suscita atitudes correspondentes ao que ele denomina “desejo de super expor a intimidade (*désir d’extimité*)”, ou seja, desejo de tornar públicas as partes secretas do si para que sejam reconhecidas e validadas pelo entorno – leiam-se os interlocutores da internet. Tisseron (2008) faz uma diferença entre este “desejo de exteriorizar a intimidade” do internauta e o exibicionismo. Segundo ele, enquanto o exibicionista toma o cuidado de mostrar os aspectos capazes de seduzir e fascinar, aquele que põe na internet uma parte de si cujo valor público ainda não foi aprovado, corre sempre um risco. “O exibicionista é um tipo de ator estereotipado e repetitivo, enquanto que o internauta é um experimentador de si

mesmo”. (Tisseron, 2008, p.40, tradução minha). Enfim, este autor aponta que este “desejo de intimidade super exposta” transforma as telas de computador em espelhos narcísicos e renova constantemente a intimidade:

Com efeito, foi o reconhecimento de um direito à intimidade que incentivou a expressão do ‘desejo de exteriorizar a intimidade’, visto que a intimidade de cada um, tanto psíquica quanto física, torna-lhe rapidamente maçante se o próprio sujeito é o único a aproveitá-la. Minha nudez face ao espelho, tomando só este exemplo, aparece-me sob um dia radicalmente diferente a partir do momento onde um olhar desejante, ou simplesmente curioso, se lança sobre ela. O direito à intimidade, reconhecendo a cada um, um espaço onde é protegido da intrusão dos olhares dos outros, permite-lhe buscar o olhar privilegiado pelo qual se sentirá enfim existir. O interesse que eu lanço só se nutre daquele que os outros me manifestam. Em resumo, sem a possibilidade de uma intimidade reconhecida, o desejo de exteriorizar a intimidade não viria à consciência, enquanto que sem o tempero da exteriorização da intimidade esta seria rapidamente cansativa. (Tisseron, 2008, p.40, tradução minha).

Almeida e Eugenio (2006) ao abordarem o tema da ampliação das superfícies de contato na internet, também mencionam essa busca da estima de si mediada pelo encontro com o outro, destacando que no Orkut e nos *fotologs*, por exemplo, não se trata de um acionamento do disfarce ou da possibilidade de brincar com apresentações de si imaginárias, mas sim de uma persistente exposição de si, num “movimento de desnudamento voluntário, pautado pela poética da celebridade e pela reafirmação sistemática do vínculo com os pares” (p.70). Tal poética da celebridade que expõe a privacidade e recusa as artimanhas do disfarce é apontada por Pedro que nos remete ao narcisismo do espelho – destacado por Tisseron (2008), ao falar da busca do reconhecimento do si mesmo a partir da exteriorização da intimidade e identidade:

(...) a sociedade big brother que o Orkut virou todo mundo se expõe pra caramba, todo mundo é meio que isso, **desejo de ser olhado, desejo de ser conhecido e eu entrei nessa também coloquei várias fotos, com minha família, remando, vestido de mulher, assim, um puta exibicionismo**, um ex-rolô meu falou nossa seu Orkut é um Orkut de um histérico (risos). Um ex-rolô meu, a Márcia, **ela falou que é Orkut de um histérico narcisista, e de certa forma é, né, tipo ficar me mostrando, ah, deixo eu me mostrar sem camisa, deixo mostrar sei lá, fantasiado, com cabelo comprido, cabelo curto**, então, é um desejo de ser olhado, de ser conhecido que eu acho que é engraçado, mas por outro lado é uma forma, porque os meios de comunicação só dão lugar pros

atores, então é como se os anônimos pudessem ter um lugar, ali, serem olhados também, por uma massa e meio que pra quem quer se exibir é uma forma da pessoa poder efetivar essa exibição. (Pedro, grifos meus).

Quando relata o seu desejo de ser olhado e conhecido, Pedro menciona o “desejo de exposição da intimidade” – do qual nos fala Tisseron (2008), intrínseco às novas modalidades de busca de reconhecimento e validação do si mesmo engendradas pela internet. Segundo Almeida e Eugenio (2006) esse movimento de exteriorização do *self* constitui uma espécie de “mosaico da personalidade” que sinaliza o tipo de pessoa que se é, ou que pelo menos gostar-se-ia de ser. Estes autores demonstram que no Orkut, por exemplo, a lista de comunidades configura-se como peça na montagem de um idiossincrático eu, que sinaliza atalhos para uma espécie de planta-baixa de um interlocutor qualquer. “O próprio movimento de criação de novas comunidades sinaliza o uso que é feito delas – menos para discutir o que quer que seja, mais para funcionar como proclamações instantâneas do *self*”. (Almeida e Eugenio, 2006, p.74).

No que diz respeito às especificidades da dinâmica das relações mediadas pela internet, uma questão que se mostra relevante destacar é a seguinte: se por um lado a condição de invisibilidade do interlocutor pode suscitar ansiedade, angústia e frustração com relação à falta dos elementos calorosos do contato físico, bem como sentimentos de medo e desconfiança instaurados pela qualidade inquietante constitutiva da ficcionalidade que atravessa as interlocuções *on line*, por outro lado a interação com uma pessoa que se encontra invisível abre novos horizontes e experimentações positivas na maneira de comunicar-se. As novas modalidades comunicativas advindas com a condição intersubjetiva própria da internet não são marcadas apenas pelo conflito concernente ao inquietante no uso de *nicks*, mas também caracterizam-se por uma atmosfera de diálogo mais aberto e solto, permitindo experimentar particularidades subjetivas pouco desenvolvidas e descobrir novas habilidades na comunicação. Isto é,

se por um lado a invisibilidade do interlocutor pode promover uma interlocução perpassada pela tensão duvidosa sobre a natureza ficcional ou não de seu discurso, paralelamente também favorece uma condição de maior abertura para conversas desinibidas e íntimas – o que permite a experimentação de novas facetas da subjetividade. Pode-se dizer que o meio virtual modifica, ainda que de modo sutil, uma certa economia das relações entre a confissão e o fingimento. A especificidade da condição invisível do interlocutor nas relações intercedidas pela internet favorece tanto conversas caracterizadas pelo uso de *nicks*, invenção de personagens, com um tom mais velado que busca a preservação do anonimato, quanto diálogos voltados para uma apresentação mais aberta e sincera das próprias opiniões, idéias e valores. As narrativas revelaram que em suas interlocuções *on line* os sujeitos preferem uma exposição mais direta e autêntica de seus gostos e interesses que fazer uso de um discurso encoberto pela criação de um personagem. Os sujeitos mencionam que se sentem mais à vontade para falar de si em suas relações *on line*, referindo-se a um contexto de conversas propiciadoras de uma maior abertura e intimidade. As narrativas demonstram que as conversas entre amigos na internet promovem um diálogo mais solto que permite discorrer mais abertamente sobre assuntos íntimos e experimentar modos diferentes de lidar com as próprias limitações como ousar ser menos tímido, por exemplo, bem como treinar novas habilidades na comunicação.

A forma de contato diferenciada muda a forma de se expor, de como se expor. O fato de vc não ver uma pessoa te olhando pode até mesmo criar uma intimidade que demoraria muito tempo ao vivo, ou nunca chegaria a acontecer. O fato de se lidar com palavras faz com que (pelo menos no meu caso) faça com que eu lide com os sentimentos, com as emoções, de uma forma muito mais pura. É mais fácil falar do que se sente, do que apenas falando. Hj já aprendi a falar mais que escrever, mas antes eu só sabia me comunicar bem se fosse escrevendo. Dessa forma aprendi a passar o que sinto, com intensidade, com emoção, ou com raiva, de uma forma até mesmo pesada, a depender do que queira passar ao outro. Depende como sou estimulada, do que esperam de mim. De que resposta tenho que dar ou do que pretendo fazer. Ao vivo não se chega aos extremos com facilidade. Mas pela internet é possível dizer muitas coisas através das

mensagens e das palavras. E isso muda muito a comunicação. Quem não sabe escrever, quem não sabe se fazer entender e não sabe se comunicar devidamente com o outro, acaba não se fazendo entender e não entendendo o outro. O grande problema desse meio de comunicação é vc escrever, o outro entender algo totalmente diferente e acontecer ou "ruído" de comunicação ou a total incapacidade de comunicação. Se vc manda um e-mail importante e a pessoa não responde, pode ser que ela esteja ignorando vc (não respondeu de propósito) ou pq ela não recebeu mesmo! (Margarida).

Sou tímida, eu já notei quando converso pelo computador deixo um pouco essa timidez de lado, não sei se é pelo o fato que a pessoa não esta na minha frente, ou porque me deixa super avontade. (Girassol).

Existe um atropelo, no sentido convencional, em que as pessoas se conhecem num dia vão se conhecendo aos poucos, se abrindo a depender das oportunidades e situações, a internet atropela um pouco isso, na primeira semana as pessoas já compartilham muitas coisas. (Daniel).

bom. eu achava legal conversar com ela, pois eu podia falar abertamente sobre uma série de coisas. Coisa que com outras pessoas eu não podia fazer. Mas isso é independente dela ter sido virtual ou não. Na época, eu não tinha nenhum amigo pra trocar confidências muito íntimas. E com ela, eu podia conversar abertamente. Ai, depois da gente ficar bem amigo mesmo, rolou a curiosidade de ver pessoalmente. Eu já tinha visto fotos. Nessa época, não tinha orkut, nem máquinas digitais tão fáceis.. era difícil ver a pessoa ai, um dia a gente combinou. Eu estava em Ribeirão Preto e nos encontramos Ah, eu tava em Ribeirão, avisei que tinha chegado e queria visitá-la. Ai, fui até a casa dela e ficamos batendo um papo mas pessoalmente, era um pouco diferente do que na internet, na net, era mais aberto e livre pra falar. Pessoalmente, rolava um constrangimento. bom, o que muda é que na internet, pelo fato de não estar cara a cara com a pessoa, dá pra falar mais coisas. ah, a gente se solta mais e fala mais abertamente. na internet, as pessoas se sentem mais livres pra falar, porque de alguma maneira, se sentem mais protegidas atrás da tela. (Mateus).

As conversas travadas entre amigos na internet são qualificadas por uma condição de abertura ao compartilhamento dos mais diversos assuntos sob a égide de confiança e intimidade tão profundas que Mateus menciona a diferença entre o registro discursivo transcorrido *on line* – considerado livre e aquele do primeiro encontro presencial que lhe suscitou constrangimento. A sensação de proteção, relatada por Mateus, é destacada por Tisseron (2008) como favorável a um engajamento emocional entre os adolescentes que ultrapassa aquele de que esses jovens são capazes na vida cotidiana. Segundo o autor a regra tácita deste novo tipo de intimidade não é mais: “eu

tenho um amigo ao qual posso dizer tudo olhando no fundo dos olhos” (p.75, tradução minha); para os adolescentes trata-se do seguinte: “eu tenho muitos amigos, aos quais posso confiar todos meus segredos porque não nos veremos jamais!” (p.75, tradução minha) – este imperativo, de acordo com Tisseron (2008), justifica a predileção dos adolescentes pelo não uso da câmera de vídeo quando se comunicam via internet. Não obstante, embora o argumento de Tisseron (2008) seja plausível, consideramos que não é suficiente atribuir a qualidade dos afetos das relações mediadas pelo computador ao fato de que os interlocutores nunca se verão – até porque não se trata de regra geral. Em nossa amostra que não corresponde à faixa etária dos adolescentes, todos os sujeitos demonstraram o desejo de encontrar pessoalmente os amigos que conheceram no ciberespaço, o que acabou se concretizando na maioria das vezes. Mesmo no caso dos amigos virtuais que se vinculam a grandes distâncias e ainda não se conhecem pessoalmente, eles relatam grande anseio por este encontro. O engajamento afetivo nas relações de amizade que nasceram na internet não se justifica pelo simples fato de que os interlocutores não se entrevem, mas parece estar articulado às complexidades de um registro outro da invisibilidade, notadamente, o das trocas afetivas que se dão na ordem do pensamento e das idéias (questão que passaremos a analisar mais atentamente no próximo item deste trabalho). Somente Miosótiis mencionou a preferência pelo não uso da câmera de vídeo (webcam), ao relatar que opta comunicar-se apenas teclando. Ela destaca, como afirma Tisseron (2008), que a relação de amizade prescinde do olho no olho, porém, não porque os interlocutores jamais se verão – pois se trata de um vínculo com uma amiga com a qual já estivera presencialmente, mas porque o entendimento entre ambas se dá através de um outro registro:

ainda hoje a gente conversa mais on line do que ao telefone; na verdade, eu converso com a Mariana todos os dias; sempre pelo msn; e o engraçado que as duas possuem microfone e webcam, mas a gente prefere conversar teclando, como nos velhos tempos; e nasceu uma cumplicidade enorme entre a gente. A

gente não precisa olhar no olho da outra e nem ouvir a voz da outra, basta eu escrever uma frase e ela já sabe como está o meu humor. (Miosótis).

A possibilidade de conversar aberta e intimamente com os amigos na internet, num contexto de cumplicidade, promove um espaço privilegiado de experimentação de diálogos voltados à viabilizar uma melhor comunicação com os outros, bem como modos de interlocução que favoreçam maior receptividade e acolhimento da alteridade – conforme relata Gabriel.

Eu acho que um certo "anonimato" ajuda vc a ser soltar. a falar sobre vc mesmo de maneira mais aberta. e se isso é correspondido, acaba surgindo uma cumplicidade muito forte. isso aconteceu algumas vezes comigo. e o que eu acho mais legal é que isso me ajudou a me abrir com amigos "presenciais" de uma maneira que eu não conseguia antes. eu acho que tem a ver com a imagem que a gente constroi qdo conhece alguém. não tendo isso na internet, acabei conversando com pessoas bem mais velhas e mais novas que eu de uma maneira mais aberta. de uma forma mais aberta. ajudou até a me expressar melhor sobre o que penso e sinto. e me fez perceber que tenho amigos ótimos no dia-a-dia e que eu podia perder caso não criasse essa cumplicidade. (Gabriel).

As relações com os amigos na internet permitiram a Gabriel experimentar uma nova maneira de conversar com maior abertura e cumplicidade, como também o ajudaram a reconhecer novas habilidades para melhor comunicar-se – experimentações estas que trouxeram contribuições também para os laços de amizade fora da internet. Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta que as relações *on line* permitem descobrir novas potencialidades comunicativas e identificar certas aptidões latentes, favorecendo a incorporação destas na vida cotidiana. Gabriel nos fala que suas conversas na net contribuíram para uma melhoria da qualidade comunicativa e afetiva no vínculo com seus amigos. Tal condição de experimentação de abertura ao outro e disposição ao aprimoramento no trato com a alteridade concerne aos preciosos ganhos instaurados pelas relações de amizade mediadas na internet. Passaremos agora a analisar com mais atenção as principais transformações subjetivas e implicações políticas advindas dos vínculos afetivos entre amigos na internet.

6.2.2 Experimentação política da amizade e força dos afetos

As intensidades afetivas entre os amigos virtuais valorizam a noção arendtiana de amizade uma vez que configuram relações que são em si mesmas expressão de abertura e apreço pela alteridade, favoráveis à relativização do pensamento e a um deslocamento na maneira de se por no mundo a partir da consideração da opinião do outro. A noção de experimentação política da amizade (Arendt 1993, Derrida 2003 e Foucault 1981) com as suas qualidades de imprevisibilidade e indeterminação, revela-se nos vínculos de amizades travados na internet que permitiram a realização de ações inovadoras e de experiências surpreendentes. Com efeito, a autenticidade das relações mediadas pela internet se afirma na presteza em afetar e ser afetado, o que abre caminho para transformações subjetivas, bem como para experimentações de habilidades e reflexões imprevistas que possibilitam a potencialização da capacidade de agir dos corpos. Assim, a experimentação política da amizade pode ser melhor compreendida à luz da concepção espinosana da potência dos corpos em afetar e ser afetado que pode engendrar o aumento da capacidade de ação. A força dos afetos nas relações de amizades travadas na internet desvelou não só a experimentação da relativização do pensamento como também de ações solidárias e de acolhimento comprometidas com o bem-estar e fortalecimento do *conatus* do amigo com o qual se compartilha o sentimento de estar junto mesmo distante fisicamente. De fato, a potência das relações de amizades mediadas pela internet diz respeito ao vigor com o qual os corpos são afetados no registro da invisibilidade dos pensamentos e dos sentimentos suscitados nas trocas de idéias e conhecimentos no diálogo *on line*: amigos que nunca se viram sentem saudades quando ficam muito tempo sem teclar no *MSN*, projetos e novas experiências foram concretizados mediante conversas estabelecidas nos vínculos de amizades

originários da internet – é sobre tais intensidades afetivas e seus desdobramentos que priorizaremos a seguir.

6.2.2.1 O que os olhos não vêem, o coração sente sim!

Antes do surgimento da internet, as trocas de cartas constituíram um expressivo modo de manter contato entre amigos saudosos que se encontravam distantes fisicamente. Vincent-Buffault (1996) em seu estudo sobre as relações de amizade dos séculos XVIII e XIX através de registros, como diários íntimos e correspondências, aponta que precisamente no século XVIII torna-se marcante a troca de cartas entre as práticas da amizade. De acordo com a autora, a valorização da amizade no século XVIII se inscreve no bojo de uma “escrita do íntimo”, em que a escrita da carta impregnada de um discurso de afeição e sensibilidade enriquece a relação amistosa. Segundo Vincent-Buffault (1996) essa prática epistolar, além de instaurar a criação do discurso de intimidade, também registrava, juntamente ao conteúdo afetivo, informações culturais, políticas e literárias. A internet atualiza e reconfigura as funções dessa prática epistolar uma vez que possibilita que a mensagem destinada ao outro chegue em tempo real. Ou seja, o discurso saudoso imbuído das trocas de palavras de carinho e estima que trazem novidades e mantém os laços de amizade transcorre de modo instantâneo e interativo – e assim, ao anular o tempo de percurso da mensagem, a internet “encurta as distâncias” e instaura a sensação de proximidade entre aqueles que se encontram distantes e mais do que isso, engendra a sensação de “estar com” ou “estar acompanhado” mesmo que este outro a quem se destina esteja a longas distâncias geográficas. Com a internet, não só se chega ao amigo e dele obtém notícias mais rapidamente, como é possível sentir-se em sua companhia, já que de fato, momentos são compartilhados, através das trocas de mensagens instantâneas que falam da saudade, dos sentimentos de apreço e

consideração e, assim, atualizam a relação de amizade. Com efeito, a internet possibilita a experiência de estar perto na distância, através dos encontros *on line*, e mais do que isso, ela instaura a possibilidade de comunicação e interação que prescindem de uma relação prévia – característica inovadora em relação à interlocução via carta ou telefone que supõe o conhecimento anterior do endereço ou número de telefone pessoais, – o que permite conhecer novas pessoas e fazer novas amizades. Portanto, a grande novidade é que com a internet é possível comunicar-se com pessoas nunca vistas anteriormente, e ainda mais, tal conversa com interlocutor desconhecido pode configurar freqüentes e longos diálogos tão instigantes que suscitam sentimentos de estima e emoções que levam os interlocutores a tornarem-se amigos ou mesmo a apaixonarem-se.

A internet tem sido notoriamente utilizada como meio de conhecer novas pessoas e fazer amizades, de modo que cada vez mais se tornam comuns relações de amizade iniciadas no ciberespaço, e até mesmo é crescente o número de casamentos entre pessoas que se conheceram pela internet. Tendo em perspectiva tais casórios oriundos de namoros¹⁴ começados na internet, é válido destacar que em muitos casos, os enamorados sentem-se mutuamente apaixonados antes mesmo de se verem, nas longas e prazerosas conversas *on line* que os instigam a travar o primeiro encontro face a face, tal como relatam Gabriel, Margarida e Camélia:

foi em 96. na pascoa de 96. eu morava em sampa e minha irman em londrina. nao tinha msn e icq naquela epoca. minha irman e eu usavamos o mirc pra bater papo. o mirc tem salas de bate-papo coletivo e a opcao de falar soh um-para-um; minha irman e eu costumavamos usar uma sala para quem gostava cinema, pq era tranquila, nao tinha muita gente; acabou que com o tempo, descobrimos que eu, minha irman, o Leonardo e a "pequena" eramos os mais constantes ali e comecamos a conversar de vez em qdo os quatro. pra vc localizar

¹⁴ Ainda que não correspondam ao tema de interesse deste trabalho, a menção às relações amorosas se faz pertinente, pois se trata aqui de compreender as intensidades afetivas presentes nas relações mediadas pela internet. Além da autenticidade das paixões que as conversas online podem suscitar entre pessoas que nunca se viram, é importante destacar que na internet as relações são atravessadas pelas ambigüidades tangíveis aos liames do amor e amizade, sobretudo nos primeiros contatos. Os sentimentos de amor e amizade se misturam e toda difícil sutileza em vislumbrar seus contornos fronteiriços se maximiza num contexto de radical imprevisibilidade dos encontros online.

geograficamente. o Leonardo morava em Curitiba. pequena morava em Porto Alegre. minha irmã em Londrina e eu em Sampa; a pequena era casada e tinha nascido apenas 2 dias depois de mim. a gente foi ficando muito amigo, conversando muito só os dois. cinema e livros, basicamente; o Leonardo tinha uma namorada que morava em Sampa na época. e a gente conversava muito também, sobre cinema e livros também. **era religioso passar algumas horas por dia os 3 conversando; o resultado foi que eu e a pequena acabamos nos apaixonando, sem nunca termos nos visto** (não era comum câmera digital e scanner naquela época); trocamos telefone e aí começamos a nos falar quase que diariamente. uns 3 meses depois a gente enviou uma caixa com cartas, fotos, fitas cassete um ao outro. e aí resolvemos que iríamos nos conhecer pessoalmente; enquanto isso, eu e Leonardo já tínhamos nos conhecido pessoalmente pq ele sempre ia a Sampa. e viramos amigos logo. e ainda nos falamos até hoje; mas voltando a minha história com a ex, em julho ela se separou do marido. em setembro foi passar uma semana em Sampa pra nos conhecermos. e em novembro ela se mudou pra morarmos juntos. (Gabriel, grifos meus).

Na verdade fui encontrada por esse pessoa. Começamos a trocar mensagens e logo trocamos os endereços de MSN, forma mais próxima de contato. Claro que tbm trocamos o telefone. Nessas conversas procuramos conhecer um pouco mais a respeito uma da outra, e acabamos, claro, entendendo a rotina, e sabendo bastante do que se passa na vida da outra pessoa. Vivi conflitos, senti saudade, aprendi a conhecer muito, de uma forma intensa, em dois meses de conversa diária, telefonemas, e-mails pela internet. Sempre durante o dia, e por telefone, à noite. Ao final de dois meses já sabia de quase tudo, e quando a conheci pessoalmente, vi que ela era exatamente o que havia me descrito e conforme eu havia visto na foto. Logo após isso, com o desenrolar de alguns acontecimentos, ela se mudou pra Salvador, foi morar comigo. Dia 21 de julho completamos 2 anos juntas. Esse é um caso que evoluiu além da amizade. (Margarida).

Mas, por outro lado, conheci minha namorada via Internet, num site de relacionamento. Vi o cadastro dela, enviei mensagem, ela respondeu, começamos a nos comunicar, depois passamos a nos ligar, depois nos conhecemos e assim aconteceu... natural e deliciosamente! O aspecto bom é que pudemos conhecer o coração uma da outra para depois nos vermos. Isso fez com que tivéssemos uma ligação anterior ao encontro real. Acho que tornou o relacionamento mais estruturado. (...) Conseguimos estabelecer uma confiança incrível. E quando nos encontramos, já nos conhecíamos e já estávamos apaixonadas. O encontro só tornou física a relação. E nos trouxe a certeza de que tudo era verdadeiro que queríamos estar naquela relação. Foi importante começarmos assim: conhecendo o lado emocional, psicológico, humano, antes da parte física. (Camélia).

Cozac & Storch (1995) destacam conversas sucedidas em encontros virtuais cheias de mensagens carinhosas e de tom erótico. Segundo os autores, tal é a intensidade do envolvimento emocional entre os sujeitos que quando se encontram pela

primeira vez a sensação não é de encontro, mas de reencontro: o carinho já existe e o apaixonamento se confirma. Não obstante, ainda que mediante essa inovadora condição do apaixonar-se viabilizada pela internet, segundo Menezes Dela Coleta, Ferreira Dela Coleta & Guimarães (2008) as relações amorosas originadas no ciberespaço suscitam a necessidade do contato face a face para sua continuidade. No artigo intitulado “O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet” estes autores ressaltam que os sujeitos acreditam na possibilidade do namoro pela internet em uma fase inicial, sendo necessário o contato presencial para que o relacionamento seja considerado satisfatório e sólido. Diferentemente das relações amorosas, os relacionamentos de amizade prescindem do contato físico e se mantêm exclusivamente pelos encontros virtuais, nas conversas *on line*.

A força dos afetos entre amigos que nunca se conheceram presencialmente e se vinculam pela internet fala da grandeza da capacidade de pôr em palavras e compartilhar a experiência existencial de estar no mundo como especificidade singular da humanidade do homem. As relações de amizade que nascem e se alimentam pelas conversas na internet iluminam a ordem discursiva da condição humana, ou seja, a beleza do fato de que somos tocados pelo enunciado do outro, de que a fruição da existência como ser humano se dá no processo mesmo de deciframento dos sentidos das enunciações proferidas no encontro inter-humano. É nesse sentido, de condição privilegiada promotora de incessantes “operações de deciframento” diante da incognoscibilidade radical do sentido último do discurso alheio, que Silva Junior (2007) destaca que para Schleiermacher a “conversa entre amigos” constitui-se como paradigma da hermenêutica. Com efeito, a conversa entre amigos configura uma abertura ao outro em sua radical alteridade numa relação horizontal que requer o esforço em considerar a multiplicidade dos conhecimentos e experiências humanas, constituindo um exercício

político de consideração da condição de interdependência para o engrandecimento do horizonte de saberes e aprimoramento do pensamento. É a relevância da atividade discursiva da amizade na qual os sujeitos, numa relação de igualdade política, compartilham informações de como se põem na vida e nesse movimento mesmo significam suas experiências em um mundo compartilhado, que está em jogo nas relações entre amigos que só se vinculam pela internet.

Cozac & Storch (1995), Nicolaci-da-Costa (1998, 2007), Querido (2005), Rheingold (1996) chamam atenção para a autenticidade das emoções e sentimentos envolvidos nas relações virtuais, ressaltando os grandes impactos que estas engendram na vida cotidiana dos sujeitos contemporâneos. Os autores falam do envolvimento afetivo e do engajamento com os quais os sujeitos vivenciam suas relações na internet e das subseqüentes intensas aprendizagens e transformações no registro da subjetividade que tais encontros *on line* suscitam. Cozac & Storch (1995) demonstram que os canais de conversas *on line* se configuram em cenários nos quais se desenrolam discussões acirradas sobre os mais variados assuntos que podem acarretar brigas entre os integrantes, além de diálogos calorosos que expressam sentimentos de amor, amizade e ciúmes, intrigas, e até mesmo práticas de cyber-sexo. Esses autores, assim como Rheingold (1996), também atentam para as ações de cooperação e ajuda entre pessoas que nunca se viram e que se sentem parte de uma mesma comunidade na qual compartilham diariamente o seu cotidiano, em conversas sobre filhos, família, trabalho, artes, e tantos outros assuntos que lhes suscitem interesse. As práticas solidárias bem como a legitimidade dos afetos aparecem também como elementos constitutivos das narrativas sobre as amizades estabelecidas pela internet, que falam da saudade e de grande apreço entre amigos que só se encontram *on line* e se sentem extremamente ligados emocionalmente, revelando que aquele que os olhos não vêem e nunca viram,

está perto do coração – naquilo que diz respeito aos sentimentos mais nobres de amizade, consideração e respeito. Com efeito, as narrativas relatam que é possível ter amigos que estão distantes fisicamente e com os quais nunca se esteve face a face. E mais do que isso, os sujeitos falam do inestimável valor do encontro com tais amigos na internet, da constância das prazerosas conversas *on line*, dos sentimentos de carinho, confiança e mesmo de preocupação com o bem-estar um do outro.

Igual a Rosa, a gente não se conhece pessoalmente. Já tentamos várias vezes, mas nunca conseguimos nos encontrar e com certeza ela está na lista dos meus melhores amigos. É uma pessoa que confio e que quando fico muito tempo sem falar com ela, sinto saudades. (Miosótis).

É assim com as meninas que falei, eu conheci muitas, mas desse universo imenso, elas foram as que como te disse chamo de amigas, conto meus problemas, elas me contam os delas, falamos sobre bobagem, fofocamos, trocamos receitas de beleza enfim falamos de muitas coisas e sempre tem o prazer de estar junto, de conversar. Mesmo que esse estar junto seja virtual: como disse Girassol, Íris e Miosótis nunca vi na vida, só por foto. (Rosa).

Nós conhecemos em sala de bate-papo, depois começamos a conversar por e-mail, msn, até mesmo por telefone; mas até hoje nunca nos encontramos e é uma coisa muito interessante, pois se ficamos muito tempo sem [sem] conversarmos uma com a outra, ficamos preocupadas; quando eu tenho um problema ela quem me escuta, como se conhecessemos há anos; e vice e versa; nos conhecemos muito por acaso, estava em uma sala de bate-papo, e naquele período eu iria participar de um congresso no sul, e essa amiga morava lá e começou passar algumas coordenadas. A nossa amizade já perdura por mais de 4 anos, então se tivesse alguma mentira não duraria tanto tempo; conquistei e fui conquistada por uma amizade que não envolve interesse, independente de ser bonita, feia, rica ou pobre, branca ou preta, religião ou raça; uma consegue ler e entender o que a outra quer dizer sabe; quando eu estava passando por um momento difícil ela sempre me incentivou, diferente de muito "amigos" não virtuais. (Solange).

Os sujeitos falam do apreço pelo amigo nunca visto pessoalmente, com o qual se constitui um importante encontro de diálogo sustentado pelo acolhimento e confiança, destacando que a relevância dos vínculos de amizade mediados pela internet concerne à qualidade do conteúdo compartilhado no âmbito discursivo das trocas de conhecimentos, de experiências, de afetos, de opiniões. Cozac & Storch (1995) apontam

como especificidade das relações virtuais o fato de que primeiramente se tem contato com o intelectual, emocional e afetivo e só depois, às vezes, com o físico. Nicolaci-da-Costa (1998) também menciona que o que está em jogo nas relações estabelecidas na internet é a possibilidade de conhecer certas características relativas à subjetividade do outro, ou seja, seus gostos, valores, opiniões, etc. A força dos vínculos de amizade que nasceram e se mantêm pela internet condiz com a importância do espaço discursivo de compartilhamento de sonhos, alegrias, medos, tristezas, amores – aquilo que é próprio da condição humana, tal como menciona o texto encontrado no blog de Girassol¹⁵:

~ Para você amiga de Internet ~



*Nós temos sentado dia pós dia,
compartilhando nossas vidas, nossos sonhos, nossos medos,
nossos erros.*

*Continua me assustando como você
que um dia foi um estranho, tenha se transformado em um
de meus mais
querido e estimado amigo.*

*Você é tão importante para mim como qualquer de meus
amigos pessoais,
minha família ou vizinhos.*

*Você me faz sorrir,
quando compartilha suas brincadeiras.
Me faz rir quando conta suas histórias.
Me faz sentir sozinh@ quando se vai.
Você esta em meus pensamentos cada dia.
Para você...meu melhor amig@ da web!*

Te Adoro!!!

*Fique aqui onde eu possa te ver, te falar, compartilhar com
você, suas brincadeiras, seu sorriso, seus sentimentos...*

¹⁵ Em entrevista com Girassol no *MSN*, recebi o link referente ao blog da comunidade AMI (Amo um italiano) para que eu pudesse ver as fotos dos *orkontros*. No referido blog, além das fotos postadas pude encontrar a citação destacada acima. Embora tenhamos optado como metodologia desta pesquisa trabalhar apenas com as narrativas das entrevistas através do *MSN* (e não com material retirado da web), a presença da referida citação se justifica por sua qualidade ilustrativa da autenticidade dos afetos envolvidos nas relações de amizade mediadas pela internet bem como das emoções que estas suscitam.

*Obrigada por ser minha
amig@ de Internet!!*

Os sujeitos falam da importância do amigo cujos encontros só se dão via internet, podendo ser estimado como um dos melhores amigos, e apontam para uma mudança da concepção da amizade, neste início de século XXI: a amizade é um relacionamento que se dá cada vez mais no âmbito do compartilhamento e troca de idéias; o amigo não é necessariamente aquele que está ao lado, mas alguém com quem o estar junto se dá através da conversa, da permuta de opiniões, experiências e concepções de pensamento. É nesse sentido, que as relações de amizade mediadas pela internet se constituem como encontros que se dão no registro do corpo-mente (alma) – tal como o concebe Espinosa. Em outras palavras, o sentimento de amizade entre aqueles que os olhos não vêem se dá no compartilhamento de saberes, valores e opiniões – qualidades da ordem do pensamento, é sobre essa nova maneira de estar junto no registro da troca de idéias que passaremos a atentar no próximo tópico. A beleza dos laços de amizade estabelecidos na internet como encontros entre almas nos remete ao célebre aforismo: “o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 1999, p.76, tradução minha).

6.2.2.2 Novas maneiras de estar junto: a compreensão da presença nas relações on line a partir da concepção espinosana de corpo.

A autenticidade dos afetos nas relações mediadas pela internet desvelada pelas narrativas revela uma nova maneira de estar junto na qual os sujeitos são mutuamente afetados pelas trocas simbólicas que se dão no registro discursivo das conversas *on line*. Os intercâmbios de experiências e opiniões suscitam transformações subjetivas que modificam formas de pensamento e que podem instaurar o aumento da potência de agir. Uma vez que os sujeitos são afetados na ordem dos pensamentos ou no registro da mente, por suas relações de amizade mediadas pela internet, a concepção espinosana

da unificação corpo-mente ilumina a qualidade da presença do interlocutor bem como a condição de intercorporeidade dessas relações. Em outras palavras, não se trata de acorporeidade – termo utilizado por vários autores que estudam sociabilidade na internet, dado que esta palavra nega a presença do corpo do interlocutor. No que tange às relações de amizades intercedidas pela internet, trata-se de uma especificidade na qualidade da presença do corpo do interlocutor que se presentifica, por assim dizer, através de seus valores, idéias e pensamentos. Portanto, não cabe falar em acorporeidade, já que de acordo com Espinosa (2008) a relação entre corpo e mente não é causal, mas sim de envolvimento recíproco: “o objeto da idéia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa”. (E. II, proposição 13). Com efeito, nas relações de amizades travadas na internet as trocas no registro da mente engendram não só transformações de pensamento, mas também alterações corpóreas, designadas pelos sujeitos como contentamento e sentimento de bem-estar. Lembremos que segundo Espinosa (2008) “tudo que o que acontece no corpo humano (E. II prop. 12) deve ser percebido pela mente”. Uma vez que nas relações de amizades mediadas pela internet os corpos são mutuamente afetados pelas idéias, valores e pensamentos expressos nas conversas *on line*, não se trata de uma condição de acorporeidade, mas sim de compreender a presença dos corpos implicados que se comunicam e encontram-se afetivamente ligados. Como demonstram as narrativas, trata-se de uma nova maneira de estar junto na qual os sujeitos são afetados no registro da subjetividade. Os sujeitos falam de suas relações de amizades mediadas pela internet destacando a presença do amigo como confidente, o caráter lúdico e divertido das conversas, e também demonstram o quanto são afetados por aquilo que o outro expressa no diálogo *on line*:

Por essas conversas é que nos conhecemos. Sabíamos, sentíamos que eram sinceras. Fomos verdadeiras desde o princípio. Contamos coisas íntimas e coisas

engraçadas uma para a outra. Se estávamos preocupas, dividíamos isso, conversávamos, trocávamos idéias, nos ajudávamos. Quando ela precisou de dinheiro, emprestei. Sem conhecê-la pessoalmente. (...) E também fomos criando confiança, amizade. Quando nos encontramos, tínhamos como certo que, se não "rolasse" aquela química, pelo menos seríamos boas amigas, porque já havíamos construído uma forte amizade. (Camélia).

estava sem fazer nada, resolvi entrar no chat, nos conhecemos,... e papeamos por uns meses, nós divertíamos muito com as conversas, um dia resolvemos procurar emprego juntos, e ai nos conhecemos pessoalmente. Sim, somos amigos até hoje... frequentamos a casa um do outro... pra jogar papo pro ar e games. (...) Posso falar desse 3 ao mesmo tempo, já que foram na mesma época e do mesmo jeito. Eu mantinha um blog, lá com meus 20 anos de idade.... e como blogueiro é bom comentarista tb, logo formávamos uma rede de blog. Um deles, o Hermes (que morava em BH e hoje vive no Rio) me chamava a atenção pelo modo como ele escrevia. Começamos então a trocar emails com histórias sobre nossa vida e comentários. (...) Normalmente, "linkávamos" os blogs que mais nos interessava. Os que mais comentavam. E trocávamos comentários. Cada blog possuía uma característica, mas a forma de escrita era diferente (não vou saber explicar isso). Os comentários iniciais, que me lembro, eram sempre simples como "Oi. legal seu blog. vc escreve bem... ou escreve engraçado... " Esses eram os primeiros contatos. Os comentários iam ficando mais "complexos", com opinião sobre os assuntos levantados.... já que falavam de recortes da nossa própria vida. (Cauê).

Uma delas foi em 1999. Eu entrei num chat para conversar e conheci a Cláudia. Ela era de Ribeirão Preto. Ai, a gente trocou e-mails e, toda semana, nos mandávamos e-mails contando sobre a vida de cada um, também conversávamos pelo ICQ, depois pelo MSN. A gente conversava toda semana. Era bem legal encontrar com ela pra bater um papo! (...) eu achava legal conversar com ela, pois eu podia falar abertamente sobre uma série de coisas. Coisa que com outras pessoas eu não podia fazer. Mas isso é independente dela ter sido virtual ou não. Na época, eu não tinha nenhum amigo pra trocar confidências muito íntimas. E com ela, eu podia conversar abertamente. (...). Eu tinha uma confidente. Isso era bem legal. (Mateus).

Me afeta bastante essa abertura, essa exposição, me exponho bastante, através do que eu escrevo, mas porque me move muito esse exercício de tocar o outro. de contar histórias e chegar até o outro de alguma maneira. (Daniel).

Os sujeitos revelam o impacto da real presença do amigo com quem se conversa pela internet, destacam a importância da amizade mediada pela internet como relação de abertura e de confidências e ainda dizem o quanto são afetados por aquilo que o outro escreve bem como pelo vínculo de confiança que se tece. Ora, a presença do interlocutor nas relações de amizades mediadas pela internet condiz com a

especificidade desse “exercício de tocar o outro” – do qual nos fala Daniel, onde a fruição do estar junto se dá na beleza do gesto de permitir-se afetar e ser afetado por outros corpos desejantes e pensantes. Nesse movimento de “chegar até o outro de alguma maneira”, onde os corpos se encontram através das trocas de idéias, valores e compartilhamento de experiências, os sujeitos falam da importância do reconhecimento de sua existência para o outro, do bem-estar advindo do carinho e respeito do amigo, do encantamento pelo amigo com o qual se estabelece uma relação afetiva de grande confiança embora nunca tenham estado face a face:

(...) tava falando com a minha amiga do Canadá, ontem pelo MSN, aí ela comentou um negocio do meu blog, falei nossa leu meu blog, uma pessoa que eu não vejo há anos, aí achei bem legal também isso, que é tipo reconhecer que você tem existência pro um outro, por um outro meio, mas você não vai saber, se a pessoa leu ou não, se afeta ou não, mas a pessoa se afeta, eu acho isso legal (...) (Pedro).

Na verdade afetam sim, tem momentos estou triste e alegre, conversamos de tudo e são pessoas queridas por mim. Me sinto bem quando converso com elas, e horas me sinto triste como uma amizade real. O fato me identificar [*de me identificar*] com algumas pessoa, o carinho tb [*também*], o respeito me fazem muito bem.

Nos conhecemos em uma comunidade no orkut, ultimamente não conversamos com frequencia por causa das ocupações do dia a dia. Mas sempre nos encontramos, com um tempo mais livre para todas... é como se fosse um clube da luluzinha rsr.. (Girassol, grifos meus).

(...) trocamos confidencias, sentimos saudades uma da outra, quando tenho novidades, fico doida pra contar pra ela. Quando eu sumo e nao dou noticias, na maioria das vezes por causa do problema do fuso horario, ela manda mensagens preocupada, querendo saber se aconteceu alguma coisa, a gente se conheceu no Orkut, ha mais mais ou menos um ano atrás, acho que um pouco mais de um ano, eu ainda estava no Brasil, a gente se conheceu em uma dessas comunidades no Orkut, sao postados topicos e cada uma faz o seu comentário. Eu sempre ia de acordo com os comentarios feito pela Rosa, a gente pensava da mesma forma, **a sua forma meiga, educada e atenciosa me chamou atenção**. Depois a gente trocou endereços de msn e ai começamos a conversar de uma maneira mais intima, **e quanto mais conheço a Rosa, mas fico encantada com ela**. Depois me mudei pra Italia e o contato continuou. Vamos ver se agora quando eu for no Brasil, eu consigo ir ate Belem para conhece-la. Rosa è uma pessoa que passa muita tranquilidade, muita meiguice. (Miosótis, grifos meus).

As narrativas revelam que as relações de amizades mediadas pela internet se

configuram como encontros nos quais os sujeitos são afetados pela potência singular do corpo com o qual se comunica. Os corpos são sensibilizados pelas idéias, pensamentos e perspectivas de como o outro se põe na vida. Trata-se, portanto, de uma condição de intercorporeidade psíquica e, portanto, não de acorporeidade, mas de intercorporeidade – tal como a concebe Espinosa (2008). Chauí (no prelo) atenta que a definição de afeto em Espinosa (2008) compreende que os acontecimentos corporais e psíquicos são simultâneos, portanto o que aumenta a potência de agir da mente também aumenta a do corpo. Quando Girassol utiliza a expressão “clube da luluzinha” ao se referir ao encontro com suas amigas *on line*, ela fala de um espaço de reunião entre corpos, e, portanto, da presença destes em um encontro imbuído de afetos. Segundo Espinosa (2008) na medida em que o corpo é afetado de uma maneira que envolve a natureza do corpo exterior, “a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente” (pop.17, E.II). Destarte, com relação aos vínculos entre amigos mediados pelo ciberespaço, podemos dizer que se trata de uma condição de intercorporeidade, na qual os corpos estão presentes em ato, podendo afetar e serem afetados. Com efeito, os laços de amizades mediadas pela internet são desvelados como relações afetivas capazes de engendrar mudanças no corpo tanto através de transformações de pensamento quanto na capacidade de ação. Lembremos que segundo Espinosa (2008) afeto é uma afecção simultaneamente do corpo e da mente; afeto é idéia e o que se passa no corpo. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo, tempo, as idéias dessas afecções.” (E. III, definição 3, p.163). As relações de amizades mediadas pela internet configuram uma nova maneira de estar junto na qual os corpos existentes em ato afetam e são afetados pelas opiniões e idéias do seu interlocutor. Passaremos, portanto a analisar e discutir de que modo tais relações

afetivas podem instaurar o aumento na potência de agir e de pensar dos corpos envolvidos.

6.2.2.3 Encontros alegres na internet: amizade e aumento da potência de ação

Segundo Arendt (1993), Derrida (1997) e Ortega (2000) a experimentação política da amizade designa uma relação de abertura ao outro na qual os sujeitos desestabilizam e questionam seus pontos de vista – tal deslocamento de perspectiva, condição necessária para o salto qualitativo do pensamento, gera transformações subjetivas que podem ser potencializados em suas habilidades e capacidade de agir. Trata-se de um vínculo onde os corpos são modificados por uma relação agonística na qual o contato com a alteridade permite deslocamentos e mudanças, levando a um reposicionamento no mundo que pode causar a ocorrência do surpreendente (Gomes e Silva Junior, 2007). As narrativas demonstram que os laços de amizades mediados pela internet configuram relações de intensas trocas afetivas nas quais os sujeitos são sensivelmente afetados por aquilo que o outro pensa e expressa através da palavra escrita. Os sujeitos falam da autenticidade dos afetos envolvidos nas relações de amizades travadas na internet que engendram transformações em suas capacidades de refletir e experimentar novas habilidades. Com efeito, os corpos são afetados pelas trocas de idéias e opiniões que podem instaurar o aumento da potência de pensar e de agir. De acordo com Espinosa (2008) “a idéia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior” (prop. 16, E. II). Uma vez que o corpo é afetado de maneira que envolve a natureza de um outro, interessa-nos aqui analisar e discutir de que modo nas relações de amizades travadas na internet o amigo pode contribuir com o aumento da potência de ação do outro.

As relações de amizades mediadas pela internet têm como especificidade uma

intensa troca de opiniões que mobilizam os amigos a refletir. Os corpos são instigados a pensar e encontram-se implicados no exercício político de considerar a opinião do outro. De fato, no âmbito das relações travadas pela internet, quando o interlocutor é considerado amigo é porque de algum modo aquilo que diz respeito ao registro de seus pensamentos e idéias já sensibilizou ou afetou o seu outro. Em outras palavras, a designação de amizade, nas relações mediadas no ciberespaço, articula-se com o fato de que os corpos consideram e são afetados por aquilo que o outro diz nas conversas *on line*. Os sujeitos destacam que em suas relações de amizade travadas pela internet o amigo ajuda a refletir e a esclarecer dúvidas, colabora na tomada de decisão bem como na relativização do pensamento. Os vínculos de amizade mediados pelo ciberespaço são desvelados como relação de abertura e acolhimento na qual o amigo se disponibiliza a ouvir os problemas, faz críticas, sugestões e mesmo aconselhamentos que contribuem para o aumento da capacidade de pensar sobre seus próprios comportamentos, valores, conflitos, opiniões:

Nas vespera de eu me mudar para Italia, um ex namorado me procurou, era um homem que eu havia amado muito no passado e me procurou pedindo pra eu nao viajar e etc e tal... Eu fiquei muito atordoada com aquele encontro pois fazia muitos anos que a gente havia terminado e que nao haviamos mais tido contato. E uma semana antes de eu viajar acontece isso. Eu nao me sentia a vontade de falar pra ninguem o que eu estava sentindo, pq nem eu sabia direito o que era A unica pessoa que eu consegui expor tudo aquilo foi a Rosa. Foi a Rosa que protamente me escutou, nao me julgou e que me devolveu um pouco de paz. Eu tinha a minha psicologa, poderia ter pedido ajuda a ela, mas foi a Rosa que pedi socorro. (...) foi ela quem me ajudou a refletir e nao dar ouvidos ao meu ex. Foi fundamental... Eu estava confusa e a Rosa soube ser imparcial soube me mostrar o que era melhor pra mim. (Miosótis).

O que eles dizem pode influenciar, já que eles vêm de fora o que a gente às vezes não enxerga. Conselhos, opinião, novos pontos de vista... o que vem de fora, sendo algo de uma amigo, tende a ser bom.e pode ser um alerta tbm, já que algumas vezes a gente não percebe umas burradas que anda fazendo.quando insite num erro que todos percebem ser óbvio... ou quando todos são contra algo mas vc insite naquilo. Nem sempre o que é bom pra todos é bom pra si mesmo. O amigo, às vezes, é a onda contrária naquela maré.Amigo não é aquele

que diz "amém" á tudo o que vc fala, mas aquele que te abre os olhos, e vai de encontro ao que todo mundo diz. É aquele que te abre os olhos, até mesmo aquele que briga com vc pra te mostrar que não é bem assim. Ele te faz perceber que as coisas podem não ser exatamente como parecem ser, que nem sempre o caminho que vc acredita ser perfeito, na verdade é uma miragem. O que ele te diz pode ser realmente duro de ouvir, difícil de entender, até mesmo contrário, absurdo. Muitas vezes a gente acha até que o amigo não é amigo, que não te quer bem, por desejar algo que não se entende, que não se vê. O feeling do quem está de fora, ou o conhecimento do que vai acontecer, por já ter vivido uma situação semelhante são importantes. Acrescentar sempre acrescenta. Um amigo que vá contrário à maré te faz entender o que vc não vê, e até mesmo mudar isso. A reflexão é a base pro crescimento. Os alertas que os amigos dão são fundamentais. E quem nem sempre diz o que vc quer ouvir pela milésima vez pode ser exatamente a pessoa que mais sabe e mais pode te ajudar a sair de um problema, não entrar numa furada ou crescer. (Margarida).

(...) tenho uma amiga que ela sempre era muito seca nas respostas, isso me chocava no inicio depois comecei a perceber que não era ser seca, e sim oetiva uma reação que era mutio diferente da minha mas que me fez perceber alguns momentos que faltava OBJetividade minha me fazem refletir geralmente sobre comportamento no sentido de tentar entender melhor o outro até mesmo de avaliar o meu comportamento como disse, com uma amizade virtual pude perceber que precisaria ser um pouco menos emocional, uma coisa que me atrapalhava em várias decisões necessárias considero sim a entender e colocar a importância da minha opinião como diz meu psicologo, sempre coloquei os motivos dos outros acima dos meus e neste caso, uma opinião de uma pessoa de fora foi muito importante, me fez refletir ela foi imparcial e usou minhas próprias palavras p me mostrar como eu estava sofrendo por minhas proprias ações. (Íris).

Pra mim é uma ótima experiência, alarga meus horizontes... eu talvez nunca tivesse oportunidade de conhecer alguém de outro estado ou de outro país tão bem quanto eu conheço as meninas. É uma oportunidade a mais de estar em contato com as pessoas, de aprender com elas, com as experiencias que viveram e de tb elas aprenderem com vc... aprende-se muito, é muito rico! eu descreveria como uma experiência realmente maravilhosa. Só é chato claro, pq as vezes a gente sente falta de poder se encontrar pra dar uma abraço de comemoração ou de consolo, mas daí a gente vai articulando o encontro aos poucos (...) primeiro pq consigo ter outras perspectivas sobre mim mesma, sobre as outras pessoas...em termos de sentimentos mesmo, elas me influenciam tanto quanto uma amiga não virtual, as coisas que conversamos eu levo em consideração tanto qto de amigas não virtuais, pondero, penso, reflito e aceito como sugestão ou não e ainda tendo a perspectivas diferentes, por exemplo as meninas são de um ambiente cultural diferente do meu, então aqui um coisa q p/o paraense possa ser um valor lá é relativizado, vistos sem tantas cores e vice-versa, elas tb tem concepções q tem a ver com suas culturas q pra mim são bem mais frouxas pelo local e relações q estabeleço onde vivo daí, é legal viver essa dialética...é uma troca, um refletir, um outro posicionamento q tem igualdades e tb desigualdades q enriquecem acho q ainda quero ter muitas amigas não virtuais e tb virtuais até o final da vida...ou até a idade permitir eu digitar mensagens (Rosa).

As narrativas mostram que os vínculos de amizades travados na internet configuram relações de enriquecedoras trocas de opiniões e aprendizagens – inclusive de caráter transcultural, que propiciam a reflexão e relativização do pensamento. Os corpos consideram as idéias dos amigos que os potencializam em sua capacidade de pensar e refletir sobre si mesmos, contribuem para repensar comportamentos e valores bem como para reposicionar-se diante de uma tomada de decisão. Os sujeitos destacam que suas relações de amizades intermediadas na internet os ajudam a refletir sobre problemas e dúvidas e a compreendê-los, acrescentam novas experiências e conhecimentos que os fazem crescer e repensar a própria vida. Tal possibilidade de alargamento de horizontes, mencionado por Rosa, condiz com a condição de experimentação política da amizade uma vez que designa uma relação de abertura à alteridade cuja tensão propicia questionamentos que fazem com que os corpos se desestabilizem e sejam potencializados, alargados em seu horizonte de conhecimentos e capacidade de reflexão e de agir. Com efeito, a especificidade das relações de amizades mediadas pela internet concerne ao fato de que os corpos são afetados pelas trocas de experiências e opiniões que favorecem o aumento da potência de pensar. Lembremos que segundo Espinosa (2008) “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as idéias das afecções do corpo” (prop. 23, E. II). Os sujeitos falam que as conversas com seus amigos na internet os tornam mais reflexivos, acrescentam novos pontos de vista que permitem aprimorar o pensamento sobre eventuais problemas, sobre seus próprios valores e comportamentos. Tal relação onde se é devolvido pelo outro promove deslocamentos resultantes da desconstrução e remodelagem do pensamento – movimento que só se dá no contato com a alteridade e cuja fruição nos remete à arte. Esta condição desconstrutiva e transformadora é de tal modo prazerosa e instigante que leva Rosa a expressar o seu desejo de manter suas relações de amizades até quando a

idade permiti-la digitar mensagens. O gosto de Rosa por suas amigas intermediadas na internet que lhe proporcionam uma ampliação de seus conhecimentos e relativização do pensamento condiz com o fato de que “é útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores” (prop.38, E.IV, p.311). Com efeito, Rosa é afetada sensivelmente pelas amigas que conheceu pela internet. Estas relações afetivas são mencionadas por Rosa como engrandecedoras uma vez que considera que estas lhe proporcionam aprendizagens e reflexões significativas. Tais relações de amigas ajudam Rosa a ampliar seu horizonte de conhecimentos e compreender sobre si mesma, portanto, são laços afetivos que favorecem a produção das idéias adequadas e que contribuem para a passagem a uma perfeição maior, uma vez que aumentam a potência de pensar e agir. Nesse sentido, a estima e o gosto de Rosa por suas amigas são em si mesmos a expressão de que esses laços de amigas se configuram como encontros alegres na internet. As narrativas revelam que as relações de amigas mediadas pelo ciberespaço favorecem o aumento da capacidade de refletir, e, portanto, contribuem para a passagem das idéias inadequadas às adequadas, e assim, se constituem como expressão de afetos alegres na medida em que designam encontro com um corpo que aumenta a potência de agir. Lembremos que Espinosa (2008) entende por alegria “uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior” (escólio da proposição 11, p.177). De acordo com Espinosa (2008) a mente é passível de alterações, ora passando a uma perfeição maior, ora a uma menor. “Quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra” (prop. 53, E.III, p.225). O gosto de Rosa por suas relações de amigas travadas na internet, consideradas como experiência maravilhosa, é em si mesmo, expressão da alegria do encontro com suas amigas, da rica troca de aprendizagens que a faz se sentir potencializada em sua capacidade de reflexão,

alargada em seu horizonte de perspectivas. É a alegria mesma que esses vínculos propiciam que fala já da grandeza e da qualidade especial dessas relações afetivas, bem como do desejo de Rosa em mantê-las por toda a sua vida. Segundo Espinosa (2008) buscamos aquilo que julgamos causar alegria. Quando a potência de agir, pensar, viver é aumentada ou favorecida por algo, a expressão desse movimento na mente é alegria. (Espinosa, 2008). Com efeito, em trabalho anterior, pudemos constatar que as relações de amizades aumentam a capacidade de agir dos corpos que são potencializados em suas habilidades, estimulados a realizar sonhos, impulsionados por gestos solidários a alcançar vãos antes inimagináveis e a agir coletivamente (Gomes e Silva Junior, 2005, 2007). No âmbito das relações de amizades mediadas pela internet, as narrativas revelam que também são relações afetivas nas quais os corpos são afetados pelos amigos que contribuem para o aumento da potência de pensar e favorecem a produção das idéias adequadas sobre si mesmos e os outros. A expressão ‘trocar uma idéia’ como designativa da especificidade da conversa entre amigos revela uma relação privilegiada de gosto pelo diálogo voltado para a elucidação de idéias e opiniões – movimento que é já condição de possibilidade da produção de idéias adequadas.

Ainda que os vínculos de amizades estejam circunscritos no âmbito das paixões ou da alegria passiva, uma vez que se referem ao corpo e seus encontros com o exterior, designam relações afetivas que produzem uma disposição interna para pensar que traz consigo a fruição do contentamento que abre caminho para a expressão das idéias adequadas, e, portanto, dos afetos ativos. Em sua belíssima tese intitulada “Alegria e Felicidade a experiência do processo liberador em Espinosa”, Ferreira de Paula (2009) chama atenção para a importância da experiência do contentamento, sobretudo “porque uma alegria, mesmo passiva, está sempre associada à potência de compreensão, uma vez que todo aumento da capacidade de agir do corpo é correlato de um aumento da

capacidade de pensar da mente” (p. 125). Em outras palavras, o que o autor destaca é que a alegria favorece a passagem da paixão do corpo e da mente à ação de ambos. Nesse sentido, as relações de amizade beneficiam uma dinâmica da alegria que estimula os corpos a pensar, tornando-os mais propensos à compreensão das idéias adequadas e potencializados em sua capacidade de ação. Com efeito, as narrativas revelam que os vínculos de amizade mediados pelo ciberespaço designam encontros alegres nos quais os amigos mobilizam a reflexão, acrescentam novos conhecimentos e perspectivas, permitindo a relativização e aprimoramento do pensamento. Ora, as designações de suas amizades como experiência maravilhosa, enriquecedora, que permite refletir, esclarecer dúvidas, ter novas percepções e insights sobre si mesmos e os outros, são em si mesmas a expressão do contentamento que estas propiciam. E, portanto, segundo Espinosa (2008), na medida em que constituem a fruição da experiência do contentamento, as relações de amizade possibilitam a produção das idéias adequadas, viabilizando o aumento da potência de pensar e agir. Ferreira de Paula (2009) atenta para a importância das alegrias passivas para a formação das noções comuns e, portanto, na constituição mesma da razão. Lembremos que Bove (1996) estabelece a relação entre a alegria da *Hilaritas* e o conhecimento das noções comuns e das idéias adequadas. Segundo Espinosa (2008) os bons encontros favorecem a *Hilaritas*, alegria que estimula ou aumenta a potência de agir do corpo de tal maneira que todas as suas partes adquirem entre si a mesma proporção entre movimento e repouso. Portanto, é na trama das relações afetivas, no âmbito mesmo das paixões, que o *conatus* numa dinâmica de resistência à tristeza, pode passar a produzir idéias adequadas. Ferreira de Paula (2009) demonstra que o contentamento consigo mesmo concernente a *hilaritas* dado pela idéia de si como causa da produção de idéias adequadas, não elimina a relação com o exterior, “mas antes estabelece com a exterioridade uma relação de autonomia, dada por

uma nova maneira de compreender a potência interna na sua relação com as causas externas” (p.136).

Sendo, portanto afetos passivos, o contentamento consigo mesmo da *hilaritas* e o amor de si equilibrado que dela surge continuam dependentes de causas exteriores – e no entanto já indicam a potência interna própria do corpo-mente, já apontam para ela, ao gerar aquela disposição interna do corpo e da mente, aquele aumento equilibrado de suas potências e a percepção da própria potência interna, fazendo surgir conseqüentemente um contentamento consigo mesmo e um amor por si mesmo que, nessa dinâmica alegre, vai indicar à própria mente a plenitude de sua potência interna de pensar, pela qual ela é causa adequada dos afetos. (Ferreira de Paula, 2009, p.131).

Em outras palavras, Ferreira de Paula (2009) ressalta que embora dependente das causas externas a *hilaritas* gera uma disposição interna do corpo que mais potente passa a ser capaz de pensar muitas coisas uniforme e simultaneamente. Conforme destaca este autor, a relevância da *hilaritas* na relação necessária entre passividade alegre e formação das noções comuns está no fato mesmo de que ela designa uma alegria que permite ao corpo participar da comunidade dos outros corpos e com eles compartilhar muitas coisas, o que os torna capazes de perceber muitas coisas de maneira adequada. “A mente é tanto mais capaz de perceber mais coisas adequadamente quanto mais propriedades em comum com outros corpos tem o seu corpo” (E.II, prop. 39, corolário). Ao versar sobre a relação necessária entre alegria e atividade racional em Espinosa, Ferreira de Paula (2009), portanto, frisa a *hilaritas* como alegria privilegiada que concorda com a atividade racional, pois permite uma nova compreensão da potência interna de pensar e agir:

Se a *hilaritas* se mostra como um afeto de alegria privilegiado, é porque o contentamento consigo mesmo que ele envolve, sendo um contentamento dado pela ideia de si como potência interna pensante, permite vislumbrar a possibilidade de uma alegria de outra ordem, uma suma alegria, porque faz ver e sentir nossa própria potência interna de agir e pensar como afeto contrário e mais forte do que os afetos passivos que, precisamente por serem passivos, envolvem alguma negação e tristeza. (Ferreira de Paula, 2009, p. 137).

Nesse sentido, os vínculos de amizade designam relações afetivas que propiciam uma dinâmica da alegria favorável à fruição da *hilaritas* e da produção das idéias adequadas – que já é em si mesma a expressão do exercício da racionalidade tal como entende Espinosa (2008). Com efeito, os sujeitos falam que suas relações de amizade contribuem para o aumento da capacidade de reflexão. O gosto por tais relações afetivas é em si mesmo a expressão da alegria que os amigos proporcionam. A relação necessária entre alegria e conhecimento adequado condiz com o que as narrativas revelam: os laços de amizade contribuem para o aumento da potência de pensar. Ferreira de Paula (2009) demonstra que em Espinosa (2008) não há abandono dos afetos, “o racionalismo espinosano não pretende eliminar as paixões, o que seria não só antinatural, mas também impossível” (p.136). Ferreira de Paula (2009) ilumina a importância da experiência do corpo no nível das paixões (afetos passivos) na passagem para a felicidade, ou seja, o autor menciona a relevância não só ao que diz respeito ao registro da razão, ou ao caráter da lógica, mas o que concerne ao caráter afetivo, próprio do âmbito da amizade, para a passagem da produção das idéias adequadas. As narrativas mostram que os amigos ajudam a refletir sobre problemas, favorecem a compreensão de si mesmo, e a relativização do pensamento. Além de se sentirem potencializados em sua capacidade de reflexão, os sujeitos falam do aprendizado que as trocas de experiências trazem e a possibilidade de compreensão que estas suscitam. Pedro, por exemplo, menciona que os vínculos de amizade estabelecidos em uma comunidade na internet foram fundamentais para a sua elaboração do sentido de integração em relação a sua ascendência coreana. E Cauê relata que as conversas com os amigos *on line* o ajudaram a elaborar questões relativas à sua homossexualidade:

(...) depois eu fui entrando em mais comunidades que não tem a ver só coisa acadêmica, por exemplo, entrei numa que é coreanos no Brasil, eu achei legal porque são filhos de coreanos e coreanas que falam de sua sobrevivência no Brasil e é uma coisa que eu meio que negava e eu acho que ajudou um pouco a

integrar um pouco a minha ascendência coreana ao entrar e me sentir na comunidade (...) (Pedro, grifos meus).

vou ser mais específico e falar de algo que me interessa bastante. Tenho vários amigos homossexuais. Mas, quando acabava de conhecer uma pessoa nova, com essa orientação, uma das minhas maiores curiosidades era saber se alguém sabia disso na vida social dele e como eram as reações das pessoas. Quando falo de troca de experiência, estou falando nesse sentido. Como ocorreu, o que surgiu em determinada situação, como ela se comportou e troca de informações, quando menciono isso, estou me referendo a informações quaisquer. Tenho amigos, por exemplo, que gostam do mesmo estilo de música que eu... então trocamos informações sobre álbuns... ou que gostam de ver curiosidades, e trocamos links (Cauê).

As descobertas são gostosas, as conversas enriquecem muito, visto que as experiências que a outra pessoa traz são diferentes da que tivemos. Conheci uma professora do RS, que teve uma vida super complicada, castradora, e que não era feliz. Eu era imatura na época, ela deveria ter uns 32 anos, eu tinha 24. Com a ajuda dela fui capaz de entender quem eu era, o que eu queria da vida. E que o que eu julgava importante, não era nada! A vida que eu tive sempre fora cheia de mordomias, enquanto ela havia penado, sofrido. A diferença do que eu dava valor pro que ela dava era enorme. Ela subira na vida, eu vegetava. Ela havia se casado com um advogado, apesar de não gostar dele, muito pelo que ele oferecia à família dela. E como a cidade que eles viviam era pequena, um divórcio não era bom. O pai batia muito nela, por isso ela se casou. Percebi quanta sorte eu tinha tido e como eu era feliz. Vi que ela havia lutado MUITO pra chegar onde chegou. Enquanto eu reclamava da minha vida. O paralelo entre as duas realidades me fez entender o quanto eu chorava de barriga cheia e o quanto a minha vida era boa, eu tinha tudo. A infelicidade que ela tinha na vida, motivada por escolhas que ela não podia mudar, me deixava mais ciente de que eu era livre e que era feliz e isso era maravilhoso. Como eu só enxergava a minha realidade, o fato de entender o outro lado me fez valorizar mais a minha vida. Eu não gostava da minha faculdade, não queria morar com meus pais... ela me sacudia qdo eu apelava com besteiras de menina "rica", me trouxe muita coisa da vida dela, das dificuldades, dos problemas. (Margarida).

A sensação de ser sacudida, da qual nos fala Margarida, condiz com a qualidade agonística da experimentação política da amizade que favorece questionamentos de valores e opiniões no contato com a alteridade. Tal possibilidade de deslocamento de perspectiva engendra não só a possibilidade da produção das idéias adequadas como também abre caminho para a irrupção de ações inovadoras. Essa condição de reposicionamento que a experimentação política da amizade instaura favorece não só o aumento da potência de reflexão, mas também transformações subjetivas significativas

decorrentes do fato de que o corpo é afetado pelos novos pontos de vista, e conhecimentos propiciados pelo encontro com o outro. Os relatos demonstram que as relações de amizades travadas no ciberespaço designam um entrelaçamento no qual o outro permite maior reflexão sobre si. Tal possibilidade de ser devolvido pelo contato com o outro radical condiz com a condição do estrangeiro cuja imponderabilidade do aventurar-se no desconhecido favorece descobertas reveladoras e desconcertantes que dizem respeito à ordem singular de nossa potência, e, portanto, da singularidade de nossa essência mesma. Em outras palavras, a amizade compreendida enquanto vínculo agonístico com a alteridade, assim como a experiência do estrangeiro, instaura a condição privilegiada de entrar em contato com o registro de nossa própria potência. A relação com o desconhecido como condição de possibilidade de fruição de nossa essência mesma. Trata-se, conseqüentemente, da beleza do abismo entre alteridades como condição mesma do que separa e do que põe autenticamente em relação. Segundo Derrida (1997) a experimentação política da amizade configura uma “amizade da boa distância” uma vez que designa uma relação com o outro radical, ou seja, um vínculo que não pressupõe intimidade e cujo acolhimento do outro em sua alteridade é condição de possibilidade das experiências inter-humanas do agir e do falar de onde podem irromper ações políticas inéditas. A qualidade política da amizade que permite deslocamentos nos quais o eu é devolvido e investido pelo outro estrangeiro implica o acolhimento da fissura intransponível entre singularidades. Nesse sentido, Blanchot (1971) destaca o puro intervalo como medida de tudo o que há entre o eu e este outro que é seu amigo, intervalo que longe de impedir a comunicação diz respeito à relação entre ambos na diferença, e, por vezes, ao silêncio da palavra. Blanchot (1971) ilumina a amizade como relação sem dependência que passa “pelo reconhecimento da estranheza comum que não nos permite falar dos amigos, mas somente lhes falar;

movimento de aliança onde ao falar os amigos reservam mesmo na maior familiaridade, a distância infinita, esta separação fundamental a partir da qual o que separa se torna relação.” (p.328, tradução minha). A relação com o desconhecido como condição propiciadora do entrar em contato com os próprios valores, opiniões, hábitos, habilidades, etc. e poder relativizá-los, ou seja, a possibilidade de acessar o que é constitutivo de nossa potência singular, podendo pensá-la – eis a grandiosidade e a qualidade enobrecedora da amizade naquilo que ela traz consigo da experiência do estrangeiro. Daniel relata o encontro consigo mesmo a partir das suas amizades mediadas pela internet que o ajudaram a entender suas próprias motivações e crenças.

No Canadá, consegui me encontrar, entender quais as possibilidades para dar vazão ao que eu acreditava, ao que me motivava. Mas passado o momento inicial, foi muito forte a questão cultural, tenho um vínculo muito forte com a cultura do meu país, da minha cidade, e fundamentalmente com minha língua. Essas amizades virtuais, mediadas por um site criado para reunir essas afinidades culturais. Foram fundamentais nesse meu processo. Porque mantinham vivo meu elo com a cultura, com a língua. (Daniel).

A amizade carrega a qualidade do estrangeiro, pois designa uma relação agonística promotora de deslocamentos que levam ao salto qualitativo do pensamento na qual os corpos são potencializados em sua capacidade de agir e refletir, e, portanto, não são mais os mesmos, tal como o viajante que retorna em uma outra condição. É o vigor mesmo da amizade como vínculo propiciador do acesso ao registro singular da essência mesma que ameniza o caráter inóspito de terras estrangeiras tornando-as habitáveis. Quem viveu a radical estrangeiridade sabe do caráter precioso do gesto amigo que enche de humanidade a vida daquele que chega. É por trazer consigo a marca do estrangeiro – que favorece a compreensão do que nos torna humano, que a amizade carrega também a grandeza da solidariedade e generosidade como constitutivas da abertura e acolhimento do amigo/estrangeiro. Não é a toa que os amigos são fundamentais para aquele que está longe de casa, como destacou Daniel. Jasmim

também fala da importância dos amigos na época em que morou nos Estados Unidos e o quanto a internet contribuiu para manter contato com eles. Miosótis também relata que a internet foi fundamental para conhecer pessoas e fazer amigos quando se mudou para a Itália:

olha, já achei que pudesse viver sozinha, e era muito arrogante em relação a isso, achava que se as pessoas não me aceitassem do jeito que eu era eu podia ficar sozinha. o primeiro ano que morei nos states foi o pior... tive uma depressão forte e desde lá entendi que não podia viver sozinha, que tinha que cultivar os amigos e isso significava crescer como pessoa desde então mudei e minha vida agora é muito melhor vejo sempre meus amigos mesmo namorando, faço questão de encontrar com eles. A internet foi importante nesse período, me mantinha em contato pelo msn e mandava postais tb, muitos meus amigos tipo a Paola guardaram todos os postais que eu mandava, era meu jeito de me comunicar com eles (Jasmim).

Todas as amigas que eu fiz aqui na Itália e que não eram do curso de Italiano e que não eram amigas do meu marido, conheci através da internet, mais precisamente no orkut. Existe um preconceito muito grande com estrangeiros aqui na Europa e não é fácil fazer amizades. Então o orkut é fundamental para isso. Existem diversas comunidades no orkut de Brasileiros que vivem no exterior, de mulheres brasileiras casadas com estrangeiros e ali você encontra diversas pessoas com a mesma dificuldade que você, encontrar amigos a maioria eu já tinha contato quando estava no Brasil. Eu já frequentava essas comunidades no Brasil, justamente porque queria conhecer pessoas aqui. Conheci ainda no Brasil, algumas meninas que também eram casadas com italianos e que moravam no Rio mais foi um contato um pouco artificial, porque elas eram casadas e eu ainda era solteira. Quando cheguei aqui, conheci diversas meninas brasileiras que eram casadas com italianos e que moravam aqui na Itália. Conheci meninas do norte da Itália, do sul, e até algumas que moram aqui perto de casa a gente se reúne para fazer churrascos, feijoadas, para viajar, para andar a toa na Rua, para jantar. (Miosótis).

Miosótis fala do vigor da amizade cuja imprescindibilidade concerne à especificidade do humano como ser que age e fala em um mundo compartilhado. As amizades de Miosótis foram fundamentais não somente para compartilhar as dificuldades relativas à condição de estrangeira, mas porque antes se constituem como medida de sustentabilidade que a torna possível e suportável. É nesse sentido de que a amizade permite a fruição da humanidade do homem que Espinosa (2008) afirma que “o homem livre procura unir-se aos outros homens pela amizade” (E.IV. prop.70,

demonstração, p.345). A grandeza da amizade nos remete ao favorecimento da dinâmica da alegria que potencializa as experiências políticas do agir e do falar e resiste à tristeza podendo, inclusive romper a solidão. Foi imbuída do desejo de que suas amigas italianas não padecessem com a solidão que Girassol organizou ‘orkontro’ – nomeação sugestiva do encontro comunicado e organizado via internet através do Orkut, como forma de viabilizar o impedimento do estar só, movimento que é já a expressão da gentileza do convite a um encontro destinado a alegria.

Tem uma comunidade que participo no orkut, uma comunidade italiana que lá com as trocas de informações, elas sentiam sozinhas, não tinham amizade por lá. Ai sugeri fazer uns Orkontros, onde já aconteceram varios e criei um mini blog para fotos desses encontros. Eu ainda não participei, só organizei, como te falei não é uma viagem barata. [organizei] pela internet, mas não teve minha presença na epoca era moderadora da comunidade.. ai devido tantas reclamações sentiam sozinhas, sugeri o tal orkontro. porque quando mudaram de país sentiram , nova cultura, depois de um tempo sentiam-se sozinhas, sentiam falta de uma amizade feminina.Como te falei esse é um dos grupos de discursões.... Na verdade gosto muito... de proporcionar isso para elas.. já que senti-se sozinhas, tento fazer alguns vinculos de amizades possiveis claro para elas. Como te disse na epoca era moderadora, e tb [também] sempre tratei todas como se tivesse aqui do meu lado. Mas hoje em dia elas organizam sozinhas. (Girassol, grifos meus).

A força do ‘orkontro’ como espaço para compartilhamento e celebração da amizade designa o vigor do gesto solidário de Girassol que ao sugeri-lo e organizá-lo pela internet oferece para as amigas brasileiras que mudaram para Itália um presente valioso e por isso mesmo seu corpo, tal como compreende Espinosa (2008), se presentifica neste ‘orkontro’, mesmo não estando fisicamente, certamente, ela estava lá. Os ‘orkontros’ se configuram como importante espaço de apoio e acolhimento imprescindíveis diante do desamparo que a condição do estrangeiro instaura, portanto, eles são fortemente almejados naquilo que designa a realização de um encontro alegre, conforme relata Girassol:

Na epoca eu disse que poderíamos nos encontrarmos, mas como estava um poquinho distante, ajudei na organização mas não cheguei a participar. Mas este

ano participei de um quando estava na italia. Na verdade elas ficam muito felizes quando se encontram, na festa que fui era uma festa junina e tinha varias meninas de varios locais do Brasil e estavam muito alegres. No geral so ajudava organizar, mas participar mesmo essa foi minha primeira vez. Para as meninas [que] vivem lá, e que se quixam [queixam] muito de estarem sozinhas, elas vivem contando os dias para os orkontros acontecerem... é que sempre notei... (Girassol, grifos meus).

Os orkontros revelam que os laços de amizades travados no ciberespaço configuram significativas trocas de experiências e conhecimentos que transcendem o espaço da internet. As narrativas demonstram que as amizades mediadas pela internet potencializam os corpos a refletir e geram um alargamento das opiniões cujos desdobramentos trazem transformações relevantes para além do contexto das conversas *on line* repercutindo na maneira de agir e de comunicar-se no cotidiano. O caráter solícito inerente à organização dos ‘orkontros’ também permeia os intercâmbios de informações literárias, acadêmicas, musicais, entre amigos na internet cujos desdobramentos engendram a descoberta de novos interesses, a mobilização para buscar leituras aprazíveis, e experimentar novas atividades na vida cotidiana. Nesse sentido, as amizades travadas na internet constituem encontros alegres não só porque possibilitam o aumento da capacidade de pensar que abre caminho para o conhecimento das noções comuns e das idéias adequadas, mas também na medida em que instigam os corpos a agir, mobilizando-os a buscar novos conhecimentos e projetos. Os sujeitos entrevistados relatam que as amizades intermediadas no ciberespaço permitem o questionamento de seus valores, comportamentos, e idéias, aguçam a curiosidade por novos interesses, movem a procura do aprimoramento do pensar, através da troca e indicação de textos, informações sobre música, literatura que contribuem para o aumento da potência de agir:

eu acho que a internet foi a grande fonte de informacao sobre musica e literatura pra mim nos ultimos anos. sou muito curioso. gosto de ouvir e conhecer coisas novas. se a pessoa me fala de alguma coisa, vou lah conferir. eu acho que essa eh uma das grandes utilidades que a internet e as pessoas que vc conhece por

meio dela podem oferecer. claro que amigos "reais" também fazem isso. mas o alcance, a quantidade de pessoas, ajudam muito. (Gabriel).

(...) aí eu entrei em várias comunidades, mas tudo comunidade psicologia, esquizoanálise, então o meu fim era trocar textos, trocar textos, alguém botava um texto, aí eu tinha outro texto, trocava idéia, então participei muito era da esquizoanálise, as de Deleuze, esquizoanálise é a que eu posso falar mais, mais aí eu comecei a fazer amigos também, por exemplo, comecei a conhecer algumas pessoas pela internet e aí aquela fotinho lá meio que começava a fazer parte da sua vida. (Pedro).

Os relatos apontam o potencial da internet de promover tais trocas de conhecimentos não só entre amigos, mas no ato mesmo que possibilita ambientes de interação que transcendem os limites de espaço e tempo, também propicia a formação de novos laços de amizade. Pedro menciona, por exemplo, que a internet potencializou os fóruns de discussão e organização do movimento estudantil que ganharam maior alcance e participação das pessoas, viabilizando, inclusive, a composição de vínculos de amizade entre elas:

Eu sempre tive muito preconceito com a internet, e, mas eu comecei a usar muito por causa do movimento estudantil, que foi importante essa questão, porque quando eu fui do centro acadêmico, numa época que eu fui arrumar alguns arquivos, a gente viu como era a comunicação estudantil antes da internet, como que era, era por correio, aí era 'mó' engraçado ver as pessoas mandando carta, tipo ah, como é o movimento estudantil tal, eu fiquei pensando na dificuldade que era, né, tanto para escrever como pra responder depois, que você tem que escrever, ir pro correio, e como na internet tudo fica muito fácil, porque a gente tinha listas de discussão virtual, que tem ainda hoje em dia, então, aquelas listas que tem seiscentas pessoas do Brasil inteiro e a gente se comunica e no começo, que eu peguei bem o começo disso, esse começo, e era muito engraçado porque nossa, me comunico com gente do Pará, ou mesmo de Curitiba que era perto, mas são realidades assim que seria difícil escrever a mão, mas então eu tinha um uso da internet pra isso, movimento estudantil, movimento político, amizade, não, ah que coisa ridícula, coisa de pessoas carentes, eu pensava assim, né, até que teve um dia que eu conheci uma pessoa pela internet do movimento estudantil, ela viu o meu nome em algum site, em algum lugar e aí escreveu para mim, uma menina, aí fiquei fantasiando, nossa será que é bonita, ou não, mas não tem nada a ver, mas a gente ia se encontrar numa reunião, e foi muito engraçado porque tinha toda aquela aura mística, como será que ela é, aí depois a gente se falou por telefone antes, mas assim, sem nada afetivo explícito, era uma questão de movimento estudantil, mas aí a gente se viu ao vivo e viu que não tinha nada a ver, tal, e teve a relação de amizade depois disso mas isso acaba ajudando amizade a partir da internet, mas a princípio não havia, no meu uso com a internet, não havia esse fim de amizade, mas o fim político, só que quer

queira ou não, no movimento estudantil você tem duas implicações a política e da amizade, você vai nas reuniões porque você faz amigos, eu fiz um grande amigo de Sergipe, por exemplo, amigos de outros estados, a gente viaja bastante, e a internet é importante pra manter as relações, está longe, tal, aí sei lá como que está aí, me conta, o quê você está fazendo e tal festa, então a política acaba virando amizade também. (Pedro).

O movimento estudantil tem como caráter a qualidade da experimentação política da amizade naquilo que designa um espaço privilegiado do agir e do falar onde os homens juntos são potencializados em suas capacidades de reflexão e ação coletivas. É nesse sentido de que a internet engendra espaços de trocas de informações e conhecimentos voltados para a vivência de enunciações coletivas que Lévy (2003) pensa a internet como viabilizadora de relações democráticas favoráveis ao engajamento em práticas solidárias que mobilizam os corpos a agir em prol da cidadania. Com efeito, Gabriel relata que estabelece uma frutífera troca com os amigos que conheceu na internet – relações que alimentam o seu gosto por música e literatura. Pedro também destaca a importância dos textos e conhecimentos adquiridos com seus amigos na internet bem como o significativo ganho político do espaço de discussão coletiva *on line* para reflexão e organização do movimento estudantil. Pedro enfatiza a relevância dessas trocas solidárias das indicações e trocas de textos com seus amigos via internet e do quanto esses vínculos de amizade aumentam a sua capacidade de agir, contribuindo para suas reflexões e práticas acadêmicas:

Ah, tem sim tem muita influência, por exemplo, indicação de texto, aí acaba influenciando, porque é tipo um espaço informal que você adquire conhecimento, eu fico pensando o cara que sei lá escreveu um livro e colocou na internet, o cara foi muito solidário, ele está dando o livro pra pessoas que nem viu nem vai ver e nem saber que foi ele que colocou e nem agradecer o livro. Então, tem o Marcos que é um cara que está na Bahia hoje, é um senhor, que eu conheci ele no Orkut, eu vi a existência dele no Orkut, mas depois conheci concretamente, mas eu acho que a gente se comunicou mais pela internet do que ao vivo, e aí, tem um grupo desses que ele botou vários textos de vários autores italianos, da autonomia que eram autores que eu nunca ia conhecer sem o intermédio dele e que estão sendo importantes pra mim por mais que eu não consiga metabolizá-los, trabalhar muito a idéia deles, mas são pós-deleuzianos, e, por exemplo, foi em cara que me influenciou muito nos estudos com essa

indicação de textos, o cara foi uma fonte de internet mesmo, por mais que eu tenha conhecido ele pessoalmente, tal, mas é uma relação virtual que a gente tem, seja quando eu encontro alunos dele, eu mando um abraço pra ele, mas mal vejo o cara. (Pedro).

Pedro menciona que o amigo contribuiu muito com seus estudos permitindo-lhe conhecer textos e autores importantes – aos quais talvez nunca tivesse acesso se não tivesse conhecido Marcos na internet. É o vigor do gesto solidário das trocas implicadas com o crescimento da potência do amigo que subjaz a discussão de Lévy (2003) e Rheingold (1996) da internet como propiciadora de espaços de enunciações coletivas que engendram intensas aprendizagens e cooperação. Com efeito, as narrativas demonstram que os laços entre amigos na internet se configuram como experimentação política da amizade na medida em que os corpos são afetados nesses encontros *on line* em suas capacidades de pensar e agir. Daniel ressalta esse potencial cooperativo da internet que favorece espaços coletivos voltados para as mais diversas e interessantes experimentações:

A internet tem um potencial colaborativo muito grande, muito instigante. É uma espécie de ateliê para experimentações. (...). A possibilidade do coletivo na internet é o que mais me encanta em termos de experimentações. Existe uma possibilidade de dar vazão e ao mesmo tempo criar alguma organização para essa verve. De pessoas tão distintas, que residem nos mais variados lugares. Mas que ali, naquele instante compartilham um mesmo chão. (Daniel)

Daniel relata que as suas amigadas na internet se teceram nesse movimento mesmo de colaboração e de instigantes compartilhamentos que lhe trouxeram insights importantes sobre a realização de seu *site* e ajudaram-no a tomar decisões significativas, como a de voltar ao Brasil e ir morar em São Paulo:

A maioria deles por causa de um site que eu criei e coordenei durante um tempo. Era um site com criações literárias, musicais, que reunia pessoas com essa afinidades, por cinema, fotografia, etc pessoas que tinham afinidades culturais. um dos primeiros colaboradores desse site chamado Joaquim - músico, produtor musical e poeta viu o site quando ele era apenas uma tela preta com uma colagem bem excêntrica e algum tipo de provocação para colaboradores. ele morava em São Paulo. na época, como disse, eu residia no Canadá ele me enviou

um e-mail com uma pequena colagem sonora chamada "O louco e o Picasso" Na época, eu não tinha a menor idéia do que aquele site iria falar, para onde ele iria. Eu apenas desejava manter um vínculo com meu país, com minha língua, foi um período de muita criação e estava me preocupando o distanciamento cultural, principalmente da língua. Aquele e-mail dele deu um novo rumo para o site. Me mostrou novas possibilidades e me trouxe a sensação clara do que eu queria realizar. A colagem era belíssima, costurava as influências musicais dele com suas referências de mundo - a história era sobre um louco na Holanda que destruiu um quadro de Picasso. Meses depois. Acho que pesou bastante na minha decisão por vir para São Paulo, algumas das amizades que fiz pelo site. Já tinha o meu desejo de voltar o Brasil, pois não queria virar imigrante. Na minha primeira semana em São Paulo. Foi muito curioso esse movimento de finalmente encontrar pessoalmente essas pessoas. Com Joaquim, jamais trocamos qualquer tipo de imagem ou fotografia um do outro. Nossa amizade era toda mediada pela palavra e pela música. (Daniel).

A beleza desse vínculo de amizade enternecido pela palavra e pela música é em si mesma a expressão de um encontro alegre no qual Daniel é fortemente afetado no âmbito de suas reflexões e sensibilidades artísticas – o que aumenta as perspectivas de ação relativas a concepção do seu *site*. Os vigorosos encontros com seu amigo Joaquim através da música e da palavra revelam as intensidades afetivas concernentes às amizades mediadas pela internet que geram, por exemplo, o aumento da capacidade de agir de Daniel no processo criativo de elaboração do seu *site*. Com efeito, Daniel é sensivelmente potencializado no registro de sua própria essência pelas amizades originadas por meio de seu *site*, que no então momento de retorno ao Brasil ele decide ir morar em São Paulo e não mais em Salvador sua cidade natal. A alegria dos encontros com tais amigos na internet foi tão marcadamente inebriante e inspiradora que Daniel relata que eles foram fundamentais não só para a sua decisão de voltar ao Brasil como para amparar o seu novo cotidiano em São Paulo. Os amigos conhecidos na internet foram decisivos para a vida de Daniel; ele afirma que as suas primeiras semanas em São Paulo foram destinadas a conhecer pessoalmente alguns deles, como Joaquim, com quem mantém vínculo, e Amanda, pessoa “fundamental para que eu consiga viver aqui em São Paulo hoje”. A experimentação política da amizade designa essa possibilidade

de transformação da subjetividade no encontro com a alteridade – movimento de permitir-se estar no mundo em outra condição orientada pelo engrandecimento e fortalecimento do *conatus* que impele Daniel, imbuído de fé, a se lançar na busca de seus desejos mais autênticos que dizem respeito à singularidade de sua essência mesma.

As narrativas revelam que os laços entre amigos na internet incitam os corpos a pensar, numa condição afetiva ancorada na solidariedade que a amizade emana – o que engendra não só o aprimoramento do pensamento como também os encorajam a agir e aventurar-se em novas aventuras. Gabriel, por exemplo, fala que suas relações de amizade ajudaram-no a ser menos tímido e a ousar mais e menciona que mudou a sua opinião sobre o nudismo, que antes considerava como “coisa de tarado” ao vivenciar uma experiência até então, impensável:

Depende da pessoa, claro. mas algumas pessoas foram muito importantes pra mim. me ajudaram a questionar comportamentos, estilos de vida. foram poucos, mas foram bem importantes (...). Isso jah faz uns 10 anos, pelo menos. eu conversa muito com uma mulher de campinas, casada, mais velha (uns 45 anos na epoca) sobre literatura. ela era professora. sempre conversando sobre livros e sobre a vida, consequentemente ela veio a sampa uma vez e fomos tomar cafeh juntos. a conversa fluiu muito bem, nada de cantadas ou algo do genero. soh duas pessoas que adoram livros conversando um dia, vespera de um feriado prolongado qualquer, estavamos conversando no icq e ela aih ela me convidou pra passar o dia seguinte com ela num sitio perto de jundiai. com amigos, o marido, etc. pessoas legais mas ela tinha que me dizer uma coisa: era um sitio de amigos naturistas. eu na hora assustei e resolvi nao aceitar o convite mas depois, com a cabeça no travesseiro, me veio um "pq nao?" a mente. resolvi mandar um email pra ela falando que queria ir sim. ela mandou um mapa e eu fui. eh meio bobo, mas eh que pra mim isso era totalmente impensavel, sabe? eu nunca faria isso se nao soubesse que ela eh uma pessoa "normal", legal, divertida, etc. meio estranho. chegar vestido num lugar soh de pessoas nuas, de varias idades e desconhecidas, foi um choque. mas alguns minutos eu me senti estranho por estar vestido. e depois eu vi que a maioria deles era bem mala, pessoas chatas mesmo. mas ao menos tive a experiencia, que foi interessante. (Gabriel).

A amiga de Gabriel além de instigá-lo em seu gosto por literatura também o ajudou a questionar seus pré-conceitos sobre comportamentos relativos ao estilo de vida naturista e mesmo mudar sua opinião sobre o nudismo. Margarida menciona que suas amizades na internet favorecem o aumento de sua capacidade de reflexão na mediada

em que viabilizam esse deslocamento do olhar como condição de possibilidade do exercício político de se pôr no mundo a partir de uma outra perspectiva:

Já tive amigos que me alertaram a respeito do que eu estava vivendo, com que tipo de pessoas eu andava ou me relacionava. Na grande maioria das vezes eles tentaram me alertar, sem sucesso, que a pessoa não valia a pena, que a situação era errada, ou que eu não deveria seguir por aquele caminho. Isso me fez entender muito mais a respeito da visão de quem vem de fora, e a perceber que as pessoas com as quais eu tinha um vínculo de amizade poderiam ver algo óbvio, mas pra mim invisível. O fato de saber que eles percebiam, e que a intenção deles era boa, me fez perceber que eu podia contar com eles, pelo fato de quererem o meu bem, torcerem por mim. O fato de a gente trocar informações, pedir conselhos, ajudar e ser ajudado faz com que a confiança aumente, que a gente crie laços mais fortes com essas pessoas que pouco vemos. A reflexão durante o fato que se desenrola, as reflexões após o acontecido, fazem com que a gente aprenda com os erros, seja sacudido, "tome na cara", cresça; Me sinto bem, gosto dessa nova visão. Nem sempre entendo na hora, mas procuro refletir a respeito, muitas vezes mexe tanto comigo que perco até o sono tentando resolver. (Margarida).

É desse gesto de querer bem ao outro emanado pela amizade que brotam o acolhimento e solidariedade propulsores de uma maior capacidade de pensar e agir como condição mesma de elevação do *conatus*. A amizade designa um vínculo afetivo no qual os corpos implicados com o querer bem contribuem com o crescimento do amigo que é estimulado a questionar suas opiniões e valores, reavaliar comportamentos, relativizar pensamentos, e assim, é potencializado em suas capacidades de refletir e agir – movimento inerente a qualidade política da amizade (Arendt, 1993). Com efeito, as relações de amizade além de favorecerem um terreno fértil para a produção das idéias adequadas também engendram gestos solidários que aguçam gostos e habilidades e mais do que isso, instauram a medida de resistência à tristeza – movimento que é já a condição de possibilidade do aumento da potência de agir. Além da partilha de conhecimentos e experiências que viabilizam um estimulante espaço de aprendizagens os laços entre amigos na internet também promovem ajuda orientada em favorecer o crescimento do amigo, incentivando-o a realizar seus desejos e reconhecer suas aptidões. Tal movimento comprometido com o querer bem ao amigo permite o aumento

da sua potência de ação e nesse sentido, designa um bom encontro que traz consigo mudanças positivas concernentes a fruição da alegria. Pedro, por exemplo, destaca que o reencontro com os amigos da canoagem, através do Orkut, foi fundamental para despertar e reelaborar seu desejo de remar. Os estímulos dos amigos de Pedro foram importantes no seu processo de elaboração do medo, e de retomada da atividade do remo como afirmação mesma de um desejo singular de sua potência:

Eu voltei a remar um pouco mais de três anos e eu tinha uma coisa meio ressentida com a canoagem porque eu parei de treinar aí um amigo meu que remava comigo foi pra olimpíadas, continuou treinando pra caramba, etc, mas lógico era um custo, né, a carreira, da carreira profissional porque a carreira dele virou esporte, mas eu escolhi fazer faculdade, eu fiquei meio ressentido, mas eu não via esses meus amigos da canoagem, por um bom tempo, aí pelo Orkut eu encontrei os caras, pelas comunidades de canoagem, encontrei os caras, os caras me convenceram a voltar a remar, esses amigos antigos que eu perdi o laço por quase dez anos e aí eu voltei a remar muito por auxílio do Orkut, um projeto que deu pra efetivar e que fiquei muito feliz com isso, porque sei lá eu acho que era um ressentimento que eu tinha algo não elaborado que tava meio com medo, meio negando, aí vendo as fotos dos caras, trocando idéia com eles, nossa que saudade, o que é que você está fazendo, recebendo convite ah vamos remar um dia, aí eu consegui meio que elaborar o medo, por mais que você volte naquele lugar que você não vai a tanto tempo, você sempre volta com receio, mas aí, isso foi um bom intermediário pra retornar e afirmar de certa forma um desejo que eu tinha de remar. (Pedro).

Os amigos de Pedro ao incentivá-lo a voltar a remar contribuem com o aumento da sua potência de agir uma vez que impelem o seu movimento de elaboração do sentido da canoagem em sua vida, retomando o remo como uma mudança significativa orientada pelo desejo de reavivamento de uma alegria. As narrativas demonstram que os vínculos de amizades mediados pela internet podem compor encontros alegres na medida em que se expressam como gestos solidários onde os amigos favorecem o aumento da potência de refletir e de ação dos corpos. Além das frutíferas trocas de conhecimentos, textos, experiências, favoráveis ao exercício político de considerar a opinião do outro – movimento que possibilita o aprimoramento do pensamento, vimos que as relações de amizades travadas no ciberespaço também compõem um espaço de

acolhimento e de gestos solidários comprometidos com o querer bem ao amigo, contribuindo com o aumento de sua potência de ação. Essa solidariedade implicada em afetar o amigo com alegria – e, portanto, comprometida com o aumento da sua capacidade de ação, engendra a mobilização dos corpos a buscar novas referências literárias, artísticas e musicais, a se empenhar em suas atividades de interesse, a organizar os *orkontros*, ou seja, possibilita a movimentação do corpo a agir em prol da afirmação de sua essência. Os sujeitos mencionam que foi com o apoio e ajuda de amigos conhecidos na internet que conseguiram realizar importantes projetos de trabalhos e viagens:

meu projeto de montar meu proprio negócio surgiu com o incentivo de um amigo o mesmo que a principio era virtual então, sempre conversávamos sobre o trabalho que desenvolvia e ele me fez a pergunta de pq não ter meu próprio negocio ate então não tinha despertado p isso, talvez tivesse medo de arriscar mas ele foi bem motivador até indicando clientes de inicio, passando materiais etc hoje ainda participa dando opiniões sou uma pessoa que não sabe viver sem se comunicar adoro conversar, pensar, ouvir, refletir isso meus amigos me proporcionam considero muito importante pra mim. (Íris).

Bom, o site foi um projeto efetivado ao meu ver, ganhou uma proporção legal, saiu em alguns jornais, etc Fora isso, realizei um videoclipe e um curta-metragem Dois saraus, que contaram com mais de duzentas pessoas E em Lavras Novas, no interior de Minas, quando nos encontramos, nós inventamos um espetáculo para apresentar na cidade inventamos do dia pra noite com música, poesia, etc e tal. (Daniel).

As meninas que moram aqui em Firenze estao tentando colocar no ar um site com dicas de vida no exterior, de vistos, essas coisas tambem estamos com um projeto junto com o consulado brasileiro aqui em Firenze, para ajudar a todos os brasileiros que vivem na regioao, mas esse è um projeto maior e mais dificil de realizar. (Miosótis).

sim...a viagem pra It.. [Itália] eu não entendia nada, nada..de aeroportos, passaportes, exigencias p/ingresso em outro pais...a solicitação do visto de permanencia q chegei a fazer qdo [quando] estive na It [Itália], tudo, tudinho foram elas e outras pessoas q conheci tb no virtual q me ajudaram. (Rosa, grifos meus).

As narrativas revelam que os corpos são afetados pela motivação, incentivo, apoio, colaboração dos amigos que os estimulam a agir na busca do útil próprio ou da

afirmação de seus desejos. Os amigos propiciam o aumento da potência de ação dos corpos na medida em que os mobilizam a desenvolver projetos, viajar, trabalhar, realizar eventos culturais, retomar atividades prazerosas, ou seja, as amigades impelem os corpos a se implicarem com ações condizentes com o crescimento e fortalecimento do *conatus*. Em suas relações *on line* os amigos engendram laços solidários cujo vigor é da ordem mesma do aumento da potência de agir. Os laços de amigades na internet não só promovem intensas trocas de idéias e experiências que mobilizam os corpos a pensar, mas também compõem relações implicadas com a solidariedade, que favorecem a ação de irromper a solidão, como no caso da organização dos *orkontros*, e que propiciam vínculos de atenção, carinho, ajuda e acolhimento nos momentos difíceis – num movimento que é em si mesmo de resistência à tristeza:

Um outro exemplo aconteceu ha pouco tempo, no final de agosto Meu sogro que para mim estava sendo como um pai, teve um ataque cardiaco e faleceu de uma hora pra outra Aqui como te falei nao tenho muitos amigos Mas nos dias que seguiram a morte do meu sogro, eu me vi rodeada de gente me dando carinho e atenção Todas as meninas que moravam proximo a Firenze, vieram ate a minha casa me da um abraço, pessoas que eu nunca tinha visto as que moram mais distante, inclusive no Brasil, me telefonaram e me deram uma palavra de conforto Pra mim, cada telefonema, cada email, cada mensagem foi muito importante Nenhum amigo dito "real" que estava no Brasil, me telefonou. So os virtuais. (Miosótis).

So o fato de conhece-las, para mim foi um momento especial. E na comunidade, é um espaço justamente de trocas, na epoca foi moderadora, gostei muito de ajudar, me preocupava o fato delas sentirem sozinhas e foi quando sugeri os orkontros, incentivava e me sinto feliz que hoje elas com todas essas afinidades. Organização sempre para se encontrar, seja um chá de bebe, casamento. teve um caso de uma menina [*que*] não tinha dinheiro para comprar roupinhas para o bb [*bebê*] [*que*] tava chegando, elas se organizaram e enviaram varias roupinhas e brinquedos para esta menina., tudo com carinho e disposta a ajudar. Eu gosto do fato que elas se ajudam bastante. (Girassol, grifos meus).

As amigades na internet se mostram como implicadas com o compromisso irreversível com o outro/amigo, em não deixá-lo só, engendrando gestos solidários que suspendem a condição de desamparo e que chegam mesmo como fonte de renovação da esperança. A beleza da amizade se consagra nesse gosto pelo outro de onde brotam

afetos alegres aptos ao revigoramento do ânimo de viver. A internet ampliou as vias de expressão desse entusiasmo em querer bem ao amigo, favorecendo outras possibilidades de encontros alegres nos quais os corpos se organizam e criam novas modalidades de ação coletiva, de cooperação e ajuda voltadas para o impedimento da tristeza. Lembremos que de acordo com Bove (1996) é essa benevolência que a amizade emana que funda a condição de afirmação da potência auto-organizadora da multidão contra a tristeza e assujeitamento. As narrativas apontam a benevolência inerente à amizade como fundante da dinâmica de resistência à tristeza na medida em que favorece uma disposição dos corpos em contribuir e estimular o aumento da potência de reflexão e de ação dos amigos. A amizade designa um vínculo privilegiado de gosto pelo outro que predispõe os corpos a instigar a tensão necessária entre passividade e atividade que estimula os amigos a agir na busca da realização dos seus projetos e afirmação de sua potência. As narrativas revelam que muitos foram os projetos empreendidos, sonhos concretizados, atividades retomadas, eventos realizados a partir de uma idéia de um amigo, de seu incentivo, de sua colaboração ou ajuda. As amizades travadas na internet desvelaram relações de abertura e confiança onde afloram o compartilhamento de opiniões, conhecimentos e experiências que capacitam os corpos a pensar e favorece o caminho da produção das idéias adequadas. Os vínculos entre amigos na internet não só se expressaram como viabilizadores da experimentação da qualidade política da amizade naquilo que concerne à possibilidade de deslocamento e relativização do pensamento, mas também porque engendraram gestos com o vigor da solidariedade inspiradores da vontade e coragem para ação. As narrativas falam de relacionamentos nos quais os corpos comprometidos com o querer bem ao amigo, afetam-no com alegria, contribuindo com o aumento da sua potência de agir. Jasmim é significativamente alimentada, estimulada no seu gosto por cinema pelas trocas de

opiniões sobre montagem e roteiro com uma amiga que embora nunca tenha visto trouxe transformações que incidem positivamente na maneira como Jasmim se organiza e se mobiliza para o trabalho:

uma outra, que eu te falei, que nunca nos encontramos, mas trocamos DVDs que fazemos pelo correio; comecei dando em cima dela, numa paquera leve, ela japonesa que eu gosto... mas tava noiva, e o maximo fizemos um sexo virtual uma vez rrsrs.... me mandou o convite de casamento dela... rrsr mas nunca que eu ia conhecer a menina no casamento dela, seria muito nelson rodrigues no sec. 21 dai não fui ela escreve roteiros e eu estou estudando muito essa parte... daí ela me indicou um livro que foi a base de um curso que dei... gravei um média de 37 min com os alunos e mandei pra ela... ela gostou, e agora ta me mandando o filme dela pra eu dar umas opiniões na montagem ela vai me mandar agora esse DVD, e eu reescrevi meu filme e mandei pra ela essa semana; nos damos muito bem mesmo sem nunca termos nos visto; uma vez fui fazer um teste na produtora que ela trabalhava, mas não era lá a sessão dos roteiros rrsr...; ela escreve tb pra tv cultura; ela me dá muita força com essa questão de roteiro, estudou na usp também mas depois de mim; e a Sofia, virou meio minha amiga de profissão, nossa troca é artística mesmo, falamos a mesma língua, esse média que eu fiz foi muito com a ajuda da Sofia o curso inteiro que dei na oswald baseei no livro que ela me indicou de roteiro e esse meu curta que to mandando pra petrobrás mandei pra ela me dar uma opinião. conversamos sempre ela me indicou pra ser apresentadora de um programa na cultura, pois trabalhava lá como te falei, ela me manda as coisas dela para eu opinar, e eu mando as minhas temos uma sintonia muito legal, apesar de nunca termos nos visto. é um programa de filosofia achei legal, pq estudei dois anos não sei se vai rolar, mas ela me indicou... superlegal. Nos projetos que faço sempre ela me ajuda, tipo para mandar para premios, curtas etc. ela é roteirista e eu estou me aventurando nesse terreno agora. (Jasmim).

Jasmim é sensivelmente afetada pelas enriquecedoras sugestões e opiniões de sua amiga, tais 'trocas artísticas' lhe são inspiradoras e aumentam sua potência de agir uma vez que ampliam suas perspectivas de trabalho e mesmo incidem diretamente na maneira como executa suas atividades cotidianas. Jasmim menciona a força que recebe de sua amiga para elaboração de roteiro e realização de seus projetos. Jasmim é fortalecida por esta amizade que gera efeitos positivos em sua vida profissional na medida em que a desperta para novas ferramentas de ação para trabalhar e mesmo lhe oferece materiais importantes como subsídio para sua prática docente, além de abrir caminho para uma futura possibilidade de mudança de trabalho de seu interesse. As

indicações e sugestões de sua amiga mais experiente ajudam Jasmim a se sentir mobilizada a desempenhar melhor as suas atividades profissionais bem como a manter acesa a chama que aquece e ilumina seu corpo na dinâmica de resistência-ativa concernente a afirmação de sua essência. É nesse sentido que as amizades travadas na internet designam uma relação na qual os corpos são potencializados por afetos alegres que aumentam e revigoram a capacidade de viver. Chauí (2003) chama atenção para o fato de que é a relação com seus outros que pode instaurar a condição de possibilidade de aumento da força de existir de um corpo:

Uma potência de existir pode, portanto, ser fraca ou forte e o indivíduo, por ser um complexo singular constituído por partes (pela união de corpos e pela conexão das idéias), pode possuir partes que se tornam mais fortes ou mais fracas (tanto no que respeita ao seu corpo como no que respeita à mente, pois esta é tão complexa quanto seu corpo). São fracas aquelas partes que sucumbem sob o peso da força das potências externas; são fortes aquelas que podem coexistir com a exterioridade sem ser por ela destruídas e, mais do que isso, cuja força pode aumentar justamente graças à relação com elas. (Chauí, 2003, p.213).

Ora, o que é a força que Jasmim diz receber de Sofia, senão a expressão de que esta amiga contribui para que ela se sinta fortalecida em sua potência de existir? A beleza da amizade concerne a este vínculo privilegiado de querer bem ao amigo que predispõe os corpos a afetá-lo com alegria que favoreçam o aumento de sua potência de ação. As narrativas demonstraram que em suas amizades na internet os amigos não só estimulam o aumento da capacidade de reflexão uns dos outros como também incentivam o engajamento em novas atividades e a realização de ações práticas no cotidiano para além do contexto das conversas *on line*. Portanto, a internet ampliou as possibilidades de composição de novas amizades e nesse movimento expandiu as probabilidades de bons encontros entre pessoas que estão muito distantes geograficamente ou mesmo que habitam em grandes metrópoles, como Jasmim e Sofia que embora ainda não tenham conseguido se encontrar em um espaço físico da cidade de São Paulo, tornaram-se amigas com significativa presença afetiva na vida uma da

outra. É nesse sentido de que intensas relações afetivas bem como uma imensa variedade de organização entre as pessoas se efetivam prescindindo do contato físico que a questão da presença/ausência dos corpos se configura como recorrente para muitos autores que estudam sociabilidade no ciberespaço. Tisseron (2008), por exemplo, afirma que na era das novas tecnologias “o corpo físico cessa de ser a referência do encontro”, ou que “o encontro concreto deixa de ser cada vez mais a referência da relação”. Não obstante, conforme já discutido anteriormente no tópico 6.2.2.2, a concepção do corpo em Espinosa comporta a importante elucidação da presença dos corpos no relacionamento de amizade travado na internet: o corpo não deixa de ser referência neste tipo de relação, pois os corpos estão implicados e são sensivelmente afetados pelo registro da experiência discursiva nas conversas *on line*; também não se trata de desconsiderar o caráter concreto, a autenticidade desse encontro onde os corpos são potencializados em suas capacidades de pensar e agir, cujos desdobramentos geram significativas transformações da subjetividade e importantes mudanças em suas vidas cotidianas. A concepção espinosana de corpo torna possível a compreensão de que embora nunca tenham estado face a face, o corpo de sua amiga não deixa de ser referência para Jasmim, ao contrário, Jasmim tem acesso e é afetada pelo corpo de Sofia naquilo que lhe é mais essencial, ou seja, no que concerne ao âmbito de sua potência, em suas habilidades intelectuais e sensibilidades artísticas, por exemplo. À luz da teoria espinosana dos afetos também se compreende que embora nunca tenham se visto o que se dá entre Jasmim e Sofia é um encontro concreto sim! Pois ambas tornam-se presentes de forma expressiva na vida uma da outra, naquilo que as suas trocas de opiniões e de experiências sobre cinema geram o aumento da capacidade de ação bem como o estímulo à aproximação de suas motivações mais singulares para a afirmação de sua essência. A fruição desse encontro alegre – no que ele favorece o

aumento da potência de refletir, agir e existir de Jasmim, talvez nunca tivesse se dado sem o intermédio da internet. Portanto, no que tange aos vínculos de amizades mediados pela internet não se trata de negar a concretude do encontro ou a sua existência em ato, mas de compreender a especificidade deste encontro no qual os corpos estão implicados e dispostos a incentivar o amigo à reflexão e a agir em busca da afirmação de sua potência – movimento cujo alcance e intensidade dos desdobramentos apontam para a dissolução da oposição tradicional entre presença e ausência. A internet ao ampliar as possibilidades de composição de novos amigos, proporciona já novas oportunidades de bons encontros entre corpos cuja estima de amizade traz efeitos significativos que são em si mesmos alimentos que reanimam e revigoram o gosto de viver. As narrativas revelaram que as amizades na internet configuram bons encontros onde afloram intensas trocas solidárias que favorecem o aumento da potência de agir dos corpos. Violeta não só conseguiu concretizar seu projeto de montar uma banda como ganhou um novo amigo que trouxe mudanças positivas para sua vida, a partir de um bom encontro em *site* de relacionamento na internet:

eu tava procurando um Dj pra banda. entrei no orkut e comecei a entrar em profiles de amigos meus que frequentam baladas alternativas e que podiam ter como amigos algum DJ saí pesquisando nos amigos dos amigos encontrei alguns DJs deixei recados. perguntei se teriam interesse em tocar numa banda com guitarra e vocal feminino bom, aí eu achei uns DJs deixei uns recados até que um cara do rio pra quem eu tinha deixado um recado me respondeu assim: "eu moro no rio mas tem um cara em sao paulo que faz o que vc quer" e me deu o profile do Rafael aí eu entrei em contato com ele. trocamos msn, email, conversamos umas 2 vezes e eu já chamei ele pra um ensaio ele veio me mostrou o equipamento dele, já tinha me mostrado alguma musica pela internet eu já tinha algumas musicas prontas. com o vocal pronto. ele pegou pra mixar, eu gostei do que ele fez, achei que tinha futuro. apesar de todo mundo ter que crescer ainda do ponto de vista profissional e funcionou. fizemos algumas musicas. e acho que somos amigos eu confio nele acho que ele confia em mim Tb [*também*] o dj é uma pessoa real de uns 90 kilos que todo domingo ta [*está*] na minha casa fazendo musica comigo. e o contato virtual foi por 2 semanas ele contribui pq é uma pessoa, que tem referencias de vida e de musica e de arte, diferentes das minhas (Violeta, grifos meus).

Ao conhecer o amigo Rafael, Violeta obtém um novo entusiasmo frente ao seu

desejo de acontecimento da banda e também é realimentada em suas inspirações musicais e artísticas. As narrativas demonstram que os amigos estimulam os corpos a entrarem em contato com suas motivações, interesses, opiniões, conhecimentos, habilidades mais singulares, e os instigam a agir em prol da afirmação da potência de existir. As amizades na internet configuraram encontros alegres nos quais os amigos favorecem o aumento da potência de reflexão e ação dos corpos – movimento cuja grandeza é da ordem da resistência à tristeza e do caminho para o fortalecimento do *conatus*. É nesse sentido de que os amigos ajudam a nos aproximarmos das sensações e sentimentos mais genuínos de afirmação da vida que a amizade é um afeto sublime de alegria necessário à fruição da condição da humanidade do homem.

6.2.2.4 Amizade e fortalecimento do conatus

A amizade designa um vínculo privilegiado de favorecimento de uma dinâmica da alegria na qual os corpos são potencializados em suas capacidades de pensar e agir. Com efeito, as narrativas demonstraram que muitas atividades, projetos, trabalhos, viagens foram concretizados com a ajuda de amigos – que são mencionados como fonte fundamental de inspiração, motivação, e de força. Em suas amizades os corpos além de serem afetados por um revigoramento do ânimo de viver, também se sentem felizes em poder contagiar os amigos por este contentamento, contribuindo com seu bem-estar. Destarte, a amizade é um vínculo afetivo que nos põe em contato direto com a experiência da alegria, com a fruição mesma do contentamento, e é por isso mesmo, mencionada como afeto essencial a vida, indissociável da condição do amor e da possibilidade da felicidade:

Amizade é quando se tem algum elo com uma pessoa que a faz querer saber cada vez mais sobre a pessoa, trocar o que se aprender, crescer junto com a pessoa. É fazer parte da vida, é falar de vc, é pedir conselhos, é ajudar. É muito um bem-querer, é um sentimento bom que a gente estende ao outro. E esse

sentimento tão bom, pode ser amor, diferente do carnal, mas amor tbm. (Margarida).

Amizade é a forma mais pura de amor. Não tem interesse, não estabelece condições, não tem preço. (Camélia).

acho q os meus amigos são a essencia da vida, tem um poema que diz q tudo suportaria perder, mas morreria se perdecem todos os meus amigos (Solange).

Ah, 100 por cento, porque sem amigo eu ia ficar meio deprimido, eu ia ficar triste, tipo eu moro com dois amigos, se eu morasse sozinho eu me sentiria mais solitário, carente, lógico que eu gosto de ficar sozinho também, mas sem amigos seria bem infeliz. (Pedro).

Acho que uma pessoa sem amigos fica amargurada, infeliz, frustrada. Nao adianta voce ter tudo nessa vida e nao ter amigos (Miosótis)

Basicamente, mater [*manter*] contato e se importar com o outro. Claro que de uma maneira "especial". No sentido de ter prazer com esse contato, de participar de alguma forma. Dificil pensar em felicidade sem compartilhar isso com alguém ou sem tem alguém como fonte disso. (Cauê, grifos meus).

é um tipo de amor. é vc saber que alguma coisa pode afastar vc dessa pessoa, geograficamente por exemplo e meses depois ou anos, vcs continuaraão amigos. (Violeta).

amizade é ter reciprocidade e compartilhamento de sentimentos, posso não concordar com tudo q vc faz, posso não pensar como vc, posso nem te contar tudo da minha vida, mas existe amizade entre nós quando há preocupação com os sentimentos, há compromisso mútuo com o bem estar um do outro...acredito q amizade é via de mão dupla, não pq tenha q ser uma troca sempre, troca no sentido capitalista da barganha de sentimentos,não é isso, eu não gosto de vc, só se vc gostar de mim não é isso! mas amizade já pra mim já tem as cores do compromisso comum q permanece no tempo...acho que Vinicus [*Vinícius*] fala algo do tipo: poderia na vida perder todos os meus amores, mas não viveria um dia sequer sem os meus amigos (Rosa, grifos meus).

A designação da amizade como uma expressão do amor é já a demonstração de sua nobre qualidade de alegria, pois o amor é a alegria mesma acompanhada da idéia de uma causa exterior (Espinosa, 2008, E.III, escólio da proposição 13, p.181). A estima do querer bem entre amigos faz florescer gestos com o vigor da solidariedade e generosidade que engendram o aumento da potência de pensar e de ação – movimento que é já alegria, tal como a concebe Espinosa (2008). A percepção da amizade como

expressão do amor e da felicidade concerne à sua qualidade de favorecimento da alegria como condição mesma de resistência a tristeza e afirmação da vida. Em suas relações de amizade os corpos são estimulados a se engajar em ações condizentes com o aumento de sua potência de existir. Arendt (2008) nos lembra que para os gregos uma vida sem amigos não era realmente digna de ser vivida, pois achavam que só é possível haver felicidade quando se tem um amigo com quem partilhar sua alegria.

Embora as alegrias pelas quais os corpos são afetados em seus vínculos de amizade, sejam da ordem das alegrias passivas, pois concernem aos encontros dos corpos com a exterioridade, Ferreira de Paula (2009) nos lembra que elas são de suma importância na conquista da felicidade porque favorecem a passagem da paixão do corpo à ação. Se o contentamento oriundo da alegria referente à relação afetiva da amizade é importante, é porque, como destaca Ferreira de Paula (2009), ele fornece uma indicação, ainda no campo das paixões, de uma nova potência do corpo – aquela disposição interna equilibrada, que permanece na memória como referência afetiva capaz de redirecionar o desejo rumo a uma alegria de outra ordem, mais equilibrada e constante. Em outras palavras, há no contentamento da *hilaritas* uma relação singular entre causas externas e disposição interna, uma vez que a potência do corpo é aumentada ou favorecida em todas as suas partes simultânea e uniformemente – o que indica uma transformação do desejo em direção à alegria ativa, isto é, uma alegria qualitativamente diferente das alegrias passivas.

E essa *função indicativa* do contentamento está inscrita na própria natureza do afeto passivo. Pois um afeto passivo, isto é, a ideia de uma afecção pela qual o corpo é afetado de determinada maneira por um corpo exterior, envolve – como escreve Espinosa – ao mesmo tempo a natureza do corpo humano e a natureza do corpo exterior (*E II*, 16), e as ideias que temos dos corpos exteriores que nos afetam indicam mais (*magis indicant*) o *estado* do nosso corpo do que a natureza (*naturam*) dos corpos exteriores. Como todo afeto, o contentamento indica portanto um certo estado ou constituição (*constitutionem*) atual do nosso corpo, estado que poderíamos – como Bove – chamar de uma *alegria equilibrada*. (Ferreira de Paula, 2009, p.128).

As narrativas revelaram que as amizades na internet configuram encontros alegres nos quais os corpos são afetados pelo aumento da capacidade de pensar e agir – movimento que é já alegria. O “equilíbrio interno” ou a maior disposição para perceber o aumento da potência de reflexão e ação que alegria concernente a amizade funda não advém somente da potência interna como causa única, mas antes, de sua relação com as causas exteriores. Ferreira de Paula (2009) é enfático ao afirmar que “a ideia da disposição interna gerada na *hilaritas* guarda uma relação necessária com a ideia da potência das causas exteriores do afeto”:

O contentamento é alegria equilibrada porque põe em equilíbrio não apenas as potências do nosso corpo e da nossa mente, mas também porque põe em equilíbrio essas mesmas potências com a potência das causas exteriores. Na *hilaritas*, nem somos só nós, nem são só as coisas externas as causas exclusivas da alegria e do contentamento consigo mesmo que ela envolve. É uma outra relação com o exterior em que, seres finitos, não nos percebemos como causa exclusiva de nossa própria alegria, mas pelo contrário, percebemos que o aumento equilibrado de nossa *potência interna* foi favorecido pelo encontro do nosso corpo com *causas externas*. (Ferreira de Paula, 2009, p.133-134).

Ferreira de Paula (2009) chama atenção para o fato de que é no encontro com seus outros que o corpo experimenta a possibilidade do aumento de sua potência de agir, e, portanto, já, a fruição da alegria como condição favorável ao corpo agir e pensar adequadamente. É nesse sentido, que as relações de amizades designam encontros alegres nos quais os corpos são afetados pelo contentamento da *hilaritas* que dispõe o corpo à formação das noções comuns. Deleuze (2003) destaca a relevância das alegrias passivas na formação das noções comuns e, portanto na constituição mesma da razão. O autor lembra que embora as paixões alegres não nasçam da razão, convêm, todavia com ela, uma vez que constituem a expressão de um bom encontro onde os corpos se compõem – movimento que favorece a noção comum entre eles. As narrativas revelaram que a amizade designa este bom encontro com um corpo que convém com o nosso, onde experimentamos a alegria que induz a formar a idéia adequada do que é

comum entre este corpo e o nosso. Uma vez que o *conatus* é o esforço para aumentar a potência de agir ou experimentar paixões alegres, conforme afirma Deleuze (2003), portanto, a amizade é uma relação afetiva privilegiada de resistência à tristeza e fortalecimento do *conatus*. Com efeito, as narrativas demonstraram que as amizades configuram o bom encontro mencionado por Deleuze (2003) como aquele “quando encontramos um corpo que convém com o nosso e que tem por efeito nos afetar de alegria (aumento de nossa potência de agir), esta alegria nos inclina a formar a noção comum dos dois corpos, isto é, a compor suas relações e a conceber sua unidade de composição” (p. 160, tradução minha). Este autor afirma que as noções comuns designam a arte da Ética ela mesma: “organizar os bons encontros, elaborar as relações vividas, formar as potências, experimentar” (p.161). Se a alegria concernente à amizade favorece a razão é porque nela somos mais capazes de perceber nossa comunidade com os outros. É como se a alegria que a amizade proporciona aos corpos estabelecesse o elo afetivo entre a percepção do que é comum e o exercício da razão, de tal modo que quanto mais dispostos estamos a afetar e ser afetado de alegria, mais aptos somos à atividade racional. Ao chamar atenção para a relação necessária entre noções comuns e alegria passiva, Ferreira de Paula (2009) destaca o papel relevante da *hilaritas* e do contentamento consigo mesmo que ela envolve como alegrias privilegiadas porque concordam por excelência com a atividade racional. Se as narrativas revelaram que em suas amizades os corpos são fortalecidos em suas capacidades de reflexão e ação é porque o vínculo entre amigos possibilita a fruição da *hilaritas* – alegria que concorda com a razão e que é já a expressão da participação do corpo na comunidade dos outros corpos com os quais compartilham muitas coisas, e assim os capacitam a percebê-las de maneira adequada.

Se as narrativas mencionam a condição de indissociabilidade entre amizade e felicidade é porque a relação entre amigos viabiliza uma dinâmica da alegria que abre caminho para a formação das noções comuns e das idéias adequadas, pois os corpos são potencializados em suas capacidades de reflexão e ação, estimulados a agir em defesa da afirmação de sua existência – movimento cuja grandeza é da ordem da gravidade da resistência à tristeza e fortalecimento do *conatus* como condição indispensável para a conquista da felicidade. É nesse sentido que Ferreira de Paula (2009) afirma que a felicidade é uma conquista nascida na experiência passional dos afetos e por causa dela. A felicidade nasce da alegria (Ferreira de Paula, 2009). Portanto, a amizade certamente designa um terreno fértil para o seu florescimento, pois compõe as bases constitutivas de relações de gosto pelo outro onde os corpos estão dispostos a afetar e ser afetado sob a égide da estima e consideração pelo amigo, que oferecem as condições fundantes do aumento de sua potência de pensar e de agir, logo, do encontro alegre. Se a alegria que a amizade emana é gestante da felicidade é porque nela os corpos encontram-se graves, grávidos do compromisso com a afirmação da vida, ou, em outras palavras, imbuídos do gosto em colaborar com o aumento da potência de existir do amigo. Se a amizade é indissociável da possibilidade da felicidade é porque nela os corpos são convidados a olhar o mundo por janelas outras que dão para horizontes outrora não avistados – tal movimento de alargamento de perspectivas é condição necessária para o aprimoramento do pensamento. Sendo assim, na medida em que as amizades estimulam os corpos a refletir, contribuem para que se engajem em ações condizentes com a afirmação de sua potência de existir, além de proporcionar-lhes apoio e acolhimento nos momentos dolorosos, oferecem as condições indispensáveis para trilhar o árduo e difícil caminho rumo à felicidade. As narrativas demonstraram que as amizades podem compor encontros alegres nos quais os corpos são afetados pelo contentamento da *hilaritas*,

cujos efeitos possibilitam a formação das noções comuns e já uma dinâmica de resistência à tristeza; assim, os amigos constituem uma imprescindível fonte de inspiração e força para transpormos as barreiras e adversidades no trabalhoso e desafiante caminho de empreendimento da conquista da felicidade. Espinosa (2008) ilumina a relação de necessidade entre atividade racional e felicidade, assim, se amizade e felicidade são indissociáveis, se os amigos nos permitem sentirnos felizes é porque eles nos ajudam a pensar adequadamente ou a agir em defesa da elevação do *conatus* como condições mesmas da nobreza da empreitada Ética. A designação da amizade como expressão do amor e da felicidade nos remete ao fato de que “se nada há mais de odioso do que a humilhação e o aviltamento do homem pelo homem, nada é tão belo nem tão doce quanto a amizade” (Weil, 1996, p.342).

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A qualidade política da amizade consagra-se na presteza em pôr em palavras os assuntos e experiências concernentes a condição humana de compartilhamento do mundo. A amizade concerne às experiências inter-humanas do agir e do falar onde os seres partilham como se colocam na vida e nesse movimento mesmo humanizam o mundo (Arendt 1993, 2008). O registro discursivo da amizade permite aos seres humanos como agentes e falantes partilhar suas experiências mundanas, dando sentido a elas, pois o mundo só se torna humanizado quando passou a ser objeto de discurso (Arendt, 2008):

Essa conversa refere-se ao mundo comum, que se mantém ‘inumano’ num sentido muito literal, a menos que seja constantemente comentado por seres humanos. Pois o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se tornou objeto de discurso. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possamos nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. (Arendt, 2008, p.33-34).

Portanto, a partir de Arendt (2008) pode-se dizer que, no discurso, manifesta-se a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela. É a força dessa experiência discursiva da amizade como espaço de diálogo voltado para o compartilhamento das inesgotáveis opiniões concernentes aos assuntos humanos que está em jogo nas relações entre amigos na internet. A abertura ao diálogo no qual se discutem as opiniões e experiências relativas à vida em comunidade constitui a especificidade das relações de amizades mediadas pela internet. Com efeito, as intensas trocas afetivas entre amigos que nunca se viram se dá no âmbito das conversas online, na qual os corpos são sensivelmente afetados por aquilo que o outro diz e pensa. Os resultados da pesquisa iluminam a qualidade discursiva inerente à constituição da humanidade do homem. Os laços de amizades entre amigos que nunca se viram condizem com a beleza do fato de que somos afetados pelo discurso do outro – naquilo

que designa a essência de uma singularidade pensante e desejante. Em suas relações mediadas pela internet os amigos são afetados pelo discurso do outro, ou seja, por aquilo que diz respeito ao âmbito de suas idéias e pensamentos, de forma análoga a maneira como somos alimentados, potencializados pela leitura de um livro. É por sua natureza discursiva que o livro é por excelência um objeto exclusivamente destinado aos homens. A qualidade política da experiência discursiva da amizade permite a extraordinária experiência de alçar vôos, de viajar em universos outros. A especificidade das relações de amizade mediadas pela internet condiz com a prazerosa conversa entre amigos que possibilita o deslocamento de perspectivas, a relativização das idéias e o alargamento do repertório de pensamento, diante dos inesgotáveis posicionamentos que surgem nas discussões humanas dos assuntos deste mundo.

A relevância política da experiência discursiva da amizade mostrou-se como constitutiva dos vínculos de amizade mediados pela internet na medida em que estes constituem relações de diálogo onde os corpos são sensivelmente afetados pelo discurso do amigo que engendra efeitos da ordem do aumento da potência de pensar e agir. As conversas entre amigos mediadas pela internet configuraram encontros cuja força revela uma dinâmica de resistência à tristeza onde os corpos estão implicados com o bem estar um do outro. O vigor da amizade como vínculo que favorece a fruição da alegria – compreendida como aumento da capacidade de pensar e agir, confirma o fundamento espinosano da relevância das paixões alegres para o fortalecimento do *conatus*, bem como para suscitar o desejo de cooperação e união indispensáveis para a composição da *multitudo*.

A amizade é uma relação afetiva ilustre – posto que favorável à afirmação da vida, pois possibilita a passagem dos desejos tristes aos alegres, portanto, da passagem da fraqueza à força – movimento que é já da ordem da resistência do *conatus* à tristeza e

da empreitada ética ela mesma. Chauí (no prelo) nos lembra que “a vida ética começa no interior das paixões, pelo fortalecimento das mais fortes e enfraquecimento das mais fracas”, portanto, na possibilidade de fortalecer o *conatus* para que se torne causa adequada dos apetites e dos desejos no âmbito mesmo das próprias relações afetivas. A amizade é plenamente ética, pois é a expressão de uma relação afetiva que enaltece a alegria como condição de resistência à tristeza e de possibilidade de afirmação da solidariedade e generosidade que fortalecem os corpos rumo ao conhecimento e a ação. A amizade instaura uma dinâmica da alegria que favorece o reconhecimento do que os corpos têm em comum, e a descoberta de que juntos se fortalecem. A amizade funda a solidariedade e a benevolência entre os homens que os levam a unir esforços para uma prática comum de afirmação da vida e de resistência a todas as formas de temor, de solidão e dominação. Em face das novas tecnologias que ampliam cada vez mais as possibilidades de comunicação e interação entre os homens, a força das relações de amizades mediadas pela internet designa um convite à reflexão da importância da implicação em nosso cotidiano com relações onde possamos afetar outros corpos e por eles ser afetado de múltiplas maneiras, sem ser dominado por eles, nem dominá-los aumentando sua capacidade de viver. A amizade nos oferece, assim, o afeto mesmo do gosto de existir em comunidade, do amor à vida em comum, gesto vigoroso indispensável a todo caminho ético que busque o impedimento de tudo o que ameaça a afirmação da potência de pensar e agir dos homens – portanto, de tudo o que põe em risco a fruição mesma da alegria e liberdade humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, M. I.M. de. & EUGENIO, F. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. Em: **Cabeças digitais. O cotidiano na era da informação**. Ana Maria Nicolaci-da-Costa (Org.). Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2006, p.49-80.

ARENDT, H. **A Dignidade da Política: ensaios e conferências**. Tradução Helena Martins e outros. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. 195 p.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. 352 p.

ARENDT, H. **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. 5ª ed. Tradução de Antônio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ARENDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. Tradução Denise Bottmann; posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica de Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 272 p.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 190 p.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BLANCHOT, M. **L'Amitié**. Éditions Gallimard, 1971.

BLOOM, A. **Amor e Amizade**. Tradução de Ana Paula Curado. Portugal: Publicações Europa- América, Lda., 1993. 569 p.

BOSI, A. Cultura como tradição. Em: **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Bornheim, G. (et al). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p.31-58.

BOURDIEU, P. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 151 p.

BOVE, L. **La Stratégie du Conatus. Affirmation et résistance chez Spinoza**. Paris. Librairie Philosophique J. VRIN, 1996.

BOVE, L. Introduction. Em : **Spinoza. Traité Politique**. Collection Classiques de la Philosophie dirigée par Jaen-François Balaudé. Traduction d'É. Saisset, revue par Laurent Bove. Introduction et notes par Laurent Bove. Librairie Générale Française, 2002.

BRUNER, E. M. *Ethnography as Narrative*. In: TURNER, V. W. and BRUNER, E. M. **The Anthropology of Experience**. Chicago: University of Illinois, 1986. p. 139-155.

BUCCI, E. Entrevista. **Revista Caros Amigos**. Outubro, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 9ª ed. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, M. de S. Amizade, Recusa do servir. Em: Santos, L. G. e outros. **Discurso da Servidão Voluntária**. Etienne de La Boétie. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 173- 239.

CHAUÍ, M. de S. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAUÍ, M. de S. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. 2ª Ed. São Paulo:Moderna, 2005.

CHAUÍ, M. de S. Afastar a tristeza. Em: **Paixão e ação em Espinosa**, Companhia das Letras, São Paulo, no prelo.

COSAC, J. R., & STORCH, L.W. **Relações Virtuais. O lado humano da comunicação eletrônica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

COSTA, R. da. **A Cultura Digital**. São Paulo: Publifolha, 2002.

COSTA, R. da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface- Comunic, Saúde, Educ**, v.9, n.17, p.235-248, mar/ago 2005.

CUNHA, G. Internet e mobilização social: a necessidade de uma filtragem qualificada. Em: **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Antonio Fausto Neto (et al.), organizadores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

DERRIDA, J. **Politics of Friendship**. Translated by George Collins. New York. Verso, 1997.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003. 144 p.

DELEUZE, G. **Spinoza. Philosophie pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

ESPINOSA, B. **Spinoza. Traité Politique**. Collection Classiques de la Philosophie dirigée par Jaen-François Balaudé. Traduction d'É. Saisset, revue par Laurent Bove. Introduction et notes par Laurent Bove. Libraire Générale Française, 2002.

ESPINOSA, B. **Spinoza. Ética**. 2ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FERREIRA de PAULA, M. **Alegria e Felicidade a experiência do processo liberador em Espinosa**. 2009. 330 f. Tese (Doutorado)- Depto. de Filosofia da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOX, J. **O Essencial de Moreno. Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade**. São Paulo: Ágora, 2002.

FREUD, S. (1919). O Estranho. Em: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GLEIZER, M.A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GOMES, L.G.N. **Semânticas da amizade e suas implicações políticas. Familialismo e alteridade entre amigos nas classes populares**. 2005. 216 f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOMES, L.G.N. & SILVA JUNIOR, N. da. Semânticas da Amizade e suas Implicações Políticas. **Psicologia USP.** , v.16, p.119 - 142, 2005.

GOMES, L.G.N. & SILVA JUNIOR, N. da. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 23 (2), p.149-158, 2007.

GOMES, L.G.N. & SILVA JUNIOR, N. da. Implicações políticas da semântica familialista nos discursos de amizade contemporâneos. **Psicologia em Estudo**. v.13, n.2, p.267-275, 2008.

GUATTARI, F. Da Produção de Subjetividade. Em: **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. André Parente (org); tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

HARDT, M. **Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia**. Tradução de Sueli Cavendish. São Paulo: Ed. 34, 1996.

HINE, C. **Etnografia virtual**. Editorial UOC, Aragó 182, 08011 Barcelona, 2004.

KEHL, M.R. Existe a função fraterna? Em: KEHL, M. R. (Org.), **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 31-47.

KEHL, M.R. A fratria órfã. Em: KEHL, M. R. (Org.), **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 209-244.

LA BOÉTIE, E. O Discurso da Servidão Voluntária ou O Contra Um. In: Santos, L. G. e outros. **Discurso da Servidão Voluntária**. Etienne de La Boétie. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 11-37.

LAMEIRO, M. & SANCHEZ, R. **Vínculos e Internet. Investigación cualitativa acerca de nuevas formas de vincularse**. 1998. Disponível em <<http://www.campogrupal.com/vinculos.html>>

LANZARIN, C. C. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicol. cienc. prof.* [online]. set. 2000, vol.20, no.3, p.28-33. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.

LEMONS, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. Em: **Olhares sobre a cibercultura**. André Lemos e Paulo Cunha (orgs). Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. 231p.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro Homem**. Tradução Pergentino S. Pivatto (Coord.) e outros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 131 p.

LÉVINAS, E. **Entre Nós. Ensaio sobre a alteridade**. 2ª ed. Tradução Pergentino S. Pivatto (Coord.) e outros. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 302 p.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, editora 34, 1993.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**. 4ª. ed. Tradução Luiz Paulo Rouanet, São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.

MACKINNON, R. **The World-Wide Conversation: online participatory media and international news**. 2004. Disponível em: <http://cyber.law.harvard.edu/blogs/gems/techjournalism/WORLDWIDECONVERSATIONWEBVERS.pdf>

MARQUES, F.P.J.A. Da conservação pública em terrenos digitais: horizontes e provocações sobre a validade de uma esfera pública virtual. Em: **Olhares sobre a cibercultura**. André Lemos e Paulo Cunha (orgs). Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. 231p.

MENEZES DELA COLETA, A. dos S., FERREIRA DELA COLETA, M., & GUIMARÃES, J.L. O amor pode ser virtual? O Relacionamento amoroso pela internet. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.13, n.2, p.277-285, 2008.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

MUSSO, P. **Critique des Réseaux**. Presses Universitaires de France, 2003.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. **Na malha da rede: os impactos íntimos da internet**. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v. 18, n. 2, 2002a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Março 2007.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. Quem disse que é proibido ter prazer online?: identificando o positivo no quadro de mudanças atual. **Psicol. cienc. prof.** [online]. jun. 2002b, vol.22, no.2, p.12-21. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acesso em: 26 de Março 2007.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v.7, n. 1, 2002c. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Março 2007.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v.17, n. 2, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200008&lng=pt&nrm=iso>.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999. 184 p.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.118 p.

ORTEGA, F. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002. 173 p.

QUERIDO, P. **Amizades virtuais, paixões reais. A sedução pela escrita**. Lisboa, Centro Atlântico, Lda. 2005.

RECUERO, R. da C. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **Revista da Associação Nacional do Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. 2005. Disponível em <<http://www.compos.com.br/e-compos>>.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**. Tradução Helder Aranha. Lisboa, Gradiva, 1996.

ROSEN, C. **Amitiés virtuelles et nouveau narcissisme**. 2007. Disponível em: http://www.nonfiction.fr/article-360-amitie_virtuel_et_nouveau_narcissisme__1.htm
SAINT-EXUPÉRY, A. de. **Le petit prince**. Éditions Gallimard. Folio. 1999.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. 8ª ed. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 447 p.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho na sociedade capitalista.** 3ª ed. Trad. de M. Santarrita, Rio de Janeiro, Record, 1999.

SENRA, S. Max Headroom: o último jornalista. Em: **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual.** André Parente (org); tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

SILVA JUNIOR, N. da. Um estado de alma é uma paisagem. Explorações da espacialidade em Fernando Pessoa e Freud. **Percurso.** São Paulo, número 15 (2), p.26-34, 1995.

SILVA JUNIOR, N. da. O abismo fonte do olhar: pré-perspectiva em Odilon Moraes e abertura da situação analítica. **Percurso.** São Paulo, número 23 (2), p.16-26, 1999.

SILVA JUNIOR, N. da. A Ficcionalidade da Psicanálise. Hipótese a partir do inquietante em Fernando Pessoa. Em: **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.** Giovanna Bartucci (org.). Rio de Janeiro: Imago Ed. 2001.

SILVA JUNIOR, N. da. Sobre a Re-Codificação Mercantil do Sofrimento. Prefácio. Em: Bolguese, M. S. **Depressão & Doença Nervosa Moderna.** São Paulo, p. 09-14, 2004.

SILVA JUNIOR, N. da. **Linguagens e Pensamento: a lógica na razão e na desrazão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

TISSERON, S. **Virtuel, mon amour. Penser, aimer, souffrir à l'ère des nouvelles technologies.** Éditions Albin Michel, 2008.

TURKLE, S. **Life on the screen: identity in the age of the internet.** New York: Touchstone. 1997.

VINCENT-BUFFAULT, A. **Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 237 p.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** 2ª ed. Seleção e apresentação Ecléia Bosi; tradução Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WELLMAN, B. Three ages of internet studies: ten, five and zero years ago. **New Media e Society**, v.6 (1): 123-129. 2004.

WOLTON, D. **Internet, e depois? uma teoria crítica das novas mídias.** Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre, Sulina, 2003.

Glossário¹⁶

Blog/weblog: é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados comentários ou “posts”. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog. Muitos blogs fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários online. Um blog típico combina texto, imagens e links para outros blogs, páginas da web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos blogs.

Chat/webchat: bate papo; canal na internet no qual os usuários se encontram para conversar em tempo real através da palavra escrita, com a possibilidade de formar grupos entre várias pessoas.

Ciberespaço: espaço virtual, termo foi utilizado neste trabalho como sinônimo de internet.

Fotolog: é um registo publicado na internet com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um blog. Ainda pode-se colocar legendas retratando momentos bons de lazer. É parecido com um blog mas a diferença é que predomina fotos ao invés de texto. O principal objetivo é compartilhar imagens de maneira interativa, já que as pessoas que visitam geralmente podem fazer comentários, sugestões ou críticas.

Google: é uma empresa que presta serviços online, sediada na Califórnia, Estados Unidos. Seu primeiro serviço foi o Google search, hoje o site de busca mais usado no mundo. O Google, hoje, fornece dezenas de outros serviços online, em sua maioria gratuitos, que incluem serviço de e-mail, edição e compartilhamento de documentos e planilhas, análise de sites, rede social, comunicação instantânea, tradução, compartilhamento de fotos e vídeos, entre outros; assim como ferramentas de pesquisa especializada, que inclui, entre outras coisas, notícias, imagens, vídeos e artigos acadêmicos.

IRC (Internet Relay Chat): chat que permite conversações em tempo real.

Lan house: LAN significa Local Area Network, ou seja, rede local de computadores. Lan house é o estabelecimento comercial no qual é oferecido o uso destes computadores ligados em rede para acesso à Internet e programas em geral, como os jogos eletrônicos. Normalmente, é cobrada uma taxa dos usuários proporcional ao tempo de uso.

MSN Messenger: é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft corporation. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Ele foi fundido com o Windows Messenger e originou o Windows Live Messenger.

¹⁶ Grande parte das informações foi retirada da internet, mas especificadamente da Wikipédia.

Nick/Nickname: apelido – nome fictício que se usa para esconder a identidade do usuário, mas comumente utilizado nos chats.

On line: Conectado à internet.

Off-line: Computador desconectado da internet.

Orkut: é uma rede social filiada ao Google com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Os usuários cadastrados no orkut registram um perfil que contém desde informações básicas de acesso (obrigatórias) como informações secundárias. Como o orkut é uma rede social uma das coisas mais importantes é fazer e manter amizades. Qualquer usuário pode enviar um convite para ser amigo para qualquer pessoa do orkut. Cada usuário tem um grupo de amigos que pode chegar a, no máximo, 1.000 pessoas. Os usuários podem dar notas para seus amigos nos quesitos "Confiável", "Legal" e "Sexy" em uma escala de 1 até 3. Usuários podem também colocar que são fãs de um amigo, demonstrando assim que gosta muito dele. Usuários podem escrever textos falando de seus amigos que aparecem na página do perfil deles. Estes textos, chamados de depoimentos, servem para dar mais uma idéia de como é o usuário, e para expressar seus sentimentos por ele. O usuário que recebe o depoimento pode aceitá-lo ou não, e enquanto não toma a decisão nenhum outro usuário pode ler o texto. Isso fez com que os depoimentos fossem usados para outros fins (troca de mensagens privadas).

Scraps: O termo scrap significa recado. São recados deixados para um outro usuário através de mensagens curtas. No Brasil o termo se popularizou devido ao Orkut e passou a ser comum ouvir: “você recebeu o *scrap* que mandei ontem?” ou “ainda não respondi ao seu *scrap*”.

Site: A palavra site em inglês tem exatamente o mesmo significado de sítio em português pois ambas derivam do latim *situs* ("lugar demarcado, local, posição") e, primariamente, designa qualquer lugar ou local delimitado (sítio arquitetônico, sítio paisagístico, sítio histórico, entre outros). No português do Brasil, a palavra *sítio* designa, com maior frequência, uma propriedade rural de área modesta, frequentemente usada para lazer ou lavoura. Porém, em inglês, surgiu o termo *website* (às vezes *web site*) para designar um sítio virtual, um conjunto de páginas virtualmente localizado em algum ponto da Web. Acontece que, com poucos anos de uso, o termo *website* ganhou a forma abreviada *site*, que passou a ser uma segunda acepção do termo original. *Site*, portanto, em inglês, passou a designar alternativamente um lugar real (no campo) ou virtual (na Web). Em português, surgiram duas vertentes para a tradução do conceito. A mais difundida em Portugal respeita a dualidade do termo original, e traduz *site* por *sítio* - ou, se o contexto não for suficiente para o entendimento, por *sítio na Internet*, *sítio eletrônico*, *sítio na Web*, *sítio web* ou, ainda, *websítio* (exatamente como no inglês). A segunda vertente, mais comum no Brasil, adotou simplesmente o estrangeirismo *site*, sem alterações.

Software: é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento; também é um produto desenvolvido pela Engenharia de software e inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais e especificações.

Web: significa rede; o termo foi utilizado neste trabalho como sinônimo de internet.

Windows: é uma popular família de sistemas operacionais criados pela Microsoft. O Windows é um produto comercial, com preços diferenciados para cada uma de suas versões. É o sistema operacional mais utilizado em computadores pessoais no mundo. O impacto deste sistema no mundo atual é muito grande devido ao enorme número de cópias instaladas. Conhecimentos mínimos desse sistema, do seu funcionamento, da sua história e do seu contexto são, na visão de muitos, indispensáveis, mesmo para os leigos em informática.

Wireless: o termo significa “sem fio”, sendo comumente utilizado no meio da informática para designar as tecnologias que permitem comunicação sem conexão física direta entre os equipamentos. Uma rede sem fio se refere a uma rede de computadores sem a necessidade do uso de cabos – sejam eles telefônicos, coaxiais ou ópticos – por meio de equipamentos que usam radiofrequência (comunicação via ondas de rádio). O uso da tecnologia vai desde transceptores de rádio como *walkie-talkies* até satélites artificiais no espaço. Seu uso mais comum é em redes de computadores servindo como meio de acesso à internet, através de locais remotos como um escritório, um bar, um aeroporto, ou até mesmo em casa, etc.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de Entrevista

1. Onde você tem amigos e como são essas amizades. Que tipo de coisas fazem juntos.
2. Você costuma utilizar a internet para conhecer novas pessoas. Você as considera amigos.
3. Você tem ou já teve algum amigo virtual. Conte-me como começou a amizade entre vocês e como é quando se encontram.
4. Quando pensa em amizade quais palavras você associa.
5. Poderia me contar alguma história de amizade iniciada na internet.
6. O que é uma amizade para você.
7. Como é para você a experiência de fazer amigos na internet.
8. Você costuma utilizar nicks ou pseudônimos quando se comunica com amigos na internet. Como é para você a experiência de relacionar-se através de nicks.
9. De que maneira você considera que os amigos virtuais exercem influência sobre você.
10. O que muda quando você se relaciona na internet.
11. Você já conseguiu efetivar algum projeto/idéia com a ajuda/apoio de amigos.
12. Qual a importância que você atribui aos amigos em sua vida.
13. Como é quando você e seu amigo têm opiniões diferentes.

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(para entrevistas realizadas na internet)

Eu, _____ declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada: “*Implicações da amizade virtual nas formas de sociabilidade contemporâneas*” e autorizo a Livia Godinho Nery Gomes Azevedo, doutoranda do Instituto de Psicologia da USP, utilizar a minha entrevista, desde que meus dados sejam mantidos em sigilo. Sei que tenho o direito de recusar ou encerrar a entrevista, como também vetar o uso de partes da entrevista concedida. A pesquisadora explicou que esta pesquisa servirá para compreender quais implicações do crescente advento das “amizades virtuais” nas novas formas de sociabilidade contemporânea, e investigar as semânticas da amizade intrínsecas a atual virtualidade das relações. Portanto, fui informado (a):

1. Quais são os objetivos do trabalho de pesquisa;
2. Para ceder meu relato através da internet terei que ler, preencher e estar de acordo com o presente *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, e depois enviá-lo para o e-mail da pesquisadora: liviagng@ig.com.br
3. Sei que minha participação neste estudo é voluntária. Estou livre para recusar ou encerrar a entrevista de acordo com a minha disponibilidade;
4. Aceito que as informações obtidas neste estudo sejam publicadas em revistas científicas e apresentadas em congressos, desde que nenhum participante ou instituição seja pessoalmente identificado.

_____, _____ de _____ de 2008.
(cidade)

Obs. Para pedir esclarecimentos adicionais ou resolver qualquer dúvida, poderei entrar em contato com Livia Godinho Nery Gomes Azevedo, pelo endereço Alameda Ministro Rocha Azevedo, 373, apt 71 B, Cerqueira César, 01410001, São Paulo-SP, telefone (11) 30611618, ou também poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone; (11) 3097-0529).

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada: *“Implicações da amizade virtual nas formas de sociabilidade contemporâneas”* e autorizo a Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo, doutoranda do Instituto de Psicologia da USP, utilizar a minha entrevista, desde que meus dados sejam mantidos em sigilo. Sei que tenho o direito de recusar ou encerrar a entrevista, como também vetar o uso de partes da entrevista concedida. A pesquisadora explicou que esta pesquisa servirá para compreender quais implicações do crescente advento das “amizades virtuais” nas novas formas de sociabilidade contemporânea, e investigar as semânticas da amizade intrínsecas a atual virtualidade das relações. Portanto, fui informado sobre os objetivos do trabalho de pesquisa. Sei que minha participação neste estudo é voluntária. Estou livre para recusar ou encerrar a entrevista de acordo com a minha disponibilidade. Aceito que as informações obtidas neste estudo sejam publicadas em revistas científicas e apresentadas em congressos, desde que nenhum participante ou instituição seja pessoalmente identificado.

São Paulo, _____ de _____ de 2008.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura do Pesquisador

Obs. Para pedir esclarecimentos adicionais ou resolver qualquer dúvida, poderei entrar em contato com Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo, pelo endereço Alameda Ministro Rocha Azevedo, 373, apt 71 B, Cerqueira César, 01410001, São Paulo-SP, telefone (11) 30611618, ou também poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone; (11) 3097-0529).

Segunda, 4 de dezembro de 2006, 14h18 ©Atualizada às 14h19

Site "vende" amigos para sites de relacionamento social

Um site está "vendendo" amigos para usuários que estão com dificuldade para tornar seus perfis populares em sites de relacionamento social. Os contatos fictícios são modelos desconhecidos, de acordo com a página do *FakeYourSpace*, algo como "Falsifique o seu Espaço".

Você compraria amigos para aumentar a sua popularidade no Orkut ou em outro site do gênero?

- Com certeza
- Claro que não

Votar

O serviço funciona, inicialmente, com o MySpace e com o FaceBook, dois dos sites de relacionamento social mais populares dos Estados Unidos. Pelo equivalente a R\$ 4,3 mensais, o usuário pode escolher os seus novos "amigos" e receber deles um recado semanal, semelhante aos *scraps* do Orkut.

O site garante a privacidade dos seus assinantes, ou seja, esconde dos demais contatos do usuário o fato de que ele está recorrendo à compra de amigos, por meio de perfis "normais". "FakeYourSpace mudou a minha vida online. Eu nunca fui tão popular", diz o suposto depoimento de uma suposta Lindsey, de San Diego, EUA, na capa do site.

A promoção de lançamento oferece o serviço pelo equivalente a R\$ 2,14 mensais.

Amigos de Aluguel

Se você não tem amigos e sofre com a solidão, seus problemas acabaram! Agora já é possível contratar um amigo para estar sempre ao seu lado

Bruno B. Soraggi

Seu nome é Hallan; gosta muito de ir “à farmácias”. O outro é o Wesley, que anima até “enterro”. Já o Danilo, aprecia bibliotecas... Enquanto o Pablo escalaria o “Everest” sempre muito “perspicaz”. Eles são amigos, amigos do peito, amigos de uma vez – três deles já se conhecem há mais de 12 anos. **Por cerca de R\$ 150 a hora, no entanto, serão amigos, amigos do peito, amigos de vocês. É isso mesmo: caso você tenha alguma festa para ir, quiser conversar com alguém ou apenas esteja cansado de almoçar sozinho, esses quatro rapazes “divertidos, autênticos e fascinantes”, que formam o grupo ‘Amigos de Aluguel’, podem servir de confidentes momentâneos.**

É o que garante o organizador do grupo, que se identifica apenas como Produtor. “[Eles] oferecem sua própria companhia para qualquer tipo de atividade, que envolve desde um simples almoço até viagens longas, passando por coquetéis, cinema, festas, compras...”. “Por um valor entre R\$ 120 e R\$ 200 a hora, consegue-se um amigo bonito, simpático, confiável, educado e se ganha a garantia de que essa companhia não vai causar nenhum prejuízo. Ele não será um ‘mala’”, explica.

Resumindo: caso um jovem, rapaz ou moça, tenha poucos amigos ou apenas queira uma companhia para determinado evento, ele pode contratá-lo por algumas centenas de Reais – consultando o cardápio de perfis fornecido no site – e as conversas fluirão normalmente como se ambos se conhecessem há muito tempo, sem constrangimento de parte alguma? **De acordo com o administrador do serviço, a resposta é afirmativa - e o serviço vem dando certo.** “Normalmente as pessoas ficam retraídas [no início], mas os amigos de aluguel são descontraídos e tentam fazer com que o novo amigo se sinta à vontade”. “Um dos diferenciais do ‘Amigos de Aluguel’ é que todos são realmente amigos”, defende.

No release de divulgação do grupo, **a velocidade da rotina contemporânea e a liquidez das relações humanas na pós-modernidade são apontadas como razões pelas quais o serviço surgiu.** “Vida corrida, horários apertados, congestionamentos de trânsito e insegurança são apenas alguns dos motivos que dificultam conhecer pessoas e fazer amigos para programas e passeios. E uma situação dessas só podia mesmo desembocar na criação de serviços que oferecem amizade ‘profissional’”, lê-se no material.

Na verdade, **a ideia que levou à criação do projeto não carrega tanta filosofia. Após mudarem pra São Paulo, onde fica a base do serviço – que pode, no entanto, ser contratado por gente de fora –**, os rapazes acabaram por se distanciar de outro colega “muito tímido para fazer amizades” que, uma noite, por sentir-se “carente”, decidiu por contratar um garoto de programa para lhe fazer companhia em sua casa. “Eles não transaram”, ressalva o Produtor, “mas ele caiu no golpe ‘boa noite Cinderela’ e foi roubado”. **Foi então que esses jovens empreendedores perceberam que uma pessoa comum não teria a quem recorrer caso**

necessitasse de companhia sem teor sexual e resolveram criar o grupo.

Segundo o organizador, o **site dos amigos, no ar desde o dia 13 de abril, registra aproximadamente 2.700 visitas diárias.** Desse total, mais de 35 pessoas já contrataram o serviço. A maioria é formada por mulheres que vão a eventos empresariais, senhoras que, na hora de fazer compras, querem conversar e garotas na faixa dos 16 anos que precisam de um par para ir à festas de formaturas e baladas.

Quanto aos homens, **grande parte dos que se utilizam dos amigos tem interesse em levá-los em viagens, bares e também casas noturnas.** Tudo, vale lembrar, pago pelo contratante. “Fechado o orçamento, no qual uma metade é depositada em conta e a outra é paga na hora do encontro, fazemos uma entrevista com nosso futuro amigo – via telefone ou webcam – para saber mais sobre ele e o que faremos no encontro. **Além do cachê, fica por conta de quem contrata as despesas do passeio, como cinema, passagens, comida, etc.”, afirma o Produtor.** No caso de excursões, o contratante recebe, ao final da jornada, um álbum de fotos e um DVD contendo cenas dos melhores momentos passados juntos.

Amigos?

Quem não gostaria de ter um milhão de amigos? Mesmo que para acomodá-los lá, ao lado esquerdo do peito, debaixo de sete chaves, fosse necessário um coração enorme, quem não deseja contar com eles? Praticamente todo mundo, pois não? **Nem todos, no entanto, conseguem se sociabilizar com facilidade.** O maior empecilho para essa empreitada é, talvez, a insegurança presente em jovens muito tímidos.

Isso, **de acordo com o doutor em psicologia da educação pela PUC e psicanalista, Fernando Tavares de Lima, é um dos fatores que pode levar uma pessoa a contratar um serviço como o fornecido pelo grupo ‘Amigos de Aluguel’.** “Acredito que o isolamento e a insegurança sejam a base para algo do gênero”, diz. Para o especialista, lançar mão de companhias temporárias, como as de Hallan, Wesley, Danilo e Pablo, por algumas horas, não é uma opção saudável para resolver questões referentes à vida social. “[Contratar um serviço como o prestado pelos quatro rapazes] apenas atenua a sensação desconfortável de isolamento. O ideal seria um trabalho de psicoterapia para buscar o significado e o sentido das inseguranças, da timidez, para tentar resolvê-las de fato”, indica.

Foi o que fez o estudante Márcio B., 16, no ano passado. **Muito introvertido, o jovem deixou de ser convidado para programas pelos colegas de classe durante quase seis meses.** “Eu tinha meu amigo do prédio, mas era um só e, às vezes, eu não podia contar com ele, porque ele tinha outras coisas para fazer e outras pessoas com quem sair. Então eu ficava sozinho por muito tempo”, lembra o rapaz. Foi então que sua mãe o inscreveu em sessões de terapia com um psicólogo especializado no tema. Alguns meses depois, segundo ele próprio, o resultado já era visível. **“Claro que ninguém me transformou no cara mais popular do colégio, mas eu já sou bem mais seguro nas conversas com outras pessoas. Meu próximo passo é conseguir uma namorada”**, afirma brincando.

Mas nem todos os que optam pelo serviço de amizade alugada o fazem por terem uma vida social escassa. Segundo o Produtor, aliás, já é comum o caso de garotas que pagam pelo serviço de companhia e façam questão de assumir o ato perante seus amigos. “Ainda mais depois das entrevistas que temos dado”, conta. **E por falar nisso, qual seria o favorito, o mais pedido? “Não tem preferido, cada um tem um perfil próprio”**, dissimula o ‘chefe’. São o clássico, o estiloso, o extrovertido ou o descontraído. Pelo jeito, então, há mais gente que goste de passear por

farmácias...

E você, também contrataria um 'amigo de aluguel'? Deixe um comentário!

Leia mais sobre: [amizade](#)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)